A Magia Mental

William Walker Atkinson

CAPÍTULO I

O DÍNAMO MENTAL

Convido-vos a considerar um grande princípio da Natureza, uma grande força natural que manifesta suas atividades nos fenômenos de Mentação dinâmica, um grande Algo, cujas energias chamei “Poder Mental”. Meu pensamento sobre o assunto baseia-se nesta concepção fundamental:

Existe na natureza um princípio mental dinâmico, um Poder Mental que enche todo o espaço, está imanente em todas as coisas e se manifesta em uma variedade infinita de formas, graus e fases.

Afirmo que esta energia, força ou princípio dinâmico, não respeita pessoas. Seu serviço, como o do sol e o da chuva, pertence a todos: justos e injustos, bons e maus, altos e baixos, ricos e pobres. Responde aos esforços de quem quer que seja para qualquer fim a que seja chamada. Creio que as atividades deste princípio mental dinâmico se acham intimamente relacionadas com as manifestações das operações mentais conhecidas como desejo, vontade e imaginação. Aprendemos alguma coisa das leis, princípios e modos de operação de suas energias e atividades, ao prosseguirmos nossa consideração sobre ele, neste livro.

Pode ser-vos difícil compreender esta concepção de Poder-Mental, no princípio, mas vossa compreensão aumentará à proporção que suas atividades vos forem apresentadas, uma por uma, como um grande panorama. Meus termos serão explicados e ilustrados por exemplos, ao prosseguirmos; por isso, não é necessário analisá-los neste ponto. Pode ser bem, todavia, dizer que usei o termo “dinâmico” em seu sentido original do grego, isto é, “poderoso”, “que possui poder”, etc.

Da minha concepção de Poder Mental, deduzi que a mente penetra todo o espaço, está imanente em todas as coisas e se manifesta em uma variedade infinita de formas, graus e fases.

Pode-se, porém, objetar que isto não é nada mais do que a ciência afirma do princípio da energia física. Então é o Poder Mental idêntico à energia física da ciência? Não é nada mais que uma alta forma de energia mecânica ou material?

Não, o Poder Mental está muito longe de ser uma energia cega, mecânica; ele é uma força mental, viva, que está atrás das manifestações da energia física e força mecânica. Não é a energia física da ciência, mais um algo da natureza de uma vontade viva, que é mais a causa da energia física do que idêntica a ela. Temos um exemplo familiar:

Desejais mover a vossa mão e ela se move. Por que? Por causa da manifestação da força maravilhosa e admirável chamada “vontade” que tendes acumulada em vós e que pondeis em liberdade para mover a mão. Mandais uma corrente de força nervosa que é realmente uma manifestação do Poder Mental ou força de vontade desde o vosso cérebro pelos nervos do braço, os quais contraem os músculos do braço e da mão, e vosso desejo se satisfaz.

Vosso desejo ou vontade pôs em movimento o Poder Mental que atuou sobre a substância material de vosso corpo e fê-la agir. Que foi o que fluiu pelos fios de vossos nervos? Foi eletricidade ou magnetismo? Não; foi essa coisa sutil e misteriosa que chamo Poder Mental e que é afim ao princípio de vontade na mente.

O Poder Mental é uma força viva, positiva. É a força que faz crescerem as plantas e os corpos dos animais, moverem-se e agirem todas as coisas vivas.

É a força com que ergue o cogumelo, ao nascer, uma parte da pedra do pavimento e com que as raízes de uma árvore racham as grandes camadas de terra em o centro se estendem.

O Poder Mental não é uma abstração, um nada especulativo, é uma força existente, viva, mental, ativa, a qual se manifesta, algumas vezes, com, um poder pavoroso, e outras com um toque delicado e sutil, quase imperceptível, mas bastante para realizar o seu fim.

Para alcançarmos uma clara concepção da universalidade do Poder Mental, consideremos suas manifestações como as vemos incontestáveis, no universo, em muitos planos de vida e atividade.

Começando com os mais familiares exemplos de sua operação e manifestação, continuemos a examinar mais profundamente, até encontrarmos provas não facilmente percebidas; repitamos, depois, a experiência que achemos provas em lugares e coisas que se olham geralmente como falhos de Poder Mental e vida.

Seja-me permitido dizê-lo; a vida e o Poder Mental são coisas que se acham sempre juntas; há uma íntima relação entre elas; são, provavelmente, fases afins da mesma coisa ou manifestações gêmeas da mesma realidade fundamental. “Não há vida sem mente, sem Poder-Mental, nem Poder Mental ou mente sem vida.” Afirmo, além disso, que não há nada sem vida no universo, nada sem vida aqui ou onde quer que seja. O universo, é vivo, tem mente e Poder em Vidas as partes e partículas de si mesmo. Esta ideia minha não é, sem dúvida, original; os principais pensadores científicos a admitem hoje e os filósofos indianos conheceram-na há cinquenta séculos. Tendes dúvidas a este respeito? Então ouvi essas autoridades que expressam habilmente o pensamento de suas escolas “científicas.”

Luther Burbank, o homem mais admirável que revolucionou nossas concepções à cerca da vida da planta, e que praticamente teve a vida das plantas nas palmas de suas mãos, diz:

“Todas as minhas investigações levaram-me da ideia de um universo material morto, impelido por várias forças à de um universo que é absolutamente todo força, vida, alma, pensamento, tenha ele embora o nome que lhe queiram dar. Todo átomo, molécula, planta, animal ou planeta, é somente uma agregação de forças unidas organizadas, sustentadas em um lugar por forças mais poderosas, as quais, sustentando-as assim latentes por algum tempo, fluem, contudo, com um poder inconcebível. Toda vida sobre nosso planeta está, por assim dizer, justamente sobre a

face exterior deste infinito oceano de força. O universo não é meio morto, mas todo vivo.”

O Dr. Saleeby, em sua importante obra científica “A Evolução, a Chave Mestra”, vai além na sua afirmação de um universo vivo e da vida acompanhada pela mente. Ele diz, entre outras coisas:

“A vida é potencial na matéria; a energia da vida não é uma coisa única e criada em um tempo particular no passado. Se a evolução é verdadeira, a matéria viva foi desenvolvida por um processo natural da matéria, que é, aparentemente, morta. Mas se a vida é potencial na matéria, é mil vezes mais evidente que a mente é potencial na vida. O evolucionista é impelido a crer que a mente é potencial na matéria. (Adoto esta forma de palavras por enquanto; não, porém, sem futura crítica). A célula microscópica, uma diminuta mancha de matéria que se tornará homem, leva em si a promessa e o germe da mente. Não devemos, pois, deduzir disto que os elementos da mente estão presentes nesses elementos químicos: carvão, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, enxofre, fósforo, sódio, potássio, cloro, que se encontram na célula? Não devemos fazê-lo, mas devemos ir além, pois que, sabemos que cada um destes e de outros elementos é constituído de uma célula invariável, o elétron e, por isso, devemos afirmar que a mente é potencial da unidade da matéria: o próprio elétron.”

Flammarion, o eminente cientista francês, diz:

“O universo é um dinamismo. A vida mesma, desde a célula mais elementar até o organismo mais complicado, é uma espécie de movimento determinado e organizado por uma força diretora. A matéria visível que nos parece no estado presente ser o universo, e que certas doutrinas clássicas consideram como a origem de todas as coisas — movimento, vida, pensamento — é somente uma palavra vazia de sentido. O universo é um grande organismo, dirigido por um dinamismo de ordem psíquica. A mente cintila em todos os seus átomos. Há mente em todas as coisas, não só na vida humana e animal, mas ainda nas plantas, nos minerais, no espaço.”

O prof. J. A. Fleming, em sua obra sobre “As Ondas, o Ar e o Éter”, diz:

“A energia em sua última essência pode ser incompreensível para nós, a não ser como uma exibição da operação direta do que chamamos mente e vontade.”

Sigamos a ideia dada pelos cientistas, continuemos a examinar as provas da imanência da vida e Poder Mental em todas as coisas do universo nas coisas orgânicas, coisas inorgânicas e coisas além, do organismo, imagens e formas, até mesmo no éter do próprio espaço. E na investigação encontraremos essas provas onde quer que seja, em todas as coisas. Em parte alguma a vida e o Poder Mental nos escapam. Imanentes em todas as coisas, manifestando-se em uma infinita variedade de formas, graus e fases, achamos esses princípios afins. Convidovos a acompanhar uma das explorações mais interessantes e fascinantes que a ciência moderna conhece.

Não necessitamos de nenhuma prova para demonstrar a existência da vida, da mente e do Poder Mental no homem ou nos animais inferiores. As atividades que resultam de sua presença estão em constante evidência. Se examinarmos o reino das plantas, veremos aí também manifestações de vida, mente e Poder Mental. As plantas não só manifestam “atrações” ou “tendências instintivas na parte de baixas formas de vida orgânica, para cumprirem certos atos necessários ao seu bem-estar, particularmente na seleção e absorção das substâncias materiais necessárias ao seu sustento e nutrição”; não só “instinto” ou impulso ou insinuação involuntária e irracional e a resposta a isto; mas ainda, em certos casos, aparece ação mental exatamente afim à escolha consciente e à vontade. Remeto-vos a muitas obras

recentes sobre a mente nas plantas, onde achareis ilustrações e provas do que digo. Mostra-nos a biologia que há vida, mente e Poder Mental nas células que compõem nossos corpos, sangue, matéria animal das plantas. Estas células são “pequenas vidas”, e manifestam poder e faculdade mentais. Fazem suas funções particulares, vivem, crescem, reproduzem-se e agem justamente como as pequenas formas de vida no fundo dos mares, não sendo estas mais que células ou grupo de células.

A posse da memória por uma parte das células da matéria orgânica é um fato científico aceito. Neste ponto, ‘os cientistas ortodoxos e conservadores param traçam uma linha entre a matéria “orgânica” e a “inorgânica”. Mas as mentes ousadas dos cientistas adiantados de hoje romperam esta linha divisória e alcançaram uma posição em que se encontraram com os filósofos indianos e os ocultistas e agora admitem ensinam que a vida, a mente e o Poder Mental penetram o mundo “inorgânico” até ao seu íntimo limite, é que o universo é, de fato, vivo e possui Mente.

Muitas das mais baixas formas de vida “orgânica”, assim chamadas, não possuem órgãos e são unicamente massas de matéria gelatinosa sem sinais de órgãos mesmo rudimentares, e, contudo, essas formas de vida apresentam provas de desejos, escolha e vontade. A ciência admitiu a existência de vida e mente nos cristais; estes “crescem” de modo que mostram vida e energia seletiva e mesmo sexo rudimentar. Mais do que estes, os metais e minerais, sob provas científicas, deram “respostas” que são similares à mesma ação na vida orgânica, mostrando vida e sensação rudimentar, e sendo, sem dúvida, esta última uma manifestação de mente. Muitos dos cuidadosos e pacientes arquivos científicos assemelham-se a contos de fadas, àqueles que ainda não se familiarizaram com os descobrimentos da ciência moderna. Desejaria ter tempo e espaço para relatar essas provas, mas devo prosseguir logo. É bastante dizer que nas formas minerais e metálicas se encontraram “respostas” indicando a existência de “sensação” em vários graus; e que na cristalização de minerais e metais se evidenciou a ação da mesma energia mental de vida, instintiva que, como “desejo” ou “instinto”, constrói os corpos das formas vivas orgânicas. Se isso vos admira, pensai no milagre operado todos os momentos pelas plantas ao absorverem os minerais da terra, que são então convertidos em células vivas das plantas; depois comemos as plantas e convertemos as células das plantas em células de animais que servem de base para nosso sangue, músculos, órgãos e mesmo nosso cérebro.

De fato, Toda partícula de substância orgânica desenvolveu-se deste modo. Pensai nisto e vereis que a Natureza é Uma em sua essência e que ela é viva e possui Poder Mental. Mas não paremos neste ponto adiantado. Os minerais e todas as formas de matéria compõem-se de átomos ou partículas infinitesimais.

As partículas combinam-se em virtude de alguma “atração” existente entre certas delas conhecidas como “afinidade química”, etc. Afinidade química é uma coisa peculiar, manifesta-se em gostos e desgostos, amor e ódio; é impossível estudar essas manifestações sem reconhecer uma elementar manifestação de “gosto e desgosto”, “amor e ódio”. Pensais que isto está fora de demonstração, não é? Bem. Ouvi estas palavras de alguns dos principais cientistas sobre este poder de receber sensações e poder de responder-lhes e talvez mudeis a vossa ideia.

Haeckel, o grande cientista alemão, sustenta que os átomos de que a matéria se compõe, podem “receber sensações” e “responder a elas”. Ele insiste neste fato em seu último livro “O Enigma do Universo e as Maravilhas da Vida” e escreve como segue a respeito da “sensação no mundo orgânico:

“Não posso imaginar os processos químicos e físicos mais simples, sem atribuir os movimentos de partículas materiais à sensação inconsciente.” E em outro lugar: “A ideia da afinidade química consiste no fato que vários elementos químicos percebem as diferenças qualitativas em outros elementos, experimentam “prazer” ou repulsão em contato com eles, e executam movimentos específicos nesta base.” Ele acrescenta, depois, que as “sensações” e “respostas” na vida da planta e na do animal são “relacionadas por uma longa série de períodos evolutivos com as mais simples formas de sensação que encontramos nos elementos inorgânicos e que se revelam na afinidade química”.

Nageli, outro cientista, diz:

“Se as moléculas possuem algo que se relacione, ainda que distintamente, com a sensação, deve ser cômodo obedecerem às suas atrações e repulsões, e incômodo serem forçadas a agir de modo contrário.”

Assim vedes que a ciência, presentemente, se prepara para admitir a vida elementar e o Poder Mental nos átomos e partículas da matéria.

Mas não alcançamos, contudo, o último limite da investigação no tocante à presença da mente no universo. “Iremos além dos átomos?” — podeis perguntar. Sim, além dos átomos ! O que é verdade a respeito dos átomos o é a respeito dos íons ou elétrons de que eles se compõem. Essas partículas mais finas atraem-se e repelem-se; formam grupos e combinações que regulam a ordem de átomos produzidos; e manifestam a mesma sorte de “afinidade” que se nota nos átomos. E mais do que isso, crê-se que essas partículas, bem como todas as formas de energia física, emergem do éter, esta substância sutil, tênue, universal, que, apesar de invisível e intangível, existe, como foi forçoso admitir-se, para se poderem explicar os fenômenos do universo. Se há Mente nas partículas que emergem do Eter, será demais admitir que deve haver Mente no próprio Eter? É isto absurdo? Não !

Ouvi as palavras das seguintes autoridades sobre este assunto:

Flammarion diz:

“A mente cintila em todos os átomos. Há mente em todas as coisas, não só na vida humana e animal, mas ainda nas plantas, nos minerais, no espaço !”

Cope diz:

“A base da vida e da mente está além dos átomos e pode achar-se no éter universal.”

Hemstreet diz:

“A mente no éter não é menos natural que a mente na carne e no sangue.”

Stockwell diz:

“O éter vem a ser compreendido como uma substância imaterial, superfísica, que enche todo o espaço, e contém no seu infinito e palpitante seio os sinais de agregadas forças dinâmicas chamadas mundos. Ele reveste o último princípio espiritual e representa a unidade daquelas forças e energias, das quais brotam, como de sua fonte,

todos os fenômenos físicos, mentais e espirituais, tais como são conhecidos pelo homem.”

Dolbear diz:

“O éter pode ser, talvez, o meio pelo qual a mente e a matéria reagem... Do éter deve ter emergido, sob circunstâncias propícias, outros fenômenos, tais como a vida ou mente ou o que possa estar na substância básica.”

Assim, pois, temos as melhores autoridades que apoiam a inevitável conclusão que deve haver Poder Mental mesmo no éter.

Por minha parte, vou mais longe e, de há muitos anos, venho afirmando que o Eter e o Princípio de Poder Mental do universo são uma e a mesma coisa, isto é, que o algo teórico, chamado o “Éter” pela ciência, é, em realidade, o Princípio de Poder Mental do universo, do qual emergem todas as manifestações de atividades, o Dínamo Mental Universal! Não posso provar isso, sem dúvida, mas é lógico.

Meu argumento não se estriba nisso, pois admita-se que haja Poder Mental no éter, e meu caso prevalece. No éter, de fato deve havê-lo, se mesmo o éter, não é outro nome dele. Pois se o Poder Mental não está no éter, donde virá ele para as partículas de matéria e para a mesma matéria orgânica e inorgânica?

Cessando, por um momento, nossas considerações, permita-se-me dizer que nada tenho neste livro com a mente como razão, intelecto, etc., pois é esta uma consideração da fase dinâmica da mente: fase do Poder, Poder Mental ou a Mentação Dinâmica.

Procuró mostrar-vos que o Poder Mental existe em Toda parte e se manifesta em todas as atividades do universo. “Em todas as atividades do universo? — direis. — Certamente não incluí a atividade física e a energia, tais como as forças naturais, etc.!” Sim, quero dizer justamente isto! “Como pode ser isso? — perguntareis. — Que é que tem o Poder Mental com a eletricidade, a luz, o calor, o magnetismo, a gravitação, etc.?” Em minha opinião, há muita relação entre essas coisas. Explicar-vos-ei isto em poucas palavras, pois não posso alongar-me nesta matéria, no presente livro, mas devo entrar noutra parte do meu assunto. Ei-la rapidamente: todas as formas de energias físicas naturais ou forças conhecidas como luz, calor, eletricidade, magnetismo, etc., são reconhecidas pela ciência como força de energia que nascem da vibração das partículas de matéria. Ora, que é que causa as vibrações? O movimento das partículas, sem dúvida!

O que é que faz as partículas manifestarem entre elas esta atração e repulsão umas para com as outras? Aqui é onde tocamos o âmago da matéria; prestai-me bem atenção ! Vimos que as partículas se atraem e repelem umas às outras, pela forma de “simpatia”, amor” e “ódio”, “prazer” e “revulsão”, “experiências agradáveis ou desagradáveis” que têm semelhança, embora longínqua, à “sensação”, etc. E estas atrações e repulsões são consideradas resultado da “capacidade de experimentarem sensações” e do poder de “responderem às sensações” e responderem a elas é manifestação de mentalidade, que Haeckel comparou com “desejo” e “vontade”.

E se a mentalidade é a causa das sensações e das respostas a elas, estas são as causas das atrações e repulsões; e estas são. As causas do movimento de um lado para outro das partículas da matéria; e este, por sua vez, a causa das vibrações; e as vibrações são as causas das manifestações de luz, calor, eletricidade, magnetismo, etc. Portanto, não tenho razão ao afirmar que a mente e o Poder Mental são as forças motoras de Toda energia física?

E não estou justificado supondo a existência de um princípio mental dinâmico universal? Digo-vos, amigos, que o futuro mostrará que este princípio mental: dinâmico é a fonte de energia e que a energia não é a fonte da mente ! Sei que isto é revolucionário, mas creio que responderá às exigências do futuro. Por muito tempo afirmei isto e fui alvo dos risos, zombarias e chacotas de muitos. Mas, desde o princípio, senti a picante apreciação das palavras de Galvani, quando disse, amargamente:

“Sou atacado por duas seitas muito opostas: a dos cientistas e a dos ignorantes; ambos riem de mim, chamando-me o mestre da dança dos reis, mas eu sei que descobri uma das maiores forças da natureza.”

E, agora, em conclusão, peço-vos formar uma imagem mental dêis te grande princípio dinâmico universal que penetra todo o espaço, está imanente em todas as coisas e se manifesta em uma variedade infinita de formas graus e fases.

Podemos pensar nele somente por meio de símbolos. Consideremo-lo, então, um grande OCEANO de Poder Mental dinâmico que vive, palpita, pulsa e pensa. Nas profundezas deste Oceano de Poder Mental há quietação, calma e paz: o conjunto do poder latente e da energia potencial. Na sua superfície há ondas, vagas, grandes movimentos de energia, correntes, voragens, redemoinhos, fases de furiosa tempestade, alternando-se com fases de calma e quietação.

E das profundezas deste Oceano de Poder Mental emerge todo poder mental e físico e para as mesmas profundezas deve voltar. E neste Oceano há um infinito armazém de energia, do qual pode ser tirada aquela de que os centros humanos de consciência e poder necessitam, quando aprenderem o segredo.

Este Oceano de Poder Mental é vossa única fonte de energia dinâmica, mas temos à nossa disposição a quantidade desta força, que podemos transportar nos canais de suprimento. É o uso deste poder que chamamos Mentação Dinâmica.

Compreendeis, agora, o que quero significar pelo Princípio Universal do Poder Mental Dinâmico: Este Universo Dínamo Mental?

Há vários anos, falei desta concepção a um amigo, o qual, depois de me haver ouvido com atenção e interesse, me perguntou: “Mas onde entro eu?” E esta é a pergunta que muitos de vós me farão agora, não há dúvida. Bem, embora não possa aqui entrar profundamente na especulação metafísica ou filosófica, ou ao menos nas fontes ocultas que me são prediletas, dir-vos-ei .que cada um de vós é um Centro de Poder neste Oceano de Poder Mental Dinâmico e cada “eu” é um senhor do poder. Tendes a Coisa Toda atrás de vós e sois livres de tirar dela o que o vosso canal possa levar-vos. Podeis ampliar vosso canal. Por enquanto é isto bastante; sabereis mais à medida que prosseguirmos.

CAPÍTULO II

A NATUREZA DO PODER MENTAL

Neste ponto, percebo a pergunta que naturalmente surge quando algum começa a considerar um objeto, assunto ou princípio pouco comum: “Que é isto?”

“Que é Poder Mental” é uma questão difícil de responder, porque implica um conhecimento da coisa “em si” separada de suas atividades e manifestações.

E esta “coisa-em-si” é algo que o pensador leal, científico, admite estar além do alcance, de seu pensamento e conhecimento. Qualquer tentativa para responder a tal questão deve envolver o indivíduo no labirinto da especulação metafísica e filosófica a respeito de algo que é de natureza inconcebível. Assim posso dizer francamente aqui que não me proponho a “adivinhar” a natureza do Poder Mental. Pois, na verdade, qualquer tentativa a uma resposta minha seria meramente uma adivinhação, visto como eu não conheço, nem sei de outrem que conheça!

Estou ao par de numerosas especulações dos filósofos e metafísicos antigos e modernos sobre este assunto; li-as, estudei-as e rejeitei-as como simples teorias que se não basearam nos fatos. Eu mesmo estabeleci e rejeitei uma dúzia ou mais de teorias sobre este assunto; achei-as todas vagas e néscias especulações. Estudei o que de melhor se escreveu e se pensou sobre o que é a mente e o Poder Mental em si. Assim, pois, a minha ignorância não é a que resulta da falta de conhecimento dos pensamentos dos outros, mas sim a que provém do muito pensar e muito estudar os pensamentos dos outros, isto é, a ignorância reconhecida por meio do conhecimento. No tocante a estas questões últimas, os melhores pensadores confessam francamente sua ignorância, sabendo que, como disse Nordau, eles “Colheram o mais alto fruto da Arvore de Conhecimento: a consciência de nossa ignorância”. Como Pyrrho, há vinte e cinco séculos, dizem: Uden horizo, “eu não decido”. Não conhecemos as “coisas em si mesmas”, não podemos conhecê-las.

Se conhecêssemos as últimas verdades relativas à coisa mais fina e insignificante no universo, conheceríamos tudo o que existe, pois esta coisa mais tênue está ligada e relacionada com todas as coisas do universo e com o que está encoberto nele.

Conhecer a “coisa em si mesma” de tudo o que existe, seria conhecer a grande “Coisa em si mesma do Todo”. Tudo que podemos fazer é conhecer e considerar as coisas pelo que manifestam, como agem, por meio de suas manifestações e atividades e pelos resultados e efeitos das mesmas; não pelo que são no abstrato, ou separadas de suas atividades,

manifestações e dos fenômenos que delas resultam. Fora de suas atividades, manifestações e fenômenos, as coisas são apenas abstratos nadas para a nossa compreensão, “palavras” aéreas forjadas pelos metafísicos e filósofos para alimentar sua especulação, argumento e disputa sem fim.

Podemos também admitir o fato que toda consideração das coisas últimas, “coisas em si mesmas”, nos leva inevitavelmente à conclusão que a única Coisa real em si mesma é um ALGO que se oculta sob todas coisas e, ao mesmo tempo, Não é Coisa, e que transcende toda a nossa experiência, conhecimento, razão, pensamento e até imaginação. E aqui assenta a loucura de tentar dizer “exatamente o que” alguma coisa é.

Em vista dos fatos mencionados que os melhores pensamentos do mundo julgam serem corretos, mais ajuizado é aplicarmos toda a nossa atenção à consideração das coisas como são conhecidas por meio de suas atividades, manifestações e fenômenos, conhecendo-as pelo que fazem e como agem, pelas leis e princípios das atividades e operações, abandonando as especulações relativas à sua natureza como coisas .abstratas em si mesmas. Este é o método da, ciência moderna, em comparação com os da filosofia especulativa e da metafísica. Mas, diz-se que “pouco saber é coisa perigosa”, e que os “loucos se precipitam onde os anjos receiam pisar”. E, assim, nunca nos faltarão engenhosas teorias e “soluções” de problemas finais.

Há entre nós alguns que nos informam correntemente conhecerem “com exatidão o que é a Mente”. Esses tais aumentam a alegria das nações e, por isso, são úteis e interessantes. Já ouvistes falar do colegial que, perguntando-lhe o professor: “Que é a eletricidade?”, respondeu: “Bem, senhor, eu sabia, mas esqueci-me !” O professor observou secamente: “Ora, não é isto tão custoso ! Aqui está a única pessoa no mundo que conheceu realmente o que é a eletricidade, porém esqueceu-o! Quanto perdeu a humanidade!” Porque não temos bastante coragem para deixarmos de fazer especulativas bolhas de sabão com que nos divertirmos e não aprenderemos a responder honestamente: “Eu não sei”, ou então aprendermos a expor francamente como a Ciência moderna: Aqui termina nosso conhecimento do assunto; amanhã poderemos conhecer mais, porém basta para hoje o conhecimento atual, pois uma polegada de conhecimento dos fatos vale muito mais do que uma milha de teorias e especulações não provadas.

Como Thomas L. Harris disse:

“O teorista que sonha com um arco-íris e chama a hipótese de ‘filosofia’, nada mais é que um financista no papel que esconde na mão suas falsas promessas de ouro. Os fatos são a base da filosofia; a filosofia é a harmonia dos fatos, vistos em sua relação exata.”

E, agora, tendo confessado nossa ignorância, prossigamos na consideração do Poder Mental como é conhecido por suas atividades.

Em primeiro lugar, permita-se-me dizer que não considero o Poder Mental como coisa idêntica à mente. Antes parece-me relacionado com ela, particularmente na operação mental conhecida como desejo, vontade e imaginação. Se vos apraz, podemos considerá-lo como aspecto ativo da mente.

A mente tem três aspectos: o aspecto de ser ou substância; o aspecto de pensamento, com as subdivisões de razão, sentimento, emoção, desejo, vontade, etc., nos planos consciente e subconsciente; e, terceiro, o aspecto de AÇÃO. É no aspecto de ação que a mente é conhecida como Poder Mental.

Embora seja muito provável que haja certo emprego e manifestação de Poder Mental nos processos ordinários de raciocínio, esforço intelectual, etc., contudo, O Poder Mental parece achar-se mais estreitamente unido à fase mais elementar de mentação, que compreende o sentimento, a emoção e particularmente o desejo a vontade. Sabemos que o possuem as formas inferiores de vida entre os animais e as plantas, até as formas inorgânicas, as quais existiram e empregaram a força antes que o intelecto e a razão se manifestassem no homem. Assim, farei notar que, enquanto o Poder Mental possa ser posto em ação pelo intelecto e, com maior certeza ainda, dirigido por ele, não deveis cometer o erro de identificá-lo com esta fase da mente ou atribuí-lo ente às criaturas que a possuem.

É uma força muito mais elementar e básica, como vistes no capítulo precedente. De fato, a fim de que possais compreender as operações do Poder Mental, habituai-vos a considerá-lo como relacionado com o que chamamos VONTADE (distinta do intelecto e da razão). Por vontade não quero significar esta fase ou faculdade da mente que decide, determina ou escolhe, ainda que este uso ordinário do termo seja perfeitamente correto quando é aplicado a uma fase da vontade. Esta faculdade que decide, escolhe e determina, é um dos atributos do intelecto e da autoconsciência sobreposta à vontade elementar para guiá-la, dirigi-la, encaminhá-la e restringi-la; é o Ego em seu leme, dirigindo a Nau da vida pela Carta da Razão, sendo a força motora a vontade ou Poder Mental. A escolha nas formas inferiores de vida e atividade, significa simplesmente assentimento ao desejo mais forte, à reunião de desejos mais fortes ou à média dos desejos mais fortes.

Não, não quero significar vontade no sentido acima, mas no sentido mais elementar do termo, o sentido original, pois a palavra deriva de uma raiz que significa “desejar, desejar fortemente”. E, neste sentido elementar, a palavra “vontade” usa-se para designar este princípio mental, primitivo, original e universal da vida que se manifesta em desejo de agir e na resposta a este desejo. Neste sentido, pode-se considerar a vontade como Desejo-Vontade, ambos sendo tidos como fases de uma só, ou antes os dois polos da mesma coisa.

O polo desejo deste Desejo-Vontade relaciona-se com o que chamamos emoção, sentimento, etc., que o excita para agir. O polo vontade dê-te Desejo-Vontade relaciona-se com aquele princípio de atividade mental que estamos considerando sob o nome de Poder Mental, o aspecto dinâmico da mente.

Peço-vos que releiais este parágrafo, a fim de que possais fixar bem esta ideia na vossa mente, pois dela depende a compreensão perfeita de muito que direi neste livro.

No desejo, achamos o primeiro passo para a Mentação Dinâmica. O desejo precede a ação da vontade que põe em liberdade a força dinâmica da mente; o Poder Mental. O desejo é o enrolador do fio metálico da vontade; há sempre um estado de “tensão” no desejo, um estado de “energia acumulada”, produzido pelo “sentimento”, a “emoção” ou estados semelhantes originados da vista, da memória, do pensamento ou de algum objeto atrativo. O “sentimento” inspirado pelo objeto atrativo enrola o fio do desejo e esta energia “acumulada” alimenta o “poder-motor” da vontade.

Mas, lembrai-vos disto: alguns desejos são postos em ação, outros são rejeitados, nem os homens, nem as coisas agem sob o impulso de todos os desejos. Há o outro polo do Desejo-Vontade que deve ser chamado à ação e isto leva-nos à consideração da faculdade de escolha, determinação ou decisão, que muitas vezes é expressa pelo termo “Vontade”, como eu disse há pouco.

Esta fase da vontade que escolhe e determina, é pouco mais que uma denominação nula, no que se refere à relação entre o desejo e a vontade de agir nos casos das coisas e criaturas de escala inferior à do homem. Pois, nestes casos, esta escolha, determinação ou decisão baseia-se inteiramente no grau de “sentimento” ou grau de atração dos objetos que se apresentam à atenção, os sentimentos mais fortes, atração ou interesse-motor que prevalece durante o dia.

(O medo é um dos sentimentos mais fortes que influem nos desejos, age usualmente como um neutralizador de outros sentimentos e desejos, e é mais poderoso como causa que influi na escolha ou decisão. De fato, é justo considerar o medo uma forma negativa do desejo, um desejo contrário). Com o advento da razão do intelecto, particularmente quando o ego autoconsciente aparece, introduzem-se novos elementos em virtude dos quais o homem se torna apto para deliberar ponderar as causas, desejos, sentimentos, emoções, etc., e assim se julga que a vontade do homem contém elementos que faltam ao princípio geral de vontade. Mas o aspecto da vontade que mais nos interessa é da ação, o polo de vontade do Desejo-Vontade.

O ponto exato em que o desejo passa para a vontade é impossível de determinar; é provável que se misturem uma com outra. Sabemos, porém, que alguma “coisa” acontece” em certo ponto da operação mental, pela qual a atenção da coisa, ou ego, passa do polo de desejo para o polo da vontade, e então uma de duas coisas sucede:

1º) se o fio “enrolado” do desejo é solto pela vontade e a energia do desejo, transmudado na energia da vontade, que assim põe em ação o Poder Mental ou qualidade dinâmica da mente;

2º) a vontade recusa ser movida e o desejo vagarosamente distende seu fio, e a tensão é diminuída gradual ou rapidamente.

A vontade pode ser cultivada e desenvolvida de modo a recusar pôr o fio do desejo em ação, e nesta qualidade inibitória assenta muito daquilo que se chama “força de vontade”; muitas vezes precisa-se muito mais vontade para não agir do que para agir.

O aspecto de “ação” é uma verdadeira qualidade dinâmica da vontade. E, com a ação, toda vontade se acha íntima e inseparavelmente relacionada. Como o prof. Halleck diz:

“A vontade relaciona-se com a ação. O estudante deve ter este fato diante de si, por mais complexa que a matéria lhe pareça”.

A ação é o “sentido íntimo” e a razão da vontade. É desta fase que nos ocupamos neste livro. A ação é o aspecto essencial do Poder Mental; este existe para o fim de agir. É a essência da atividade.

Assim vereis que este “princípio mental universal dinâmico”, que denominei “Poder Mental”, não é a fase da mente que se manifesta como processos intelectuais e racionais; mas esta fase da mente excitada pelo desejo-vontade a que age. Manifesta-se um universo entre as formas de vida abaixo do plano da razão, ao mesmo tempo que entre as que se acham neste plano e, por isso, precede à Razão na:evolução, Manifesta-se também de modos inconscientes e automáticos e precede o estado autoconsciente do homem. Representa uma força mental elementar, primitiva e fundamental; e pode ser tomado como uma força crua, imperfeita, não-desenvolvida que se manifesta especialmente como ação instintiva ou tendência, antes que pelos caminhos da razão, do intelecto, ou das faculdades superiores de conhecimento. Ela é alguma coisa mais elementar e básica que o intelecto. Está mais próxima das forças elementares da vida, que personificamos sob o nome de “Natureza”. Se aquilo que conhecemos como razão ou intelecto se desenvolveu de uma matéria mental elementar ou não; ou se estas formas de mentalidade superior são alguma coisa de uma natureza inteiramente superior e distinta; ou se, como creem os ocultistas, a inteligência é o resultado da influência do Ego Espiritual (alguma coisa distinta da mente) sobre uma matéria mental elementar, são questões que pertencem a outras fases do assunto geral do Ser, com o qual não temos nada na consideração daquilo por nós tratado.

Tenho as minhas opiniões e crenças próprias sobre estes pontos, e cada um de vós as tem; podemos diferir sobre a mesma, e, contudo, ser capazes de examinar o assunto tratado como companheiros, apesar do nosso desacordo sobre questões de filosofia, metafísica ou religião. Ocupamo-nos de uma força natural, uma energia universal, aqui, neste momento; deveríamos examinar e estudar seus princípios, como examinamos e estudamos os da eletricidade, magnetismo, calor ou luz.

Convido-vos a um estudo científico, não a uma especulação, doutrina ou teoria filosófica ou metafísica. Estas coisas têm o seu lugar próprio e conveniente, mas não aqui, neste momento.

CAPÍTULO III

INDUÇÃO MENTATIVA

Por mais admirável que seja a manifestação do Poder Mental nos limites da forma da coisa, célula, planta, animal ou pessoa e que produza os efeitos conhecidos como ação local, movimento, etc., há, todavia, uma admiração maior em verificar a manifestação do mesmo poder além dos limites da personalidade ou forma em que ele se gera. É a esta manifestação do Poder Mental que eu aplico o termo “Telementação”.

Posso também explicar meus termos nesta ocasião. Em primeiro lugar, uso do termo “Mentação”, no sentido de “Atividade mental”; o termo deriva do latim meus que significa a mente e o sufixo ação que significa “ação”. Assim, a “Mentação” significa “atividade mental”. De Mentação derivamos Mentativo ou “que se relaciona à atividade mental”; Mentar, ou “manifestar atividade mental”, etc.

Da Mentação também derivamos o termo “Telementação”, que, pelo que sabemos, foi originalmente criado por mim há vários anos. A palavra deriva do grego tele, que significa “a distância” e da palavra “mentação” acima explicada.

“Telementação” significa “atividade mental a distância” ou “mentação exercida no espaço” ou “influência mental de longa extensão”, etc. Fui levado a criar este termo para substituir o de “telepatia” em virtude de que este é impróprio e de falsa significação. De fato, conforme as suas raízes, “Telepatia” significa “sofrer a distância”, ou “sentimento da (dor de outrem)”; o sufixo “patia” derivando do verbo grego que significa “sofrer”. Pode-se usar propriamente em relação com a transmissão de dor, ou doença ou algum estado mental semelhante, mas seu uso é impróprio. Está sendo abandonado pelas melhores autoridades científicas, que preferem o termo “Transmissão de pensamento”, etc. Pensei que era prudente usar do termo “telementação”, crendo que este satisfaz melhor as exigências do caso do que qualquer outro termo conhecido. Espero tornar-se, em breve tempo, o seu uso geral.

E agora, à cerca da transmissão dos estados mentais de uma coisa ou pessoa a outra. Não tentarei entrar na discussão do fenômeno da Transmissão do pensamento nesta obra, por motivo que está bem estabelecido e é geralmente conhecido para não requerer um argumento meu em seu favor.

A milhares de investigadores cuidadosos é um fato estabelecido, e quem quiser empregar tempo e trabalho em fazer experiências, pode reproduzir os fenômenos à sua própria satisfação. Demais, há exemplos de telementação que se produzem na vida diária de quase todas as pessoas. Tais exemplos são da ordem dos fenômenos espontâneos, isto é, que não

foram provocados ou esperados. Os que desejam obter “provas” de telementação fora de sua própria existência, examinem os arquivos da Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas, que contém os relatórios cuidadosamente feitos de muitos casos interessantes realizados pela Sociedade, sob a mais severa fiscalização e exigência científica.

A circulação do Poder Mental é um fenômeno natural tão real, como a circulação do ar, da água ou do sangue.

Houve muitas teorias propostas a este respeito sobre as “duas mentes” do homem. Nesta obra, nada ou quase nada direi sobre as “duas mentes” do homem. Sem dúvida, estou ao corrente do assunto das regiões subconscientes e superconscientes da Mente, mas acho que este principio de implementação, o tem suas raízes muito mais atrás na escala da evolução; muito antes da “consciência”, como a conhecemos, existiu nas formas criadas de matéria ou vida, atrás do plano da “mente na matéria inorgânica”, e, por isso, não tentarei estabelecer quaisquer teorias de “duas mentes” para explicá-la. De fato, creio que a mente do homem é uma coisa muito mais complexa do que uma combinação de “mente dual”. Há muito mais planos e regiões da mente do que as mentes “objetiva” e “subjetiva” das autoridades da “mente dual”. Acho a base para a teoria da telementação muito atrás na escala; efetivamente, no extremo mais baixo da escala dos seres. Acho-a nos átomos ou partículas de que os átomos se compõem.

No primeiro capítulo desta obra, chamei vossa atenção para a manifestação do Poder Mental entre os átomos e partículas de matéria, o que é provado pela ação, impulso e movimento resultantes da “atração e repulsão” desses átomos e partículas. Em outras palavras, mostrei que as forças físicas eram produzidas pelos movimentos das partículas, ou vibrações dos átomos, nascidas dos estados de simpatia e antipatia, amor e ódio, atração e repulsão, prazer e dor, entre essas delicadas partículas materiais. E é aqui que se nota o princípio elementar da telementação. Aqui é onde se pode observá-lo em sua completa ação e força primitivas. Se pensardes um momento, vereis que os movimentos dos átomos são duplicados, a saber:

1º) o movimento voluntário do átomo para aquele ao qual é atraído pela afinidade química, e

2º) o movimento do átomo ocasionado pela força atrativa” exercida pelo outro átomo, de maneira idêntica à com que o magnete “atrai” a agulha para si.

Disse-nos Haeckel que há o movimento voluntário do próprio átomo, em resposta ao “desejo” despertado em si pela atração. Como se faz ele consciente da presença de outro átomo, a menos que não passe alguma coisa entre ele? Este algo deve ser de natureza de uma corrente mentativa, pois há outra coisa para passar, porquanto todas as outras formas de energia, sendo produzidas por vibrações dos átomos provenientes dos estados mentais, o Poder Mental deve preceder as energias físicas e ser o “algo que passa” entre ambos os átomos. Sentindo a presença de outro átomo, o primeiro move-se para o outro que lhe é afim, voluntariamente, do mesmo modo que moveis o vosso braço ou andais.

Provavelmente o átomo imprime um impulso ao éter que deve ser para o átomo ou partícula o que o ar é para as asas do pássaro ou a água é para as barbatanas do peixe. Há, porém, outra causa de movimento, como vimos, o impulso mútuo dos átomos que se atraem.

E que espécie ou ordem de energia é a que assim atrai ou repele o outro átomo? Não pode ser a eletricidade ou o magnetismo, porque estas forças, como já vimos, são produzidas por um grau de vibração ocasionada pelo Poder Mental nos próprios átomos; por isso, devemos voltar à força antecedente, que é o Poder Mental, e atribuir-lhe a força atrativa ou impulsiva que move os átomos uns para os outros.

Que esta força atrativa ou impulsiva está em ação entre as partículas de matéria é o que não pode haver dúvida. Não há dois átomos de matéria que estejam em absoluto contato um com outro; há sempre uma distância entre eles, um espaço que assim os separa, o qual nunca pode ser atravessado ou vencido.

Parece haver nessas finas partículas uma individualidade que, embora lhes permita que formem combinações, impede-as, não obstante, de se confundirem ou misturarem de um modo absoluto. Há sempre na Natureza um princípio de “conservar-se a distância” ou “não aproximar-se mais”, que mantém cada partícula de matéria individual e só.

Todo íon, elétron, átomo e molécula de matéria está só e separado até da sua afinidade mais forte por um “não me toques”, círculo de influência, que, na minha opinião, é, em sua natureza, também mentativo.

Mesmo o diamante ou barra de aço mais sólido compõe-se de moléculas juntamente ligadas, mas separadas, contudo, por este círculo de influência. Cada molécula compõe-se de vários átomos, entre os quais a mesma lei opera; e cada átomo compõe-se de muitos íons ou elétrons que conservam entre si alguma distância.

Tão verdadeira é a Natureza em suas proporções e leis, que os cientistas_ asseguram que, nas centenas de íons de que o átomo mais delicado se compõe (o qual é invisível à vista em virtude de sua pequenez), há uma “distância” observada e mantida por essas partículas, que está na mesma proporção aos seus volumes como a distância entre os planetas de nosso sistema solar.

Em outros termos, os íons que compõem um átomo são semelhantes a um sistema solar diminuto, cada íon sendo atraído a outro, e, ao mesmo tempo, conservando a “sua distância”, a atração e impulsão combinadas do desejo e do “afastamento”, respectivamente, tendendo a fazer que se movam uns ao redor dos outros.

Qual é a força que cruza o espaço através do qual as mesmas partículas não podem viajar? Não é a eletricidade nem o magnetismo, porque essas forças não são mais que resultados destes movimentos e vibrações, não suas causas. Além disso, a ciência não descobriu a eletricidade nem o magnetismo entre os átomos.

Que é que mantém os átomos e as moléculas de matéria unidas ou antes aproximadas? Que é que produz sua aproximação?

A ciência responde: a afinidade química e a coesão! Mas estes termos são simplesmente nomes, e a ciência não explica a natureza da força empregada. Ela sabe que não é a eletricidade nem o magnetismo, nem outra força física conhecida. Eu respondo: É o Poder Mental, exercido através dos espaços intermediários pela Telementação que atrai e mantém esses átomos e moléculas em seus lugares e, ao mesmo tempo, os conserva “em suas distâncias”. É o Poder Mental, cuja existência nos átomos foi afirmada por Haeckel e sempre ensinada pelos ocultistas. Assim, achando-se que a telementação existe nas formas elementares de substância e coisas físicas, estou justificado em ver sua presença e manifestação deste ponto da escala para cima.

Creio que as vibrações dos estados mentais, sentimentos, desejos, etc., são transmitidas de uma a outra mente pela telementação, despertando estados semelhantes, sentimentos, desejos, etc., na mente receptora, pelos processos do que chamamos “indução” na ciência física. Mas antes de estudar a indução, peço-vos considereis a seguinte citação de Flammarion, o eminente cientista francês, que diz:

“Recapitulamos, por isso, nossas observações precedentes pela conclusão de que a mente pode influir a distância em outra, sem o meio habitual das palavras ou outros meios visíveis de comunicação. Parece-nos totalmente desarrazoado rejeitar esta conclusão, se aceitarmos os fatos. Esta conclusão será abundantemente demonstrada. Não há nada anticientífico, nada romântico no admitir que uma ideia pode influir sobre um cérebro a distância. A ação de um ser humano sobre outro, a distância, é um fato científico; é tão certo como a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sirius.” E mais adiante expõe: “Não pode haver dúvida que nossa força psíquica cria um movimento no éter, que se transmite ao longe como todos os movimentos do éter e se torna perceptível aos cérebros em harmonia com o nosso. A transformação de uma ação psíquica em um movimento etéreo e inverso, pode ser análoga ao que se realiza em um telefone, no qual a placa receptiva, que é idêntica à placa na outra extremidade, reconstrói o movimento sonoro transmitido, não por meio do som, mas pela eletricidade.”

Como eu disse, explico a transferência dos estados mentais etc., pela teoria da “Indução Mentativa”, que julgo ser a que corresponde melhor às exigências do caso do que quaisquer hipóteses da “mente dual” ou outras idênticas. A expressão “Indução Mentativa” será facilmente compreendida por aqueles que estão familiarizados com os fenômenos da eletricidade.

A palavra “indução” vem do termo “induzir”, que significa influir. Na ciência elétrica, a palavra indução usa-se no sentido de “o processo pelo qual um corpo que possui propriedades magnéticas ou elétricas, reproduz esta propriedade em outro corpo, sem contato direto”. Nos tratados de física, uma simples experiência é dada muitas vezes aos estudantes para ilustrar a indução magnética. É a seguinte:

Coloca-se um ímã sobre uma mesa de modo que seus polos fiquem fora, dela. Põe-se um pouco distante, debaixo do ímã, um prego de ferro ou uma agulha de aço, de modo que não toque o ímã, mas esteja tão próximo dele que chegue a ser bastante magnetizado por “indução”, isto é, sem contato direto. O prego ou a agulha terá uma propriedade magnética induzida proporcional à corrente do ímã, e suportará outro prego ou agulha, por contato direto.

Este magnetismo induzido torna o prego ou a agulha um ímã que possui todas as propriedades do ímã original, enquanto existir a corrente. E, assim como um ímã pode comunicar suas propriedades por indução, também pode um corpo eletrizado comunicar estados elétricos a outro corpo, sem contato atual. Os tratados estão cheios de exemplos que ilustram esta lei.

A teoria aceita pela Ciência é que a indução é a ação da corrente elétrica através do éter pelas ondas de vibração. Sustento que assim como as ondas vibratórias do magnetismo e da eletricidade passam através do éter e produzem propriedades semelhantes em outros corpos por meio da indução, também as ondas vibratórias do Poder Mental, partindo de uma mente, passam através do éter e formam, por indução, estados mentais semelhantes nas mentes de outras pessoas, dentro do campo de indução”.

Afirma que assim como o “excitamento” das partículas de matéria (o qual é simplesmente “a atividade despertada”) pode manifestar uma energia que se transmite a outro objeto, afastado dele no espaço e pode despertar pela indução um estado semelhante de “excitamento” nas partículas dele, assim também o “excitamento” da mente entre as células cerebrais do animal ou pessoa pode ser transmitido pela telementação a outro animal ou pessoa em que, pela indução mentativa, se gera ou induz um estado semelhante de excitamento.

Afirmo que há a relação mais íntima possível entre a energia motiva e a energia emotiva; de fato, ambas são formas da mesma coisa. Não tentarei entrar em detalhes a respeito da telementação ou indução mentativa neste lugar, porque mostrarei o princípio em detalhe, de vez em quando expondo as manifestações e atividades desses princípios.

Desejo fixar em vossa mente os princípios elementares do Poder Mental em suas fases de telementação ou “efeito a longa distância”, e de indução mentativa ou o processo pelo qual a “simpatia produz simpatia” tanto no plano mental como no físico. Sendo o mecanismo dos processos e atividades mentativas oculto aos olhos físicos, podemos entender melhor esses processos e atividades, usando os exemplos dos processos e atividades físicas correspondentes, particularmente quando as correspondências são mais do que simples semelhanças, como operações das mesmas leis naturais básicas. Por esta razão, a ilustração ou símbolo da telegrafia sem fio nos auxiliará a compreender a telementação; e a indução elétrica ou magnética ajudar-nos-á a compreender os fenômenos da indução mentativa.

E, agora, passemos à consideração das atividades e manifestações do Poder Mental, em suas fases de telementação e indução mentativa nas criaturas vivas, partindo dos animais inferiores.

CAPÍTULO IV

A MAGIA MENTAL NA VIDA DOS ANIMAIS

Falei da manifestação do Poder Mental nos átomos e partículas de matéria, pela qual os delicados corpúsculos se tornam conhecedores da vizinhança de outro e se movem voluntariamente em resposta ao desejo incitado pela atração ou afinidade de outros átomos; e pela qual estes também exercem o poder de atrair ou repelir outros átomos e responder à mesma força atrativa de outra partícula.

Subindo a escala, achamos que os cristais constroem suas formas, atraindo material dos fluidos em que se acham imersos e depois construindo um estilo ou modelo determinado tão verdadeiro como os que fazem os animais e os homens.

Passando para as formas inferiores da vida animal, achamos minúsculas formas de vida no lodo do fundo do Oceano, que aparentemente não são mais que pequenos pingos de grude, células sem núcleo, que, não obstante, exercem as funções de todas as formas orgânicas, nascendo, nutrindo-se, assimilando, eliminando, envelhecendo e morrendo, depois de reproduzirem a sua espécie pelo crescimento e divisão.

Mas o ponto que mais nos interessa é que ainda que essas criaturas não tenham sentidos ou mesmo órgãos rudimentares dos sentidos, conhecem, todavia, a aproximação de outras criaturas e de seu alimento.

Muitas vezes, elas conhecem estas coisas de um modo que o homem não sabe. Além disso, elas possuem poder de movimento e exercem sua vontade movendo-se de um lugar para outro. Muitas dessas formas de vida, quando examinadas sob um forte microscópio, vê-se que se movem, deslizando-se de um lugar para outro, aparentemente à vontade, e não empregando órgãos de movimento, tais como pés, barbatanas, etc. Parecem mover-se simplesmente pela pura vontade. Como fazem isto? Como se tomam sabedores da vizinhança de outras criaturas, sem ter, todavia, órgãos dos sentidos ou os rudimentos dos mesmos? Parece, que a mentação e a telementação aqui se manifestam.

Passando a uma escala mais alta, achamos muitos insetos dotados aparentemente da faculdade de se fazerem conscientes da presença de outros insetos a distâncias tão grandes que tornam inúteis os sentidos ordinários. Os estudantes da vida da formiga relatam Muitos exemplos notáveis desta ordem. As formigas parecem poder comunicar-se a distância com as suas semelhantes, prestando-lhes assistência e dirigindo os movimentos de seus formigueiros. Referiu um professor de uma universidade americana que notou, certa ocasião, um exemplo de telementação em uma colônia de formigas. Disse que colocou um viveiro de formigas

dentro de uma casa de pedra, cujas paredes tinham dezesseis polegadas de espessura; tinha esta casa uma só porta e nenhuma janela; a porta estava tão fechada e defendida que não deixava fenda por onde a menor formiga pudesse penetrar no interior. Ao aproximar-se desta com o fim de estudar o progresso desta colônia de formigas, ele observou que outras se haviam reunido por fora das paredes e iam dando voltas, procurando passar através dos blocos de pedra.

Então o professor tentou a experiência de remover o viveiro de formigas de uma parte da casa para outra. Primeiro colocou-o ao lado de uma parede, depois perto de outra e assim por diante, mudando de posições e de lugares. Todas as vezes, depois de cada mudança, que ele saía de casa, dava com o grupo de formigas sobre a parede de pedra o mais perto possível das que estavam dentro; mudavam de posição, iam de um lado para outro, conforme o lugar interior em que se punha o viveiro.

Muitos outros exemplos foram notados da posse do poder de telementação entre as formigas.

Refere outra autoridade que levaram à Inglaterra um casal de traças estrangeiras. Não havia no país outras traças daquela espécie. O macho do par escapou em uma parte da Inglaterra, muitas milhas distantes do lugar em que a fêmea ficou presa. Por segurança foi a fêmea colocada em uma pequena gaiola e, durante a noite, posta à entrada. Pela manhã, com grande surpresa dos entomologistas, achou-se o macho dependurado na pequena gaiola em que estava a fêmea. Por seu tamanho, cor e semelhança, viram que era o mesmo macho, pois era exatamente idêntico ao outro; além disso, como já ficou dito, não havia, na Inglaterra, outro desta espécie particular. Semelhantes experiências foram levadas a efeito como outros insetos e há grandes razões para se crer que os insetos se atraem pelo mesmo poder mental, além da ordem dos sentidos ordinários.

Os cardumes de peixes parecem ter o mesmo método de comunicação instantânea entre os indivíduos de que se compõem, porque um cardume inteiro se move de um lado para outro, volta-se repentinamente, etc., como se todos possuíssem uma só mentalidade.

Observaram muitos cientistas que os animais inferiores que vivem em grupos, bandos, etc., possuem relações mentais semelhantes às das colônias de células que parecem ter uma mente comum. Há, indubitavelmente, comunicação a distância das células do sangue dos animais, e o fenômeno do cardume de peixes, acima notado, deve ser análogo a este; há, de qualquer modo, uma espécie de comunicação mental a distância entre os peixes individuais. Nota-se o mesmo fenômeno entre os bandos de pássaros, como sabem muitos dos que presenciaram o voo de grande número de pássaros de diferentes espécies.

Os animais selvagens possuem, sem dúvida, um sentido sutil por meio do qual se encontram, quando separados por grandes distâncias. A volta de gatos e cães que se levaram a milhas distantes de casa e o regresso dos pássaros de origem, depois de suas migrações, podem ter uma explicação semelhante; deve haver vibrações sutis de lugares, pessoas e objetos que os animais sentem a distância.

Que os animais exercem uma influência mental sobre seus companheiros por alguma forma de manifestação do Poder Mental, parece haver pouca dúvida para os que se familiarizam com os modos dos animais, particularmente dos animais selvagens. Há certa manifestação de algo fora da força física da valentia da parte dos animais: há um algo mental que neles se manifesta! A. E. Mac Farlane, em um recente artigo de jornal sobre os “Animais bravios”, diz:

“Ponde dois bugios machos em uma mesma gaiola; eles abrirão a boca, mostrando os dentes e soprarão um no outro. Mas um deles, ainda mesmo que possua uma dentição mais terrível, respeitará com uma diferença, com um temor interno que o assinalará imediatamente como inferior. Não é necessário que experimentem na luta. Acontece o mesmo com os grandes gatos. Ponde dois, quatro ou uma dúzia de leões juntos; sem contestação eles descobrirão aquele que possua as qualidades de chefe. Desde então, a ele cabe o primeiro lugar na partilha da carne; se ele escolher, o resto não provará o bocado até que acabe. É também o primeiro que vai beber. Finalmente, é o “rei da jaula”.

Entre os animais achamos vários exemplos do poder de “encanto” e “fascinação”, que sustento serem formas de manifestação do Poder Mental aplicado poderosamente para atuar sobre a imaginação, desejo ou vontade de outro por indução mentativa. Esta fascinação mental entre os animais manifesta-se por duas direções diferentes, a saber:

1º) pela linha do desejo que age nas vias da manifestação sexual, tal como a atração dos opostos;

2º) pela linha da vontade que age na direção de capturar a presa do animal, tais como o “encanto” dos pássaros pelas serpentes, o dos animais fracos pelos tigres, etc. Esses casos podem ser exemplificados e provados abundantemente e a história natural dá-nos plena autoridade para aceitá-los.

Li, ultimamente, a narração de um naturalista que refere o seguinte: Achando-se em um país tropical, um dia notou que um inseto vojava em torno de um escorpião. Depois de pouco tempo, o inseto fez uma série de desesperados arremessos ao escorpião, como se sentisse um frenético desejo de pôr fim ao encanto. O escorpião abateu o inseto e o devorou logo depois.

Contam os viajantes que, quando alguém dá repentinamente com um leão, tigre ou leopardo, as pernas se lhe paralisam e os olhos da fera parecem exercer uma peculiar fascinação e poder sobre ele. Vi um rato manifestar a mesma emoção em presença de um gato. O mesmo caso acontece com a ratazana em presença de um furão ou de um inimigo semelhante.

Por outra parte, todos os observadores falam do poderoso “encanto” que os animais exercem sobre os da sua espécie, de sexo oposto. Se já observastes o cortejar de um pássaro na quadra do cio, fareis uma ideia justa da realidade do poder que empregam. Ver-se-á um dos pássaros, que poderá ser a fêmea ou o macho, “fascinando” ou encantando” ao seu par, que estará quieto, com as asas trêmulas e uma expressão de fraqueza nos olhos. Comparada a atitude deste com a de outro pássaro, que esteja encantado pela serpente, a semelhança é notável.

Tenho diante de mim um livro escrito em 1847, que relata perfeitamente numerosos exemplos da operação da fascinação mental entre os animais inferiores. Dir-vos-ei alguns deles, resumidamente.

Cita-se o professor Sulliman que narra um caso observado um dia, quando atravessava o rio Hudson, em Catskill, ao passar por estreito caminho, tendo de um lado o rio e de outro uma encosta alcantilada, coberta de bosques. Sua atenção foi atraída à vista de numerosos pássaros, de espécies variadas, que voavam para diante e para trás, cruzando o caminho, dando voltas e giros estranhos e, com um forte chilrear, parecendo centralizados num ponto particular do caminho. Fazendo observação, o professor achou uma enorme cobra preta, parte enroscada, parte erecta, mostrando uma aparência de grande animação, com seus olhos luzindo como um diamante aceso e dardejando a língua para dentro e para fora. A cobra era o centro do movimento dos pássaros. Ajuntou o professor que, embora a cobra desaparecesse do bosque, atemorizada pela aproximação de homens, contudo os pássaros pareciam muito perturbados para escaparem. E pousaram nas árvores vizinhas, esperando evidentemente o reaparecimento de sua “fascinadora”.

Relata o mesmo livro um incidente de um homem na Pensilvânia, que viu uma grande serpente preta a encantar um pássaro. Descrevia este círculos gradualmente decrescentes em torno da cobra, dando, ao mesmo tempo, lancinantes pios. Parecia estar prestes a cair na boca da cobra, quando o homem afugentou esta e o pássaro ergueu o voo com um canto de alegria.

Conta-se outro caso de um esquilo que se via a correr de um lado para outro, entre um regato e uma árvore grande pouco distante. Seus pelos estavam encrespados e ele mostrava medo e aflição. A investigação mostrou a cabeça e o pescoço de uma cobra cascavel saindo da frincha da árvore e pondo-se em direção ao esquilo, que, finalmente, deixou de lutar e, rendendo-se à fascinação, foi pousar a sua cabeça bem perto da boca da cobra. Ia esta arrojarse sobre o roedor, quando uma chicotada desferida pelo observador, a desviou da sua caça. Livre do feitiço, o esquilo lançou a fugir com rapidez.

Cita-se o Dr. Good como tendo feito um estudo completo do poder curioso de fascinar, exercido pela cobra cascavel sobre pequenos animais, tais como pássaros, esquilos, lebres, etc. Refere ele que estes animais se mostram incapazes de desviar seus olhos dos da cobra, e, embora pareçam lutar para fugir, contudo não fazem mais que se aproximar gradualmente do réptil, como se fossem arrastados para ele ou atraídos por um poder superior ao seu instinto natural. Ele continua relatando que o animal se arrasta cada vez mais perto, até que, finalmente, se introduz na boca da serpente, que já se acha aberta para recebê-lo.

Cita-se o Dr. Barrow como fornecedor de vários exemplos desta ordem, conhecidos pelos camponeses em todas as partes do mundo. Valliant o viajor africano, conta o caso, visto por ele, de um açor no momento de ser fascinado a distância por uma grande cobra, cujos olhos brilhantes e a boca aberta se aproximavam da ave gradualmente, e esta manifestava um tremor

convulsivo, lançando agudos pios de aflição. O viajor disparou contra a cobra, mas, ao recolher o pássaro, achou-o morto, quer pelo medo, quer pelo poder da serpente ou pelo violento romper do feitiço. Ele mediu a distância entre a cobra e a ave e achou ser ela de três pés e meio.

Relata-se um caso em um dos primeiros relatórios da Sociedade Filosófica, no qual, a título de experiência, um rato foi posto em uma gaiola com uma víbora. Primeiramente, o rato pareceu muito agitado, seguindo-se a este estado o de fascinação, avançando ele cada vez mais em direção à serpente, que se pusera imóvel com as queixadas estendidas e o olhar cintilante. Finalmente, o rato entrou, de fato, na boca do réptil e foi por este devorado.

Relata Bruse, viajor africano, que os indígenas de uma tribo do interior, parecem ser pela natureza protegidos contra as mordeduras de víbora e picadas de escorpião. Dizem que eles pegam estes animais sem receio, parecendo os mesmos ficarem sem seu poder de resistência. Refere aquele viajor que, no momento em que os ditos animais são tocados por algum daqueles bárbaros, adoecem e algumas vezes ficam tão exaustos pelo invisível poder de fascinação, que morrem em pouco tempo. E acrescenta estas palavras: “Observei constantemente que uma víbora, por mais vigorosa que fosse, quando era tocada por alguns daqueles bárbaros, parecia adoecer e ficar fraca, frequentemente fechava os olhos e nunca voltava sua boca contra o braço que a segurava.”

Pessoalmente, presenciei alguns casos semelhantes. Quando menino, em Maryland, conheci um trabalhador de uma fazenda que era conhecido por “encantador de cobras”. Como ele fazia, nunca descobri, porém, sei que exercia uma sorte de influência sobre todas as espécies de cobras, igualmente as venenosas, e as punha numa tal fascinação, que, num movimento súbito, chegava a segurá-las pelo pescoço com uma das mãos nua. Este homem geralmente trazia consigo algumas cobras como companhia. Elas pareciam estar perfeitamente contentes e, punham a cabeça fora de sua algibeira, para olhar a pessoa com quem ele conversasse. Os negros daquele lugar tinha um horror mortal a este homem e preferiam dar grande volta a passar perto da casa dele.

Indubitavelmente possuem alguns, em vários graus, o poder de fascinar cães e animais ferozes. Quase toda gente conhece o “encanto” que certos homens exercem sobre os cavalos chucros, como por um poder mágico. Tenho lido casos de certos ladrões que eram capazes de aquietar os mais ferozes cães de guarda. Fala-nos Lindecrantz, um escritor sueco, de certos indígenas da Lapônia que possuíam o processo de encantar cães a um tal grau, que chegavam a meter medo até mesmo aos maiores cães de caça, os quais, tanto que os viam, deitavam a correr com odos os sinais do mais vivo pavor.

Muitos de meus leitores já ouviram falar de “domadores” de cavalos ou já os viram em várias partes do país; encerram-se eles com os cavalos bravos em uma estrebaria e por certos “segredos” conseguem domá-los completamente e fazê-los passivos à sua vontade.

Recordam-se casos em que homens que foram “fascinados” por uma cobra relataram depois suas experiências. Um destes casos refere que um homem estava passeando em seu jardim, quando, repentinamente, se achou em presença de uma cobra, cujos olhos brilhavam de singular maneira. Achou-se o homem fascinado como por encanto e incapaz de desviar seus olhos dos daquele animal. A cobra, narrou ele depois, parecia tornar-se imensamente maior e adquirir, em sucessões rápidas, um misto de cores brilhantes. Sua vertigem aumentou e teria caído na direção da cobra se sua esposa não chegasse a tempo de quebrar o feitiço, lançando em torno dele seus braços. Semelhante caso se relata no qual um homem achou um seu companheiro parado, em silêncio, no caminho, com os olhos atentamente fitos sobre os de uma grande cobra cascavel. Olhava-o fixamente esta com os olhos cintilantes e a cabeça levantada. Inclina-se o homem para o lado da cobra e já ia cair sobre ela, gritando, fraca porém lastimosamente: “Ela vai morder-me! Ela me matará !”; “Certamente ela o fará!” replicou o amigo. “Por que não te afastas daí?” Mas o homem parecia tão perturbado e distraído, que não respondeu. Finalmente o companheiro apontou um pau e deu com ele na cobra, que se deslizou dali raivosamente. O homem fascinado ficou doente durante algumas horas.

Quando eu era menino, tive uma experiência um tanto semelhante, embora não tão grave. Passando pelo meio de umas árvores pertencentes a meu avô, vim a dar com olhos em uma cobra e me pus a fitá-la atentamente. Tinha ela cerca de dois pés de comprimento e seus olhos brilhavam como dois diamantes. Em um momento não vi mais nada senão aqueles olhos terríveis, que luziam e apresentavam ao meu olhar espantado todas as cores do prisma. Não era passado mais que um momento, quando a cobra deu de fugir, parecendo ansiosa por safar-se de mim, como eu por me ver livre dela. Não posso dizer se o feitiço seria quebrado por mim, se a cobra se não movesse dali; talvez sim, talvez não. Tudo o que me lembro agora, depois de passados trinta e cinco anos, é que não pareci sentir medo logo ao dar com ela, meu sentimento ou emoção parecendo ser de uma grande admiração e espanto por causa do que vi naqueles olhos.

Mas já disse bastante sobre a manifestação da indução mental entre os animais inferiores.

Há muitos exemplos interessantes desta sorte, dispersos pelas páginas dos livros que se escreveram sobre a vida dos animais e quem quer que tenha vivido no campo ou levado uma vida agreste, conhece, por observação própria, casos que exemplificam o fato. Mencionei esta face da matéria unicamente para vos mostrar que se trata de um princípio geral da natureza que se manifesta em toda vida. Trata este livro da manifestação desta força entre os homens. Mas, ao terminar este capítulo, peço-vos observeis a semelhança entre a manifestação da força nos animais, de um lado, e no homem, do outro.

Empregam os animais a força para dois fins: cativar o companheiro e capturar a presa. E qual o uso que dela fazem o homem e a mulher? Empregam-na com fins semelhantes ! É o que afirmo, por mais estranho que pareça. Pois não é o emprego da fascinação com o fim de atrair o sexo oposto semelhante ao encanto sexual observado entre os pássaros e animais? Não é o emprego da fascinação com o fim de influenciar os homens e as mulheres, em seus negócios ou no interesse pessoal, idêntica ao “encanto” da presa, exercido pelos animais, serpentes, etc.?

Podeis ver que a evolução muda apenas a forma de emprego desta e de outras qualidades naturais, mas a força ou o poder em todas as mudanças continua a mesma. E não é importante para nós compreender e estudar uma força elementar como esta que se manifesta em todos os planos da vida, desde os mais baixos? Respondo convictamente: Sim!

CAPÍTULO V

A MAGIA MENTAL NA VIDA HUMANA

Passando da vida do animal inferior para o plano da vida humana, achamos em todos os lados muitas manifestações do Poder Mental nas linhas da telementação e indução mentativa.

Agora, como nunca o foi antes, é esta poderosa força empregada para fins dignos e indignos na vida diária do homem. Por uma parte, vemos e ouvimos que esta força é usada para a cura dos males que são a herança da carne, dos quais muitos, por incidente, foram transmitidos pelos métodos impróprios de pensamento; por sugestões más de anúncios descritivos das moléstias, indicando remédios patenteados, etc., bem como pela ignorância das massas populares sobre o efeito dos pensamentos negativos e das autossugestões depressivas.

Vemos empregar-se o Poder Mental por meio da sugestão e pôr-se em ação com o fim de produzir estados mentais melhores e mais positivos naqueles que manifestaram condições mentais negativas. Vemos fazer-se a exploração do Poder Mental sob vários nomes, por numerosos cultos, seitas e organizações, por meio de muitas escolas, professores e publicações, sob muitos nomes diferentes e protegida ainda por várias “autoridades”. Vemos também ser a mesma força usada imprópriamente nas exibições hipnóticas e em outras formas destinadas a enfraquecer as vontades e a mentalidade positiva de outras pessoas. Mas, seja qual for o uso que dela façam, é sempre o mesmo poder. Como qualquer outra força natural, ele se presta não só para o bem como para o mal da humanidade.

Aconselho o estudante deste livro a que se acautele de ser enganado por muitos nomes e termos usados pelos escritores, quando descrevem algumas formas de Poder Mental que dizem ser “alguma coisa nova” ou “alguma coisa diferente”. Éle é sempre a mesma coisa velha, tão velha como a criação e é tão universal como é a eletricidade ou a luz.

Quando vos familiarizardes com o princípio fundamental de onde mana esta grande força natural, podereis reconhecê-la sempre entre os muitos disfarces, aparências, títulos e fórmulas. Encontrareis o mesmo Poder Mental.

Quer seja na forma de magnetismo pessoal, quer na do encanto ou fascinação sutil que exerce uma mente sobre outra, esta forma de força mental que influi por um encanto irresistível, que enfeitiça, anima, encanta, seduz, atrai; ou no que se chama fascinação, na qual uma pessoa pode influenciar outra, exercendo uma poderosa influência sobre suas afeições, emoções, paixões ou pensamentos; ou em muitas outras formas semelhantes de exercício de uma influência invisível, inexplicável sobre outros; ou nos fenômenos conhecidos como psicológicos, etc., com os quais todos se acham mais ou menos familiarizados; ou nos

fenômenos atinentes ao renascimento do antigo ocultismo nos últimos vinte anos, sob vários nomes e formas, cujo princípio fundamental consiste em formas de “tratamentos” mentais, de uma sorte ou outra, na presença ou a distância; ou nos fenômenos que chamaram de “sugestão”, aos quais ouvimos fazerem-se referências nos círculos científicos; ou em várias formas de curas mentais, ou curas pela fé, das quais tanto se falou durante os últimos anos e sobre os quais se construiu um número considerável de religiões e cultos; ou nas formas repulsivas de influência mental, conhecidas sob o nome de Magia Negra, etc., — temos o mesmo princípio fundamental, a manifestação da mesma fase de fenômenos gerais do Poder Mental.

A mesma coisa jaz no fundo de todas as suas manifestações, boas ou más, “negras.. ou “brancas”. É tudo operação de uma grande lei ou princípio da natureza. Vemos, por todos os lados, homens que parecem exercer uma influência admirável e misteriosa nos outros, em seus companheiros, na mente do público. Alcançam os caudilhos a proeminência, pelo seu poder nascido da misteriosa influência que exercem sobre as mentes e vontades dos outros. Uns alcançam poder e posição social, outros conseguem fortuna e elevação, em virtude de alguma força íntima..

Certas pessoas há que, quando as encontramos, nos impressionam a um tempo, como se tivessem em torno de si alguma coisa que lhes comunicasse o poder e a influência que sentimos. Parecem irradiar uma força peculiar que mantém nossa vontade cativa, e nos faz cair na corrente de seus desejos em maior ou menor extensão. Sabemos que quando alguém entra em um quarto, leva consigo uma indefinível influência que se torna patente a todos. Certas casas e armazéns têm suas próprias atmosferas, que são perceptíveis a todos os que lhe penetram o interior. Muitos lugares causam certa depressão aos que vivem ou negociam neles. Certos comerciantes inspiram-nos um sentido de confiança e firmeza, ao passo que outros nos causam o contrário. Umhas pessoas atraem, outras repelem. Muitas parecem ter um meio de influenciar as mentes de outras com quem se relacionam, de modo tal que elas se reúnem em torno daquele que se arvorou em chefe, e assim vemos os cultos, as religiões e todas as seitas se formarem. Todos sabemos até que ponto pode um chefe fortemente magnético levar os seus sequazes. Vimos muitos exemplos disto durante os vinte anos passados. Muita gente seguiu alguns desses chefes como um rebanho de carneiros. E assim sempre fizeram, até que compreenderam o princípio fundamental e se protegeram a si mesmos.

Todas essas coisas formam parte do fenômeno do Poder Mental. Seguramente o assunto é digno de investigação. A gora, como nunca aconteceu antes, o assunto das forças místicas do Poder Mental está atraindo a atenção da maioria dos pensadores. Nos tempos passados, o conhecimento desta matéria foi possuído por uns poucos, que ciosamente a guardaram das mentes das massas, que não obtinham mais que umas migalhas do conhecimento oculto, adulteradas ainda com as superstições mais grosseiras e as atribuídas a uma forma particular de religião primitiva, predominante naquele lugar e tempo. Apesar de agora mesmo o povo se interessar na matéria. poucos são os” que chegaram à compreensão científica do assunto, e a maioria toma seu conhecimento da Nova Psicologia em cápsulas de dogmas e teorias avançadas por algum culto ou seita particular.

Em uma forma ou outra, conheceu a raça o Poder Mental, muito tempo antes que a história fosse escrita.. Nos primeiros anais achamos muitos traços dele entre todos os povos. E, hoje mesmo, é conhecido e praticado, de um modo mais ou menos ignorante, por todas as raças, desde os mais civilizados até os mais ignorantes selvagens da Africa.

Deixaram muitos de considerar seriamente a matéria, em virtude de muitas de suas formas se haverem misturado com as superstições mais grosseiras e as cerimônias mais absurdas e repulsivas. Deixaram de ver que, sob todas as ideias e métodos extravagantes de aplicação, havia uma lei fundamental da Natureza, tão real e constante como qualquer outra lei ou força natural. Visto que esta lei está em constante operação e que todos estão sujeitos à sua influência e efeito, não deve o homem inteligente familiarizar-se com ela, a fim de bem compreender suas operações, aproveitar os seus benefícios e proteger-se contra o seu mau uso? Credo que não há senão uma resposta a esta pergunta, foi que escrevi este livro, para lançar luz sobre um assunto comumente deixado nas trevas ou, ao menos, no crepúsculo do conhecimento humano.

Sei que os modernos escritores avançaram muitas teorias engenhosas para explicar os fenômenos do Poder Mental. Mas todos os estudantes do assunto estão ao fato de que, por mais hábeis que sejam tais teorias, mais ou menos se contradizem e, muitas vezes, o leitor, contrariado por não poder conciliar as opiniões opostas, deixa o assunto de lado. E para tornar o assunto ainda mais obscuro, apareceram vários cultos e seitas, cujos cabeças e propagadores lançaram mão dos fenômenos do Poder Mental como fundamento sobre o qual ergueram airoosamente as estruturas de suas religiões filosóficas e metafísicas. Muitos desses cultos pretenderam praticamente fazer para si um monopólio da grande força natural e assumir o direito de serem os únicos possuidores do segredo, alegando terem a “única coisa real” e que “os outros são seus imitadores.”

Não obstante, mostram que chegaram apenas ao conhecimento prático da força e obtêm resultados; que todos conseguiram êxitos, apesar de cada qual negar a outro o direito de conhecimento e uso dela.

Não é claro a um observador inteligente que todos usam a mesma força natural apesar das suas teorias em conflito, e que seus resultados se obtêm a despeito de suas teorias antes que em virtude delas?

Em um livro anterior que serviu de base a este, agrupei os fenômenos das manifestações do Poder Mental, sob o termo geral de “Magia Mental”, sendo o uso do termo justificado pelos fatos seguintes: A palavra “Magia” derivou do persa “mag”, que significa “um padre”. Os sacerdotes persas foram artífices maravilhosos ou “mágicos”. Este último termo proveio da palavra “Magos”, nome da casta hereditária dos padres da antiga. Pérsia e Média. Esta ordem dos Magos, ou culto esotérico do sacerdócio zoroastrino, representou o centro do ocultismo antigo naquele período da história do mundo, e sua influência foi sentida em todas as partes do mundo e chegou até ao nosso tempo. Tão altamente respeitados e considerados foram seus membros, que os termos “Sábios” e “Magos” se tornaram sinônimos. Os “Três Sábios” que apareceram ante o presepe de Cristo (como se lê em Mateus) foram conhecidos como Magos

ou “Sábios do Oriente”. Da palavra “Magos” veio o termo Magia. que Webster definiu desta maneira: “A sabedoria oculta que se supôs possuída pelos Magos, relativo aos poderes ocultos da natureza; do governo das forças secretas da natureza; que tem extraordinárias propriedades; que parece requerer mais que o poder humano, etc.”

Assim, podemos considerar a palavra “Magia” como encerrando esta significação: “domínio das forças ocultas da natureza”, indicando o termo a existência de tais forças e a possibilidade do domínio ou governo delas. Nos tempos antigos, considerava-se a “magia” relacionada com o uso da Mente, em particular em seus aspectos de vontade, desejo e imaginação. Seus efeitos não falhavam, porque os magos “queriam”, “desejavam” ou “imaginavam” que uma tal coisa devia ocorrer. Em cada caso, o resultado era a materialização de uma concepção mental ou desejo. Acreditava-se. sempre que um desejo era uma operação mágica, e se o examinarmos, veremos que ele se compõe do uso da imaginação casada com o apetite e sustentada pela vontade. Penso, portanto, que estou justificado no emprego do termo “Magia Mental, considerando os vários fenômenos resultantes da manifestação do Poder Mental.

Pelo uso do termo “Magia Mental”, significo mais que um simples governo mental das “forças da natureza”. Significo que essas “forças ocultas da natureza” são por si mesmas mentais em caráter e natureza, e que seu governo ou domínio significa simplesmente o uso consciente, governo, domínio e aplicação de certas forças mentais chamadas “ocultas” possuídas pela raça e usadas por todos, quer consciente, quer inconscientemente. O domínio ou governo dessas forças significa que alguém pode aprender habilmente a aplicar aquilo de que todos usam cega e inconscientemente. E como conhecimento e uso inteligente significa sempre Poder e conhecimento dos princípios dessas forças, a consequente aplicação inteligente delas traz poder aos que o possuem.

Conquanto seja verdade que o que se conhece sob o nome de “Magia” esteve sempre misturado com uma massa de credulidade, superstição, formas e cerimônias sem significação, não obstante, o estudante atento verá que essas excrescências e acessórios nasceram necessariamente das superstições da massa do povo e das várias formas de religiões primitivas que a raça adotou com o perpassar dos séculos.

Foram os mágicos quase sempre padres nos antigos tempos, sendo esta a única carreira que lhes estava aberta e lhes permitia levantar a barreira de ritos religiosos primitivos entre a sua sabedoria e a ignorância da raça. O estudante cuidadoso será capaz de descobrir a posse de algo real e verdadeiro que se manifesta sempre entre as formas e cerimônias várias de muitos cultos antigos. Achará que houve sempre um culto esotérico ou interno dentro das massas dos sacerdotes exotéricos ou ignorantes e os sectários dos templos.

Houve sempre a luz da Verdade ardendo no santo dos santos dos templos para todos os que foram suficientemente adiantados para adorar nos seus altares. E entre os anais obscuros dos mistérios antigos que nos vieram da Índia, Egito, Pérsia, Caldeia, Babilônia, Grécia e Roma da antiguidade e outros velhos centros de civilização e cultura, encontramos sempre o princípio fundamental da existência de uma força poderosa relacionada com a mente humana

(ou mais particularmente, a vontade), que foi a base dos mistérios, da magia e dos milagres. No fundo de todas as cerimônias, ritos e encantações estava a ideia esotérica que a vontade era a força real empregada sob o disfarce da encantação e dos ritos destinados a impressionar as imaginações e mentes da plebe. Atrás do amuleto e do encanto estava a ação da vontade da pessoa que os empregava, a qual era levada a efeito pela fé ou imaginação (poder real e não uma fantasia, como creem muitos) do homem que ignora a força real.

Como disse o autor de um artigo sobre este assunto, na Enciclopédia Britânica (embora ignorasse a verdade fundamental encoberta nas simples formas):

“Havendo uma relação evidente entre um objeto e o pensamento dele, torna-se uma das práticas principais do mago negro tentar fazer as coisas pensando nelas.”

E em outro lugar: “O elemento da Magia, não dependendo dos “espíritos”; depende de poderes imaginados e correspondências na natureza, de que os adeptos se aproveitam para descobrirem ocultos conhecimentos e agir no mundo em torno deles por meios que se acham além das capacidades ordinárias dos homens. Assim, por mero esforço da vontade”, etc.

E o estudante que lançar os olhos por baixo da superfície e ler entre as linhas poderá observar os sinais da “Magia Mental” encoberta todas formas de magia, mistérios e espantosos milagres de todos os tempos e povos, sejam quais forem as espécies, caracteres e nomes. Através de todas as máscaras, ele verá a forma deste uso do Poder Mental do homem, sempre o mesmo, apesar dos disfarces e enfeites grotescos e fantásticos. Eu poderia encher páginas com citações de muitos disfarces com que se veste o Poder Mental, mas devo apressar-me no dizer “como” e só posso chamar apressadamente vossa atenção para as muitas provas do uso deste poder em todas as partes do mundo e em todos os tempos. Os antigos mistérios do Egito, da Grécia, etc., foram sistemas de formas e cerimônias que encerravam o uso do Poder Mental. Os doentes eram levados aos templos e deles saíam curados.

As mentes do povo estavam cheias de pensamentos de vitória nelas impressos pela vontade e sugestões dos padres. O que hoje conhecemos como “Sugestões Mentais”, incluindo-se nelas a que chamamos “afirmações” ou “autossugestões”, era conhecido e habilmente empregado pelos padres ou mágicos, a fim de dominar o povo. E não se deve por um momento supor que usaram desta força para fins maus. Pelo contrário, os padres eram as reais classes governamentais, os poderes atrás do trono, tinham a responsabilidade do poder e procuravam pelo conhecimento das forças ocultas da mente levar o povo pelo caminho reto. Sem dúvida, houve sempre homens interesseiros e ouvimos casos sucedidos nos albores da história, em que este poder foi empregado para a maldade e para fins ilícitos, pois que o poder está sempre sujeito a ser mal aplicado. Sabemos que se obtiveram, em todos os tempos, curas de enfermidades pelo poder mental, pois a Cura Mental apresenta, dos primitivos tempos até o presente, uma linha inalterável dissimulada por enfeites fantásticos, mas sempre a mesma em princípio. E o que chamamos “Sugestão Mental”, esteve sempre nas mãos dos dirigentes, que com ela influíam, para o bem ou para o mal, nos seus subordinados. Os grandes guias de homens foram sempre ágeis no emprego do Poder Mental, ainda que muitos deles nunca suspeitassem das fontes de seu poder.

Para muitos é quase um sacrilégio dizer que os superiores empregos do Poder Mental, tais como levar a raça a ideias, fins e aspirações superiores, ao êxito, à felicidade e à saúde, são apenas as formas mais elevadas da mesma força de que usaram os selvagens e repulsivos em seus ritos e práticas bárbaras. Mas é a verdade. O Poder Mental é como qualquer outra grande força natural: está acima do bem e do mal. Não é nem bom nem mau, mas pode ser empregado tanto para bem como para o mal. A mesma verdade se aplica à eletricidade, ao vapor, aos explosivos e a todas as forças naturais. Podemos ter este fato sempre presente e governarmos em conformidade com ele. A mesma força que empregam os “curadores” modernos quando “tratam” os seus pacientes para terem saúde, êxito ou qualquer qualidade desejável, é a que emprega o negro Voodoo, o feiticeiro do Congo, o bruxo de Salem, o “Kahuna” de Hawaíia, que levam as pessoas à doença e à morte, e o curador dos índios americanos, com seus feitiços e encantações, os feiticeiros e encantadores da Idade Média, os práticos de “tratamentos contrários” ou o “magnetismo mental malicioso” dos cultos modernos. A mesma força penetra tudo, de modo que a mesma força vital flui pelos santos e pecadores, o anjo e o demônio, a pomba e a serpente, o cordeiro e o tigre: uma só força natural através de tudo.

E assim como o Poder Mental age por meio das preces do crente de todas as religiões, ante os seus relicários, imagens e objetos sagrados, assim age também pelos fetiches, conjurações, encantamentos, sortilégios, fascinações e adorações demoníacas a que se entregam as mentes ignorantes e depravadas. O segredo é este:

O poder não vem da suposta fonte, mas de dentro da mente do homem que o emprega. E mais admirável para o profano é esta explicação, igualmente verdadeira: O poder mental da pessoa afetada é a causa real do efeito de preferência ao poder mental do suposto causador. Este põe somente em operação o poder mental da pessoa afetada.

Partindo do passado para o tempo presente, vemos em maior uso que nunca este admirável Poder Mental. Não sendo já propriedade de poucos, a informação infiltrou-se entre as massas, através de várias fontes e vemos, de todos os lados, a força em uso.

Muitas vezes, as pessoas que a usam não têm o verdadeiro conhecimento de sua natureza real e assim se envolvem em um abismo de maus efeitos em virtude do emprego egoísta e baixo deste poder. Muitos brincam com esta força como as crianças com uma bomba de dinamite. Um dos fins deste livro é chamar a atenção destas pessoas para a natureza da força que empregam e para os resultados prováveis do mau uso dela. Não que sejam punidos pelo mau uso, mas sim em consequência dele. Os magos negros são irremissivelmente colhidos nas suas próprias redes, ou antes apanhados pelos seus próprios explosivos.

Concluindo esta pequena consideração sobre o assunto, chamo a atenção do estudante para o fato de que hoje, pela primeira vez na história do mundo, o Poder Mental é empregado para desígnios e fins comerciais. Os tratamentos mentais para riqueza e êxito são comumente conhecidos e anunciados; fornecem-se instruções pessoais e por cursos de correspondências no emprego das sugestões para propósitos comerciais; explicam-se, parcialmente ao menos,

suas leis e princípios em livros escritos para instrução dos que vendem ou anunciam mercadorias ou pretendem a proteção do público. Verdade é que uns poucos comerciantes fortes fizeram uso desta força, consciente ou inconscientemente, mas nunca foi ela antes ensinada geralmente como uma parte de educação comercial.

Foi reservado à América o reconhecimento desta força e a sua aplicação franca neste sentido, isto é, na aquisição de dinheiro. E outros países estão tomando apressadamente o mesmo caminho. Em vista deste fato, não é ainda o tempo daqueles que conheceu a natureza real, os princípios e as leis desta força proclamarem ao mundo o seu conhecimento, para que a raça fique ciente daquilo com que trata, possa extrair dele o bem para seu próprio uso, e vendo as possibilidades malélicas de um emprego errôneo, evite mal empregar uma das maiores forças da natureza.

Muitos estudantes do oculto procuraram preservar do público geral um conhecimento dos princípios fundamentais da grande lei da natureza que fundamenta os fenômenos do Poder Mental. Afirmaram eles que é “perigoso” para o povo saber geralmente que tal força existe e pode ser usada. Pretenderam que tal conhecimento devia ser cuidadosamente guardado por poucos e que sua verdadeira existência devia ser negada à maioria. Este modo de pensar poderia ter sua utilidade nos primitivos tempos, em que as massas eram grosseiramente ignorantes e o árduo conhecimento era privilégio da casta dos padres e outros dirigentes dos povos. Mas o argumento já não é aplicável, porque a inteligência geral da raça não permite que se fechem as portas do Templo do Conhecimento e insiste em que todas elas lhes sejam escancaradas. O resultado é que um corpo considerável de conhecimentos ocultos se patenteou ao olhar do público e este ainda exige mais.

Muitos conhecimentos possuídos pelo público sobre o Poder Mental não são mais que meios conhecimentos, meias verdades e chegou o tempo em que toda verdade deve ser revelada. Chegou o tempo em que o povo deve conhecer a grande força em que se baseiam os fenômenos do Poder Mental. Todos devem instruir-se nesta força, em suas leis e operações, em seu uso inteligente e próprio, com ensinamentos destinados a proteger as pessoas do mau uso contra elas feito por outrem. Este é um assunto importante, nestes dias de investigação psíquica, da parte do público e do emprego vil e egoísta que alguns fazem das ocultas forças mentais da Natureza. É muito tarde para negar ou ignorar a existência da poderosa força mental da Natureza, a qual serve de fundamento às várias espécies de fenômenos que vão formar a fase exterior do bom e mau Poder Mental. O povo já presenciou muita coisa desta ordem para ser retido pelo antigo grito: “Tudo, da imaginação”.

Por um lado, assistiu a vários “tratamentos” dos curadores, tendentes a eliminar a moléstia, a produzir o êxito, etc. Por outro lado, ouviu falar de “tratamentos contrários”, etc., ouviu e leu vários cursos de instrução em hipnotismo, mesmerismo, etc., e teve provas dos bons e maus efeitos do que foi chamado “sugestão”, em todas as suas formas. De sorte que começa a verificar terem todas essas coisas, por mais diferentes que pareçam, uma raiz comum em alguma força natural. Ele quer, como o homem de Missouri, que “Ihe seja mostrado”. E tem razões para isso.

A raça conheceu sempre a existência de uma poderosa força da Natureza que o homem, consciente ou inconscientemente, empregou para influir em seu semelhante, nas outras formas de vida e até nas chamadas coisas mortas. Nos tempos antigos, este uso da força foi chamado “magia” (branca ou preta), arte mística, poder divino, milagre, fascinação, necromancia, etc., e em seu emprego baixo e mau, arte negra, bruxaria, feitiçaria, voodooismo, etc. Devemos, pois, lembrar que esta grande força da natureza se presta tanto ao uso baixo como ao elevado.

Como outra qualquer grande força natural, como a eletricidade, o poder dos explosivos, o vapor, os raios X, o rádio, etc., esta grande força pode ser usada pelo homem para os fins mais nobres e benéficos, da mesma forma que para os efeitos mais danosos.

Por mais diferentes que sejam os resultados, a força é sempre a mesma.

As forças da natureza não possuem sentido nenhum do bem ou do mal; sua função e propósito são agir obedecendo às leis de sua natureza, sem respeito ao que toca às questões de bem e de mal, àqueles por quem ou contra quem são empregadas. Isto pode parecer-vos uma coisa terrível, mas um momento de reflexão bastar-vos-á para reconhecerdes que o mesmo acontece com todas as forças naturais e que a questão de recompensa ou castigo pertence a outro plano de vida. Mas, pode-se perguntar, por que desejo eu pôr o público ao fato desta força, a muitos desconhecida, que pode produzir tanto bons como maus resultados? A resposta é simples. A ignorância não é proteção para ninguém, pois o conhecimento é sempre possuído por alguns que podem empregá-lo sobre os ignorantes, sem que estes desconfiem. Quanto maior publicidade a uma coisa se dá e quanto mais é compreendida, tanto mais se obtêm os seus bons efeitos e tanto menos corre o perigo de ser usada impropriamente, pois informar é acautelar. Se uma coisa é boa, quanto maior é a sua publicidade, tanto maior é o seu benefício. Se é má, quanto mais luz se lança sobre ela, menor é o perigo que há nela. O perigo de todos os males está na obscuridade em que se encobrem, não na luz da publicidade. “Fazer luz” foi sempre a senha do progresso e da civilização. E mais particularmente é isto aplicável à primeira década do século XX, na qual o interesse no ocultismo e outros estudos dessa ordem levou o povo ao conhecimento do Poder Mental e seus usos sob vários nomes e teorias. Em muitos casos é empregado sobre pessoas que não se familiarizaram com o assunto, e por isso é tempo de alguém “fazer a luz”, a fim de que possa ser visto e conhecido de todos, no que real mente é uma grande força da Natureza, apta a ser empregada para fins mais altos e mais baixos.

Com esta exposição vai o remédio e proteção contra o uso impróprio, bem como o conhecimento de seus admiráveis usos lícitos. Se é um veneno, aqui está um antídoto. Não é, porém, necessariamente mais veneno que o vapor de um povo que suprimisse o conhecimento de todas as leis naturais, por causa da possibilidade de uso impróprio? A ignorância não é proteção. As verdades e os fatos devem ser seguidos até o fim e descobrir-se-á que, na Natureza, é possível precaver-se por meios naturais contra todas as forças que se possam prestar a empregos nocivos. O que ficou dito é sobre o lado desagradável. Porém, há um lado muito agradável nesse assunto do Poder Mental.

Esta força veio ao homem justamente quando mais necessitava dela. ele tem feito uso das forças mecânicas para remover os obstáculos que a Natureza pôs em seu caminho para desenvolvê-lo em um Homem; presentemente volve sua atenção para mais altas formas de energia e trabalho, procurando novos mundos para conquistar. Esses novos mundos serão conquistados pela mente antes que pelos músculos. Há grandes coisas ante a raça e uma das maiores forças naturais na obra da edificação do Super-Homem é o chamado Poder Mental. Com ela o homem pode vencer as forças da ignorância e do materialismo e atrair para si o conhecimento da Mente Universal que o levará a perfazer o que a outro foi impossível.

Neste livro tratarei do Poder Mental como de outra qualquer força ou energia da Natureza, isto é, de um modo científico, expondo plenamente seus princípios, sem reserva, e apresentando o que eu e outros experimentadores conseguimos aprender ao longo das linhas deste assunto, a respeito dos métodos benéficos ou prejudiciais de aplicações destes princípios.

No caso da aplicação benéfica daremos explicações completas que habilitarão o estudante a se aproveitar da força na sua extensão mais ampla. No caso em que aludimos ao seu mau emprego, instruiremos o estudante no modo de se defender, de evitar e neutralizar a tal força por maneira que será seguramente protegido. É justamente o que eu faria em lições sobre a eletricidade, o vapor e os explosivos. É isto, sem dúvida, o que trato de desenvolver neste livro.

É possível que este curso atraia para mim a crítica adversária dos que creem “que o público não está preparado para receber tal conhecimento” e que “tais coisas deveriam ser reservadas para uns poucos”.

A esses críticos eu diria que não simpatizo com tal atitude, e creio que a raça está aparelhada para receber toda a Verdade, e que aquilo que é próprio para poucos, o é também para muitos. Creio que quanto maior é o grau de conhecimento, tanto maior é o do poder e progresso. Creio que a ignorância não é felicidade, e conservar um homem ignorante de um fato natural a fim de que ele possa escapar aos seus efeitos, é o mesmo que deixá-lo fumar, estando assentado sobre um barril de pólvora, sem falar-lhe do explosivo que encerra; ou, para usar de outra figura, aconselhá-lo a meter sua cabeça na areia, como um avestruz, antes que a olhar um perigo que o ameaça. Não creio em tal sofisma! Não creio da Ignorância! Não creio nas Trevas ! Por isso, tenho por dever: “espalhar a luz !”

CAPÍTULO VI

OS POLOS MENTATIVOS

Seja o que for o Poder Mental em sua natureza final, o certo é que em sua “ação natural” ou fase ativa, parece seguir as mesmas linhas da eletricidade. O Poder Mental, como a eletricidade, tem indubitavelmente dois polos ou fases. Como a eletricidade, ele viaja em correntes. como aquela, age por indução e é vibratório em suas manifestações. E, como as mais altas formas de energia, de natureza superelétrica, possui radioatividade, ou energia radiante, isto é, como outras muitas formas de energia radiante, emite constantemente ondas de energia ativa na forma de “raios”, “vibrações” ou “vagas”.

Provam-no os recentes descobrimentos científicos e, sem esperar muito tempo, o mundo ficará assombrado ante os novos descobrimentos deste fato. Recebemos já vislumbres de “fotografias” mentais ou “radiografias” e havemos de possuir, não levará muito tempo, os “telementômetros”, que registrarão as ondas mentais.

Considero o cérebro como um “transmissor” natural do Poder Mental do Universo, ou talvez como um “convertedor” da força em mentação. Não pode o cérebro criar o Poder Mental; sua função é simplesmente “transformar” ou “converter” a energia existente em fases e formas utilizáveis. Crê a ciência que, em todos os processos cerebrais, há o emprego de uma ordem de energia e a “cremação” da substância. Assim como há uma “queima” constante dos elementos de uma bateria elétrica na produção da Mentação. Ensina-nos a ciência, além disso, que a eletricidade nunca “se cria”; só uma porção da eletricidade universal “se converte” ou se transforma”. Creio que um fato idêntico se deve entender da ação mental no cérebro.

Chegada é a vez de entrarmos a considerar os dois polos mentativos. Neste livro, apoio-me no fato de que há evidentemente dois polos distintos ou fases na manifestação do Poder Mental; Sou forçado a criar mais dois termos para estes polos ou fases, pois que não há presentemente nenhum em uso comum. Chamarei estes dois polos mentativos, respectivamente, “Polo emotivo” e “Polo motivo”. A palavra “motivo” significa: “o que age, quer, move, escolhe, dirige. A palavra “emotivo” significa: “o que manifesta sentimento, emoção, agitação, paixão, sensação”, etc. Estas definições aplicam-se ao meu uso dos termos nestas lições. Podereis fixar ambas estas ideias em relação aos polos mentativos, julgando o polo “motivo” como “vontade” e o polo “emotivo” como “sentimento” O polo emotivo manifesta-se ativamente como força-desejo. O polo motivo manifesta-se ativamente como Vontade-Poder. Estes dois polos desempenham um papel importante na telementação.

Não só o desejo responde à vontade própria da pessoa, mas também ele e a vontade são forças ativas em si mesmas e agem e reagem sobre os pontos do desejo e da vontade dos outros. Teremos várias provas disso à medida que prosseguirmos nas lições. De fato, toda teoria e prática do Poder Mental depende deste princípio fundamental.

Vossa força-desejo intensa, é capaz de despertar a vontade de outra mente e fazê-la corresponder. Pode também produzir vibrações na outra mente, despertando nela desejos semelhantes.

Vossa Vontade-Poder pode despertar desejos na mente de outrem e fazê-la agir em harmonia convosco. Pode também vencer a vontade de outrem e torná-la cativa. Vossa vontade, combinada com o desejo expresso na corrente mental, pode produzir um efeito combinado nas mentes de outros pela indução telemental. Estes dois pontos da mente são ativos e poderosos em seus efeitos. Ambos podem ser postos em atividade intensa, conforme uma lei bem conhecida, como veremos. Consideremos, por um momento o assunto da força-desejo e do Poder-Vontade antes de passarmos adiante.

Aqueles que estudaram os fenômenos. Co Poder Mental aceitaram geralmente a teoria que o efeito sobre outras pessoas era produzido pelo “pensamento” do que o enviou, e todos os ensinamentos sobre o assunto são concordes neste ponto. Também eu caí neste erro e, por muitos anos, falei no poder do “pensamento”, etc. Vim, porém, a modificar minhas opiniões sobre o caso.

Sem dúvida, quem quer que tenha prestado atenção ao assunto, sabe que a transmissão do pensamento é um fato, a telementação uma realidade estabelecida. Há, porém, uma grandíssima diferença entre o poderem “os pensamentos” ser enviados e recebidos como mensagens telegráficas, por uma parte, e o poderem as pessoas ser influenciadas e afetadas e obedecerem ao desejo ou à vontade de outras, por outra parte. Esta diferença é como a que existe entre o pensamento e a ação na vida ordinária. Certa pessoa pode mandar seus pensamentos à outra de modo que esta os receba, mas o que há nisto? Que tem este fato com a ação do fazer e de forçar?

É evidente que a força real deve ser procurada em uma operação muito mais elementar e vital que o pensamento razoado e lógico. Que é o pensamento?

Webster assim o define: “Um exercício da mente em uma de suas formas superiores; reflexão, cogitação.” Seguramente, nada de dinâmico há nisto. De vemos procurar na mente alguma coisa que tenha poder e força mais elementares.

Pensem um momento. Qual é a parte da mente que parece produzir o maior poder e força motora?

Não é principalmente esta região da mente que Produz o que chamamos emoção, sentimentos, desejos, anelos, paixões? Não causa esta parte da mente, em realidade, as maiores ações incentivadas? Não é toda força motora reunida nas duas palavras DESEJO e VONTADE? Pensai nisto por um momento.

Por que fazeis esta e aquela coisa? Será porque pensastes nela com raciocínio lógico, frio e agistes sob o impulso dado por ele? Ou foi porque precisastes de fazê-la, desejastes fazê-la, sentistes-vos a fazê-la? Não é sempre o sentimento ou desejai precede e causa a ação? E não é o pensamento meramente usado como o melhor meio de manifestação do sentimento ou desejo? Pensai nisto. Não é assim? Já fizestes uma coisa (exceto forçado) que não desejais fazer? E não foi o desejo a causa precedente de todas as vossas ações?

O desejo é o grande poder incentivo da mente. O desejo é “o que incita à ação”. Agis sempre de acordo com o desejo mais forte, sujeito sempre à influência coercitiva da razão e à influência impulsora e restringente da vontade. Dir-vos-ei mais sobre esta coisa assombrosa que é a vontade, num momento ou dois, mas tratemos agora do desejo, pois este é o real poder emotivo. Tem o desejo origem nas regiões subconscientes da mente, e muitas vezes podemos senti-lo aqui antes que passe para a consciência, instigando-nos com sentimentos de vago descontentamento e inquietação. Um momento depois, reunindo bastante força, ele aparece no campo da consciência e então começa a exigir expressão.

Lembrai-vos, agora, que, quando eu digo desejo, significo toda sorte de desejo, alto e baixo. Pensa muita gente que por desejo se deve entender um apetite de baixa natureza. Desejo significa simplesmente um sentimento que precisa de alguma coisa e esta coisa pode ser a mais alta aspiração da mente humana.

Agora, este desejo, em toda a sua manifestação, tem um grande poder de atração e influência. Manifesta-se como a Lei de Atração Mentativa, que constantemente atrai para nós as coisas que desejamos e também nos atrai para elas. Isto não só é verdade no plano consciente, mas ainda, o é no subconsciente.

Nossos desejos constituem nossa natureza e esta sempre está pondo em ação o grande poder de Atração mentativa. A perturbação em que caímos, as mais das vezes é devida ao fato de que deixamos espalhar-se e derramar-se a nossa força-desejo, diminuindo assim o seu poder de atração. É só depois que aprendemos o segredo da concentração e centralização da força-desejo pela vontade, que poderemos alcançar resultados acima dos comuns. A vontade é a diretora e governadora da força-desejo e de sua educação e manejo depende o uso sábio desta.

A força-desejo não só tem seus efeitos sobre as pessoas e coisas próximas, mas pode ainda, e muitas vezes isto acontece, influir nos outros, à distância de milhares de léguas. A força-desejo é a que faz possíveis muitas fases do Poder Mental. Concentrada e dirigida pela vontade de uma pessoa, chega a influenciar e afetar outras, quando mesmo estejam na parte oposta do mundo. Além de tudo, é uma força ante a qual os raios X e a eletricidade parecem insignificantes. Move não só as coisas cegas e sem vida, mas também as mentes, pensamentos, emoções, paixões e ações humanas.

É a força que governa o mundo e seus destinos. Como outra grande força natural, pode ser usada para o bem ou para o mal. Não é nem boa, nem má; ou é boa ou má, conforme as mentes em que se gera.

Que fase do esforço mental é mais apta para ser um aforça motiva, o pensamento frio ou sem vida à cerca de uma abstrata proposição metafísica, um problema matemático, ou um vital e ardente “sentimento”, emoção, paixão, amor, ódio, ambição, aspiração, coragem ou desejo? Lembrai-vos que os últimos mencionados pertencem ao lado sentimental da mente e são manifestações de desejo elementar.

O desejo está no fundo de todo sentimento. Antes que possamos amar ou odiar, devemos ter desejo. Antes que possamos ter ambição ou aspiração, devemos ter desejo. O desejo de alguma coisa deve preceder toda ação da vida: desejo consciente ou inconsciente.

O pensamento abstrato é uma, coisa fria, nua, sem calor, sem vitalidade; o desejo, pelo contrário, é cheio de vida, de palpites, de anelos, de necessidade, de apetite; insiste na ação e impele-a para a sua manifestação exterior. O desejo é, de fato, a fase de nossa ação mental, que é uma força motiva.

Não só o desejo incita-nos à ação, move-nos a chegar ao seus fins, mas também, quando suficientemente forte, surge de nossas mentes em grandes ondas e nuvens invisíveis de força e energia sutil e tende para o objeto de sua mais íntima necessidade, afetando, arrastando, atraindo, forçando a causa desejada a submeter-se às suas exigências e pedidos.

Na presença de algum homem ou mulher forte, isto é, na presença de alguém, cujo desejo arde ativa e fortemente, e cuja vontade aprendeu a concentrar a força-desejo, pode a pessoa sentir realmente a impressão do princípio elementar da mente, quando este vibra em grandes ondas no cérebro e no sistema nervoso do tal homem ou mulher.

Quem é que ainda não encontrou uma pessoa que parece ser um desejo e vontade vivos?

A fonte da força-desejo existe em todas as pessoas e pode desenvolver-se a um grau admirável. Os desejos de muitos dentre vós, os da maioria da raça, não vão, de fato, além de um grau fraco de “querer”. Desejam estas as coisas de um modo vago, com timidez. Seu modo de querer nunca põe em ação a força-desejo, que nos traz a coisa ou a ela nos leva. As pessoas, em sua maioria, não sabem como desejar. Não sabem o que é encher-se deste desejo intenso, ardente, veemente, voraz, que nos dá uma nova e poderosa força e nos faz exigir as coisas em vez de simplesmente pedi-las. Assemelham-se aos carneiros, pombos e coelhos que se põem mansamente uns atrás de outros, enquanto os mais fortes da raça, os que sentem o desejo imperioso, caminham e ganham as melhores coisas que têm em vista. E isto fica-lhes bem, porque não exercem a força que a Natureza lhes deu para sua defesa e uso.

Tiveram seu vigor e a virilidade elementares apagados pelo “requinte” de uma fase de civilização, e perderam quase tudo o que torna os homens corajosos e as mulheres naturais. Tornaram-se miseráveis escravos da natureza, em lugar de senhores dela.

As forças da Natureza estão ao dispôr do homem de vigor, determinação e desejo. A este basta-lhe bater à porta do êxito para esta se lhe abrir. Em vez de o fazer, a maioria se assenta na soleira, esperando que a porta lhe seja aberta. Em nome do Poder Humano, amigos, levantai-vos, enchei-vos de desejo poderoso e, então, dirigi-vos para a porta, batei nela corajosamente com vossos punhos cerrados, dizendo: “Abre-te a mim, que sou Senhor !” E a porta abrir-se-á ao vosso mundo.

A vontade tem dois papéis em relação ao desejo. Estes dois papéis podem ser chamados:

1º) o ofício de dirigir, e

2º) o ofício de proteger. A vontade age como despertadora, diretora, restringente, concentradora e manejadora da grande força oculta do desejo. O que realmente se conhece como força de Vontade é, muitas vezes, simplesmente força-desejo fortemente concentrada em um foco pelo poder da vontade.

Lembrai-vos - disso, pois é o que vos fará formar uma ideia melhor do Poder da Vontade. Quando ouvirdes, muitas vezes, falar do Poder da Vontade, seja que for que se lhe atribua, em realidade se atribui à força-desejo governada, dirigida, concentrada pela vontade. O esforço da vontade atua com o fim de dirigir, concentrar, centralizar, etc., e na proporção em que a vontade executa isso, está a força de vontade do indivíduo. A vontade não só pode fazer isso, mas até mesmo dirigir a força-desejo nas mentes de outras pessoas, despertando nelas vibrações, e então, por seu próprio poder, a vontade chega a dirigir a força-desejo de outras, se não são suficientemente fortes em sua defesa para resistirem ao ataque.

A ideia do Poder da Vontade é mais familiar às mentes do povo do que a da força-desejo. Todos reconhecem o maravilhoso poder da vontade e sabem muitos exemplos das grandes realizações de tal poder. Contudo, poucos têm considerado que, se não há um desejo precedente, não pode haver manifestação da vontade. Tanto que uma pessoa deseja, isto é, quer fazer alguma coisa, seu Poder de Vontade se manifesta. Por outra parte, pode uma pessoa desejar fazer alguma coisa; se a vontade não desperta, não se aplica, a ação não se completa. O desejo estimula a vontade, e a vontade pode estimular o desejo. Os dois agem e reagem um, sobre o outro. Trabalham unidos. O indivíduo bem educado os tem sob domínio e os tira juntamente assim como a uma parelha devidamente ensinada.

O Poder da Vontade é mais que unia simples determinação ao ato, suposto essa atitude e ação da mente se manifestem nesse poder. É uma força viva. O Desejo e a Vontade são gêmeos; o Desejo é o irmão e a Vontade é a irmã. Ambos manifestam juntamente o que conhecemos por Mentação Dinâmica. O Poder da Vontade é mais que uma simples faculdade mental: é um atributo poderoso, cuja influência pode estender-se muito além da mente da pessoa que o manifesta. Os maiores fatos dos mágicos ocultos dependem da telementação operada pelo Poder da Vontade educada.

Aqueles a quem chamam “grandes” homens da história, antiga e moderna, tiveram a sua fonte de força neste Poder da Vontade que educaram e desenvolveram a um grau extraordinário.

O exercício da vontade mostra-se em dois modos:

1º) o governo da própria mente, e

2º) o governo das mentes alheias. Se o primeiro não se realiza, o segundo é quase impossível. Deve o homem educar a sua mente de modo que consiga sujeitá-la firmemente à sua vontade, impedindo-a de partir de vagar daqui para ali, em vez de tender aos seus propósitos.

Quando ele consegue tornar sua mente obediente à sua vontade, de modo que possa tê-la firme em um “ponto”, como dizem os Hindus, então está em condições de dirigir com vantagem sua corrente mentativa para os outros. Porém, enquanto a sua mente estiver desorganizada, voando de um lugar para outro, ele não pode ter esperança de concentrar sobre outros a força que gasta em ordenar a própria mente. Quando uma mente é dominada pela vontade, então pode conquistar novo terreno.

A expressão Poder da Vontade é usada geralmente no sentido de manifestação de firmeza ou determinação. A vontade determinada é conhecida como um fator poderoso para a conquista ou realização das coisas. Penso que é bom considerar este fato neste lugar, pois atrás de todas as manifestações exteriores de influência mentativa nas linhas de atividade, assenta a vontade determinada do indivíduo.

Quanto mais for a vontade do indivíduo determinada e firme, mais forte será a influência mentativa emanada dele. Esta afirmação não requer prova, porque sua verdade é evidente a quantos estudarem o homem e seus poderes. Os escritores, em todos os tempos, a reconheceram. Aqui vão algumas citações que tenderão a fixar firmemente a matéria em vossa mente e criar em vós um desejo de manifestar a vontade determinada: a alavanca que dirige e concentra o Poder Mental.

Disse Buxton:

“Quanto mais vivo, mais me convenço de que a grande diferença entre os homens, entre os fracos e poderosos, entre grandes e pequenos, é a energia, a determinação invencível ou uni propósito de uma vez firme, depois do qual só a vitória ou a morte. Esta qualidade fará tudo o que é possível fazer-se no mundo, e nenhum talento, nenhuma circunstância, nenhuma oportunidade fará de um ser bípede um homem, se não a tiver.”

Escreveu Donald G. Mitchell:

“A determinação é o que torna a uni homem manifesto, não uma resolução fraca, não uma determinação crua, não um propósito errante, mas esta vontade forte e infatigável que enfrenta as dificuldades e os perigos como uni jovem enfrenta os gelos do inverno; uma vontade forte que lhe incendeia o olhar e o cérebro, altivamente dirigidos para o inatingível. A vontade faz dos homens gigantes.”

Disraeli disse:

“Por longa meditação cheguei a convencer-me de que uni ser humano com um propósito firme deve cumpri-lo, e de que nada pode resistir a uma vontade que joga até mesmo a sua existência para alcançar os seus fins.”

Sir John Simpson disse:

“Um desejo apaixonado e uma vontade infatigável conseguem fazer coisas impossíveis ou que tais parecem para um túbio ou fraco.”

John Foster disse:

“É admirável como até mesmo as causalidades da vida parecera curvar-se á um espírito, cuja vontade não se lhes dobra e ajuda-o a executar uma emprêsa que, em suas primeiras tentativas, lhe parecia caminhar para o malogro. Quando se reconhece um homem de espírito firme e decisivo, é curioso ver como o espaço se aclara em torno dele e lhe deixa ensejos a liberdade.”

Como vimos, o uso da vontade como projetora de correntes mentativas é a base real de toda indução mentativa sob um nome qualquer em que possa manifestar-se. E a fase da vontade conhecida por telementação é a fornida de resultados que impressionam o observador com maior força. As correntes da vontade de um homem forte ultrapassam os limites de seu cérebro, influenciam povos e coisas, e fazem-nos inclinar aos seus desejos. Muitos homens exerceram, a distância, sua vontade sobre outros, e muito do que se conhece como transmissão de pensamento, telepatia, influência mental, etc., é realmente a obra das correntes mentais no espaço. O que os ocultistas chamaram “formas de pensamento”, etc., são realmente manifestações da energia de vontade. A vontade é uma força viva, que pode ser projetada e operada a distância.

Tem ela a propriedade de reagir sobre outros e penetrá-los com uma essência mental não propriamente deles, a não ser que repilam a invasão ou se fortifiquem contra a agressão. O desejo e a vontade são formas de mentação mais elementares do que o pensamento. eles servem de fundamento ao pensamento. Sem desejo e vontade, não pode haver pensamento. eles precedem sempre o pensamento e se aliam intimamente com a essência do que chamamos “sentimento”. Vivem Muitos quase exclusivamente no plano do sentimento e exercitam pouco o pensamento. A criança sente, deseja e quer antes que possa pensar. O desejo e a vontade são realmente o meio de que o pensamento. Sem desejo e vontade, não pode haver pensamento. Ele precede sempre ao pensamento e se aliam intimamente com a essência do que chamamos “sentimento”. Muitos vivem quase exclusivamente no plano dos sentimentos e exercitam pouco o pensamento. A criança sente, deseja quer antes que possa pensar. O desejo e a vontade são realmente o meio de que o pensamento se desenvolve.

Um escritor moderno me disse: Não há força no universo, exceto a força de vontade”, significando, sem dúvida, a grande força natural de energia chamada vontade, de que o desejo e a vontade no homem são expressões. O desejo é uma força natural, e pode ser usado, manejando, dirigido como outra qualquer força natural. E o que conhecemos como Poder da Vontade é uma fase positiva.. do desejo dirigido. Os Orientais educaram e cultivaram este Poder da Vontade a um grau que parece miraculoso para as mentes ocidentais, e por este Poder da Vontade educada eles realizam os assim chamados “milagres” que confundem os cientistas ocidentais. Mas o Ocidente mesmo tem os seus homens de “Vontade de Ferro”, cuja influência se faz sentir em todos os lados, e cujo poder é plenamente conhecido pelo público. No Oriente estes homens são geralmente eremitas e sábios, ao passo que no Ocidente são geralmente “homens de ação”, “dirigentes”, “reis da indústria”, etc.

O Poder Mental é a essência de toda indução mentativa. Inclui ele a fase positiva chamada vontade como seu polo positivo; qual força impele, compele, empurra, com polo emotivo e que atrai, arrasta, puxa, induz, encanta, fascina, alguma coisa que chamamos desejo.

O Poder Mental manifesta-se nas fases de desejo e vontade, como geralmente usamos dizer, pois ele compõe-se dos elementos de ambos. A vontade, pode dizer-se, representa o lado masculino do Poder Mental, e o desejo o lado feminino. Isto pode auxiliar-vos a fixar em vossa mente os atributos característicos e natureza destas duas fases de energia mentativa, associando-se com a ideia de masculino e feminino.

Desejo que aprendais a pensar na força-desejo como uma energia quente, ardente, ativa, forte, que suporta as manifestações do Poder Mental; e no Poder da vontade como um projetor da energia dominante, fria, sutil, forte, dirigente. Pela fixação destas imagens mentais em vossa mente, podereis manifestar melhor as duas fases quando a ocasião se oferecer.

Além de seu ofício como diretor da energia, desempenha o Poder da Vontade um importante papel como restrigente da força do Desejo.

Quando está sob o domínio do “Eu” da pessoa, e a sugestão da razão e do juízo, pode evitar a expressão indesejável de desejos desordenados. Ela recusa projetar a força de Desejo ou permite que o desejo tome efeito em ação. Por outra parte, obriga o desejo a recuar e recusa deixar que se manifeste. É de máxima importância que o indivíduo adquira domínio sobre a sua vontade, pois, assim fazendo, poderá não só expressar seus desejos com mais força e efeito, mas ainda conter perniciosos desejos, e prevenir a manifestação deles no plano da ação.

Tem ainda a vontade outro ofício importante. Repele a influência ou vibrações de outra mente, e torna imunes os que a possuem us indesejáveis ondas de pensamento. Cria uma aura protetora em torno do indivíduo, a qual faz recuar as ondas de pensamento ou que o tentem alcançar, quer lhe venham lançadas diretamente, quer Inconscientemente, emanadas de outras mentes. Sabiamente empregada, a vontade isola de ataques contrários o polo desejo de qualquer mente e desvia de seu fim as vibrações maléficas. Se for bem educada e fortalecida pode resistir aos ataques mais poderosos das vontades de outros e rechaçará as vibrações que forcarem a sua fortaleza, a fim de a tornarem cativa.

CAPÍTULO VII

DESEJO E VONTADE EM FÁBULA

Aqui introduzo “A Fábula do Poder Mentativo”, escrita por mim, há um ano, em tempo de humor feliz. Minha justificação para escrever esta história e para reproduzi-la aqui, é que ela encerra uma determinada moral e ensina uma verdade importante. Expõe a distinção entre as fases motiva e emotiva da mente e sob sua linguagem se oculta algum bem, uma verdade perfeitamente psicológica.

Peço-vos que a leiais, em conexão com o que eu vos disse dos ofícios da vontade, desejo, imaginação, etc. Ela mostrar-vos-á, em estilo figurativo, a operação dos dois polos do Desejo-Vontade. Mostrar-vos-á como o polo ou fase emotiva, se se deixar sem guarda das faculdades protetoras, será lançado em turbacão, e também como a faculdade protetora pode ser desarmada e subjugada ao desviar sua atenção de sua tarefa. Espero que buscareis a verdade e os princípios em que se baseiam as palavras da fábula. Assim como importantes verdades se podem transmitir em belos contos infantis, também fatos importantes se podem ensinar pela fábula do Par Mentativo aos “crescidos” a quem se destina.

Todos nós, homem ou mulher, temos um Castelo Mentativo habitado por um Par Mentativo: Volos e Emoção. Muitas vezes Volos se retira, deixando a Emoção sem ajuda. O estrangeiro fascinador, as mais das vezes, entra no Castelo Emoção é por ele enganada. Volos, muitas vezes, tendo sua atenção e interesse postos em ágeis planos, se distrai e deixa novamente a Emoção desprotegida. Assim, reconhecendo o valor de Emoção, aprendei a conservar Volos em casa, à, entrada do Castelo, e não deixar que “vague”.

Atendei ao conselho do sábio da fábula. Encerra esta uma lição importante para vós, se quiserdes dar-vos ao trabalho de a procurar.

A Fábula do Par Mentativo

Certo tempo viveram no país de Mentalvania, em um soberbo edifício chamado Castelo Mentativo, um homem e uma mulher por nome “Par Mentativo”. Eles eram felizes enquanto casados. Viviam em harmonia, porque uni ao outro se auxiliavam. Um não era completo sem a presença do outro, nem desempenhava a sua tarefa melhor, a menos que o outro estivesse presente.

Ora, o homem chamava-se “Volos” (que é o mesmo que se dissesse “Vontade”) e a mulher chamava-se “Emoção” (que, na linguagem do país, significava uma como combinação de Emoção, Desejo e Imaginação).

Agora o cronista informa-nos que estas duas pessoas tinham natureza inteiramente diferentes uma da outra, como bem se disse. Volos era austero, inflexível, forte, de natureza positiva; pronto a levar a termo uma coisa começada; cheio de vontade de viver, de “vitalidade”, de determinação e espírito, com uma forte dose de “deixa-me só” e “sai de meu caminho” em sua ação; com um gosto de encontrar dificuldades e vencer obstáculos e um bom grau de hábito de procurar e possuir o que a Emoção quer e necessita, e tendo, além de tudo, unia poderosa porção de respeito próprio e confiança em si mesmo. Ele estava sempre pronto a ser firme, ainda que sua firmeza se não medisse pela obstinação do asno e tinha por nota principal ou tônica a sua Força. Era um bom guerreiro e defensor de seu Castelo.

Mas Emoção era de um tipo, temperamento e caráter diferentes. Ela era mais impressionável, imaginativa, emocional, crédula, caprichosa, cheia de desejos, curiosa, simpática e facilmente persuadida. Volos, pelo contrário, era todo Resolução e Juízo. Emoção era toda. Sensibilidade. Valos era de um caráter forte, mas carecia de certas qualidades que trazem o êxito. Estas possuía-as Emoção e nisto supria a deficiência de Volos.

Tinha Volos que “figurar” todas as coisas, enquanto Emoção possuía intuição e ia a seu termo mais depressa que Volos, que não podia atinar com o processo de sua companheira. Quando ele lhe pedia explicação, disso, ela lhe dizia ligeiramente: “Oh, justamente porque!” Esta resposta provocava, muitas vezes, um discurso profano e irreverente da parte de Volos. Isso não obstante, ele sabia respeitar estes porquês de Emoção e achava que os auxiliariam em seus negócios.

Perdia-se Emoção em sonhos e via coisas muito antes de se realizarem, e Volos procurava pôr estes planos em operação. Ele não podia ver mais além do próprio nariz, ao passo que Emoção via milhas além e anos muito adiante. E além desta faculdade de imagem mental que fora para os negócios de Volos de tão proveitoso o emprego, Emoção também possuía um vivo e ardente desejo para as coisas que ela usava de comunicar a Volos, obrigando-o por esse meio a sair e a fazer coisas que de outro modo nunca chegaria a fazer.

Emoção era como o Fogo e Volos como a Água. A Água chegava a conter o Fogo, mas ao mesmo tempo, o Fogo aquecia a Água e o resultado era o valor da Ação.

E assim, vedes estes dois — este Par Mentativo — formava uma bela sociedade e prosperava muitíssimo.

Mas, ai! o Tentador entrou no Eden — e Estranho Atrativo tomou pelo Caminho do Castelo Mentativo e, tanto que lá chegou, plantou a perturbação. E eis o que aconteceu:

Um dia Volos estava ausente do Castelo, tendo-se entregue a algumas árduas empresas. Por isso, o Castelo achava-se sem vigia. Tinha Volos prevenido isto por algumas instruções dadas a Emoção, nas quais lhe recomendava que tivesse bem fechada a Porta do Castelo enquanto ele estava fora e não se pusesse a olhar em sua ausência, porque nisso havia perigosas e misteriosas ciladas. Tinha Emoção observado, com boa fé, as recomendações de

seu senhor, suposto andasse, como mulher que era, a arder em curiosidades. Muitas vezes, ouvira ela estranhos batidos à porta do Castelo, mas acautelou-se e absteve-se de olhar pelas frestas, ainda que o fizesse a contragosto e torcendo a sua inclinação, pois não via mal no “simples fato de olhar”.

Mas, tornando ao nosso conto este dia particular em que Volos estava ausente de Casa, a curiosidade de Emoção foi maior quando ela sentiu os batidos na Porta. E, infringindo a ordem, aventurou-se a mostrar-se fora. Olhando para baixo, viu um estrangeiro muito atraente, em cujos lábios pousava um sorriso fascinante. Pareceu-lhe ele tão forte como Volos, e ter certo traço de mulher, por acréscimo. ele tinha a Força a que reunia o Encanto, que Emoção reconheceu como parte de sua própria natureza. “Ah! — suspirou Emoção — eis aqui um homem que pode compreender-me”.

O estrangeiro fascinador sorriu-lhe docemente e, pondo seus olhos nos dela, pediu-lhe habilmente que permitisse a sua entrada no palácio.

Não, não! — objetou Emoção. — Não posso deixar entrar porque Volos mo proíbe.

Ah, bela jovem! — insistiu o estrangeiro. — Volos pretende ter toda razão, mas é um velho rotineiro e ficou atrás dos tempos. ele não compreende como eu e tu. Deixa-me entrar.

E, como Mãe Eva, Emoção cedeu ao Engano.

Bem, para encurtar uma longa história, direi que, quando Volos voltou à casa, achou que Emoção havia assinado, por ordem de “Villeveaux Modern Art”, uma bela obra publicada por “De Luxe Bros”, Quinta Avenida, para ser distribuída em 824 partes semanais, ao preço de \$5 cada parte — tendo saído 739 partes, que foram em breve entregues. Tinha Emoção também dado outras ordens para várias mercadorias que deslumbraram a sua Imaginação imprudente e inábil.

Volos chamou pelos deuses nacionais — mas fe-lo á tarde, porque o contrato tinha sido firmado.

Isto, porém, não foi senão o princípio. Volos não compreendeu do que se tratava, e contentou-se com ralar a Emoção, que, à vista disso, se derreteu em lágrimas. Mas o veneno tinha feito a sua obra mortal. Quando Volos se ausentava de casa, o hábito se firmava ali novamente, entrando o Estrangeiro Fascinante dentro do Castelo, todas as vezes que à sua porta ia bater. Certa ocasião, ao recolher-se, achou Volos o Castelo guarnecido, desde os baixos até às torres de observação, de custosas tapeçarias e móveis e vários outros artigos comprados da “Morgansterrit’ss Popular Installment House”, ao preço baixo de \$1.000 e \$100 por semana. Achou ele também que o Castelo tinha sido armado de para-raios, desde o solo às torrinhas, em cada ala, em cada torre e seus anexos; e que as Notas em que estavam impressos os sinais da lei e a pena de sua infração tinham sido trocadas por outras.

Então, Volos jurou pelas barbas de Marte, Deus da Guerra, que tal fato não se repetiria mais — que ele, de então para diante, não se afastaria mais de casa e assim fez. Mas o astuto Estrangeiro conhecia o jogo em todos os seus detalhes, de modo que continuou a sua obra, ainda mesmo que Volos estivesse presente.

Poucos dias depois que Volos determinou ficar em casa, aí chegou um bando de embusteiros, cantando, dançando e fazendo manhas de pelotiqueiros. Sentou-se Volos em uma grande pedra ao lado da porta do Castelo, que estava aberta, e sua atenção foi atraída pelos sons e vistas. Quanto mais depressa giravam os dançarinos, mais forte soavam os tambores, mais suaves tornavam-se os cantos, mais confusas as proezas dos charlatães — até que o pobre Volos se esqueceu de tudo quanto dizia respeito à porta aberta do Castelo, tão embebido ficou nas estranhas vistas, sons, dançasse lanços de prestígios. Então um dos do bando dos saltimbancos (que era aquele mesmo Estrangeiro disfarçado com ornatos de diversas cores), passou por Volos sem ser visto e, em um momento, travou conversa com a impressionante Emoção. Vigiava Volos a multidão, até que esta se moveu dali e, entrando de novo no Castelo e fechando a porta atrás de si, encontrou Emoção banhada em lágrimas pelo fato de temer a vinda de uma tempestade.

Ai de mim, como sou desgraçada! — dizia ela — estou outra vez perturbada, ó Volos, meu soberano senhor! O Estrangeiro Encantador, que passou por vós na porta, recomendou-me uma grande Boneca, que se move por si, automática, e um Cravo com válvula de ar líquido, carbureto de rádio, instrumento este com que posso produzir-vos Vidas as classes de música e, com especialidade, bonitas árias, desde o Gotterdammerung de Wagner, até o muito popular “Beijo vosso Bebé, Adeus !”, ária cheia de ternura, muita expressão, sentimento d’alma, conforme as palavras do Estrangeiro, a quem dei minhas ordens.

— Mariola! — bradou Volos — sou forçado a pronunciar alto o nome da produção de Wagner já mencionada por ti. E pela minha Santa Virgem, até mesmo virás a contar-me logo as palavras da melodia do tempo dos farrapos, justamente citada por teus falsos lábios vermelhos! Irra! Na verdade, fui incomodado novamente por este Estrangeiro Encantador. Não devo mais ter contemplação com estas cenas passageiras de alegrias e assombros, para não ser novamente ornado com orelhas de burro. Ah! Volos é novamente ele mesmo e, à primeira vez que o Estrangeiro Encantador aparecer em cena, dar-lhe-ei nas ancas e na coxa com a minha fiel acha d’armas e meu riso quebrará sua fria carcaça!

Mas, oh! mais uma vez o pobre Volos foi enganado e ludibriado; uma vez mais a pobre Emoção foi fascinada pelo Estrangeiro.

E isto sucedeu do modo seguinte:

No dia de sua última mina, estava Volos sentado em um degrau em frente a porta estreitamente aberta do Castelo.

— Ninguém passará por mim — exclamava. Mas o Fado quis o contrário.

Pois, tanto que Volos se sentou aqui, acercaram-se dele várias pessoas que povoaram os outros degraus da porta, e concitavam a Volos com calorosas e enfadonhas previsões da produção de cereais; a campanha presidencial; a questão japonesa; o suicídio da raça; a nova teologia; a idade de Ana; o problema do resultado final da colisão entre a força irresistível e o corpo imóvel; os canais de Marte; o que fará Roosevelt, quando seu tempo expirar; e muitos outros tópicos importantes, sugestivos e de interesse geral.

Quanto mais agradáveis eram estes visitantes, tanto mais indulgentes eram os sentimentos de Volos.

E ainda que parecessem, no começo, diferir dele, contudo eles, delicadamente, se deixaram pouco a pouco convencer por ele, até que, finalmente, compreenderam que ele era Invencível em Argumento e Invulnerável em Lógica.

— É uma coisa estranha — disse Volos — mas, não obstante, verdadeira, que sempre me acho do lado certo de toda questão.

E sua admiração aumentou quando, afinal, todos o aceitaram.

— Estou verdadeiramente tornando-me um hábil conversador.

E, assim pensando, sentiu-se suavemente adormecer ao sair do rigor intenso das disputas.

As atenções lisonjeiras, a alegria da vitória e a excessiva soma de atenção e interesse mostravam que ele tinha gasto muita força e a natureza humana é limitada mesmo no caso de um Volos truculento. E tanto que ele dormiu, o Estrangeiro Encantador (que era, em carne e osso, o chefe daquela quadrilha de visitantes importunas) meteu-se pelas portas a dentro do palácio e apresentou a Emoção uma escolhida coleção, de minerais dourados (puro ouro, já se vê); uma máquina de voar de correntes; um automóvel de marca “Perigo Amarelo” e um carro de observação com vestíbulo e sala de visitas e força de 5.000 cavalos.

Quando Volos viu o que tinha acontecido, chorou e exclamou amargamente:

— São restos da discórdia, é a morte decerto. Eu sou o Barão E. Z. Mark.

E sobre isto, mandou chamar o Sábio que habitava na próxima baronia.

Veio o Sábio, e depois de ouvir a história, disse:

— Meus filhos, vosso caso é triste, mas importa que seja acomodado sem unia visita às quedas de Sioux e sem levantar-se a questão concernente à pensão. O obstáculo é o seguinte:

“Volos, sem Emoção, não tem desejos ou incentivo para fazer as coisas. Ele não tem necessidades a satisfazer, e, por isso, não faz nada. Ele necessita de Emoção para suprir os desejos. Sem Emoção, Volos não tem sentimentos, é uma mesquinha ostra. Por isso, ele precisa dela para preencher o seu sentimento, pois verdadeiramente o sentimento é uma espécie de vida. Sem Emoção, Volos não tem Imaginação, e não pode ver nada além da ponta de seu nariz. E que é a vida sem Imaginação? Por todos os numes, a pessoa poderia ser bem uma múmia!

“E, por outra parte, Emoção sem Volos, é um fogo de desejos consumidores; uma desenfreada Imaginação; uma Faculdade Intuitiva degenerada na mais baixa superstição, na mais deplorável credulidade, na mais ociosa fantasia. Volos não tem Desejos, Emoção ou Imaginação de si mesmo, ao passo que Emoção não tem Vontade de si mesma.

“Verdadeiramente não se pode ver por tudo que este par necessita muito um do outro? Cada um isolado é incompleto. Unidos, eles se mantêm; separados, caem. A força dos dois está na União.

“E, mais do que isso, cada um, sem o outro, cai como presa nas malhas de algum Fascinador Estranho.

“Vimos como Emoção foi fascinada e dirigida pela vontade do estrangeiro que ganhou acesso no Castelo. Mas vi também (pela minha arte mágica) que, quando Volos se afastou de casa para negócios Importantes, sem ter Emoção ao seu lado para

mostrar-lhe o caminho reto, caiu vítima das ciladas do Desejo e da Imaginação de uma bela estrangeira ao cruzar o rio, e cumpriu as ordens dela e empregou sua vontade para cumprir os desejos dela em vez dos da sua própria Emoção. Na verdade, estas duas entidades se separaram uma da outra, e devem agora unir-se de novo. Verdade é que só terão harmonia quando andarem juntas.

“É este o segredo da mina de Emoção. Sem a vontade de Volos para protegê-la, dirigi-la e aconselhá-la, Emoção deixou correr impetuosamente o Desejo e a Imaginação, como se estivessem desenfreados.

“E assim ela se fez tão impressionável que deixou governar-se pela Vontade de um estranho, que se aproveitou da mesma e de muitas outras ordens por si mesmo escolhidas. Mesmo quando Volos estava assentado à porta, vigiando os jogadores, dançarinos e pelotiqueiros, sua ATENÇÃO estava tão preocupada com o que “via, que o Estrangeiro Encantador passou pela porta e fê-lo como se Volos estivesse ausente de casa. E, por outra parte, quando Volos deixou enredar-se nos discursos da turba de visitantes e empregou a sua Energia e força em argumentos e disputas com ela — e quando ele se mostrou “contente” com a segurança falsa de seus Irmãos unidos da Pedra de Lisonja —ele descurou sua vigilância, deixou-se cansar, ficar sonolento e dormiu, e, aproveitando-se o Estrangeiro do sono de Volos, penetrou outra vez no interior de seu castelo, onde recebeu as ordens de Emoção para aqueles gêneros.

“E este é, pois, o Remédio (como meu sucessor Lawson de Boston dirá nos séculos futuros) — este é o REMÉDIO. Cada pessoa deste Par Mentativo deve ligar-se estreitamente à outra. Volos não deve ter “negócios importantes” além do rio, deixando a Emoção sem um protetor e conselheiro. Emoção, por sua vez, deve unir-se fortemente a Volos e satisfazer a curiosidade, a imaginação, a emoção e o desejo próprios, dispondo o seu companheiro a criar as coisas por meio dela, a fazer as coisas que ela sonha, a alcançar as coisas que ela deseja e expressar aquelas que sentiu.

“Este é o segredo do êxito, caro Par Mentativo: Trabalho mútuo pelo Desejo e pela Vontade, agindo ambos em união e harmonia, com fé um no outro; guardando um ao outro do Estrangeiro Encantador, que os assalta quando separados. Agora, pois, filhos, lançai-vos à laborar!”

Isto dizendo, o Sábio desapareceu da vista.

E a moral desta Fábula do Par Mentativo é esta: A Mente de todos os homens e mulheres é um Castelo Mentativo habitado por Volos e Emoção. E o que aconteceu ao Par na Fábula, pode acontecer, e acontece a muitos em cada dia da vida. A Vontade, afastando-se da casa, e atendendo a outras atrações, deixa o Castelo sem guarda e o Estrangeiro Encantador penetra nele. Por outra parte, a Vontade deixa-se ficar cansada, fatigada e divertida por argumentos inúteis, conversas e cogitações instigadas pelo artificioso e encantador Estrangeiro, e este se insinua pela porta. Em todos os casos, Emoção está ao lado interior da porta, sem proteção e inocente, fiel à sua própria natureza, crédula, imaginativa, fantasista, desejosa e emocional; é admissível que ela “encomende coisas” que não sejam de necessidade para a família? E o Remédio do Sábio, como foi dado ao Par Mentativo, pode ser e será aplicado a todos os homens e mulheres em seu Castelo Mentativo. Esta é, pois, a Moral da Fábula.

E assim terminou a Fábula do Par Mentativo que habitava no Castelo, em Mentalvania, nos velhos dias em que os bravos cavaleiros tinham suas armas e as belas damas os seus caprichos.

CAPÍTULO VIII

PODER MENTAL EM AÇÃO

Consideremos, agora, o assunto do Poder Mental, na fase de seu emprego consciente ou inconsciente, em afetar as mentes alheias. Verdade é que este assunto será considerado detalhadamente no capítulo sobre Magnetismo Pessoal ou Telementação, mas será bom que lancemos o olhar à obra geral deste ponto.

Tocarei aqui nos pontos brevemente e demorar-me-ei neles quando chegarmos a suas respectivas lições.

Consideremos, em primeiro lugar, a matéria da indução mentativa. Como vedes, as correntes de Poder Mental fluem em ondas vibratórias da mente do indivíduo e agem sobre as mentes de outros, consoante as leis de indução mentativa.

Assim elas estabelecem vibrações correspondentes de sentimentos, nas mentes de tais pessoas.

Em outros termos, essas vibrações “induzem” ou estabelecem, pela indução na mente de outros, estados mentais semelhantes aos que existem na mente do mentador.

São estes estados mentais induzidos semelhantes, em qualidade e natureza, aos que se acham na mente de origem. Mas, sem dúvida, eles são menores em grau, porque uma parte da energia original se gastou em muitas direções, e então certa soma de força se perde, conforme o grau de resistência nas mentes receptoras. Consciente ou inconscientemente, se estabelece nas mentes receptoras uma considerável resistências às vibrações, a qual as neutralizará ou repelirá, ou ainda tirará do seu poder. Se, pelo contrário, a mente receptora for, em sua natureza, mais ou menos favorável às vibrações, fará pouca ou nenhuma resistência, e a condição induzida será quase tão forte como o impulso

O éter, ou substância fina que enche o espaço, está constantemente misturado com estas correntes mentativas, de todas as sortes e graus manando das mentes de todas as espécies de pessoas. Estas correntes vêm, sem dúvida, juntar-se com outras e, muitas vezes, se combinam com elas ou se neutralizam. Por exemplo, correntes de uni certo grau ou ordem mental (isto é, de um certo estado mental) quando em contato com outras correntes de vibrações semelhantes, tenderão a incorporar e combinar-se, em virtude de uma união e atração entre elas. Mas, se elas são vibrações opostas, lutarão entre si e agirão no sentido de neutralizar uma força de outra. Se são de forças iguais, perderão ambas o poder; mas se uma é mais forte que a outra, haverá perda sequente na razão inversa de sua força, e a mais fraca sofrerá seguramente esta perda.

Convém saber: a mais fraca terá muna perda dupla tanto como a mais forte, e a mais forte perderá somente metade igual à mais fraca, suposto tenha a mais forte duas vezes a força da mais fraca.

Deste modo se reputa o fato assaz conhecido que povoados, cidades, capitais, etc., têm suas próprias atmosferas pessoais” que afetam aos seus habitantes ou visitantes. Essas “atmosferas pessoais” das cidades nascem da combinação, neutralização, etc., de várias vibrações que procedem das correntes mentais de seus habitantes. Uma parte igual das vibrações produzidas é fortemente sentida por todos que se acham dentro do “campo de indução” da cidade.

Por pouco que considerardes o assunto, compreendereis claramente que se faz menção da corrente das condições mentais manifestadas em todas as cidades, capitais, etc., do mundo.

Cada lugar tem a sua individualidade própria, que faz logo a sua impressão sobre os que constroem nele as suas habitações. Ela é mais do que condições geográficas e atmosféricas, ainda que estas, como sabemos, desempenham a sua parte. O termo médio do estado mental dos habitantes de uma cidade forma a tônica de suas vibrações. As mais fortes afetam uma parte igual e dão ao lugar o tom mental. A melhor prova deste efeito causado pelas vibrações mentais acha-se no fato de duas cidades distantes unia da outra por poucas milhas, tendo cada uma as mesmas condições atmosféricas e geográficas, manifestarão inteiramente atmosferas mentais diferentes. Muitas vezes perguntava: “Se é verdade que o éter se enche de correntes mentativas, por que é que não são mais afetadas do que usualmente?” A resposta é que elas são mais afetadas do que se supõe ao primeiro pensamento, em razão de que as correntes lutam umas com outras e roubam as forças umas das outras. E então, por sua parte, a Natureza concede uma salvaguarda e estabelece poderes adicionais de resistência. Assim como a Natureza protege o sentido da audição daqueles que são cercados de muitos rumores, a ponto tal que deixam de ouvir os tais rumores ou se acostumam a eles, assim como a Natureza age sobre o olfato do químico até que este deixa de sentir os odores que tanto incomodam os estranhos que entram no laboratório: assim a mesma Natureza dá um poder adicional de resistência aos que se colocam no campo ativo de indução mentativa.

Trazendo-se muna pessoa de um lugar quieto para uma cidade ativa, tumultuosa, ela inclina-se a sair dali, ao princípio, com o “espírito do lugar”. Ela, afinal, ou entrará naquela vida predominante com um impulso quase irresistível, ou será repelida dali em virtude do desacordo das correntes mentativas. Em qualquer caso, será, todavia, consciente das vibrações.

Mas, o mesmo homem, passado certo tempo, deixará de ser afetado; resistirá melhor às vibrações e procurará viver em melhor paz e repouso que primeiro, ainda que alterará, sem dúvida, sua natureza mais ou menos em harmonia com o tom prevalecente do lugar. Ele “sentirá” as vibrações, menos, à medida que o tempo corre.

Muitas pessoas desenvolveram seu poder de resistência de maneira que se fizeram quase imunes, ao passo que outras têm um poder de resistência tão diminuto que são levadas daqui para ali por todas as ondas fortes de energia mentativa que as alcançam; elas estão sempre no mesmo campo de indução e dirigidas por suas vibrações.

Esta fase de indução mentativa explica o fenômeno dessas grandes ondas de sentimento que agitam um país, tal como a emoção pelo naufrágio do “Maine”, na baía de Havana.

Deveis estar lembrados da impressão que vos causou a primeira leitura do fato nos jornais da manhã. Experimentastes, depois, um sentimento de algum acontecimento, sentimento misturado com outro de horror e indignação, seguido de um desejo quase irresistível de vos juntardes ao movimento de vingança ao ultraje.

Este último sentimento, perceptivelmente aumentado como uma onda após outra, agitou todo o país com suas correntes mentativas, estabelecendo, por indução, um aumento de sentimento mental. As pessoas velhas lembraram-se de muitas ondas semelhantes que, nos tempos passados, agitaram o país.

Essas coisas são comuns e dão-vos o fio do mistério aparente da ação dos motins compostos de muitos indivíduos que combinam em número e cometem atos que nenhum homem pensaria em perpetrar só ou individualmente. A consciência da multidão é aparentemente uma coisa à parte das consciências individuais das unidades de que se compõe. Depois de um excitamento, passado o dia, muitas das pessoas, senão todas, sentem o peso do horror e admiram-se de sua obra.

A plebe amotinada é um centro ciclônico de correntes mentativas, semelhantes a um torvelinho ou furacão, com um centro ativo e uma circunferência menos ativa.

As grandes ondas de fervor religioso notáveis em comunidades durante o progresso das “reformas” não são consideradas do mesmo modo. Alguns “reformistas” suscitam um redemoinho de sentimentos fervidos e emoção, e esta se espalha em círculo que, por sua vez, se alarga e aumenta. Depois sua força diminui gradualmente e ele acaba por acomodar-se ao estado mental acostumado da comunidade. Tais torvelinhos ou furacões de excitação emocional, avolumados ainda da energia mentativa que lhes é lançada, servem de combustível ao fogo.

Esta força iria sempre crescendo em vigor e volume, se não houvesse uma provisão da Natureza que gera a lei de ascensão e queda; aumento e decrescimento; a lei universal do ritmo que se manifesta assim neste como noutros domínios da mesma natureza. todas as coisas têm sua elevação, seu apogeu e seu declínio.

O mesmo acontece para as ondas gerais de energia mental ou correntes mentativas.

Mas outras fases há que devemos considerar, de fato. Entremos a examiná-las:

Em primeiro lugar há correntes mentativas que nascem de um desejo fortemente concentrado o qual, formando uma imagem mental igualmente forte, por meio da visualização, cria por si mesma um centro de força de desejo, que, dirigida pelo poder da vontade, atrai a si tudo o que a vontade acomodou aos seus planos. Ela constitui por si mesma

um centro mentativo, em torno de sua ideia visualizada e envia constantemente fortes correntes mentativas carregadas com uma força de desejo mais ardente, dirigida e projetada por seu poder de vontade desenvolvido. Assim se opera a grande lei de atração, de que tanto falaram os primeiros escritores. Essas correntes mentativas, carregadas de desejos, espalham-se e põem-se primeiro em movimento rotatório como um torvelinho, correndo circularmente, e atraindo para o seu centro pessoas e coisas que tendam a executar os planos do centro.

O desejo original na mente do homem se reproduz em espécie nas mentes de milhares de pessoas pela lei de indução mentativa e todos vêm dar no mesmo plano, em grau, sem dúvida, dependente do da positividade pelo grau de positividade do mentador. Os grandes planos dos assim chamados “reis da Indústria” se realizam em virtude dessa lei.

Muitos desses grandes centros de força de Desejo, desses homens bem sucedidos, que atraem para si as coisas e pessoas de que necessitam, não são conscientes da natureza da força que têm; mas há, todavia, um número sempre crescente dos que a conhecem e a empregam: “para fins honestos”. Muitos dos principais comerciantes firmes e frios são completamente versados nas leis ocultas. Se os verdadeiros fatos do caso se tornassem públicos, causariam a maior sensação que nunca foi conhecida no país. Há depois ainda outra fase da matéria.

Aludo aos casos de homens (geralmente conscientes, mas algumas vezes inconscientes) que focalizam suas correntes mentativas diretamente sobre alguma pessoa ou pessoas que são necessárias aos seus planos e desejos. Enchem-se de desejos de que tais pessoas façam ou não certa coisa, conforme exige o caso. Esses homens segundo, o seu grau de concentração e poder de vontade, dirigem a outra pessoa ou a outras pessoas fortes correntes mentativas de força de desejo, e, pela indução mentativa, estabelecem vibrações de uma classe correspondente, nas mentes dessas outras, dependendo o grau de efeito produzido, sem dúvida, do grau de negatividade do recipiente. Este efeito se produz de dois modos, conforme a lei de indução mentativa. O primeiro caso é estabelecer vibrações de desejos correspondentes na mente de outra pessoa, de modo que, em troca, a vontade de outrem seja “seduzir” ou “encantar” a vontade alheia em sua submissão ao desejo do que o envia. Isto compreender-se-á, se lembrardes o que eu disse sobre a semelhança do polo-desejo com o feminino e o polo-vontade com o masculino.

Vereis uma ilustração deste caso em todas as fases da influência mentativa. O segundo é forçar alguém pela sua vontade, à vontade de outrem, demonstrando decididamente simpatizar com o seu desejo e chegando a “seduzi-lo” pela simples força e persistência, até que consiga aceder aos seus desejos. A variação disto se vê no caso em que a vontade de outro, e por uma pura superioridade de poder subjuga-a e fá-la cativa e obediente. Este último caso é muito raro, exceto nos casos de entrevistas de duas pessoas, com o auxílio da telementação na entrevista. Notareis que, na fase em que o polo-desejo do mentador age pelas linhas da ação feminina, sendo a natureza da força a de encantar, fascinar, atrair, adular; e em que a vontade é empregada, a ação é decididamente masculina, o ataque feito vigorosamente ante a tentação da força, a subtileza da atração do desejo se ausenta.

Os gigantes na arte da atração mentativa combinam os polos em seus ataques e obras e assim nas palavras de “Tio Remus”: “Conseguem o que querem tanto quanto entram como quando saem, como o faz Brer Fox.”

Há, por outra parte, o uso da indução mentativa, conhecido como “Magnetismo Pessoal” que veremos em outros capítulos deste livro. Nesta fase, o mentador lança suas correntes mentativas, de um modo geral, ou, pelo contrário, concentradas, de uma maneira direta, para o outro, em uma entrevista pessoal. Este é o segredo do que chama “magnetismo pessoal”, e também da extraordinária maneira (para o ignorante) que muitos têm de dominar outros pelo olhar e pela “força da vontade”. O “magnetismo pessoal”, fase de influência pessoal, é a da atividade feminina; e a “força de vontade”, a da atividade masculina.

Há, depois, esta forma de indução mentativa chamada “sugestão mental”, que interpreto nos últimos capítulos. Ainda que a sugestão se refira mais às palavras do que às correntes mentativas, contudo o princípio é o mesmo — o estado mental é “induzido” por palavras ou coisas físicas, que são os resultados dos estados de sentimento e mente, do mesmo modo que o registro fonográfico é o resultado da linguagem original, que se pode produzir, quando o diafragma se acha em contato com ela por meio de uma agulha. E então há mui pouca sugestão mental que não se realiza com as correntes mentativas — mui poucas, de fato.

Encerrando esta lição, desejo aconselhar aos meus leitores que refreiem as manifestações ou sentimentos de algo como receio, de que já falei ao tratar do uso da energia mentativa por outra pessoa.

Lembra-vos que o receio em si mesmo é a influência mais negativa e o estado mental mais fraco até hoje conhecido.

O receio torna negativo ao homem mais positivo. se ele lhe dá entrada. Por mais poderosas que possam ser as correntes mentativas, não há nenhuma que não perca o seu poder e efeito ante o poder da vontade posto em ação pela vossa própria força de desejo. Tendes em vós, sob vossa direção, uma força que vos fará perfeita e absolutamente imune à influência mentativa indesejável de quem possa manejar contra vós.

Foi-nos a Natureza propícia neste sentido: não fez o veneno sem o antídoto, e tanto nesta como noutra fase governa-se por sua lei.

A todos dá os meios de se protegerem e lhes fornece as armas ofensivas com que possam medir-se com os adversários. Como uma verdade de fato, estais constantemente defendendo-vos, ainda que o não saibais. Muito desta obra defensiva se faz nas linhas subscientes, e muito nas conscientes pelo uso de vossa vontade e espírito da individualidade. Em todos os tempos usais do “Não” mental, isto é, se não sois pobres criaturas que têm medo de dizer “Não”, mesmo mentalmente; se sois porém, pobres criaturas, tendes, de fato necessidade deste livro.

Instruirei os estudantes deste livro em diferentes modos, à medida que prosseguir as lições nesta arte de proteção própria. Nenhum dos que estudam este livro chegará a receiar nocivas influências da parte de outros. Tenho em mira fazer-vos senhores de vós mesmos e ensinar-vos a repelir as cadeias de ferro da escravidão mental. Quero fazer-vos fortes indivíduos positivos e não personalidades negativas e fracas.

Não há nada a receiar a não ser o receio mesmo. Assim, quanto mais cedo vos desvencilhardes do medo, mais bem vos fará e mais adiantados vos mostrareis no caminho do domínio.

Ainda que não seja este o lugar para exercícios, com todo desejo que cada qual de vós comece a formar direito uma atitude mental de valor e esforço, o que conseguireis lançando desde já uma corrente mentativa de vibrações desta ordem.

Se assim fizerdes (e eu sei que podeis fazê-lo), então começareis a sentir um aumento de força. Principiareis a verificar que o vosso poder cresce e a ver que outros começam a senti-lo. Principiai hoje, neste momento, a irradiar correntes mentativas de força e poder em todas as direções. Estimulai as correntes sentindo um desejo ardente, forte, intenso, de serdes enérgicos e de irradiardes vibrações de força. Reforçai as correntes aplicando à vontade forte, firme, poderosa e dominante e o resultado aparecerá.

Lembrai-vos bem aqui, primeiro, último e em todos os tempos, que não é esta uma matéria de pensamento, mas de sentimento. Os pensamentos são frios, os sentimentos são quentes, ativos, vitais. Por isso, não deveis pensar simplesmente: “Sou forte”, ou papaguear isto, mas agitar o fundo de vossa natureza até que geralmente sintais que, de fato, sois fortes e possuidores de energia mentativa irradiante.

Temias as coisas, enquanto boas, foram produzidas por este pensamento vivo. Sentimento, desejo, emoção, paixão, apetite, vontade, pedido, são forças que criam Poder.

Assim, pois, não vos enganais com o tal “poder do pensamento” que já vos causou, por certo, enfado o ouvirdes falar dele tantas vezes. Não é simplesmente o poder do pensamento” o que faz a obra, mas “o poder do desejo”, sustentado pela vontade.

Para criardes uma coisa, deveis desejá-la com um desejo ardente, veemente, que não tolero repulsas, sustentado ainda por uma vontade que desconheça as palavras “não posso” ou “não”.

CAPÍTULO IX

MAGNETISMO PESSOAL

Pode ser que a manifestação mais interessante do Poder Mental pelas linhas de telementação e indução mentativa, ao menos para o principiante deste estudo, seja a fase conhecida como “Magnetismo Pessoal”. Podemos começar considerando o uso da palavra “magnetismo” em relação com a influência mental, etc.

Muitas vezes ouvimos falar de “magnetismo pessoal”, “magnetismo mental”, “personalidade magnética”, etc., usados no sentido de atração mental, influência pessoal, fascinação, encanto, influência psicológica, etc. Vejamos como são usados estes termos:

A explicação envolve uma parte interessante conhecida da história oculta. A palavra “magnetismo” deriva sem dúvida, da palavra “magnete”. Temos aqui um trecho interessante de história. Vereis nos dicionários que a palavra “magnete” foi dada ao ímã ou magnete natural pela razão de ter sido primeiro descoberto perto de Magnésia, uma cidade da Asia Menor. Esta explicação é mais divertida para os que se familiarizaram com as recordações das fraternidades ocultas, porque estas sabiam que, em vez do magnete ser mencionado depois da cidade, e cidade foi mencionada depois do magnete; que este foi conhecido muitos séculos antes de ser Magnésia edificada.

Foi o magnete natural conhecido na China, Índia e Pérsia há milhares de anos. Seu nome “magnete” nasce do termo persa “mágica”, a saber, “mag”, que significa o sacerdócio esotérico ou Magos. Deu-se à pedra este nome em virtude da semelhança de seu poder com o dos Magos, assim que foi a pedra chamada literalmente “pedra do mago” ou “pedra mágica”, e daí as palavras “magnete” e “magnetismo”.

Assim vedes que, pelo nosso uso da palavra, viemos a um caso completamente natural.

Um fato interessante (e que nos vai provar que as mentes agem em canais acostumados). Nota-se na circunstância que os fenômenos misteriosos do Magnetismo, etc., observados na Europa e América durante o século passado e, em seguida, vieram a ser chamados naturalmente “Magnetismo Animal”, “Magnetismo Pessoal”, etc. A mente do público relacionou intuitivamente os fenômenos do magnetismo com os do magnete, que se assemelham. E, em nossos dias, falamos de certas pessoas, que são “muito magnéticas”, que “não têm magnetismo”, que têm uma “presença magnética”, etc. E, assim, a história se repete.

O magnete, que foi originalmente chamado “pedra dos magos” ou “pedra mágica”, porque sua força se assemelha à atração mentativa manifestada pelos Magia ou Magos, serve para dar um nome à manifestação idêntica à da força mental desde há muitos séculos. O magnete restituiu aos Magos do vigésimo século o nome que ele tomou dos Magos da antiga

Pérsia. Ele paga o débito. Conquanto a fase do Poder Mental que diz respeito à operação da força sobre as mentes e objetos distantes, seja talvez a mais admirável, contudo esta fase que se chama “Magnetismo Pessoal” é uma das mais importantes e notáveis. Sua frequente ocorrência obriga-nos a examiná-la, mas é a força efetivamente usada por aqueles que a entendem e aqueles contra os quais cumpre que nos guardemos. Consideram todos que alguns indivíduos parecem ter “o obstáculo vencido” em torno deles, e são capazes de levar outros a aceitar o seu modo de, pensar e a fazer o que eles querem. O homem “magnético”, assim chamado, é capaz de governar auditórios e indivíduos pelo seu místico poder e a pessoa, muitas vezes, não pode explicar como é que o fato se deu, quando recorda as palavras faladas, ou as lê em tipos frios no dia seguinte.

O segredo não só jaz no que se disse, ou mesmo no modo como se disse, mas ainda no modo como o alto grau de magnetismo emanou do orador.

Muitas pessoas práticas na venda de mercadorias ao público, na de seguros de vida, etc., adquiriram um grau da arte de usar o magnetismo pessoal, sendo muitas vezes inconscientes da força que empregam. Grande número de empregadores de agentes tem escolas onde os ditos agentes aprendem a psicologia da sugestão, influência pessoal, etc., e mais ou menos de magnetismo pessoal, ainda que com outros rótulos. E, mais do que isso, toda pessoa que fala a outra com certo entusiasmo, manifesta, consciente ou inconscientemente, mais ou menos magnetismo pessoal.

Ainda que esta narração possa provocar contra mim a indisposição daqueles que creem que os fenômenos do “movimento restaurador à antiga” se devem à “obra do Espírito”, não hesito em afirmar que todos os estudantes de psicologia sabem que a maior parte do entusiasmo se deve à excitação emocional produzida pelo magnetismo pessoal que se manifesta nas linhas de corrente mentativas e sugestão. Quem quer que tenha acompanhado o levante dos negros ou assistido às suas reuniões, guarda a memória dos efeitos de uma certa ordem de magnetismo pessoal sobre um tipo certo de mentes emocionais.

E não só esta força se manifesta fortemente no campo da “religião emocional”, mas ainda nos casos plenamente demonstrados de “políticos emocionais”.

Sinta e considere um homem friamente as obras de uma parte de homens das fileiras de alguma facção política durante a campanha. Veja como eles são dominados por apelos emocionantes aos seus preconceitos e espírito de partido. Veja como se deixam enganar por promessas e discursos brilhantes, sem a menor dose de bom senso, até que se fanatizam. Suas emoções são pelos dirigentes e oradores habilmente manejadas e a corrente de magnetismo pessoal e sugestão espalha-se pelo corpo do partido até que o povo, levado a uma ideia fixa, fica dominado por ela. As famílias são divididas por diferenças faccionais e o ódio reina, quando o amor tinha antigamente seu lugar. O. Excitamento torna-se cada vez mais ativo até que se aproxima o último dia da eleição, e o país toca a um paroxismo de excitamento emocional. Então anuncia-se o resultado. No dia imediato todos sofrem de uma reincidência e o país começa a rir-se do sucesso.

Depois que o ferrão da derrota se gastou e o orgulho da vitória se evaporou, acha-se que o país continua a mover-se como sempre — não fica arruinado porque alguns homens foram vencidos, nem dá grandes saltos para diante porque algum outro foi eleito superintendente da cidade ou presidente, como o caso exige. O povo representa sua parte, anos após anos — ele compõe-se da maioria, que é governada pelo excitação emocional antes que pela razão ou inteligência.

E os homens que puxam os cordões mentais, careteam-se mutuamente, quando julgam: “Que loucos são estes mortais !” E preparam-se para puxar os mesmos cordões na próxima ocasião e fazer aos seus prosélitos, a modo de carneiros, dançarem ao som de “Meu partido, com razão ou sem ela, meu partido”.

O espírito que atíça as campanhas políticas e os levantes reformistas é o mesmo. Nosso velho amigo, o magnetismo pessoal, age por meio da força de alguns sentimentos , levada das mentes de alguns poucos para as mentes da maioria, auxiliado e animado ainda em sua sutil influência por sua companheira, a sugestão mental. Ganhando força sob a força do desejo e vontade de cada pessoa que une sua força ao impulso original, a onda aumenta em volume até que, como as avalanches e tomando proporções enormes, varre tudo quanto acha diante de si.

Ouvistes muitas vezes dizer que “o entusiasmo é contagioso”. Admirastes-vos da razão disto? Procurastes saber a razão por que vos alegram mais as, representações teatrais quando a casa está cheia da onda do entusiasmo que eletrizou todo o auditório, do que quando está vazia? Compreendestes a causa incluindo-vos, até que sentistes tudo em um ardor mental.?

Verificastes que o que é conhecido como “psicologia a da multidão”, termo com que se quer significar a influência ganha sobre a multidão, posto que os indivíduos separados de que esta se compõe não puderam ser assim afetados, se deve ao magnetismo pessoal e à sugestão mental que entram a operar e se derramam pelas mentes, pelo desejo e a vontade manifestada nos estados mentais e suas ações físicas associadas?

Há também outro fato a recordar-se, enquanto consideramos o auditório e as multidões.

Aludo ao fato que o orador é afetado pelo magnetismo pessoal do auditório que o influencia, aumentando-lhe o poder e a exuberância das ideias, despertando-lhe novos excitações emocionais. Entram em jogo a ação e a reação contínuas.

É de grande importância que compreendamos as causas das “epidemias mentais”, pois uma vez compreendida a causa, há menos probabilidade de se contrair o seu efeito que é o excitação emocional. Muitas pessoas graves e sensíveis são afetadas por estas ondas de magnetismo pessoal, fazem e dizem coisas que, de outra maneira, não fariam nem diriam. Elas deixaram que o magnetismo pessoal alcançasse a sua mente pelo polo-emotivo, despertando-lhe ideias e desejos que, de outra forma, lhes seriam impossíveis.

Vemos, ou ouvimos, de cidadãos respeitáveis, inclusive os membros de profissões a que chamamos doutos, advogados, doutores, pregadores, juntando-se às multidões e deixando-se arrastar pelo magnetismo pessoal e sugestão dos mais excitados membros delas, e participando nos atos seus, passado um tempo, lhes parecem horríveis pesadelos. A natureza emocional está sempre perto da superfície, na maioria dos homens, e deveria ser guardada das influências que se levantam. O polo-emotivo da mente, o poder da vontade deveria estar pronto a resistir à invasão do polo-emotivo, força de desejo.

Assim é que a vontade neutralizaria o magnetismo pessoal de outrem, que em uma entrevista pessoal procurasse sujeitar as mentes do auditório a suas ideias e, pelos desejos que despertasse, influenciar as suas vontades.

Em todos estes casos de magnetismo pessoal e sugestão mental, tanto nas linhas da influência pessoal, apelos, sugestão sagaz, etc., quanto nos casos de “epidemias mentais”, o efeito é produzido pelo mentador ou suggestionados que obtêm a atenção de outro ou de outros, cuja vontade se acha abatida e cujo polo-emotivo, descuidado em quanto ele verte as suas correntes mentativas, ou sugestões (usualmente ambas) dentro do polo-emotivo de seus ouvintes.

Destarte ele induz neles os desejos, emoções e sentimentos que agem como forças motivas, fazendo que ajam de acordo com os seus desejos e vontade.

A pessoa afetada é incapaz de raciocinar corretamente, ou inteligentemente, porque sua vontade está “como em descanso” e sua razão dominada por seus desejos, emoções e sentimentos, assim induzidos, falta-lhe à vontade o necessário apoio.

A vontade do homem que envia as correntes ou sugestões mentais governa as vontades dos ouvintes e pessoas influenciadas. No caso de “contágio mental” largamente espalhado, a influência se derrama de mente em mente, pelas mesmas linhas e conforme as mesmas leis.

Espero que o que eu disse nestas linhas porá o estudante em condições de resistir a essas correntes e sugestões nos casos acima mencionados.

O remédio está às mãos: é a interposição da vontade, do modo como eu direi à medida que prosseguir. Cobri-vos de uma armadura de poder de vontade que vos servirá de escudo contra as influências desta sorte e a repelirá em seus caminhos. Se a pessoa conhecesse esta lei, faria que essas correntes mentativas de interesse voltassem para aqueles que as emitiram até que viessem a cair no torvelinho das suas correntes próprias. Parece a todos os estudantes da natureza humana que há uma admirável diferença em graus do que chamam “força pessoal” observável nas diferentes pessoas com quem nos relacionamos. Um são “fortes” e outras “fracas”, algumas delas formam vários graus entre esses dois extremos. Esta diferença em “força pessoal” depende do grau de “positividade” ou “negatividade” dinâmica no magnetismo de cada pessoa.

O homem que pode manifestar um grau de Poder Mental pelas linhas da polaridade motiva, ou poder da vontade, torna-se dinamicamente “positivo”. Uso da palavra “positivo” nesta conexão, no sentido da definição de Webster: “que tem o poder de dirigir, agir ou influir”.

Passando para o baixo da escala, por meio de vários graus e números de “positividade”, chegamos ao caso do homem que é quase desprovido deste poder de manifestar Poder Mental e sua condição que chamamos a da “negatividade”. Por “negativo”, como o emprego aqui, entendo: “não-positivo; que não pode dirigir ação ou influência”. Isto suposto, cada pessoa tem seu próprio grau de “positividade” dinâmica. Cada qual é dinamicamente positivo para outros, se é que não tenha alcançado o limite de positividade ou negatividade, o qual não pode ser definitivamente fixado.

Encontram-se duas pessoas. Trava-se uma quieta e silenciosa luta entre suas mentações dinâmicas; a importância do encontro depende da intensidade delas. Contudo, num ou noutro caso, a luta se realiza, usualmente inconsciente. Pode ser momentânea ou prolongar-se muito tempo, mas dessa luta, mais cedo ou mais tarde, deve uma sair vitoriosa, a menos que, como é raramente o caso, tenham graus iguais de positividade. E não deve haver engano sobre o resultado — cada um conhece como o vencedor, ou o vencido, e se acomoda à sua relativa posição.

Não quero dizer com isto que o grau de positividade dinâmica é fixado permanentemente em uma pessoa. Pois o contrário é o caso. Uma das pessoas que é realmente a mais forte pode ser a mais fraca em certa ocasião particular devido à fadiga de sua vontade, como é muitas vezes o caso. E em tal caso o derrotado pode ser o vencedor em um próximo encontro, ou mesmo reunir suas energias em um momento último e pagar na mesma moeda.

Pode um homem ter uma força de vontade, em um momento de atividade, e, contudo, em momentos de passividade, pode relaxá-la demasiado.

E, um fato, contudo, mais importante: Pode uma pessoa aumentar de tal modo seu poder de vontade que, será capaz de, por meio dele, dominar aqueles que a dominavam e eram por ela temidos.

Todos nós conhecemos exemplos desta ordem em nossas experiências pessoais próprias. No extremo polo positivo dinâmico estão os homens admiravelmente fortes que parecem dominar todos aqueles com quem se relacionam. Estes homens paralisam facilmente as vontades daqueles que os rodeiam e induzem estados mentais quase à vontade. Quando em um esforço mentativo, profundo, ardente, eles parecem “introduzir” a sua vontade nas mentes de outras pessoas e tornam-se nisto forças dominantes, tornando cativas as vontades dos outros e conservando-as obedientes à vontade dominante do homem positivo. Tais homens são, sem dúvida, raros e, em qualquer tempo que existam, deixam um forte sinal na história de seus tempos, geral ou local.

Não gosto de citar. Napoleão Bonaparte como um exemplo, porque serviu de ilustrar quase todos. Contudo, a mente voa intuitivamente para ele, ao pensar na vontade dominante.

Napoleão teve uma vontade maravilhosa — uma vontade quase sobre-humana. Esta manifestou-se não só no largo mundo, mas no cúmulo daqueles que estavam em contato com ele. Este homem impôs a sua vontade aos que o cercavam e forçou-os a aceitar os seus desejos.

Dominou a tudo e a todos; seus contemporâneos, mesmo os seus inimigos, testemunharam seu maravilhoso poder pessoal.

Napoleão é um exemplo muito bom deste extremo tipo positivo. Descendo a escala, vemos homens de força pessoal mais forte em todos os passos da vida. Estes homens desempenharam antigamente a parte de guerreiros ou dominadores de remos, mas a importância aumentada da vida comercial nos negócios do mundo produziu e desenvolveu-lhes um novo tipo destes homens positivos que hoje se mostram como “reis de indústria”, figuras proeminentes em “finanças rápidas”, diretores dos grandes “trusts” de seu país e de outros.

Um pouco mais abaixo na escala da força pessoal encontramos homens de poder notável, mas pouco menos fortes que o daqueles mencionados acima. Prosseguindo por meio de vários graus da escala, encontramos homens e mulheres de um poder de vontade médio e depois a maioria dos fracos da raça.

No extremo negativo da escala, encontramos aquelas criaturas impressionáveis, conhecidas dos estudantes de psicologia experimental como “sonâmbulos” ou “impressionáveis”, as quais, tendo apenas recebido uma ordem de um modo autoritário, cumprem-na inteiramente ou se sentem impelidas a cumpri-la.

Há muitas pessoas por quem os fenômenos da sugestão mental extrema podem ser produzidos, estando elas completamente acordadas. Elas sentirão a “queimadura” em suas mãos, feitas pelo vosso dedo, se as sugestões lhe forem bem dadas. Serão incapazes de retirar suas mãos que foram ligadas pela força de vossa sugestão. Há muitas pessoas desta ordem, muitas pessoas mais impressionáveis, as quais serão governadas de um modo ou de outro por aqueles que versam este assunto. Felizmente, este fato é geralmente reconhecido, ainda que casos mais extraordinários são referidos pelas gazetas. Não obstante, vai-se o assunto tornando mais discutido e conhecido, e é ente uma questão de tempo que a lei obrigará a todos a bem reconhecê-lo.

Felizmente, a condição negativa extrema pode, todavia, ser dominada pelo homem que desenvolver sua vontade e aprender os princípios essenciais do assunto. O conhecimento da natureza do assunto diminui a força de seus efeitos, a qual em grande parte depende da ignorância passiva dele.

Instruí diretamente a um homem e ele será capaz de interpôr a sua resistência. Todos têm seu lugar, na escala com possibilidades de aumentar sua posição.

O magnetismo pessoal tem íntima semelhança com o que, antigamente, se chamou com frequência “fascinação mental”. “Fascinação” significa “o ato de fascinar” ou “estado de ser fascinado”. A palavra “fascinar” deriva do latim “fascinare” que significa encantar, enfeitiçar, seduzir pelo olhar ou pela palavra, cativar, atrair, etc. (fascinium, significa encantamento, quebranto, malefício, mau olhado, etc.)

A definição “do termo “fascinar” é como segue: “Agir por algum poder ou influência irresistível; influenciar por um encanto irresistível; reduzir ou excitar; irresistivelmente ou poderosamente; influenciar a imaginação, razão ou vontade de outro, de um modo irresistível; encantar, cativar ou seduzir poderosamente ou irresistivelmente”.

A definição acima se baseia na maioria dos melhores dicionários e apresenta a essência da ideia encerrada na palavra. Nesta obra emprego o termo “Magnetismo Pessoal” no sentido de: A ação do Poder Mental tendendo a influenciar poderosamente a imaginação, desejo ou vontade de outrem. Esta é a definição lata que inclui todos os fenômenos variados.

CAPÍTULO X

EXEMPLOS DE MENTAÇÃO DINÂMICA

A história da mentação dinâmica corre ao lado da história da raça humana, porque ela foi sempre conhecida pelo homem em muitas formas. Vindo de envolta com outras heranças de forma até mais baixa do primeiro homem, foi usada desde o princípio. Suas formas, as mais precoces, foram idênticas ao seu emprego pelos animais inferiores, tais como foram mencionadas no primeiro capítulo. As mentes positivas da raça influenciaram e dominaram as mais negativas. Sem conhecimento desta lei os bárbaros positivos descobriram que possuíam o poder mais forte de induzir estados mentais entre os seus companheiros negativos e foram assim capazes de impôr aos outros a sua vontade. Muitos dos chefes das raças barbaras deveram as suas posições de proeminência e, primazia a esta lei de indução mental. Mas com a supremacia dos diretores da raça manifestou-se outra semelhante em poder e influência: a dos padres.

Todas as raças tiveram seus padres e os têm hoje. Um padre é um homem, cujo ofício é o de mediador entre os homens e suas divindades — um homem que pretende representar as entidades sobrenaturais em suas relações com os homens — um como “mediador” religioso ou espiritual (uso esta expressão com toda a seriedade, sem desejo nenhum de falar levemente da classe sacerdotal, que desempenhou uma parte importante na história da raça). Os padres, não se ocupando com o serviço militar ou agricultura, em virtude de ser a sua manutenção contribuída pelo povo, acharam tempo bastante para “pensar” em um privilégio algo raro (nos primeiros dias e mesmo nestes tempos, para este assunto). Assim é que se levantou gradualmente entre os povos uma casta sacerdotal que possuía a maior parte de inteligência da raça. Esses padres começaram logo a reconhecer a importância do Poder Mental, e estudaram os princípios fundamentais e leis de operação. Deu-lhes isto, sem dúvida, uma influência adicional sobre o povo e um poder sobre ele. Parece não haver dúvida que, mesmo nos primeiros dias da raça, a casta sacerdotal teve um largo conhecimento das leis e práticas da mentação dinâmica.

No centro da Africa, encontramos hoje os homens de Voodoo, ou encantadores, ou médicos, versados na aplicação do Poder Mental. Foi também conhecido este poder entre os primeiros índios americanos, ainda que seus descendentes degenerados parecem ter perdido esse conhecimento, com exceção de poucos exemplos.

O poder sacerdotal entre as raças primitivas baseia-se quase inteiramente sobre algumas formas de mentação dinâmica. Assim como vimos a raça subindo na escala, assim vimos os padres exercendo um conhecimento mais amplo do assunto em questão. Mostra a história das raças orientais que estas possuíram, há milhares de anos, um perfeito conhecimento do Poder Mental. Nas histórias pintadas dos Egípcios, cujos traços aparecem nos seus templos e edifícios em ruínas, vemos que compreenderam perfeitamente esta arte. Na Pérsia e Caldeia antigas, a arte tomou grandes proporções.

De fato, entre todas as raças humanas mais adiantadas achamos um lugar distinto dado a este assunto. Vemos muitos exemplos do uso deste poder entre os Mistérios Antigos e várias cerimônias dos templos das raças primitivas. Atrás dos ritos e cerimônias houve sempre o princípio e sua aplicação. No primeiro usa da força, seu emprego se fez largamente nas linhas de cura.

Não obstante, lemos nas páginas das primeiras histórias muitos exemplos de fascinação mental, pura e simples. Aquilo que se chamou, depois, mesmerismo, hipnotismo, etc., foi muito conhecido pelos antigos e, de fato, muitos dos resultados recordados, que nos vieram do passado, nunca foram igualados pelos modernos mágicos hindus ou “faquires”, nunca foram igualados pelos hipnotizadores do Ocidente.

A história antiga está cheia de exemplos da operação da mentação dinâmica entre o povo dos primeiros dias. Relata-se que Júlio César, quando ainda muito moço, caiu em mãos dos piratas, perto da Ilha de Rhodes, os quais capturaram seu navio e o fizeram prisioneiro. Assim o conservaram por várias semanas, esperando que os seus parentes o viessem resgatar com dinheiro. Escreve Plutarco que, enquanto o jovem César ali estava como cativo dos piratas, exerceu sobre eles certo domínio que pareceu mais senhor que prisioneiro. Quando ele desejava descaçar ou dormir, proibia-lhes que fizessem barulho, e eles obedeciam-lhe sem questionar. César abusou mesmo do poder, punha-os em torno de si como servos, sem que ousassem desobedecer-lhe. Chegou até mesmo a ameaçá-los de morte quando ganhasse sua liberdade, e eles o não perceberam, e depois disto César cumpriu suas ameaças.

Refere-se de Alcebiades, o Atenense, que apostara com outros jovens Atenenses que ele daria um murro em Hipponikos, varão grandemente respeitado e venerável. E não só ele apostou que fazia esta coisa, mas ainda afirmou que o obrigaria, além disso, a dar-lhe sua filha predileta em casamento. No dia seguinte, quando Hipponikos saía de casa, indo-lhe Alcebiades ao encontro, pespegou-lhe um soco. Ofuscado e desorientado, o velho homem recolheu-se à sua casa. Levantou-se um grande rumor público e o mancebo pareceu cair como vítima sob a indignação dos cidadãos.

No outro dia, dirigiu-se Alcebiades à casa de Hipponikos e, fingindo submeter-se ao castigo, conseguiu induzir no velho um sentimento de humor franco e alegre, e obteve seu perdão e boa vontade, e foi esta crescendo de ponto, que se devotou todo ao mancebo e lhe ofereceu a mão de sua filha em casamento, a qual foi aceita.

Quem teve notícia do recordado caráter dos Atenenses, convirá que foi esta uma admirável ocorrência. Foi, sem dúvida, uma pasmosa exibição da Fascinação Mental.

Todos os grandes generais da, história tiveram esta qualidade.

César, Alexandre o Grande, Napoleão, Frederico O Grande e o moderno guerreiro místico General Gordon, todos comandavam seus homens de um modo tão misterioso e admirável, que suas tropas os adoravam como a deuses, e iam de boa vontade e alegres para a morte. Só o exemplo de Napoleão quando voltou de Elba, e encontrou o exército de Bourbon, que se pusera em ordem de batalha para o prender, feira bastante para dar a ideia do superior poder de Fascinação possuído por aquele homem extraordinário.

Estais lembrados de que as tropas se haviam posto em ordem de batalha para atacar Napoleão e já tinham as suas espingardas apontadas para o peito dele, em obediência ao comando: “Apontar armas !” Napoleão, que se achava em pé, avançou deliberadamente para as tropas, com passos medidos, olhando diretamente para seus olhos. Então os oficiais gritaram: “Fogo !” Uma só descarga feira suficiente para matar Napoleão e trazer ao soldado que a dera uma fortuna do rei de Bourbon. Mas nenhum dos soldados obedeceu à ordem, tão completamente estavam sob o encanto da fascinação mental de Napoleão. Em vez deles atirarem, lançaram suas espingardas e, cheios de alegria, correram para o corso, exclamando: “Viva o Imperada!! Seus oficiais fugiram e Napoleão, pondo-se à frente das tropas, marchou sobre Paris. Outras tropas reuniram-se sob o seu estandarte em cada ponto em que ele as encontrou, ainda que tivessem sido mandadas para o prender. Quando ele alcançou as portas de Paris, comandava já um exército numerosíssimo.

A fascinação manifestada por este homem foi um dos exemplos mais notáveis da posse dela de que temos memória. E parece que dura até hoje quase um século depois de sua morte. A simples menção de seu nome causa-nos um formigamento no sangue.

Todos os grandes homens, estadistas, oradores, políticos, etc., têm desenvolvido o poder da Fascinação Mental a uni grau considerável.

Se já vos achastes em contato com um homem desta sorte, lembrareis sempre a impressão que eles vos causou. Todos os homens que conheceram James G. Blaine, recordar-se-ão de seu “Magnetismo Pessoal”, de que tanto se falou no tempo em que vivia.

Quem quer que ouviu o famoso discurso de Wm. J. Bryan, na Convenção de Chicago, em que ele usou da famosa expressão: “Tu não apertarás a coreia de espinhos na frente do operário; tu não crucificareis a Humanidade em uma cruz de ouro”, — não necessita de mais provas da realidade da mentação dinâmica. Bryan passou quase desconhecido à maioria dos delegados e não pensaram em fazer menção dele. Mas seu “Magnetsimo” foi tão grande que ele levou como uma poderosa maré toda a Convenção diante de si, após o que os delegados o carregaram no ombro em torno à sala e o nomearam seu presidente. E, ainda que derrotado duas vezes, este homem exerceu uma poderosa fascinação sobre cem mil de seus compatriícios que vinham por-se em roda de seu estandarte quando os chamava.

Henrique Ward Beecher, numa grande reunião na Inglaterra, manifestou o mesmo poder. Todo o comício declarou-se contra ele e abafou suas palavras com apupos, gritos e outros ruídos. Mas Beecher olhou-os diretamente nos olhos, e gradualmente meteu-os no jugo, e então falou-lhes por duas horas, tomando suavemente a assembleia popular de assalto. Ei-lo agora a fazer um só homem de mil outros hostis a si e determinados a impedi-lo de falar. Mas um só homem ganhou pela sua vontade dinâmica.

Nestes casos não havia só as palavras, mas o Poder Mental atrás das palavras.

Refere Tothergill os seguintes notáveis incidentes na vida de Hugo, bispo de Lincoln, os quais são outra ilustração da fase de mentação dinâmica:

“Nenhuma exibição de heroísmo houve, sem dúvida mais notável do que Hugo, bispo de Lincoln, quando resistiu a Ricardo Coração de Leão, na igreja de Roche dandeli. No prosseguimento da guerra em Normandia, pediu Ricardo mais auxílio dos seus barões, e o bispo recusou enviar mais homens; a sede de Lincoln restringia-se ao serviço militar e o admitia, mas somente dentro dos quatro mares da Bretanha. Ricardo não era um homem de se contrariar facilmente, e Hugo foi citado a comparecer em Normandia.

“Tão agastado ficou o rei contra o par espiritual (Par do reino), que, quando este se apresentou em Normandia, para responder à acusação que se lhe fez, dois barões serviçais foram a ele e fizeram-lhe ver a necessidade urgente de enviar ao rei uma mensagem conciliatória antes de entrar à sua presença. O bispo declinou o conselho. Estava o rei sentado sobre uma pilha, quando o prelado entrou e, apesar do sobrececho do monarca, disse: “Beija-me, meu senhor rei”. O rei voltou-se e afastou a sua face. Hugo sacudiu-o e instou no seu pedido. “Tu não o mereces”, bradou o rei furiosamente. “Mereço-o”, insistiu o prelado, e sacudiu-o mais fortemente. O rei cedeu e deu o beijo; e o bispo passou calmamente a tomar parte no serviço.

“Unia simples indiferença à morte nunca poderia ter produzido tal resultado. Houve algo mais. Além de não ter totalmente receio, o bispo Hugo possuía um poder de vontade de caráter mais extraordinário, de que se recordam vários exemplos. Não só ele encarou o rei e justificou sua recusa ao auxílio de homem na Câmara do Conselho depois disto, mas foi além: repreendeu-o por infidelidade à rainha. O leão foi domado por um momento.

“O rei não conhecia nada, mas refreava suas paixões, observando depois que, “se todos os bispos fossem como meu senhor de Lincoln, nenhum príncipe poderia levantar a cabeça no meio deles”.

Tal é a história contada por Froude. Contudo, Ricardo não era homem que permitisse se tomasse consigo uma liberdade, como se mostra em toda sua história.

Hugo foi um notável exemplo do que pode fazer o poder da vontade, que outra história se relata dele. O rei Henrique Plantagenet fez Hugo bispo de Lincoln: contudo, pouco tempo depois, pedindo-lhe o rei uma cadeira de cônego prebendado para um valido, foi-lhe negada. Tinha já Hugo, uma vez, arrostado a sua ira e, apesar do episódio de Thomas Baecket, ficou o rei horrivelmente contrariado.

Estava Henrique com sua comitiva em Woodstock Park, sentado no chão, procurando reparar a sua luva, quando o bispo se aproximou dele. O rei não fez caso do seu par espiritual. Passado um breve tempo, Hugo, afastando a um conde de seu lugar, tomou assento ao lado do rei. Vigiando o procedimento real, observou:

— “Vossa Alteza me faz lembrar vossos primos em Falaise”.

Era Falaise famosa por suas obras de couro e foi em Falaise que o Duque Roberto encontrou-se com Arlota, filha do curtidor, a mãe de Guilherme o Conquistador.

Esta referência a seus antepassados foi demasiada para o rei, que, na discussão que se seguiu, ficou completamente vencido”.

Podemos duvidar da existência da força sutil do Poder Mental nos citados exemplos?

Consideremos este homem como um real indivíduo de coragem, sem o que ele não fora bem sucedido.

CAPÍTULO XI

INDIVIDUALIDADE DINÂMICA

A fim de ilustrar as qualidades pessoais do homem positivamente dinâmico ao longo das linhas da influência pessoal, continuarei a descrever essas qualidades como existentes em uma pessoa a quem chamarei a Individualidade Dinâmica.

Consideremos este homem como um real indivíduo existente em nosso modo de encará-lo. Deveis procurar imaginá-lo assim, a fim de bem compreenderdes suas qualidades. Ele é um verdadeiro homem positivo, magneticamente um dos exemplos de um negociante forte, vigoroso, em trato e relações constantes com o povo. Vejamos como tal homem age, fala, olha, move e se porta:

Em primeiro lugar, consideremos sua aparência. Pode ser alto ou baixo, escuro ou claro, corpulento ou delgado — estas coisas não se calculam. Mas notai isto: quaisquer que sejam os característicos já mencionados que ele possa ter ou deixar de ter, possui um certo “ar” em torno de si (Uma atmosfera simpática.) que todos podem reconhecer, uma vez que o viram em alguém.

A figura principal à cerca deste “ar” da Individualidade Dinâmica é sua sugestão de confiança própria e valor. Nosso homem parece ter a certeza de um poder interno e força ao seu dispôr. Não um ar violento, de importância pessoal manifestada pelos imitadores vulgares de nosso homem, mas uma consciência calma, moderada, tranquila, de força e confiança própria.

Nosso homem parece sentir que há “alguma coisa em si”, a qual lhe dá uma força e firmeza desconhecidas para a maioria das pessoas. Todo homem desta sorte tem esta consciência íntima, e eu vos direi o que é.

Como eu disse no primeiro capítulo, existe em a Natureza um Princípio - Mental - Dinâmico - Universal. Neste Princípio, cada indivíduo é um Centro de Poder. Este Princípio Dinâmico, em suas manifestações exteriores de um polo de sua energia assemelha-se, pelo menos, com a vontade universal. Isto é, conquanto a sua natureza interna não possa ser conhecida, contudo, no aspecto exterior de um de seus polos de energia, parece-se com a vontade universal em operação por toda parte. Assim, pois, estamos justificados em nosso juízo sobre ele, como Poder de Vontade Universal.

Um homem torna-se mais positivo, em mentação dinâmica, quanto mais se relaciona com a Vontade Universal. A medida que mais se aproxima da Vontade Universal, mais positivo se faz. É um caso de ação e reação. “Para aquele que tem será dado ainda mais”, pertence a este caso. A qualidade da positividade dinâmica atrai-vos à Vontade Universal, e a aproximação à Vontade torna-vos cada vez mais positivos.

Mas há isto a notar-se em relação com essa Verdade. Quando um homem sente o sentido do poder que mana de sua relação mental com a Vontade Universal, e deixa a energia fluir por todo o seu ser e manifestar-se em atos, tem atrás de si um reservatório de poder de vontade inexaurível, que nunca falha.

Todavia, se, em seu conceito nascido de alguma ação bem sucedida, ele começa a pensar que o poder lhe vem de alguma força pessoal, então torna-se “conceituado” e o “orgulho da personalidade” lhe aumenta. Aqui é onde ele comete seu erro.

Por esta vista pessoal do assunto, ela afigura-se muito longe da Vontade Universal e limita sua força a esta porção fechada dentro de sua própria mente, induzida nela pela vontade do universo. Tal homem separa-se da fonte de poder e levanta uma barreira entre si e o suprimento universal. Isto está de acordo com os ensinamentos das grandes escolas do ocultismo, os quais se afinam perfeitamente com as últimas teorias da ciência moderna. Há um grande oceano de Vontade Universal, em que não temos mais que centros de atividade, e se pudermos abrir-nos ao poder e vontade nele contidos, teremos um suprimento inesgotável de poder onde beber.

Paremos um momento para considerar quais as forças que se combinam neste centro mentativo de atividade. Em primeiro lugar, vemos que o aspecto dual do Poder Mental sempre se manifesta. Que aquilo a que chamamos força de Desejo e aquilo a que chamamos Poder de Vontade, aparecem como dois polos mentativos. Conheceis isto muito bem, porque estudastes os capítulos, cujo assunto foi tratado e ilustrado. Mas há um aspecto dele que não mostrei nestes capítulos. Aludo à semelhança das duas fases de Poder Mental, isto é, Força de Desejo e Poder de Vontade, com os fenômenos físicos de magnetismo e eletricidade, respectivamente. A força de Desejo, semelhante ao magnetismo, manifesta-se como poder de arrastar, puxar, atrair; ao passo que o Poder de Vontade, semelhante à eletricidade, manifesta-se como poder de impelir, compelir, guiar. A força de Desejo, como o magnetismo, tende a atrair as coisas para dentro e para si mesma; O Poder de Vontade, pelo contrário, tende a levar as coisas para fora, isto é, a afastá-las de si mesmo.

Esta manifestação dual de energia se vê toda através da Natureza em todas as suas condições e formas variadas. Há sempre uma atração para o centro e uma repulsão para fora do centro (Isto é, uma força que atrai para o centro e outra que a repele dele. Trata-se aqui da força “centrípeta” e da “centrífuga”, forças que não são novidade para o nosso, aliás, modesto conhecimento). Esta lei manifesta-se sobre o plano mental bem como o físico.

Fala-se muito das pessoas magnéticas, que têm o poder de atrair a outras, mas esta é apenas uma fase da operação de mentação dinâmica. Fala-se muito das pessoas “elétricas”. O termo “elétrico” é tão aplicável como o “magnético”. As pessoas “elétricas” são aquelas cujo Poder de Vontade é fortemente desenvolvido e manifestado. Estas pessoas “impelem” a outras e as forçam a fazer as coisas. Elas são os homens e mulheres, de força, de energia e de atividade que ficam atrás das coisas e as impulsionam para diante. Todos os grandes chefes possuem esta fase de energia, a um grau notável. A simples menção do assunto far-vos-á pensar nos exemplos de pessoas possuidoras de “eletricidade” mentativa.

Homens há capazes de obrigar a multidão em torno deles a fazer o que ordenam; capazes de transmitir à massa do povo a sua vontade. Vê-se que estes homens possuem um grande poder, mas poucos deles o sabem. Este poder é inteiramente diferente do da personalidade “magnética”, fascinante, sedutora, atrativa e encantadora, porque, quem o tem pela força pura de caráter e vontade, obriga e compele, em vez de arrastar e atrair. Vereis porque falei destas duas fases como masculina e feminina, respectivamente, quando considerardes seus modos diferentes de manifestação.

Mas enquanto ambas essas formas de poder, o magnético” e o “elétrico”, têm seus pontos fortes e vantagens, sustento que o indivíduo mais altamente desenvolvido deve possuir as duas fases completamente desenvolvidas.

Em suma, em vez de ser simplesmente muito “magnético”, por uma parte, ou muito “elétrico”, por outra, o homem ideal deve ser “electromagnético”. Em outros termos, ele deve ter ambos os lados de sua energia mentativa altamente desenvolvida e em plena operação. Deste modo, ele pode manifestar uma influência combinada que o tornará um verdadeiro gigante de mentação dinâmica — um INDIVÍDUO DINÂMICO.

Eu aconselharia a todos os que desejam tornar-se indivíduos dinâmicos a que cultivassem a imagem mental da Vontade Universal — a que pensassem dela como um grande oceano de Poder de Vontade, em que viveis e vos moveis e tendes o vosso ser (Diria melhor: em que vivemos e nos inovemos e temos o nosso ser.). Senti-vos em relação com ele. Pensai em vossa relação com ele, constantemente, e achareis que vossa mente se irá gradualmente abrindo para, cada vez mais, receber o influxo de seu poder. E quando aprenderdes a conhecer a fonte real do poder, já não vos prejudicareis, fechando-vos ao influxo da Vontade Universal pelas barreiras que elevais de vosso conceito. Quando esta consciência íntima da individualidade dinâmica compreender especialmente sua verdadeira natureza, reagirá sobre os modos e aparências de um homem e fará manifestar-se nele o calmo, sereno e positivo “ar” de poder, vontade e força, que os grandes guias dos homens possuem.

E este “ar” é, em si mesmo, uma poderosa sugestão a outros, pois o mundo aprendeu a associá-la no poder e à habilidade. Assim como o sentimento se manifesta em ação, também a ação exterior tenderá a induzir o sentimento íntimo, como já vos disse. Se procurardes imitar e reproduzir o porte exterior, a maneira, o “ar” e o procedimento deste indivíduo, tereis dado um passo para a indução em vós mesmo de um Estado Mental correspondente. Mas não fiquéis satisfeito com isso, encaminhai-vos para a fonte principal e recebei diretamente da Vontade Universal o vosso poder.

Há, porém, outra coisa à cerca do indivíduo dinâmico que é diferente do Poder de Vontade. A vontade é uma força fria, sutil, poderosa, incolor — é como uma grande força natural, despida de sentimento ou emoção, agindo, não obstante, em resposta ao sentimento ou à emoção.

Qual a outra força que se manifesta fortemente em nosso indivíduo dinâmico? A força do Desejo?

Seja qual for a vontade forte que um homem possa ter, ainda mesmo que ele entre na relação mais íntima com a Vontade Universal, não conseguirá nada, a menos que não possua um desejo desenvolvido.

Deve o homem “desejar” fazer as coisas, antes que as queira fazer. Vejamos o que é esta força do Desejo.

O Poder Mental do Universo parece alguma coisa forte, a qual em si contém toda a força e energia que há na existência. ele não parece ter atributos de personalidade que lhe digam respeito, exceto quando se torna manifestado nas mentes pessoais ou centros de poder. Quando um centro pessoal, ou mente pessoal, se estabelece no universo, então parece saltar como manifestação de um desejo criativo, que sempre solicita expressar-se exteriormente. Esta força de Desejo se vê por toda Natureza, em todas as suas formas, e é inerente em tudo o que chamamos Energia de Vida, isto é, a energia que erige o edifício sobre a forma e o modelo. Ela faz a semente germinar e a planta crescer a célula multiplicar e as mais altas formas desenvolver-se do mais baixo; é a essência da maior Energia de Vida Criativa, sempre manifestada em a Natureza. É essencialmente um princípio feminino e deseja constantemente “originar”, “produzir”, “criar”. Excita a vontade a agir, e nunca se satisfaz, a menos que perfaça a sua obra criadora, mental ou física.

Há pessoas que parecem possuir mui pouco da força de Desejo, exceto no plano físico. Seu plano mental manifesta mui pouco desta força e, conseqüentemente, fazem pouco ou quase nada da obra do mundo, simplesmente sustentam os desejos de outros. Há, porém, umas que têm esta força manifestada mais fortemente que outras. São possuidoras de uma força de Desejo ardente, viva, que as impele a fazer as “coisas”. Isto é, uma força que as enche de desejos veementes, ao longo das linhas de criação, uma força que está sempre exigindo satisfação. Os homens e mulheres fortes do mundo têm esta força de Desejo altamente desenvolvida, e seu esforço para a expressão é o que as faz completar as coisas. Agora, não vos

enganeis. Este desejo não está sempre na direção das “coisas devidas”, mas antes na direção de fazer coisas. Verdade é que quando alguém deseja ao longo da linha de acumulação, a força inclina-se nessa direção; mas pode ser menos nessa direção e, neste caso, a acumulação será um mero incidente do “fazer”.

Nosso indivíduo dinâmico tem grande quantidade de força de desejo dentro em si. Ele “deseja” fazer certas coisas, e quer fazê-las bem. Deseja chegar a certos fins e seu desejo se torna uma força tão ardente, tão acesa, que desperta o desejo em todos os que o cercam, e, ao mesmo tempo, incita a sua própria vontade em ação. Sua força de Desejo combina com sua vontade ..e coisas admiráveis se completam. Quando chegardes ao contato com um homem de desejo intenso, sentireis perfeitamente a força emanar dele. Nosso indivíduo dinâmico aprendeu a concentrar sua força de Desejo. Desejando alguma coisa particular, ele esquece-se das menores e procura atrair para si a coisa almejada com intensa alegria. A vontade lança força, impele e compele, com um grande “impulso”; a força de Desejo atrai, induz, chama para o lado de alguém com irresistível “abalo”. Quando nosso indivíduo dinâmico vos encontrar e desejar que façais alguma coisa, sentireis o “abalo” de sua força de Desejo, puxando, agradando, induzindo, acariciando e atraindo para ele e seus objetos.

Quem desejar fazer “coisas” (Isto é, alcançar ou fazer alguma coisa), deve trazer acesa a chama de seus desejos. Deve continuamente alimentá-la com o óleo da sugestão, e pôr diante dela a câmara escura das imagens mentais da coisa desejada. Se estudardes o homem de desejo forte, vereis que ele atrai para si as coisas que deseja. Ele exerce sobre elas a ação de “puxar” e perfaz tudo o que quer. Seu desejo é fome ou sede, que ele procura, de qualquer modo, satisfazer; e sua habilidade se torna cada vez aguçada pela intensidade dos desejos. Pelo poder de sua força de Desejo, ele arrasta as pessoas após si. Achareis que as pessoas são levadas pelas sugestões e necessidades de um homem de desejo forte. De regra, as pessoas são mais “atraídas” que “impelidas” ou forçadas a uma coisa. A força humana fascinante, sedutora, atraente, encantadora é esta força de Desejo, não Poder Vontade. Sim, digo-vos, outra vez, que o homem de êxito é o que, necessariamente, guarda a chama de seus desejos a arder. De modo contrário, não seria consciente da ação de sua vontade nem despertaria em outros o desejo.

Falei muito do Poder de Vontade e de sua possessão, mas a maioria dos homens não sabe desejar as coisas fortemente. Eles deveriam desejá-las “de um modo enérgico”, pois só assim elas tenderiam a ser alcançadas. Isto é verdade no caso dos desejos tanto bons quanto maus. A lei é a mesma em ambos os casos e opera ao longo da mesma linha, = -retemos consequências desastrosas no tocante à posse de desejos maus, e vimos muitos exemplos da obra maléfica uns sobre outros por força de seus maus desejos. Mas não vos demorastes ainda em considerar o mesmo grau e intensidade dos desejos, quando, postos na direção do justo, completam as mais admiráveis obras do bem? Se puserdes, em vossos planos de conquista e aspiração, o mesmo grau de energia que o mau põe em seus esquemas de gratificação egoísta, chegareis a mover montanhas de dificuldade.

Esta força de Desejo no indivíduo dinâmico é o que nos faz sentir que ele deseja esta coisa e vai tê-la. Conheceréis o sentimento se entrardes em contato com homens fortes. E eles atraem o seu próprio a si pelo exercício desta força elementar da Natureza. Aprendem que, pela atração mental a si mesmos de um suprimento da Energia Universal, podem transformá-la em força de Desejo, bem como em Poder de Vontade. Carrega-se, assim, o polo emotivo como o polo motivo. Ambos tiram da mesma fonte, ambos têm uma fonte constante de suprimento. Ambos podem manifestar um grau admirável desta energia transformada na forma do Poder de Vontade e força de Desejo.

Em nosso indivíduo dinâmico, os dois polos estão completamente carregados e em operação ativa.

Já eu disse bastante da teoria do indivíduo dinâmico. Peço-vos ler o que eu disse sobre ela várias vezes; relede-a bem até que a compreendais perfeitamente. Depois, aconselho-vos a que vos entregueis à obra prática e exercícios calculados, a fim de se desenvolverem em vós as qualidades desse indivíduo. Supondo que considerastes cuidadosamente o que eu disse, peço-vos fazer os seguintes exercícios, etc.:

Exercício I — A fim de verificardes a realidade do enunciado que sois um centro de Poder Mental, deveis primeiramente vir à realização da existência de um Grande Oceano de Poder mental mesmo. Não passeis por isto ligeiramente, porque é o ponto mais importante. Deveis começar a criar uma imagem mental do Universo como um Grande Oceano de Poder Mental, ativo, com vida, força e poder vibrando. Procurai fazer esta imagem mental tão clara que possais “vê-la com os “olhos de vossa mente”, e até que para vós se realize.

Figurai-vos a vós mesmos como só no Universo e rodeado por todos os lados deste mar de energia ou poder, pulsando e vibrando. Vêde que este poder está encerrado neste Oceano e que o Oceano existe em toda parte. Vedai a entrada em vosso campo mental a outras pessoas, coisas ou condições. Imaginai-vos como só no grande Oceano de Poder.

Deveis praticar frequentemente esta pintura, até que possais visualizá-la distintamente.

Isto não significa que a tendes de ver realmente, como vedes esta página impressa; mas que sereis capazes de a sentir realmente. Começareis a compreender o que eu quero significar depois de haverdes praticado um pouco este Grande Oceano de Poder Mental deve tornar-se real para vós e deveis praticar até que ele se torne assim.

A importância do exercício acima pode ser compreendida, quando eu vos disser que vos será impossível manifestar mais que um grau de poder, até que possais certificar-vos que vós mesmos sois um centro real.

Ser-vos-á impossível ver-vos como um centro enquanto não achardes a existência do Oceano deste mesmo Poder. Pois, como podeis julgar-vos um centro de poder, no Oceano de Poder, se não verificastes a existência do mesmo Oceano?

O Oceano Universal de Poder Mental contém dentro em si mesmo o Poder Mental, toda força e energia que há. ele é a fonte de que nascem Vidas as energias. Está cheio de um número infinito de pequenos centros de energia, dos quais sois um. E no grau em que atraídes a força dele, neste a recebereis. Tentai, por todos os modos, visualizar este Grande Oceano de Poder Mental, porque ele é a fonte de toda força de que vos encheis, de toda força que esperais adquirir.

Entrai nesta grande realização, amigos, pois ela é o primeiro passo para o poder.

Exercício II — O segundo exercício, que tenderá a aumentar vossa vibração como uma Fonte de Poder, é como segue: Imaginai-vos claramente como um Centro de Poder no Oceano Mentativo. Ao mesmo tempo que vedes o Oceano em todos os vossos lados (Cercando-vos por todos os lados.), deveis ver-vos como o Centro dele. Não vos atemorizeis com esta ideia, pois ela se baseia na verdade.

Dizem-nos os ensinamentos ocultos mais elevados que o Grande Oceano Mentativo tem o seu centro em toda parte e a sua circunferência em parte nenhuma.

Convém saber que, sendo o espaço infinito, não há nenhum lugar finito nele que seja realmente seu centro e, contudo, por outra parte, todo ponto de atividade pode chamar-se seu centro. Estendendo-se nele infinitamente em todas as direções, sua circunferência não existe. Por onde estais certamente mais que justificados, quando vos considerais como um centro do Oceano de Poder Mental. Todo indivíduo dinâmico é um centro e tem o seu mundo em circulação e revolução em redor de si. Alguns têm um pequeno mundo, outros os têm maiores. Centros há tão poderosos e exaltados, que a mente humana não pode alcançar a importância deles. Mas mesmo o ponto mais diminuto de atividade é um centro. Não hesiteis, mas começai a formar uma imagem de vós mesmos como um centro de poder.

Fazei este exercício até que vos possais sentir claramente como um centro de poder. Deveis aprender a julgar-vos como um ponto focal de força no Grande Oceano de Poder Mental. Assim como a grande massa de eletricidade se manifesta em pequenos pontos de atividade, assim o Poder Mental se expressa em vós, que sois um ponto de atividade dentro dele.

Aconselhando a aperfeiçoar-vos nesta realização, comunico-vos o fato, conhecido pelos ocultistas mais adiantados, que a medida de vossa realização desta poderosa qualidade, será a do poder que possuídes.

Todos os homens fortes de nossos tempos e de todas as idades, tiveram intuitivamente ou instintivamente, esta realização; isto é, ainda que eles não pudessem conhecer a filosofia ou ciência da matéria, tiveram este sentimento do poder do Ego em si mesmos, o que lhes deu a confiança em fazer as coisas, o Poder de Vontade e a força de Desejo para levar por diante as suas empresas. É este sentimento de força inerente que faz os homens fortes e bem sucedidos e positivos. E este sentimento ou realização pode desenvolver-se em uma pessoa, contanto que esta o deseje suficientemente. Pelo exercício de vosso desejo e vontade podeis realizar este poder, e, ao realizá-lo, virá para vós constantemente uma onda sempre crescente de desejo e vontade.

Exercício III — O terceiro exercício consiste na realização da Natureza do Poder. Esta força, energia ou poder que vos está enchendo, e sendo atraída para o vosso centro, consiste na manifestação elétrica de Poder de Vontade e na manifestação magnética de força de Desejo. Constituem estas duas a fase dual de uma força de Poder Mental. E, por isso, podeis começar a realizar que estas qualidades estão dentro de vós, para que possais expressá-las, ganhando, assim, uma adição e aumento de poder que vem para quem sabe expressá-lo. Deveis começar a realizar que tendes uma vontade capaz de se expressar nas coisas, homens e circunstâncias de vosso mundo, e que, de fato, vos tira o puro material daquele de que o mundo está feito.

Tanto que realizardes esta força dual dentro em vós, começareis a expressá-la automaticamente.

O ato de realização faz o mecanismo mental começar a agir suave e efetivamente. Por isso, figurai em vós mesmos esta força dual. Representai-vos produzindo uma influência e ação sobre o mundo que vos cerca. Vede-vos como um poder no país. Vede-vos como uma força atraente, trazendo-vos o que necessitais, quereis e pedis, consciente e inconscientemente.

Figurai-vos um Indivíduo Dinâmico. Sois um indivíduo porque sois um centro de poder. Sois dinâmico porque possuis a Vontade Elétrica e o desejo Magnético — os poios gêmeos do Poder Mental. Levai convosco este pensamento e repeti-o muitas vezes a vós mesmos e achareis nele uma fonte de Poder. Todas as vezes que o disserdes ou o pensardes, sentireis o Poder fluir dentro em vós. Quando vos enfraquecerdes ou necessitardes do Poder adicional, usai esta fórmula do Poder: “EU SOU DINÂMICO”. E quando disserdes ou pensardes isto, figurai-vos representando o significado da frase; daí a importância do conhecimento de sua significação. Não passeis ligeiramente por esta exposição de força tão importante, mas tentai praticá-la realmente e vereis que se acha nela uma bateria.

Os que vos cercam se farão conscientes de um novo sentido de vosso Poder interno. Guardai para vós mesmos esta instrução de força. Não provoqueis o ridículo daqueles que vos cercam, falando-lhes da fonte de vossa força. Não vos apoquenteis com eles. Se eles forem perspicazes, compreenderão isso, sem que alguém lhes diga. Se não forem perspicazes, tudo o que se lhes venha a dizer não os esclarecerá. Tratai de vossa parte, cuidai de vossos próprios negócios e deixai que eles façam o mesmo. Ninguém pode construir sua individualidade a não ser de dentro. Cada um deve alcançar sua própria salvação e subir por seus pés a escada do aperfeiçoamento. Quanto mais cedo chegar o povo a este conhecimento, melhor para ele. A ninguém sirvais de apoio ou poste de encosto. Não vos encosteis a ninguém, nem deixeis que outros se encostem a vós.

Houve muita tolice no dizerem que devíeis viver a vida de outros por eles, ou deixar que eles vivessem a vossa vida por vós. Cada homem ou mulher deve tornar-se um indivíduo por seu próprio trabalho e vida.

Não há uma tal coisa como individualidade de substituição. Não recrieis “afirmar o Eli”, reclamar a herança que vos cabe por justiça e o vosso direito a ser um indivíduo e não um parasita. Não temais desembaraçar-vos das pessoas parasitas que impedem o vosso desenvolvimento individual. Lancem os parasitas as suas raízes na terra como o fizestes; agarrem-se eles ao grande corpo de força e poder em vez de pegarem no corpo mental de alguém. Cesse o seu instrumento de segunda mão e aprendam a tirá-lo da primeira fonte. Este é o único meio; a falta de conhecimento disto é o que tem enchido o mundo de homens fracos em vez de indivíduos. Por isso, pensai bem nestas coisas; conservai-as bem na vossa mente, quando fizerdes o vosso enunciado de força: “SOU DINÂMICO”.

Considerando as qualidades que julgo ter a pessoa em quem a Tentação Dinâmica deve, com probabilidade, ser fortemente desenvolvida, posso mencionar as seguintes:

1º — Bem-estar físico, pois há uma certa força no homem ou na mulher de forte e robusta saúde, a qual deve ser tomada em consideração. Verdade é que muitas pessoas não fisicamente boas, senão doentias, exercem grandes poderes. Apesar de sua falta de saúde, isto se deu, devido, sem dúvida, a uma forte vontade que as levou a dominar até mesmo este obstáculo. Mas tudo, pelo contrário, sendo igual, há um poder na pessoa forte, saudável, vigorosa, que se faz por mesmo sentir.

2º — Crença no Eu Real, pois, sem esta, ninguém manifesta positividade. Crede em vossa própria força e habilidade e chegareis a impressionar outros com a mesma crença. A confiança é contagiosa. Cultivai o “posso e quero”.

3º — Equilíbrio, pois o homem calmo, bem equilibrado, imperturbável, tem uma vantagem enorme sobre os que carecem destas qualidades. O homem que enfrenta Vida e qualquer emergência, sem “se perturbar” revela alguma coisa em si que o faz considerado como um guia natural — ele tem uma das qualidades de positividade. Cultivai este modo calmo de domínio.

4º — Coragem, pois o medo, é a emoção, mais negativa no ser humano. A coragem é a qualidade mais positiva, assim como o receio é a mais negativa. Cultivai o “Ouso e faço!”

5º — Concentração, pois esta centralização reúne, o Poder de Vontade sobre um objeto. Fazei uma só coisa a um tempo e fazei-a com todo o poder que há em vós.

6º — Fixação de propósito, pois deveis aprender a conhecer o que necessitais fazer, e então “meter mãos à obra”, até que fique completo. Cultivai a qualidade de bulldog (Firmeza, persistência.); ela é necessária.

Aos que reconhecem a necessidade das qualidades mencionadas acima e que as não possuem, recomendo o estudo cuidadoso e aplicação determinada dos princípios estabelecidos nos capítulos deste livro, intitulados “Arquitetura Mental”, “Confiança em si mesmo” e “Edificação Mental”, respectivamente.

CAPÍTULO XII

ATMOSFERA MENTAL

Nosso indivíduo dinâmico coloca-se em uma atitude receptivamente para a grande Vontade Universal, e em uma atitude positiva para tudo o mais.

Deste modo, ele torna-se um centro ativo de Força, que se manifesta a todos os que com ele se relacionam. Pode não verificar o que faz e desconhecer a verdade que aqui referimos; contudo sente que “se acha em contato, com algo” que o auxilia e assiste e lhe comunica vigor e força dinâmica. Pode falar de sua “boa” ou “má” estrela ou julgar-se em segredo especialmente favorecido pela Providência (e esta é uma crença secreta da maioria dos homens bem sucedidos), mas permanece o fato que todos os homens positivos e de êxito feliz sentem, apesar de tudo, que alguma coisa os protege. E esta crença toma forma em ação e faz que tais homens manifestem este “ar” de poder calmo, positivo e de notável confiança própria, em todos os casos.

Vereis prontamente, do que eu disse, que as “atmosferas pessoais” das pessoas dependem do caráter de seus estados mentais, e são o resultado das correntes mentais que delas emanam. Toda pessoa tem sua “aura” mentativa própria ou corpo de energia mentativa radiante, que flui dela em todas as direções.

Estas atmosferas mentativas afetam as pessoas com quem se relacionam ou entram em contato os que as têm. Conheceis pessoas que, parece, levam consigo uma atmosfera de “sentimento” que afeta um quarto cheio de homens, ou mesmo um edifício. Esta atmosfera pode ser positiva ou negativa em seus efeitos, isto é, estimular ou reprimir. Todas estas coisas tomam origem do modo que eu já mencionei.

De Raquel, a grande atriz francesa, diziam que, ainda que não fosse bela de face e forma, contudo possuía este indescritível encanto pessoal que fazia com que todos a considerassem como uma formosa mulher, tão grande era o seu encanto fascinador.

Aquilo a que chamam “Magnetismo Pessoal”, como distinto de Força Pessoal, consiste nesta atmosfera mental ou energia mentativa radiante, que induz em todos os que se acham dentro de seu campo um sentimento de emoção ou vibração semelhante. O encanto da “pessoa fascinante” é causado do mesmo modo. É tudo obra de correntes mentativas induzindo sentimentos em outros. O poder chamado “Fascinação”, que foi conhecido em todos os tempos e em todos os países, nasce da mesma causa. Opera-se pelas correntes mentativas fortes, saindo de certa mente e induzindo estados mentais em outros.

A força mentativa que emana de cada indivíduo, cria uma atmosfera mental em torno dele, a qual se estende a distâncias consideráveis de seu corpo, especialmente no caso de indivíduos fortes, cuja atmosfera mental é sentida todas as vezes que entram em um quarto ou lugar público.

Homens cuja personalidade é mais fraca, têm uma atmosfera mental que se estende a pouca distância de seus corpos e que é dificilmente percebida por aqueles com quem se relacionam.

O homem que sente ser um indivíduo dinâmico leva consigo uma aura de atmosfera mental de força positiva, a qual é plenamente sentida pelos que entram em contato com ele.

As pessoas dizem de tal homem que “tem alguma coisa em roda de si” a qual os impressiona, sem ser compreendida.

Ser-vos-à útil dedicar-vos ao estudo da atmosfera mental, pois agora que tendes o segredo do assunto, tirareis dele alguma lição proveitosa.

Não posso descrever-vos muito bem este “ar”, pois se não encontrastes ainda um homem desta sorte, não o compreenderéis. Mas é uma coisa muito diferente do ar de espalhafato, pomposo, arrogante e presunçoso do procedimento manifestado pelos imitadores destes grandes homens. O indivíduo dinâmico não vos fala quanto é grande ou importante; deixa isto para os seus arrededores; ele vos faz sentir sua força pela sua maneira e atmosfera própria, sem vos dizer nada. ele tem “alguma coisa em torno de si”, alguma coisa que o povo admira e considera. E este “algo” vem de sua relação consciente ou inconsciente com a Vontade Universal.

O “pequeno camarada” que pensa que ele é um dos grandes, julga que sua força vem de sua personalidade, e mais cedo ou mais tarde tropeçará por causa de seu erro. Mas os realmente “grandes” de vida conhecem melhor; eles podem ignorá-lo de todo, mas sentem de algum modo que há atrás de si “alguma coisa” de que tiram valor e poder, e, crendo isto, se enchem de coragem e audácia e irradiam sua força para todos os lados. Eles podem falar de sua “feliz estrela” ou “providência especial” ou, por outra parte, julgar-se “especialmente favorecidos de Deus” (como é ultimamente caso de um “grande” financeiro), mas, seja qual for a interpretação especial deste “algo”, o fato é que todos reconhecem sua existência e confiança nela.

E esta convicção ou realização dá aos indivíduos fortes este ar de calma, força e confiança positiva em si, o qual impressiona aqueles com quem eles se relacionam e forma a sua atmosfera mental.

Instruindo-vos na arte de formar para vós mesmos uma atmosfera mental positiva, não posso fazer coisa melhor que vos remeter aos princípios e instar que realizeis que sois um centro dinâmico, de força, na Grande Vontade Universal, tendo o atributo dual: Poder de Vontade e Força de Desejo; em suma, que sois um dínamo vivo.

Se conseguirdes fixar firmemente esta realização em vossa mente, criareis automaticamente para vós mesmos a mais positiva atmosfera mental que será sentida por todos os que se relacionam convosco. Assim, primeiro, último e em todos os tempos, construí esta realização. Dizei-vos: “Eu sou dinâmico”. Pensai, sonhai, fazei isto. E, sem dúvida, sempre realizais o que tudo isto significa.

Sois o canal por onde mana Poder Universal e no grau em que deixardes fluir por vós a corrente, nesse chegareis a manifestar a força. Quando quiserdes manifestar um grau especial de força, deixai que, com letras vívidas, flameje em vossa mente a expressão: “Sou dinâmico”. Quando sentirdes o aproximar de uma pessoa, cuja influência quereis evitar, usai desta afirmação e vereis o efeito que ela fará sobre a outra pessoa.. Ela sentirá a vossa atmosfera mental forte e cessará de vos afetar; mesmo quando não houver necessidade de fazer a dita afirmação de poder, será bom que a deixeis brilhar em vossa mente, porque, assim fazendo, fortificareis a vossa realização e a vossa atmosfera mental refletirá ao vosso estado mental.

Já eu disse o bastante para a atmosfera mental. A medida que prosseguirmos, veremos que o indivíduo dinâmico cria em torno de si, por seus estados mentais, uma atmosfera mental especial, dependendo Isto de sua vontade ou desejo ao mesmo tempo. Não só sua vontade e desejo afetam a outras pessoas diretamente por meio das correntes mentais, mas a indução mentativa é também estabelecida pela atmosfera mental, sem esforço algum de sua parte. Neste lugar, desejo chamar vossa atenção para a importância de manterdes sempre vossa positividade como um meio de adestramento mental.

Não vos torneis negativos a outros, mesmo onde não haja nada a perder; pois, assim fazendo, por este descuido, criais um hábito negativo, que vos causará perturbações a subjugar mais tarde. Se uma pessoa chega à vossa presença e sua personalidade parece provavelmente dominar-vos ou subjugar-vos, interponde, então, e aqui por todos meios, uma resistência mental direta.

Não é necessário manifestardes a mesma em palavras, pois isso far-vos-ia ridículo em muitos casos. Nem é preciso dardes alguma expressão especial ao vosso estado mental.

Olhai simplesmente a pessoa nos olhos, com indiferença, e sem nenhum esforço especial, fazendo, ao mesmo tempo, a afirmação mental: “Eu sou dinâmico!” e achareis que vossa positividade se erguerá à altura da sua, e vosso sentimento de negatividade desaparecerá.

Em casos excepcionais, podereis acrescentar mentalmente: “Sou mais dinâmico do que vós!”

Bem fareis em criar atmosferas mentais especiais a fim de estabelecerdes o hábito e, assim, mais comodamente proteger-vos-eis na mesma ou em condições especiais. Oportunidades de todas as ordens ser-vos-ão apresentadas em todos os dias de vossa vida. O essencial da matéria é cercar-vos com uma aura mental de tal natureza que as pessoas se portarão convosco conforme o vosso desejo.

Alguns exemplos podem dar-vos uma ideia mais clara do que significo. Assim, apresento-vos o seguinte:

Conheço uma jovem, em Chicago, que se queixava constantemente de que o povo a atropelava sempre na rua State (uma das mais frequentadas da grande metrópole ocidental). Disse-me ela que os transeuntes a impeliam para os lados do passeio, acotovelando, apertando e dando-lhe encontrões de um modo bastante desagradável. Pedindo-me que lhe dissesse o que poderia usar para prevenir às pessoas que assim não fizessem, respondi-lhe que não julgava necessário considerar, no caso, separados os indivíduos, mas que devia “tratar” a multidão como um corpo, e proteger-se por meio de uma atmosfera mental. Aconselhei-a, então, a que construísse esta em torno de si, com estes dizeres: “Povo, respeita meus direitos; não é justo que me vexes na rua; nego à multidão o poder de me incomodar.” A jovem seguiu este aviso e, em curto espaço de tempo, construiu em torno de si uma atmosfera mental protetora, que atuou quase magicamente sobre o povo, o qual se afastava, deixando-lhe franca passagem na via.

Pôs-se, então, a transitar calma e serenamente, sem mais incômodos, e a multidão deixava-a só.

Devo acrescentar que a perturbação original nasceu de um desgosto subconsciente da multidão e um extremo receio que ela tinha do povo, resultando disso que seu desgosto atuou quase com medo, a atraiu realmente para a jovem a interferência do povo. A nova atmosfera mental expeliu a velha e deu à jovem, além disso, uma positividade adicional.

Nesta conexão chamo vossa atenção para o fato psicológico notável que o receio atua como uma força atraente, em via negativa. Se desejais muito uma coisa, vós a atraís, e se a receais muito, a atraís da mesma maneira.

Esta contradição aparente embaraçou muitos estudantes do assunto, mas parece-me clara. Penso que a sua explicação é que, em ambos os casos, se opera uma pintura mental viva, e a atração se realiza pela visualização que tende sempre a materializar a imagem mental.

Outro caso de experiência real. Uma outra jovem, também residente em Chicago, queixava-se de que os caixeiros das casas de negócio não a tratavam cortesmente, mas a conservavam esperando, sem prestar-lhe a menor atenção. Em outros termos, a tratavam como um “capacho humano”. Disse-me ela que não teria pensado tanto no caso, se outras mulheres fossem, pelos mesmos, igualmente tratadas; porém, enquanto ela era ignorada, recebiam outras a maior atenção e os caixeiros se atropelavam para as servir.

Disse-lhe eu que ela tinha gradualmente construído em torno de sua pessoa uma atmosfera mental de expectativa — que tinha caído no hábito de esperar tal tratamento, e, por conseguinte, tinha o que esperava. Penso que, no princípio, tinha ela manifestado um estado mental tímido, “humilde”, brando e rasteiro, quando entrava no meio daquela gente, que de algum modo a oprimia.

Então, depois que isto lhe atraiu sobre si o descuido dos caixeiros, que se mostravam muito prontos a limpar seus pés no “capacho humano”, ela se pôs regularmente a esperar o revoltante tratamento. Não era o caso uma questão de vestuário ou algo semelhante, pois a jovem se trajava muito bem — e, no tocante a isso, conheço mulheres que, suposto andem vestidas pobremente, conseguem todavia um bom tratamento, porque elas conhecem as leis mentais que lhes evitam os maus tratos. Foi, pois, este caso simplesmente o de uma atmosfera mental negativa.

Disse-lhe eu que se “fortalecesse” e criasse uma nova atmosfera mental, por meio destes dizeres gerais: “Os caixeiros gostam de mim; atendem-me com prazer; prestam-me toda atenção; fazem isto, porque me estimam, e também insisto nisto como meu direito!”

O encanto agiu em breve tempo, e agora a boa jovem diz que os caixeiros não a tratam muito bem, mas se dão mesmo ao trabalho de chamar a sua atenção para as escolhas desejáveis, ajustes especiais, e tudo o mais desta ordem. A cura foi completa.

Chamo vossa atenção para o acima referido.

Peço-vos notar que a primeira parte do caso foi operada pela Força do Desejo e a outra pelo Poder de Vontade. O caso da jovem mencionada primeiro (a que se opôs à multidão da rua), deu-se pelas linhas do Poder de Vontade.

Peço aos estudantes que examinem cada um dos ditos casos, pois só fazendo assim poderão aplicar os princípios nos casos que se lhes ofereceram e nos próprios.

Certa ocasião aconselhei uma jovem, que lastimava a sua impopularidade, dizendo-me que “ninguém a amava”, etc., a que seguisse igual método.

Criou ela uma atmosfera mental nova em torno de sua pessoa, por meio da afirmação geral: “O povo gosta de mim; acha-me atrativa; ama-me e apraz-se de estar em minha companhia.” Passado certo tempo, referiu-me ela que, de flor desprezada, se fizera favorita e só lhe faltava acomodar-se às condições novas, pois sentia ainda uma qualquer coisa embaraçosa de “gostos” e “amores”. Foi este, pura e simplesmente, o caso de força de Desejo.

Imaginai, agora, por um momento, que, nos casos acima e em centenas de outros de mim conhecidos pessoalmente, o resultado desejado se obtém meramente pela repetição papagueada ou a modo de um, fonógrafo, das palavras da fórmula. Estas recitações do poder de simples palavras e todo o resto de tais parlandas cansaram-me de fato. Desde que travei conhecimento com certas pessoas que se consideram no “Novo Pensamento”, vi e ouvi tão grandes absurdos, que me não apraz usar as palavras “representação” ou “afirmação”.

Imaginou esta gente que, por mera repetição de palavras, operariam milagres. Ora essa! Que desatino!

Faz-me lembrar certos chineses ou outros povos que escrevem longas preces em tiras de papel e as deixam flutuar à brisa, esperando que os deuses aceitem suas súplicas, enquanto os suplicantes se põem a folgar em outros lugares.

Algumas vezes prendem às tais súplicas pequenos guizos para atrair a atenção dos deuses. Fixam outras vezes as preces em uma roda movida pela água e, a cada volta desta, pedem um favor para eles.

Que orações baratas! Oh, não riais, pois muitos de vós agiram como loucos. Fizestes vossas representações e afirmações no mesmo espírito e agora sentis desapontamento, porque “nada aconteceu”. Sem dúvida, nada aconteceu; como poderia ser de outro modo?

Eu disse centenas de vezes e agora repito — que as palavras por si nada valem; a virtude real jaz no sentimento atrás das palavras. Se não há sentimento, não há resultado. Para alcançarmos os resultados, devemos erigir o vigamento das palavras e construir em torno dele a estrutura do sentimento e expectativa e visualização. Este é o meio para chegar ao fim.

As palavras são meramente o esqueleto; a carne e o sangue são os sentimentos e visualizações materiais.

As jovens atrás mencionadas, que apresentei como “casos típicos” para ilustrar o princípio — não ficaram contentes com as palavras, porque não deixei que o ficassem. Prevenindo-o, instei com elas que usassem os próprios exercícios mentais e métodos que foram os autores da obra. E agora dou-vos a mesma instrução e direções que lhes dei — aplicai-as aos vossos próprios casos e sereis provavelmente bem sucedidos.

O essencial do processo de criar a atmosfera mental baseia-se no que chamei “visualização”.

Visualização é simplesmente a criação de uma imagem mental forte da coisa desejada, aperfeiçoando-se cada dia até que se torne tão clara como uma coisa material existente. A visualização tende, pois, a materializar-se, convém saber, começa a construir-se em torno de suas condições materiais puras correspondentes ao vigamento mental. O corpo de palavras é o modelo em torno do qual se forma a imagem mental. E a imagem mental é o esqueleto em torno do qual se constroem as verdadeiras condições materiais.

A jovem mencionada acima fez sua imagem mental da rua estreita em que a multidão se apinhava, e a multidão sentiu-a inconscientemente e se reuniu em torno dela. Assim, no caso da jovem no departamento povoado e outros mencionados. A imagem mental manifesta-se como uma atmosfera mental e materializa-se gradualmente.

A coisa a fazer na visualização é trazer a imaginação positiva a ver e sentir a coisa como realmente existente. Então, por unia constante prática e meditação, a atmosfera mental torna-se formada, e o resto é tudo questão de tempo.

Vede-vos a vós mesmos como desejais ver-vos. Vede as condições que desejais que existam. Pensai nelas, sonhai e agi com elas.

E a materialização far-se-á após a visualização, do mesmo modo que esta se formou depois da fórmula.

Nesta conexão, todavia, devo chamar vossa atenção para o fato de que os graus de receptividade das pessoas para as vossas atmosferas mentais e imagens mentais dependem inteiramente do grau de positividade, respondendo-nos somente no grau em que respondem a outras influências a que os fracos se sujeitam, tanto nesta quanto noutras fases do fenômeno. Mas não deixeis que a causa venha de vossa parte.

Podeis fazer-vos positivos: tendes instruções para isso, e agora fazei o resto.

Poderia eu escrever um livro todo a respeito da visualização na fase da formação das atmosferas mentais; mas que utilidade teria? Dei-vos aqui os princípios fundamentais e alguns exemplos ilustrativos; deveis fazer o resto por vós mesmos.

Se lestes cuidadosamente este livro por entre as linhas, tão bem como pelas mesmas linhas, compreendestes os pequenos detalhes que escapam àqueles que não fizeram o nada mais. Penso que vós, os cuidadosos estudantes, compreendereis muito bem o que eu quero significar. Se assim não for, não poderei auxiliar-vos até que alcanceis uma outra compreensão desenvolvida.

Acho conveniente que leiais várias vezes este livro. todas as vezes que o relerdes, achareis alguma novidade a acrescentar ao vosso conhecimento, e em cada leitura descobrireis muitos significados ocultos que só agora se vos fizeram claros.

O homem que desejar ser bem sucedido no trato com seus semelhantes, deve cercar-se de uma atmosfera mental positiva. Deve criar uma atmosfera de confiança própria e positiva que suplantar a negatividade daqueles com quem viver em contato.

Esta atmosfera mental positiva é aquela influência sutil que emana dos negociantes fortes e que afeta, influencia e domina o povo em um grau maior do que a onda de termos que muitos afetam crer ser a chave do sucesso feliz. Quando entrardes em relação com uma pessoa que tem uma atmosfera desta ordem, sereis, consciente ou inconscientemente, afetados por ela. E se notais este efeito sobre vós, no caso de outras pessoas, por que não procurareis alcançar vós mesmos este poder? Por que vos não tornais positivos em vez de negativos?

As direções e exercícios dados neste capítulo, secundados pela instrução dada em outros capítulos deste livro, habilitar-vos-ão a formar em torno de vós uma atmosfera mental mais positiva que vos dará força.

Depende, porém, tudo isso de vós mesmos. Deveis exercitar vossa vontade e desejo, tal como um músculo que desejais desenvolver. A mesma regra que opera no mundo físico, opera no mental.

Em adição aos exercícios dados um pouco atrás, sugiro-vos o seguinte, que pode aproveitar-vos em casos especiais, formando uma atmosfera mental positiva. Dar-vos-ei simplesmente o vigaumento verbal, em torno do qual deveis construir a imagem mental que, por sua vez, produzirá a atmosfera mental. Lembrai-vos, porém, que, mesmo praticando estes

exercícios, não deveis perder de vista a principal expressão de poder: “Sou dinâmico!” — por meio do qual comunicareis vida, vitalidade e energia a outras imagens e representações mentais. Aqui estão as referidas fórmulas-vigamentos verbais, em torno das quais construireis vossa imagem mental, que deveis materializar no plano objetivo.

Achá-las-eis proveitosas em muitos casos.

Construção Mental

I. Cerco-me de uma atmosfera de êxito.

II. Sou positivo. Tenho uma Vontade forte. Impressiono positivamente aqueles que entram em minha atmosfera.

III. Não tenho medo. Absolutamente não tenho receio. Nada pode prejudicar-me.

IV. Mato todo incômodo e desânimo. Irradio esperança, alegria e bom humor. Sou vivo, alegre e feliz e faço tudo, em torno de mim, sentir o mesmo.

V. Sou equilibrado, calmo e senhor de mim mesmo.

VI. Domino perfeitamente meu temperamento, minhas emoções e paixões, e todos reconhecem que isto é um fato.

VII. Estou à vontade aqui. Não tenho nenhum acanhamento ou timidez. Estou calmo, comodamente e sinto-me em casa.

VIII. Todos apreciam-me. Estou cercado de uma atmosfera mental que faz com que todos gostem de mim.

IX. Sou senhor do que me cerca; nada me perturba, nada me afeta contrariamente; sou o senhor.

X — Estou protegido por uma atmosfera mental que me rodeia. Nenhum pensamento contrário, corrente ou sugestões inimigas, pode penetrar esta armadura protetora. Estou fora de ataques mentais. Sou livre, forte e positivo.

Usando alguns dos dizeres acima, não deixeis de parte meus conselhos e instruções concernentes às imagens mentais, etc., que vestem de carne estes esqueletos verbais, transformando os ossos secos das palavras em uma força viva. Lembrai-vos da importância da imagem mental e visualização para criar atmosferas mentais.

CAPÍTULO XIII

CORRENTES DE INFLUÊNCIA

Falei, no último capítulo, do efeito das atmosferas mentais de que as pessoas se cercam. Notareis que, em minha discussão sobre essa parte da matéria, falei somente da influência geral exercida sobre outros, e não da influência pessoal direta exercida por um homem sobre outro em suas relações pessoais. Consideremos os canais da influência pessoal direta.

Já vos disse em outra parte: todas as vezes que duas pessoas se encontram, dão lugar a um conflito mental silencioso ou luta pela supremacia, da qual uma delas sai vitoriosa e a vitória é reconhecida por ambas as partes contendoras.

Esta luta mental é usualmente o combate entre os poderes mentais das duas e não tem nada com os estados mentais induzidos ao mesmo tempo. Mas o homem que é versado na arte da mentação dinâmica, vai além disto, porque reconhece que ele pode concentrar sua energia mentativa em modos e formas definidas e focalizar a força de sua imagem mental direta sobre a outra pessoa, com uma força e poder tais, que a segunda pessoa sentirá a força dinâmica exercida.

Esta influência pessoal direta opera-se por meio da Força de Desejo e do Poder da Vontade, sem dúvida.

Já expliquei, em outro lugar, como o Poder da Vontade pode ser usado para despertar o desejo em outrem; e como ele pode também vencer a vontade da segunda pessoa. Expliquei como a Força de Desejo induz um desejo semelhante na segunda pessoa; e, por outra parte, como é usada para subjugar a vontade de outra pessoa. Não é necessário que eu repita estas coisas.

Suponho que já vos inteirastes disto pelo estudo deste livro.

E, assim, passarei a considerar os canais de expressão da influência pessoal e os métodos comumente empregados para o uso dela.

Os Meios de Expressão

Estes meios de influência podem classificar-se do modo seguinte:

1º — Meios sugestivos, que consistem:

- a) — na maneira sugestiva;
- b) — no tom sugestivo; e
- c) — na palavra sugestiva.

2º — O meio dos olhos.

3º — O meio do tato.

Todas as três formas mencionadas acima são, sem dúvida, simplesmente meios ou instrumentos pelos quais e através dos quais o Poder Mental se expressa; são os canais por onde mana a energia mentativa.

Consideremo-los na ordem acima.

Nos capítulos sobre “Sugestão Mental” achareis estabelecidos os princípios ativos desta fase do assunto, com que deveis familiarizar-vos inteiramente. Vereis aqui que a sugestão é o símbolo externo do estado mental interno, e que é o estado mais interno que dá vitalidade à sugestão. Fixai fortemente esta ideia em vossa mente, e pensai sempre na força atrás da sugestão. Expliquei-vos também que, quando alguém recebe uma sugestão por um agente físico, induz em si mesmo o estado mental correspondente ao que originou esta sugestão física. Por exemplo, se vos sentirdes cheio de confiança, energia e coragem, vossa aparência exterior refletirá o estado interno e causará uma sugestão em outros.

Estes outros sentirão instintivamente que o vosso estado interno é semelhante ao que estabeleci. E isto sendo assim, uma sugestão física tornada mais forte que a usual, produzirá em outros uma impressão mais funda que a causada pela sugestão ordinária.

Em vista do exposto acima, vereis porque é que a queles que se familiarizaram com o assunto consideram importante cultivar os meios sugestivos.

CAPÍTULO XIV

MEIOS DE EXPRESSÃO

O próximo na nossa lista de meios ou instrumentos de expressão mentativa é o olhar, o mais admirável de todos os órgãos humanos e o que é tanto um meio de expressão do Poder Mental, como um instrumento receptivo da impressão sensorial da vista. Consideremo-lo no seu primeiro aspecto.

Em primeiro lugar, o olhar é um dos meios de sugestão mais poderosos e efetivos ainda que eu o não inclua nesta classe.

A expressão do olhar induzirá em outros as condições mentais pelas linhas de sugestão, e aqueles que compreenderam e adquiriram esta arte do uso dos olhos, puseram à sua disposição um admirável instrumento de influência sugestiva. Aqueles que dentre nós encontraram um homem “magnético” ou uma mulher “encantadora e fascinante”, levaram consigo uma clara lembrança da “expressão dos olhos” de uma tal pessoa. Atores e oradores públicos tanto quanto aqueles, cuja mira é encantar e impressionar o povo, fizeram um acurado estudo da expressão do olhar, para, por este meio, produzir grandes efeitos.

Que espécie de olhar tem o nosso indivíduo dinâmico? Necessitais fazer esta pergunta? Que esperaríeis? De todos os meios físicos de expressão do estado mental interno, o olhar é o mais poderoso e o mais próximo da “alma”. Disseram bem que os olhos eram as “janelas da alma”, dando assim uma ideia do homem interno mais clara que tudo quanto dele se disse antes. E, por isso, podemos esperar ter o nosso homem magnético um olhar que reflete o seu estado interno. E não nos saímos mal, porque mesmo uma consideração ligeira mostrará que ele tem o que o povo chama “um olhar expressivo”. Manifesta todo o seu estado por sua vontade própria. Ora severo, ora brando, já imperioso, já amável, ora enérgico, ora carinhoso — ele é um instrumento obediente da vontade-operadora; produz os efeitos sugestivos mais admiráveis nos que caem debaixo da sua ação.

Como um induzidor de estados mentais, o olhar não tem igual entre os agentes físicos; mesmo a voz, por mais admirável e poderosa que seja, cede ao poder do olhar. Este é mais que um agente físico: é um meio direto por onde passam as correntes mentativas.

As pessoas muito dinâmicas, quando estimuladas por grande interesse combinado com a vontade, parecem ter uma corrente constante de energia mentativa a fluir por seus olhos, a qual é sentida pelos que entram no seu campo de influência. Não preciso chamar vossa atenção para o poder admirável do olhar, porque tendes plenos conhecimentos dele tirados da experiência pessoal. Sabeis como se mostra o poder nos olhos das pessoas.

Nos casos em que a vontade se desenvolva a um alto grau, é verdade que a energia mentativa pode ser de tal modo concentrada por um olhar forte e poderoso, que produzirá até mesmo efeitos físicos reais. Conheci e ouvi casos em que um olhar poderoso fez parar o povo em seu caminho. De Napoleão e de outros desenvolvidos no poder de vontade, citam-se casos desta ordem. De Andrew Jackson contam que seu olhar paralisou de tal forma a vontade de um homem furioso, que este se rendeu docemente e acompanhou o seu apressador, ainda que inteiramente armado e havido antes por absolutamente desastrado e perigoso. O desesperado confessou, depois, que não pôde compreender como não matou Jackson no mesmo lugar onde este estava.

Das antigas histórias ou contos, sabemos que um dos antigos gregos paralisou, com seu olhar forte unicamente, a um inimigo. Todos vós vistes recuar e desfalecer uma pessoa diante de um olhar poderoso de alguém que possui Poder Mental desenvolvido. Pessoalmente sabeis como este olhar é sentido.

Diz Fothergill:

“O conflito firme do olhar é familiar a muitos de nós. Olha o menino à sua mãe para ver se ela está incitada em seu ameaço; da mesma maneira, o mais velho olha ao seu mestre-escola para ler o seu propósito. Dois homens ou mulheres olham-se firmemente; não dizem nenhuma palavra e, contudo, o conflito se estabelece entre eles e um consegue suplantar o outro.”

Descreve-nos Oliver Wendell Holmes uma “batalha de olhar” do modo seguinte:

*“A face de Koh-i-noor tornou-se tão branca de raiva, que seu bigode e barba de azul-escuro pareceram tenebrosos, visto de frente. Faz trejeitos com ira e apanhou um copo, como se fosse atirar seu conteúdo em quem falara. O jovem habitante de Maryland fixou nele o seu olhar claro e firme e levou a sua mão ao braço dele, descuidadamente quase, mas o Jewel sentiu que ele estava tão seguro que o não pôde mover. De nada servia. O jovem era seu senhor em músculo nêsse horrível abraço de índio em que lutam dois homens com seus olhos, pouco mais de cinco segundos, e fica um deles com as costelas partidas, no qual uma só luta vale por setenta anos e resolve a contenda com acontece com dois emplumados cantores de rua, quando se encontram. Depois de alguns pulos e pontapés, dão tudo por terminado. E o *Après voos, monsieur* (Esta expressão francesa significa: Inclino-me às vossas senhor), com a pessoa já vencida em todas as relações sociais por todo o resto de seus dias.”*

As seguintes regras para a cultura da expressão do olhar foram obtidas de uma das principais autoridades na América. Por isso dou-as detalhadamente para aqueles que desejam praticá-las. Não conheço outras melhores para este fim.

Exercícios para a expressão do olhar

Começai pelo estudo de vosso olhar em um espelho. Vereis que no centro do globo ocular há uma manche preta; chama-se esta a “pupila” do olho. O círculo maior que contorna a pupila chama-se “íris”. O branco do olho cerca o íris. A pálpebra superior, que se move sobre o globo ocular, produz uma variedade de expressões, das quais cada uma dá ao rosto uma aparência totalmente diferente ou expressão de significação dessas expressões. Todos nós reconhecemos a significação dessas expressões diferentes, mas poucos compreendem o mecanismo que produz a expressão. Ponde-vos diante de vosso espelho e estudai essas expressões variadas.

Os seguintes exercícios podem ser-vos úteis:

1º — Tende as pálpebras superiores em uma posição tal, que suas bordas descansem a meio entre a pupila e o íris. Isso dá uma expressão tranquila.

2º — Descansai a borda das pálpebras superiores no alto da pupila. Isto dá uma expressão de indiferença.

3º — A borda da pálpebra em descanso no alto do íris, dá uma expressão de forte interesse.

4º — A borda da pálpebra, descansando sobre a pupila, em meio, dá uma expressão de pensamento profundo.

5º — A borda da pálpebra, descansando em cima da extremidade do íris, dá uma expressão de atividade emocional.

6º — A posição acima, exagerada de modo a mostrar a maior parte possível do branco entre a extremidade do íris e a borda da pálpebra dará uma expressão de excitação emocional.

Praticai os exercícios e posições acima. Com pouca prática, quase todos chegarão a adquirir a arte de expressão com os quatro primeiros exercícios, mas os dois últimos são mais difíceis de adquirir. O último exercício, excitação emocional, especialmente, tem-se por bastante difícil de ser conseguido, mas uma pequena porcentagem é capaz de produzir a expressão sem prática considerável.

Praticai estes movimentos até que possais reproduzi-los sem auxílio do espelho.

Os exercícios não só habilitar-vos-ão a exprimir os estados mentais diferentes, cômoda e livremente, mas ainda tenderão a fortalecer os músculos e os nervos de vossos olhos, contanto que continueis a fazê-los gradualmente, sem sobrecarregar, no princípio, os vossos olhos.

Não façais carrancas, contraindo as sobrancelhas nas práticas. Poucos minutos por vez são tudo o que deveis usar na prática.

Quando tiverdes feito os exercícios acima, especialmente os de numero 5 e 6, tentai o seguinte, que é o mais difícil de todos:

7º — Descansai a pálpebra na posição de forte interesse (nº 3), e então, ao mesmo tempo, erguei a borda da pálpebra inferior à extremidade mais baixa da pupila. Esta posição dá a expressão de minucioso exame.

Ficareis surpreendidos com o grande poder adicionado de expressão que a prática cuidadosa dos exercícios acima vos dará.

Sereis capaz de manifestar mais sentimento sugestivo e de induzir em outros, estados emocionais de sentimento.

Um pouco de prática dar-vos-á uma tal convicção disto, que não deveis incomodar-vos mais com aperfeiçoar-vos nela. As expressões de atividade e excitação emocional dar-vos-ão especialmente um resultado assombroso, se forem usadas em ocasiões apropriadas, quando desejardes exhibir a aparência do excitação mais profundo e força de emoção.

Exercícios de Desenvolvimento

Os seguintes exercícios de desenvolvimento são altamente recomendados pelos mestres que neles empregaram anos de estudo e prática.

1º — Abri bem os olhos, mas não demasiado que os canse; mantende-os nesta posição por um poucos segundos, olhando ao vosso espelho, que deve estar diretamente em vossa frente, ao nível dos olhos.

Enquanto olhais, abri-os um pouco mais, sem fadiga e comunicai-lhes uma intensa expressão. Não movais as sobrancelhas, mas deixai-as acima, na posição normal.

2º — Tomai de novo a posição acima, e depois trocai-a pela expressão de forte interesse (vejam-se os exercícios precedentes), e olhando-vos ao espelho como se olhásseis outra pessoa com esta expressão.

3º — Voltai à posição 1, e passai, depois, gradualmente, à expressão de atividade emocional (vejam-se os exercícios precedentes), olhando-vos ao espelho.

4º — Tomai à posição 1, e passai, depois, gradualmente, à expressão de excitação emocional (vejam-se os exercícios precedentes), olhando-vos ao espelho.

5º — Retomai a posição 1, e, depois, gradualmente, a expressão de exame minucioso (vejam-se os exercícios precedentes), olhando-vos ao espelho.

Nos exercícios acima, deveis fazer como se a vossa reflexão no espelho fosse a. de outra pessoa que desejais influenciar. Quanto melhor o fizerdes, tanto melhor será o resultado.

6º — Praticai a expressão de forte interesse sobre as pessoas que ouvís, até que sintais que despertastes uma resposta nelas.

Posso acrescentar que a expressão de profundo interesse consiste na mesma expressão enobrecida por um sentimento melhor atrás dela; e a expressão de interesse benevolente é a mesma, “somente maior sendo tal”. este “sentimento melhor” pode ser verdadeiro ou afetado, como no caso do melhor ator.

7º — Praticai a expressão de exame minucioso sobre outras pessoas em ocasiões apropriadas em que desejardes aparecer como se interessando profundamente em alguma proposição, empresa, teoria, etc. Constituíram muitas pessoas uma reputação de serem “bons ouvintes” e “finas observadoras” por esta prática.

Menciono isto porque pode ser-vos útil. Doutos simplesmente as “regras do jogo”, não sendo necessário o aconselhar-vos a jogar.

E agora alcancei a parte do assunto em que devo falar do poder do olhar para levar a força mentativa.

Devido à mesma lei do mecanismo nervoso não totalmente compreendida ainda, os olhos são um dos meios mais efetivos para a passagem das correntes mentativas de uma a outra pessoa.

Não tentarei armar uma teoria especial sobre o assunto, mas passarei à descrição dos fatos no caso.

Posso acrescentar, todavia, que os ocultistas adiantados nos referem que porções do cérebro humano, durante uma manifestação de grande esforço emocional, ou exercício da vontade, se parecem com uma superfície encandecida, brilhante, fosforescente. E também que veem grandes raios desta energia encandecida, saindo dos olhos da pessoa, e procurando a mente de outras pessoas. E, mais do que isso, esses “raios” de energias transmitem estados mentais, pensamentos, etc., da pessoa, como os cientistas acharam que “raios de luz” levam ondas de eletricidade, tornando-se, assim, capazes de ser portadores de mensagens telegráficas e mesmo telefônicas. Quem se tornou hábil na fascinação do olhar, fez-se capaz de transmitir a outros mais prontamente as correntes mentativas tendentes a produzir-lhes estados mentais semelhantes pela indução mentativa, conforme se explicou em outro lugar deste livro.

Se vos lembrardes da ilustração acima dos “raios de luz” com os quais, as correntes elétricas e magnéticas viajam e formardes uma imagem mental destes raios mentativos que partem do olhar, compreenderéis muito melhor o processo e tendereis, ao mesmo tempo, a dar aos vossos próprios raios mentativos uma realidade substancial, por meio das linhas da visualização. Isto é, quando desejardes usar os raios mentativos, imaginá-los como existentes de fato, em plena força e realidade.

Tenderá isto a dar-lhes uma realidade material e torná-los assim um meio altamente eficiente para a passagem de vossas correntes mentativas.

E agora o caminho direito para vos instruir é o uso próprio dos olhos no que se chamou “olhar magnético”, mas que melhor se intitulará “o olhar dinâmico”.

Escreveram-se vários absurdos a este respeito, e eu mesmo, nos meus primeiros escritos, inculquei alguns princípios que hoje trato de substituir por métodos melhores e mais racionais, em vista de certos resultados que colhi do estudo e da experiência própria e de outros ao longo destas linhas.

Estou disposto a fazer estes reparos tanto nos meus métodos quanto nos de outros. Não tenho um falso orgulho a este respeito, pois, se amanhã eu achar que devo corrigir minha obra de hoje, fá-lo-ei de boa mente e darei aos meus estudantes os benefícios da correção, em vez do, obstinadamente, “sustentá-la” por amor único a uma teoria, fato ou resultado de formação minha. Não há imobilidade na obra científica — aquele que fica quieto realmente fica atrasado.

As primeiras instruções concernentes ao “Olhar Magnético” mandam o estudante concentrar seu olhar “na raiz do nariz” de outra pessoa, isto é, no ponto que fica entre os dois olhos.

Tudo isto foi muito bem, mas há um plano melhor. Esta concentração do olhar entre os olhos de outra pessoa resulta certamente num cruzamento de olhares que rouba o direto poder eletromagnético que ele possui. Podeis prová-lo, pondo um lápis diante de vossos olhos e concentrando o olhar nele à medida que o aproximais de vossos olhos.

Quanto mais vos avizinhades do lápis ou de outra pessoa, tanto mais se “enfraquecerá” o vosso olhar e diminuirá o efeito dele. O olhar de um “par de olhos cruzados” não é tão fascinante como o de um par de olhos diretos que deem uma impressão direta, poderosa.

O novo “olhar “dinâmico” opera-se como segue: —Não concentreis vosso olhar entre os olhos de outra pessoa; olhai, pelo contrário, direta e tensamente, com ambos os vossos olhos para os seus. Achareis isto difícil e fatigante, se o fizerdes de um modo ordinário — e aqui jaz o segredo. Em vez de concentrar vossos olhos sobre os seus, como se quisésseis realmente ver a cor de seus olhos, concentraí-os de modo que parecesse que olhásseis através deles, como se fossem transparentes e desejásseis ver alguma coisa além deles.

Uma pequena prática diante do espelho mostrar-vos-á o que quero significar, melhor do que uma explicação por palavras.

A prática do “olhar através” dos objetos ajudar-vos-á na aquisição deste olhar.

Tentai, por exemplo, concentrar vossos olhos na parede que vos fica oposta, tanto que levantardes o olhar destas páginas. Depois que olhardes na parede, passai vagarosamente vossa mão diante de vossos olhos a uma distância de cerca de dois pés, mas não mudeis a vossa concentração — não vejais a mão distintamente, mas conservai vosso olhar concentrado na parede, como se a vísseis através de vossa mão.

Este olhar não deve consistir em um estado perplexo, vago, estúpido, mas intenso e veemente. A prática com os objetos, como acima ficou dito, e com um espelho, ajudar-vos-á no aperfeiçoamento de vosso olhar. Ser-vos-á útil a companhia de um amigo com quem puderdes experimentar.

A outra pessoa não estará ao fato de que “não a estai vendo” e “através dela”. Parece-lhe que lhes estais dando um olhar profundo, intenso, firme, veemente. Verá dilatadas as vossas pupilas, como ficam sempre, quando olham um objeto distante e vossa expressão será de calma e de poder serenos. Outro ponto importante deste olhar é que podeis mantê-lo longo tempo sem cansar os olhos, sem que lacrimejem ou se turbem. Podeis encarar outra pessoa ou animal desta maneira, sem fadiga, enquanto outros se tornam fatigados e fracos. Tanto é isto verdade, que os resultados de minha própria investigação a este respeito me convenceram de que os animais que manifestam a “fascinação” concentram realmente seus olhos sobre o objeto justamente deste modo fascinando a outro; vereis que tenho razão nesta teoria.

Este “olhar através” de outra pessoa completa-se por uma certa “comoção” dos olhos, como lhe chamam alguns ocultistas e óticos, e enquanto o executais, não podeis examiná-los distintamente ou ver distintamente os olhos da outra pessoa, porque vossa concentração é diferente.

Para vos mostrar que sois capazes de manter este olhar um tempo tal, tão longo, sem cansar vossos olhos, lembrai-vos a comodidade com que podeis manter a expressão de ser “arrebatado em pensamento”, “na visão dos sentidos acordados”, “distraído num profundo estudo”, “no pensamento das coisas”, etc., com quem estais familiarizado. Em um tal estado mental, sois capaz de “olhar no espaço” por longo tempo, sem a menor fadiga, ao passo que uns poucos minutos de concentração de vosso olhar sobre um objeto próximo, bastarão, com efeito, para o cansar demasiado. E então, novamente conheceis quão longo tempo podereis olhar um objeto muito ao longe, no mar, ou através de um grande deserto, ou cruzando ao longe uma montanha, sem fatigar vossa vista. Todo segredo disto é: uma concentração certa do olhar sobre um objeto cansa os olhos muito mais do que uma grande concentração de olhar no espaço. Sendo este o caso, cansar-vos-eis menos “olhando através” de uma pessoa, do que olhando-a fixamente e “vendo-a” em curto tempo.

Praticando a preservação do olhar por um largo tempo, previno-vos contra o cansaço da vista, por se fixar sobre objetos muito aproximados. Melhor é exercitar a vista, olhando objetos distantes, até que consigais manter o olhar por muito tempo, como sereis capazes de o fazer depois de uma pequena prática.

De fato, aconselho-vos a praticar o “olhar no espaço”, porque a proficiência nisso vos levará ao aperfeiçoamento do “olhar dinâmico”. Depois que houverdes praticado parte deste “olhar transversal”, podereis fitar um objeto a uma boa distância e olhar diretamente através dele, isto é, conscientemente não o vereis” como objetivo, ainda que o contempleis aparentemente. Evitai todos os exercícios que vos cansem os olhos e praticai com moderação, passando dos mínimos sucessos aos de maior importância.

Ficareis surpreendidos ao ver quanto uma pequena mas inteligente prática vos dará um olhar penetrante, firme, veemente e cheio de “magnetismo” e “fascinação”, sem a mais leve tensão de sentido, fadiga ou esforço. Desejastes muito uma tal expressão — ei-la.

CAPÍTULO XV

USO DOS INSTRUMENTOS MENTATIVOS

No emprego dos olhos com o fim de transmitir correntes mentativas, deveis sempre lembrar-vos que o sentimento é o poder atrás dessas correntes de força, e que o cérebro é o dínamo de que as correntes se originam. O cérebro, sabeis, é o grande transformador ou convertedor da energia mentativa e opera no sentido de transmitir grandes ondas de força. Por conseguinte, se desejais enviar a outros correntes mentativas com o fim de induzir algum sentimento neles, deveis, primeiramente, ter tal sentimento gerado em vosso dínamo mental.

Será bem para duas pessoas o praticarem juntamente o exercício do olhar; mas, na falta de um amigo de confiança, podeis obter excelentes resultados, praticando diante de vosso espelho predileto.

Em qualquer caso, deveis, primeiro, levantar em vossa mente o sentimento que desejais exprimir em correntes mentativas.

Exercício 1 — Olhai dentro dos olhos de vosso amigo (ou dos vossos mesmos, no espelho) e depois dizei mentalmente: “Sou mais forte do que vós”. Lançai dentro de vosso olhar o mais que puderdes, de sentimento de força.

Exercício 2 — Dizei mentalmente: “Sou mais positivo do que vós — olho-vos”. Lançai positividade em vosso olhar quanto puderdes, sendo, sem dúvida, a mesma inspirada por vosso sentimento.

Exercício 3 — Dizei e senti: “Tendes medo de mim. Peço-vos sentir a minha força”, lançando o sentimento em vosso olhar.

Adquirida a faculdade de fazer vossa força sentida por um dos exercícios acima, podeis usar a mesma sobre outra pessoa em ocasião oportuna.

Se sois interrompidos por alguma pessoa que, pensais, tenta dominar-vos mentalmente, ou cuja forte influência desejais combater, podeis usar sobre ela o método acima. Como de regra, a pessoa que age ou conversa, tem uma, pequena vantagem sobre o ouvinte ou igual quando menos. O que fala é o mais positivo, porque expressa maior energia. Mas podeis agir de modo contrário se sois o ouvinte, lançando-lhe simplesmente um olhar acompanhado do sentimento de: — Disperso vossa forma — não podeis afetar-me!

Resistindo a um ataque desta sorte, mantende fechada vossa boca, cerrados os dentes, pois isto denota força e firmeza e põe em jogo as partes do cérebro que manifestam estas qualidades e, assim, carrega vossas correntes mentativas destes sentimentos. Ao mesmo tempo, olhai firme e fixamente para os olhos do outro (Dentro dos olhos de outro — é a letra.), empregando o “olhar dinâmico”. Peço-vos lembreis que a pessoa que está em pé tem vantagem sobre a que está sentada. Evitai sentar-vos quando outras pessoas estiverem de pé. Não lhes deis esta vantagem, mas tende-a vós mesmos, se puderdes.

Falando às pessoas e pedindo-lhes que façam alguma coisa, deveis acompanhar o pedido verbal de um comando mental.

Por exemplo, se dizeis: “Fareis isto para mim, quereis?” (Ou far-me-eis isto, “quereis” ou “quereis fazer-me isto.”) — (esta é uma forma sugestiva de pedido, lembrai-vos) — (leveis acompanhar a questão com o comando (feito mentalmente), com o próprio olhar: “Fareis isto”.

Se sois a pessoa a quem se requer o serviço que não desejais fazer, deveis responder: “Não, não cuido de fazer isto”, ou “Não vejo um meio claro de fazer isto”, ou “Não posso satisfazer-vos”, etc., etc., mas, ao mesmo tempo, dai a vossa resposta mental, acompanhada do olhar: “Não farei isto, não podeis obrigar-me a isso.”

Um mestre bem conhecido, há vários anos, ao longo destas linhas, ensinou aos seus discípulos que olhassem dentro dos olhos das pessoas a quem desejassem afetar, dizendo-lhes ao mesmo tempo, mentalmente: “Olho-vos, olho através de vossos olhos, dentro de vosso cérebro. Meu poder de vontade é mais forte do que o vosso. Estais sob o meu domínio. Compilo-vos a fazerdes o que desejo. Deveis fazer o que digo. Fareis isso. Fá-lo-eis a uma tempo.” Ver-se-á que isto produz uma corrente mentativa poderosa, se vai suficientemente acompanhada de um forte sentimento, vontade e desejo. Mas, por via da justiça, dou-vos aqui também um antídoto para esta sorte de influência.

Nos casos em que fordes mentalmente atacados podeis desbaratar a força por uma recusa positiva.

A recusa positiva é a força poderosa que espalha em frações tênues a força dirigida contra um. É um agente destrutivo, como é a fórmula positiva. Quem compreende o uso científico desta força destrutiva pode desfazer a obra mentativa de outros, a um grau surpreendente: Por uma recusa forte, positiva, podeis dispersar e desintegrar toda influência mentativa dirigida contra vós. Esta fórmula dar-vos-á uma ideia geral dela.

Suponde que repelis uma exposição tal como a que se vê acima. Neste caso, deveis dizer mentalmente, servindo-vos ao mesmo tempo, do vosso olhar carregado do sentimento: “Nego positivamente vosso poder sobre mim. Nego a sua existência. Não quero cumprir vossa ordem. Nego vosso poder e direito de mandar. Nego vosso poder e afirmo o meu.”

Podeis cultivar este poder de usar da recusa positiva, praticando com unia imaginária pessoa que, podeis supôr, procura influenciar-vos. Imaginai uma pessoa forte, positiva, diante de vós a tentar influenciar-vos e então ponde em prática a recusa positiva contra ela, até que sintais que a suplantai e que ela bate em retirada. Estas batalhas imaginárias dar-vos-ão um grande poder de resistência mentativa e aconselho-vos a fortificar-vos se vos sentis fracos. Podeis aumentar alguma coisa ao exercício acima, imaginando que o vosso inimigo se retira e que o perseguis com as vossas afirmações de defensor pela de atacante.

Estas imaginárias repetições serão mais proveitosas para uma pessoa do que geralmente se pensa.

Elas são como as repetições teatrais que tornam os atores perfeitos. São uma espécie de lições de esgrima de que o hábil esgrimista ganha destreza e força. A prática (a prática, só a prática) vos dá a perfeição em todas as coisas, tanto na obra mentativa, como na física.

Há boas razões psicológicas e ocultas atrás deste método e desta prática, mas presentemente não trato. delas. Está este livro destinado a dar-vos o “como”, antes que o “porque” da matéria.

Em conversação pessoal com outro, achareis que é de maior valor ver tão claro quanto uma pintura mental, carta ou mapa, do que lhe dizeis. Assim fazendo, imprimis mais eficazmente sobre sua mente aquilo que desejais seja por ele visto e sentido. Nesta exposição está compreendido o segredo da linguagem efetiva. No grau em que vêdes e sentis o pensamento que exprimis em palavras, está o da impressão e indução mentativa feitas sobre a outra pessoa.

O segredo do curso assenta no poder de visualização.

Podeis achar uma evidência do desenvolvimento de vossa influência mentativa, tentando uma psicologia de “querer” que as pessoas se movam deste ou daquele modo, olhando-as intensamente. Nesta experiência não necessitais de olhar dentro de seus olhos.

Olhando as suas costas, preferivelmente a parte superior do pescoço, na base do cérebro, tereis a resposta. Podeis experimentar “querendo” que as pessoas olhem em torno na rua ou nas praças públicas, etc. Ora, podeis “querer” que elas tornem o olhar para a vossa esquerda ou direita, quando próximas umas das outras na rua. Ora, nos lugares onde a multidão se apinha, podeis “querer” que um Certo caixeiro saia do número para vos servir. Estas e outras experiências semelhantes têm um interesse para a maior parte dos estudantes, e fazem-se, comodamente, depois da prática necessária. O todo da teoria e prática assenta na firmeza do olhar, na ordem mental, querendo que as pessoas façam isto e aquilo, esperando veementemente obedecer ao comando e imagem mental de sua ação. Isto é tudo.

No uso dos olhos como um instrumento mentativo, lembrai-vos sempre que o desejo e a vontade são as fases da energia mentativa e que o grau em que o desejo se acende e a vontade se exerce, será o do poder expresso por vós e impresso sobre outros. Lede este livro algumas vezes, até que alcanceis, completamente, os princípios fundamentais. Depois retende na memória seus exercícios e instruções.

Em seguida, praticai frequentemente e aperfeiçoi-vos nos métodos indicados, até que os torneis vossa “segunda natureza”. Sereis conscientes de um gradual crescimento e desenvoltura ao longo das linhas de poder e influência mentais. Uma vez acesa a chama da mentação dinâmica, não se extinguirá jamais.

Conservai-a cuidadosamente, tende pronto e limpo o pavio, enchei a lâmpada de óleo e ela arderá por certo, emitindo calor, luz e força.

O último instrumento mentativo mencionado no capítulo precedente é o “tato”. Houve um tempo, em meus primeiros graus de experimentação e pesquisa psicológicas, no qual me ri da ideia de desempenhar o tato uma parte real na obra da influência mental. Sem dúvida, vi o efeito do tato em certas fases da obra psicológica, mas julguei que tudo não passava de “mera sugestão”.

Pouco tempo depois aprendi que o tato era realmente o instrumento mais poderoso de energia mentativa. Agora, explico-o por ser a ideia dos nervos como uns fios, pelos quais passam as correntes elétricas. O cérebro é o dínamo ou transformador da energia, e, suposto esta viaje em ondas e correntes sem arame (como faz o telégrafo sem fio), contudo, se há um arame a ser carregado da dita energia, esta segue as linhas da menor resistência e avanta-se aos arames-nervos.

Certas partes do corpo possuem células-nervos altamente desenvolvidas, que são uma espécie de cérebros em miniatura. Os lábios são também altamente desenvolvidos a este respeito, como os fenômenos conhecidíssimos de evidências de “beijos”. Os dedos e as mãos são meios polares, portadores excelentes da energia mentativa que do cérebro flui sobre os nervos, por onde se transmite a outras pessoas.

O uso do tato das mãos como um canal para transportar a energia mentativa, depende principalmente do desenvolvimento das mãos pelo indivíduo. Aqueles que compreendem este assunto, desenvolvem a condutividade das mãos, tratando-as do modo seguinte: Pensai em vossas mãos como excelentes condutores de energia mentativa e imaginai que podeis sentir manar a energia nos nervos de vossos braços e nos de vossas mãos, obedecendo à vossa vontade, quando apertais as mãos às pessoas. Desenvolvereis logo vossas mãos a um grau tal, que muitas pessoas sensitivas “sentirão” realmente passar a corrente por elas.

Acompanhai sempre a passagem da corrente com o pensamento ou sentimento que desejais induzir em outras pessoas, como fazeis, quando usais do “olhar dinâmico”. De fato, o olhar e o aperto de mão devem ser usados juntamente, quando possível, por modo tal, que não haja dúvida do efeito. Quando apertardes a mão a uma pessoa, lançai a mente e o sentimento ao ato, não empregueis o método mecânico e frio tão comum entre as pessoas. Lançai vosso sentimento em vossa mão e, ao mesmo tempo, fazei uma ordem mental ou locução apropriada ao caso.

Por exemplo, com sentimento e interesse apertai a mão a uma pessoa e dizei-lhe mentalmente, ao mesmo tempo: “Gostais de mim”. Depois, recolhei a vossa mão; se for possível, ao afastá-la, deixai que vossos dedos se deslizem sobre a palma da sua mão em um modo de afago e que os seus primeiros dedos passem por entre o polegar e o índice, rente ao

gancho daquele. Praticai isso bem, até que possais executá-lo sem pensar no caso, isto é, fazei dele vosso modo natural de saudar. Achareis que este método de apertar as mãos despertará no povo um novo interesse por vós e por vossa vez descobrireis suas vantagens. Jamais conhecestes uma pessoa “fascinante” que não tivesse um bom modo de apertar a mão. O aperto de mão faz parte da personalidade fascinante.

Muitas pessoas há bem firmes nos princípios psicológicos que servem de base ao assunto, as quais usam das mãos como um meio de parar a energia mentativa, sem apertá-las. Por exemplo, sentam-se junto do indivíduo e colocam as suas mãos de modo que seus dedos apontem para o indivíduo, querendo, ao mesmo tempo, que a corrente flua pelos dedos para ele (O indivíduo.).

Este último plano torna-se altamente efetivo, quando usado com gestos apropriados, pois ele é afim ao passe mesmérico das mãos. Nesta conexão, devo aconselhar-vos que vos acauteleis com a pessoa que procura sempre pôr suas mãos sobre vós. Evitai isso de um modo ordinário, se possível, ou praticai determinadamente a recusa positiva, sustentando a ideia e a fórmula mental: Nego o poder de vossa magnetismo; espalho-o por minha recusa positiva”. Mais uma vez, lembrai-vos do poder desta recusa positiva, que tem uma influência contrária, dispersante, desintegradora. Se este livro vos não ensinasse nada mais além disso, seria ainda assim digno de vossa atenção só por este ponto de instrução.

Por esta recusa positiva é uma armadura que vos protegerá; é uma espada mentativa com que vos defendereis; um raio mentativo que clareará a. atmosfera mental. Aprendei o segredo da exposição positiva e recusa positiva; ficareis vestido com uma armadura invulnerável e armado de um gládio de força. Assim, podereis, como o “guerreiro intrépido”, entrar “galhardamente na refrega”.

Mas, depois de tudo, o segredo da influência em nosso indivíduo dinâmico assenta em seus estados mentais. As formas exteriores são somente reflexos das internas. Se quiserdes cultivar a conexão entre vossa mente e a grande Vontade Universal — o Poder Mental do Universo — tornar-vos-eis tão fortes, que as expressões exteriores virão por si mesmas (Isto é, manifestam-se espontaneamente, sem esforço.). Mas, subindo os primeiros degraus do conhecimento, é importante para o estudante prestar atenção aos característicos exteriores, porque, assim fazendo, ele faz um caminho mental mais claro para a aquisição dos desejados estados mentais. Pelas próprias leis da sugestão mental, ele pode imitar essas expressões exteriores e, assim, induzir em si mesmo os estados mentais que, com o tempo, se fazem habituais. Não quero dizer que alguém deveria deixar a sugestão de aparência de outrem movê-lo em seu caminho — não é isto a ideia. O que quero dizer é que alguém, por autossugestão, pode reproduzir os característicos exteriores, associados com um estado mental desejado, ou qualidade e, pondo-os em ação, materializar realmente ditos estados mentais.

Lembrai-vos da regra — os estados mentais tomam forma em ação — e a ação reproduz seus estados mentais associados! É uma lei que age em ambos os modos. A voz faz o registro fonográfico e este reproduz o som! Lembrai-vos desta ilustração, pois ajuda-nos a alcançar a concepção reta da lei psicológica que fundamenta o fenômeno.

Há um certo ponto para o qual chamo a vossa atenção neste passo. Refiro-me ao fato psicológico muito conhecido que “os estados mentais se expressam em ação física”.

Todos os estados mentais têm sua ação física associada. E estas ações, quando percebidas por outra pessoa, são aptas a induzir estados mentais semelhantes naquela pessoa pelas linhas da sugestão. Há, porém, outra lei menos compreendida do público, a qual é que “a manifestação da ação física tende a induzir na mente da pessoa que a executa, estados mentais geralmente associados com a produção da ação”.

Tomemos um exemplo comum, para ilustrar a operação dessas duas leis referidas. Suponhamos que tendes um estado mental de ira, combate, antagonismo, etc. Neste caso, achareis que vossas sobrancelhas ficarão franzidas; vossas mandíbulas estreitar-se-ão num “ranger de dentes” selvagem e ficarão ligeiramente salientes; vossas mãos cerrar-se-ão e o estado mental tomará a forma em ação física.

Muito bem; então todos vós conheceis este fato. Mas há uma lei reversa. Se ficais carrancudos, fechais o punho barbaramente, o vosso queixo bate como para a luta, etc.; se mantendes esta atitude física por uns cinco minutos, deixando, ao mesmo tempo, que ela se manifeste em vosso andar, etc. (como o caso certamente requer), sem interferência, achar-vos-eis passando para um estado mental de inquietação, de luta, etc., e, se ficardes nele por maior tempo, tornar-vos-eis “furioso” deveras. Tão verdadeiro é isto que, se perseverardes nele por algum tempo e vos lançardes para alguém, seguramente vireis às mãos com ele. E mais de notar é o fato que a pessoa, para quem correrdes, receberá, por sua parte, a vossa sugestão, sentirá o mesmo espírito de combate e, em breve, entre vós e ela levantar-se-á a contenda.

E, mais notável ainda, se continuardes esta atitude física até que se produza o dito estado mental, achareis que induzis, em todos aqueles que vos cercam, estados mentais, sugestão e telementação! Estas coisas agem e reagem umas sobre outras. O que se disse do estado mental de ódio aplica-se igualmente a qualquer sentimento intenso ou estado mental. O semelhante produz o semelhante nas mencionadas linhas.

Agora, tudo isto significa que o homem, possuído de um estado mental forte, manifestará, inconscientemente, as ações físicas que afetarão a outros nas linhas de sugestão mental — não terá que estudar a questão do uso das sugestões, se é que se “sente” suficientemente forte para, automaticamente, manifestar as ações.

Mas, quando um homem não se “sente” suficientemente forte para manifestar as ações sugestivas, pode produzir o mesmo efeito, agindo à parte (sem se envolver realmente nelas), primeiro, produzindo as ações físicas que induzirão, assim, um estado mental suficientemente forte para se manifestar nas linhas de sugestão e também nas linhas do Metamagnetismo Pessoal.

Todos os bons atores induzem-vos sentimentos deste modo. Podeis, fazer o mesmo, se o quiserdes. Muitas pessoas dinâmicas fazem isto diariamente.

Sobre este assunto, tanto, quanto pude, dei-vos o segredo mais importante da influência psicológica de um modo completo, claro e tão simples que, para muitos de vós, examinadores de sua importância, constitui um perigo. Melhor é remeter-vos, várias vezes, a esta parte da lição, até que possais alcançar a sua significação interna e lê-la por entre linhas.

Muitos de meus amigos me criticarão, sem dúvida, por ensinar esta “ideia em ação”. Chamar-lhe-ão “ensino da arte de enganar”, etc., etc., e continuarão, deste modo, admirando as “personalidades magnéticas” e lastimando a falta.- Noto que esses hipercríticos mereciam geralmente, e muito bem, ser chamados hipocríticos.

Conheci muitos homens bons que não foram “dinâmicos” e o Inundo os “abateu” e, muitas vezes, “passou por cima deles”. Conheci outros não tão bons como aqueles, mas possuidores de uma boa qualidade de força dinâmica, os quais foram recebidos pelo mundo de braços abertos e cumulados de honras e recompensas. Isto, porém, não quer dizer que não se possa ser “bom” e “dinâmico” ao mesmo tempo. Há muitos homens “bons” que são altamente “dinâmicos” e muitos maus” que o são igualmente. E há muitos bons e maus que carecem de “força dinâmica”. Mas notai bem que os bons e maus altamente “dinâmicos” o conseguiram ser, e que os bons e maus que não têm “força dinâmica” tropeçam constantemente em seu caminho.

A força dinâmica não é boa nem má — é uma força natural e ao alcance de todos. Neste sentido, ela é como qualquer outra força natural.

E, por outra parte, não foi feito este livro para ensinar o “mau” uso da “força dinâmica” antes que o “bom”. Ele expõe os princípios e as leis, tais quais são.

Verdade é que o homem mau pode avantajá-se nas leis e usá-las para fins ilícitos; mas, do mesmo modo, pode o homem de bem distinguir-se neste conhecimento e alcançar o maior poder para o bem.

A “força dinâmica” é tão efetiva no “pregador” como no “homem de confiança”. É tão eficaz no mercador, no negociante ou no homem ordinário, como o é no pregador ou homem de confiança. É uma qualidade natural e não tem nada com “bom e mau”, nem com os dotes ou habilidade de orador, nem com aparências pessoais. Se a boa gente prefere deixar este importante assunto para a gente má, corra isso por- sua própria conta, não minha.

Sinto, pessoalmente, como o velho pregador, a quem um de seu avaros paroquianos fez observações contra certas inovações musicais que se introduziram no serviço da igreja. O velho pregador, olhando com benevolência para o veterano “conservador, disse-lhe: “Bem irmão, isto pode desgostar-vos de vários modos, mas parece mal deixar o diabo monopolizar Todas as músicas boas; penso em dar ao Senhor uma boa parte delas”. E eu digo “amen” a esta ideia.

Se a “mentação dinâmica” fosse usada para interesses úteis, como tem sido para fins ilícitos, o velho mundo estaria em uma situação mais cômoda. Se “dinamicamente” fizesse o pregador o seu sermão, o ator o seu papel e o advogado a sua defesa no juri, haveria, seguramente, muita atividade na obra da igreja, e os seus cofres não estariam vazios. Se a “bondade” fosse tão atrativa como a “maldade”, o diabo teria sido posto em um lugar secundário.

CAPÍTULO XVI

SUGESTÃO MENTAL

Antes de começar nossa consideração sobre o assunto da Sugestão Mental, seja-me dado chamar a vossa atenção para as seguintes e gerais exposições concernentes à Indução Mentativa, nas quais se incluem as subdivisões chamadas Magnetismo Pessoal, Sugestão Mental e Indução Telementativa, respectivamente:

1. Os estados mentais podem ser causados pela Indução Mentativa.

2. Os referidos estados mentais podem ser causados pelas correntes mentativas do Magnetismo Pessoal ou pelas correntes mentativas da Telementação, ou nela Sugestão Mental.

a) As correntes mentativas são ondas ou correntes de Poder Mental vibrante, emanado das mentes populares e levando consigo as vibrações dos estados mentais, as vibrações tendentes a induzir estados mentais semelhantes nas mentes populares dentro do campo da indução.

b) Há dois polos de Poder Mental, isto é, o polo-emotivo, que manifesta desejo, sentimento, emoção, etc.; e o polo-motivo, que manifesta vontade, etc.; a força operadora, que afeta outras mentes, força manifestada por esses dois polos chamados força-de-desejo e poder-de-vontade, respectivamente.

c) Tende a força-de-desejo a despertar vibrações similares nas mentes alheias, produzindo, assim, desejos semelhantes, ou a seduzir as vontades de outros, levando-lhes seus desejos. Sua ação e natureza assemelham-se ao poder mental feminino.

d) Tende o poder-de-vontade a despertar o desejo nas mentes alheias pelo domínio e a força. Age também na direção de combater e vencer as vontades de outros e fazê-las cativas. Dirige, governa, concentra ou modera a força-de-desejo própria, em certas ocasiões. Sua ação assemelha-se à do poder mental masculino.

e) Quando as correntes mentativas manam e a indução mentativa é manifestada, quando os projetores e recipientes se acham em presença pessoal uns de outros, usamos o termo Magnetismo Pessoal. Quando ocorre a manifestação mesma, e os projetores e recipientes não estão em presença dos outros, usamos o termo Indução Telementativa. Mas o princípio empregado é o mesmo em cada um dos casos; a indução pela telementação é o princípio operativo. No Magnetismo Pessoal, todavia, a sugestão mental contribui comumente para a indução dos estados mentais. Por esta razão, a sugestão mental deveria ser estudada em conexão com o magnetismo pessoal, como suplemento deste.

3. A sugestão mental induz estados mentais reproduzindo estados mentais originais de outros, ou estados mentais próprios previamente experimentados, inclusive a experiências das raças antepassadas, herdada e recordada pelas mentes subconscientes de seus descendentes. A sugestão opera-se pelas linhas de consentimento, imitação, associação e repetição, atuando sempre por meio de agentes físicos, induzindo estados mentais. No magnetismo pessoal, o mentador lança suas correntes mentativas, geradas por sua vontade ou desejo, ou ambas as coisas, quer de um modo geral, quer de um modo concentrado, dirigido, em uma entrevista pessoal e assim influi nas mentes de outros pela indução. Isto é comumente ou sempre acompanhado pela sugestão mental, usando agentes físicos, tais como a voz, o olhar, a maneira, etc., que elevam o efeito produzido.

E, agora, com o conhecimento dos princípios gerais acima, continuaremos a considerar o assunto da Sugestão. Todos os estudantes de psicologia e ciência mental ouviram e leram muito sobre esta fase dos fenômenos mentais chamados Sugestão Mental. Muitos escreveram e ensinaram isto, e alguns mestres acharam que o termo era o mais apropriado às fases da influência mental. Não concordo inteiramente com esses defensores extremos da sugestão; contudo, acho muito na matéria que pede explicações. Não obstante, sinto que a sugestão mental desempenha um papel mais importante em quase todos os exemplos desta classe de fenômenos e deve ser seriamente considerada por todos os estudantes que se interessam no assunto. Combinada ela com a indução mentativa por meio das correntes mentais, explica quase todas as fases dos fenômenos de influência mental.

Por esta razão dedicarei vários capítulos à consideração de seus princípios fundamentais, leis e métodos de aplicação. Sinto que ninguém pode ser um prático bem sucedido na influência telementativa ou magnetismo pessoal, se não é um bom sugestionador, porque a verdadeira habilidade em lançar sugestões fortes é necessária para a projeção vigorosa da energia mentativa e correntes mentais. Conquanto todos os que examinaram a matéria ficaram cientes da força e dos efeitos da sugestão mental, contudo poucos acharam possível descrever ou definir corretamente o termo ou explicá-lo a outros. Estou certo, porém, que minha teoria da indução mentativa e os dois polos do Poder Mental vos habilitará a formar um conhecimento claro das leis principais da matéria de modo a poderdes, compreendendo-o, aplicar seu método com vantagem.

“Sugestão mental” é o termo usado para designar o processo de induzir ou excitar estados mentais ou ideias por meio da imaginação, pelas palavras, ações, figura exterior e outros símbolos físicos.

Divido os fenômenos de sugestão mental em duas classes gerais ou fases, isto é:

1º) sugestão ativa, e

2º) sugestão passiva, como segue:

Por sugestão ativa significo a indução ou excitação de estado mental ou ideias em outros por meio da ordem positiva, afirmação, exposição, etc., firmadas diretamente no estado mental desejado. A sugestão ativa associa-se com o uso do polo-motivo da mente do sugestionador; e a sugestão passiva, com o polo-emotivo do sugestionador. Um é o método

masculino e o outro o feminino. Há um bom lugar onde dirigir a vossa atenção para um fato muito importante concernente à operação de sugestão induzidora em outros de estados mentais. Aludo ao fato que a sugestão opera pelas linhas de “mentalidade emocional”, sentimento “ou imaginação”, e não tem nada a fazer com juízo, razão, argumento, provas, etc. Pertence claramente ao lado “sentimental” da mente, antes que ao do “pensamento”. Pelo raciocínio claro, argumento, lógica, prova, etc. e o efeito ganho, podemos atrair a razão de outros; mas isto pertence inteiramente a uma fase diferente de ação mental.

A indução dos estados mentais em outros pela sugestão liga-se inteiramente ao “sentimento” ou “fase imaginativa” da mente.

Entende-se com a produção da “mentalidade emocional” antes que com a “mentalidade racional”. Este é o ponto mais importante e um dos que deviam ser completamente compreendidos por todos os estudantes desta matéria. Verdade é que a sugestão pode acompanhar um apelo à razão ou juízo da pessoa influenciada, e, de fato, é assim geralmente usada; mas, estritamente falando, constitui um apelo à parte da mente inteiramente removida do raciocínio e do juízo. É primeiramente emocional, depois e, em todos os tempos, imaginativa. Opera ao longo das mesmas linhas como indução mental produzida pelas correntes mentativas, como veremos.

E agora, com este conhecimento preliminar, passemos a considerar a significação dos termos usados. Não há nada como um claro conhecimento dos termos empregados no tratar o assunto. Se alguém entender a “significação exata” dos termos, irá muito além da “exata compreensão do mesmo assunto”, porque os termos são as ideias cristalizadas envolvidas no assunto, porque ninguém pode compreender totalmente um termo, se o não conhece em todas as suas relações — em tudo o que lhe pertence.

Assustamo-nos com a palavra “sugestão”, quando usada pelos escritores da sugestão mental. Dão-nos algumas autoridades uma definição lata, geral de “algo que se imprime na mente por meio dos sentidos”, mas considero esta definição muito confusa; faria o termo abarcar toda sorte de conhecimento em qualquer parte da mente onde se desse, porque todo conhecimento do mundo externo se obtém pelos sentidos.

Definem outras autoridades o termo como “alguma coisa insinuada na mente sutil, cauta e indiretamente”, aproximando-se esta definição quase da apresentada pelos dicionários ao definirem o termo “sugestão” em seu sentido geral, que é como segue: — “uma ideia, uma guardada menção, uma imitação, algo apresentado à mente de modo direto, uma insinuação, etc.”

Mas esta última definição da sugestão mental não se acomoda a todas as fases da matéria. Serve admiravelmente para definir a fase conhecida como sugestão passiva, que se opera pela ordem, ou comando direto, forte; etc. Assim devo dar-vos minha própria definição do termo aplicada à minha concepção e compreensão de seu significado.

Aqui, por isso, defino meu uso do termo “uma sugestão mental” como segue: “Uma ação física tendente a induzir ou excitar os estados mentais ou ideias pela sugestão.” Esta é uma definição ampla, que, julgo, abrangerá todos os fenômenos da sugestão mental.

Uso a palavra “física” para distinguir os agentes sugestivos dos “mentais” que induzem estados mentais pela operação de correntes mentativas, telementação, etc. Sem dúvida, esta distinção não satisfará aos que apresentam toda ação “mental” como uma forma de “física” ou vice-versa. Mas como tenho de tomar uma posição, prefiro fazê-la entre o agente “físico” e o “mental” e julgo que os meus leitores, em sua maior parte, aprovarão esta posição.

A palavra “agente” significa, sem dúvida, “um poder ou coisa que age”, etc. A palavra “indução”, como eu a usei, foi definida nas lições antecedentes. A palavra “excitar” significa “pôr de qualquer modo em atividade”, despertar o sentimento, atear as emoções fortes. A imaginação é “aquela fase da mente que cria imagens mentais, ou objetos, ou sensação experimentada antes”.

Em meu uso do termo “físico” na definição acima, incluo todas as palavras faladas escritas ou impressas; uniformidade de maneiras, ações físicas, todas as sortes, característicos e aparências, etc., etc. todas essas manifestações físicas são “agentes” que induzem estados mentais sob circunstâncias favoráveis. Por “estados mentais” significo “estados de sentimento ou emoção”. Por “ideias” quero dizer “imagens de objetos concebidos pela mente”.

Pode acontecer que o uso de palavras faladas, escritas ou impressas, seja observado e que elas sejam empregadas, em todos os apelos à mente de outro, se o apelo for feito ao longo das linhas da sugestão ou argumento, razão, etc. Certamente! E em que sentido agem como sugestões? Os argumentos apelam para o juízo e a razão, mas não para o sentimento, emoção ou imaginação que são, pelo contrário, excitados ou induzidos, por sugestões ou outras formas de indução emocional. Pode alguém apresentar uma ideia à mente de outro em um modo audaz, forte e lógico, acompanhada de argumento ou prova, mas este é um apelo à razão e ao juízo, não um “sentimento ou emoção”, que pertencem a um campo inteiramente diferente da mente.

Por outra parte, muitos apelos pessoais, que são aparentemente feitos à razão, são realmente feitos ao lado emocional. Podemos sutilmente insinuar no argumento ou conversação um apelo aos sentimentos ou emoção do ouvinte na forma de uma ideia, em a natureza de uma sugestão, ou menção indireta. Tal ideia será “sentida” pelo ouvinte, que a receberá na mente e, antes que a olhe como um de seus próprios pensamentos fá-la-á sua. Julgará que a “pensou”, porquanto a sentiu realmente e o sentimento foi induzido. Este é o caso da “sugestão”.

No convívio social ordinário achareis que as mulheres são hábeis nesta forma sutil de sugestão insinuativa quando comparadas aos homens. Estes falam ou expõem inconsideradamente suas ideias e tentam “prová-las”, mas a mulher “insinua” gentilmente a ideia na mente de outra pessoa e o faz de modo que, sem provas do fato, emprega meios para criar uma “ideia definida de sentimento na mente de outro pela sugestão”.

Penso não ser preciso dar-vos exemplos do fato — é evidente a todos os que se misturam com o povo.

Realmente esta “sugestão” se assemelha muito com a mental dos psicologistas. É verdade que os que praticam a sugestão mental, em seus “tratamentos” fazem, muitas vezes, uso de linguagens fortes, diretas, tais como: “Estais robusto, alegre, bem e feliz”, mas mesmo aqui notareis que ele não “argumenta o ponto”, nem tenta “provar” o seu manifesto. Assim Vedes que uma “sugestão” pode ser tanto uma insinuação sutil, como uma exposição forte, positiva, mas nunca um argumento ou processo de prova.

A palavra “impressão” é boa, quando aplicada ao efeito de uma sugestão, mas prefiro ficar com o meu próprio termo e, por isso, considerarei que o efeito da _sugestão mental é causado pela indução.

“Como? — podeis julgar — eu pensava que, a indução era um termo usado quando o estado mental se estabelecia em um pelas correntes mentativas de outro !” Sim, isto é verdade, mas minha última exposição é também verdadeira. Um estado mental induzido será estabelecido pela influência exterior de alguma sorte, se esta influência for uma corrente mentativa da sugestão de uma palavra, olhar ou alguma outra coisa. A. palavra “induzir” sabeis que significa: “levar, influir, prevalecer, efetuar, causar”, etc.

Qualquer estado mental induzido por uma influência exterior cai diretamente sob este termo.

Nenhum agente físico que tenha a induzir um sentimento na mente pode ser chamado uma sugestão.

Mesmo o exemplo muito conhecido, mencionado no texto sobre psicologia cai sob esta regra. Neste exemplo refere-se que, levando um soldado para a sua barraca a mala e o tarro, parou de repente ao ouvir de um brincalhão prático uma autoritária “atenção !” Obedecendo à sugestão que induziu nele o “sentimento” anterior a certas ações habituais, deixou cair, com fragor, o vaso e a trouxa, ficando com os olhos, a fronte e a barba alongados, o peito distendido, o estômago encolhido, as mãos aos lados com os dedos tocados a costura de suas calças. Isto foi uma sugestão! Vedes o ponto? Nossas vidas foram largamente moldadas pela indução sugestiva. Aceitamos esta e aquela sugestão e isto mudou toda a corrente de nossas vidas. Certas coisas induziram certos sentimentos, puseram em atividade certos estados mentais e a ação seguiu com o sentimento.

Há vários graus de força sugestiva, como há vários graus do que se chama “sugestibilidade” das pessoas, a qual é a tendência para aceitar sugestões.

Pessoas há que dificilmente se movem por motivos próprios, mas que estão sempre prontas a agir em obediência às ideias e sentimentos de outras. O desenvolvimento do poder-de-vontade domina o grau de sugestibilidade. O homem de vontade forte não é facilmente afetado por uma sugestão, como aquele cuja vontade é fraca, e aceita sem resistência as sugestões de todos os lados.

Mas, — notai o aparente paradoxo, — pessoas irresolutas podem ter suas vontades de tal modo desenvolvidas e fortificadas pelo tratamento sugestivo científico, que se converterão em verdadeiros gigantes de vontade. O estudante diligente pode sentir-se inclinado a perguntar-me, neste ponto, porque falo de “ideias” sugeridas, quando digo que a sugestão se relaciona com os estados mentais de sentimento e emoção. Não são as “ideias” (perguntará ele) mais relacionadas com o pensamento do que com o sentimento? A questão é daquelas a que devo acudir.

A palavra “ideia” vem do grego e significa “ver”. Em seu uso geral significa uma imagem mental ou uma noção geral, ou concepção tomada na mente. Uma ideia é uma “imagem simbólica representada na mente” é um símbolo de alguma coisa pensada ou sentida.

As ideias não são formadas só pelo pensamento; o sentimento concorre com a sua parte para estas imagens-mentais. Para falar a verdade, o povo, em sua maior parte, raramente “pensa” no mais alto sentido deste termo. Seus raciocínios e faculdades lógicas são ainda rudimentares. Ele aceita as ideias de segunda mão ou da centésima-segunda mão; seus pensamentos, para ele devem ser pré-digeridos por outros e a ideia transmitida é o resultado. A maior parte das ideias conservadas na mente da raça tem sua origem no sentimento e na emoção. O povo não compreende as coisas, mas experimenta os sentimentos e emoções que dizem respeito a elas e daí forma várias ideias e “ideais”. Não sabe “porque” conserva uma ideia! Sabe ~ente que a “sente” a seu modo. O povo, na sua maioria, é dirigido, governado e atuado por “sentimentos” e razões induzidas mais que pelos resultados de seu raciocínio. Não falo dos sentimentos intuitivos de hoje, mas do sentimento ingênuo, emocional do povo, todos os dias. Sabeis o que é um sentimento? O termo, usado em seu sentido, significa: um estado mental, emoção, paixão, simpatia, suscetibilidade, etc. E “emoção” significa um excitamento dos sentimentos.

Pertencem os sentimentos ao lado instintivo de nossa mente, mais que ao lado racional ou do intelecto. Eles irrompem das camadas subscientes da mente em resposta à causa excitante que vem de fora. A parte instintiva de nossas mentes é armazenada com as experiências, sentimentos, emoções e estados mentais de nossa longa vida de antepassados, e remonta-se até mesmo aos primeiros rudimentos de vida. Nesta parte da mente encontram-se instintos adormecidos, emoções e sentimentos, nossa herança do passado à espera de uma causa favorável que a ponha novamente em atividade. A razão ou juízo, por meio da vontade, age como um restringente, sem dúvida, conforme o grau do desenvolvimento individual. E estes agentes exteriores, se de uma natureza “física”, são sugestões de todas as sortes. Olhai em torno de vós o mundo dos homens e das mulheres. Depois dissei-me se parecem mover-se principalmente em virtude da razão ou do sentimento. Estão as suas ações baseadas sobre o bom senso e um correto e perfeito raciocínio? Ou são, antes o resultado de sentimentos e emoções? Faz a pessoa as coisas porque as coisas são consideradas retas à luz da razão, ou as faz porque “sente prazer no fazê-las?” Que é que produz a maior força motiva — um apelo à razão de um número de pessoas ou um apelo a a seus sentimentos e emoções? Que é que dirige a massa do povo, os votos do povo, as ações da multidão — a razão ou o sentimento? Que é que vos move a vós, ó estudante, a razão ou o sentimento?

Respondei a estas questões com lisura e tereis a chave da influência sugestiva!

CAPÍTULO XVII

QUATRO SORTES DE SUGESTÃO

A sugestão mental produz seus efeitos nas mentes populares por meio de uma ou mais dentre quatro linhas gerais ou vias de ação. Todos os fenômenos provenientes deste princípio podem colocar-se em uma ou mais dentre as quatro classes.

Estas quatro vias, ou linhas de ação, ao longo das quais se opera a sugestão mental; são como seguem:

1. Obediência.
2. Imitação.
3. Associação.
4. Repetição.

A sugestão pela obediência.

Esta sugestão consiste na indução de estados mentais, etc., pela ação de uma exposição positiva, asserção, apropriação, atitude autoritária, etc., que assim se exprime na mente da pessoa sugestionada, que não oferece oposição nem resistência, mas aquiescência à sugestão que se lhe faz.

A mais comum das formas deste primeiro método de sugestão vê-se no consentimento geral à real ou fictícia “autoridade” na maior parte das pessoas. Quando tais pessoas ouvem uma exposição positiva feita em tom de convicção por alguma autoridade, aceitam-na e os sentimentos que dela nascem, sem apresentar resistência ou alguma tentativa de submeter a matéria ao exercício de sua razão.

E isto é verdadeiro não só quando a pessoa que fala tem um modo de falar autoritário, em virtude de seu conhecimento, experiência, sabedoria, etc., mas também quando algum pretensor com uma presença de autoridade, falando em um estilo positivo e afetando um modo de “Assim diz o Senhor”, imprime em seus ouvintes a ideia que ele quer sugerir-lhes.

Assim é que o bom povo aquiesce docilmente, sem questionar, deixando que lhe despertem os sentimentos, porque estes são, geralmente, seguidos de ação, em harmonia com eles. É espantoso ver, de um lado, a obediência das massas a esta forma de sugestão. Deixam seus estados mentais, sentimentos e emoções serem induzidos por discursos impudentes e reclamações de homens astuciosos, malignos e mal intencionados, assim como por fanáticos, pedantes e presumidos, que as influenciam e dominam. Estas autoridades constituídas por si mesmos usam de uma linguagem oracular e opiniões em um tom de certeza absoluta e as multidões as tomam na sua própria estimação.

Parece que para certos homens positivos é unicamente bastante atrair a atenção do povo, expô-lo, em tom maneiroso e com ares de autoridade, suas reclamações descabidas, para que este caia nas linhas da vontade deles.

Já pensastes que o povo é, em regra geral, um animal obediente? Sim, ele o é, contanto que possais imprimir-lhe a vossa autoridade. Para ele é mais fácil obedecer que recusar. Acha mais cômodo dizer e pensar “sim” do que “não”. Sua vontade não é posta em ação por sua razão e juízo; está inteiramente sob a direção do sentimento e do lado emocional.

Há uma lei fundamental sob esta fase da ação sugestiva; para achá-la devemos remontar-nos ao principio da raça ou talvez ir além. Naqueles tempos recuados, entre animais e homens houve chefes naturais, que dominaram pela força e pelo poder do corpo e da mente estes guias naturais foram implicitamente obedecidos pelas massas que aprenderam por experiência que era melhor para a tribo ou multidão, como um todo, ser governada pelos seus membros mais fortes e perspicazes. E assim, gradualmente, esta ideia dominante de aquiescência e obediência à autoridade se desenvolveu e se firmou na mente. E está firmemente implantada na mente da raça, hoje, por maneira que só as mentes mais fortes podem libertar-se dela a uma grande extensão.

Há uma autoridade aqui, uma autoridade ali, nas leis, nas letras, na política e em todos os campos da atividade humana. O povo não começa por perguntar a si mesmo: “Que devo pensar a respeito deste assunto?”; mas, em vez disso, vai logo dizendo: “Que é que Fulano pensa a respeito disso?” Fulano é a sua autoridade, que pensa para o povo e a palavra de Fulano é ordem para ele. A autoridade induz, no povo, seus estados mentais. Se esses chefes ou autoridades fossem realmente os mais entendidos da raça, não importaria que isso se desse assim, ainda mesmo que pudessem impedir o desenvolvimento individual das massas. Mas o pior é que tais “autoridades”, em sua maioria, nada conhecem ou só sabem que nada sabem, não obstante a estima em que o povo as tem. Assim que afetam as maneiras, o ar, a aparência, etc., da “coisa real” e o povo, já acostumado a esses símbolos de autoridade e tomando a imitação pela realidade, fica impressionado pela linguagem autoritária e aceita a sugestão.

Este fato é muito conhecido pelas classes que exploram o público.

Os “homens de confiança” (dentro ou fora da classe criminosa) afetam este ar de autoridade e o povo aceita as suas sugestões. São bons atores, o que é um dos requisitos dos sugestionadores e estas pessoas compreendem a lei. eles praticam a teoria abonada por Aarão Burr, segundo a qual, deveis lembrar-vos, “a lei é a que é corajosamente firmada e plausivelmente mantida”. Assim é que a lei vai sendo “corajosamente firmada” e “plausivelmente mantida” pelo povo que acha que “a coisa vai às mil maravilhas”.

Para ver o princípio em sua clara simplicidade, deveria a pessoa olhar sua operação em provas extremas. E a prova extrema, neste caso, é a do paciente hipnótico que abandona inteiramente a sua mente ao operador. ele obedece às sugestões mais absurdas do operador e leva-as a efeito.

A sugestão, sabeis, é o fator ativo no hipnotismo, e a condição hipnótica é a única em que o efeito da sugestão se realiza.

Mas não devemos buscar exemplos entre os sonâmbulos, porque se encontram, entre todas as classes da vida, pessoas que não têm individualidade própria, mas que parecem viver e agir inteiramente--sob a vontade de outras. Tais pessoas aceitam toda ordem de sugestões quando dadas por outras em tom e maneira de autoridade. Não são persuadidas por argumentos, mas simplesmente ordenadas e levadas a fazer coisas pelas pessoas de vontade mais forte.

São impressionáveis e “sensitivas” e parecem não ter vontade própria. São muito sugestíveis. A história de todos os dias recorda casos admiráveis do efeito das sugestões pela aquiescência da parte de tal pessoa.

A nota principal desta forma de sugestão é a narração positiva ou ordem, dada com ar e aparência de autoridade. O segredo do efeito é a tendência da maioria do povo a aquiescer à narração autoritária ou comando, antes que discuti-lo, e a tendência para responder “sim” em vez de “não”.

Esta forma de sugestão é recebida no grau mais alto por aqueles que dependem sempre da ordem ou instrução de outros e que não sabem servir-se “de seu próprio engenho” e recursos de vida. Operários inábeis e filhos de ricos pertencem, de regra, a esta classe. Essas pessoas parecem precisar de outras que pensem por elas, em coisas mesmo as mais insignificantes de sua vida e são sugestionáveis. O grau de sugestionabilidade decresce entre as pessoas à medida que elas usam da vontade própria, isto é, que não dependam de outras. Os mais levianos são os que agem conforme as vontades alheias e os que dependem, na vida, da direção de outros. Os homens de iniciativa não seguem as sugestões de ninguém.

A palavra “iniciativa” quer dizer “fazer coisas sem ser mandado”, usar de seus próprios engenhos e recursos, o verdadeiro “espírito americano” (que falta, todavia, para muitos (Mies).

O grau de força em dar esta forma de sugestão depende materialmente -do desenvolvimento da vontade do sugestionador, e também da aparência que tomou, maneiras, ar e tom de autoridade. Os últimos requisitos são símbolos exteriores.

Se um tem a força de vontade fortemente desenvolvida, os símbolos aparecerão como uma consequência natural. Mas para aqueles que não têm a força de vontade desenvolvida e cuja autoridade é mais ou menos “contrafeita”, a apresentação dos símbolos exteriores torna-se sua matéria de grande importância e esta pessoa dedica muito estudo ao cultivo dessas formas exteriores.

E esses símbolos “contrafeitos”, a arte do ator, servem para fazer impressão e sugestão ao povo e seus representantes, apresentando uma frente brava; obtêm um grau de bom êxito na parte que desempenham, até que se ponham em contato com um homem de verdadeira força de vontade, do qual se retiram com graça, depois do primeiro choque das armas mentativas.

Aqueles que são negativos e suscetíveis desta forma de sugestão, aconselho a que cultivem a força de vontade, de que tratarei no capítulo deste livro que intitulei “Arquitetura Mental”, etc. Nada mais que a cultura da vontade torna um homem positivo e impenetrável às influências sugestivas.

Sugestão pela imitação.

Esta forma de sugestão mental é muito comum, talvez a mais comum de todas as formas. O homem é essencialmente um animal imitador. Ele copia sempre as ações, aparências e ideias alheias, com o que prova a sua descendência dos antepassados parecidos com o macaco, nos quais este caráter se desenvolveu largamente.

Pessoalmente, creio que todas as ações de imitação podem atribuir-se aos primeiros dias da raça, ou mesmo antes, quando animais e homens vivam em um estado selvagem e expostos a um constante ataque dos inimigos. Naquele tempo, um impulso de susto de um membro da tribo ter-se-ia facilmente transmitido aos outros e gradualmente se desenvolveu o ato instintivo, cujos traços ainda se encontram na raça de nossos dias. Podemos achar exemplos de tais ações em torno de nós. Quando observamos um funâmbulo, nossos corpos se inclinam instintivamente ao movimento de imitação. Quando olhamos as faces dos atores no palco, as nossas respondem às dele, mais ou menos, em simpatia.

E assim acontece aos que estão em torno de nós e tanto neles como em nós se acha sempre a mesma tendência para a imitação. As crianças manifestam as maneiras daqueles que as cercam com um surpreendente talento de apanhar as minuciosidades.

Esta forma de sugestão mental é muito comum. As pessoas recebem constantemente as sugestões de estados mentais, sentimentos e emoções daqueles que as cercam e as reproduzem em seus próprios atos.

As pessoas, em sua maioria, são como carneiros humanos, que seguem o guia por todas as sortes de caminhos. Se o velho guia salta por cima de uma grade, cada membro do rebanho faz a mesma coisa — todos saltam pelo mesmo lugar, à mesma altura, ainda mesmo que se remova a barreira, antes de todos saltarem. Fazemos constantemente coisas, porque os outros as fazem. Vivemos a macaquear constantemente a outros. Somos imitadores servís em nossos modos, estilos, formas, etc. Larry Hehr mostra-nos um botão de veste de pendurado de um fio e todos os imitadores moços no país seguem o uso. Bonito! Não é?

Esta lei de imitação desempenha uma parte importante nos fenômenos de sugestão mental.

Faz alguém certa coisa e outro, tomando a sugestão, copia o original do autor. Publica um jornal um crime e os outros jornais seguem-lhe o exemplo. Dá-se um suicídio e muitos outros o seguem, pelos mesmos métodos. Há um número de casos de uma sorte de demência e dissipação, e imediatamente reina uma “epidemia” da mesma coisa. Estampam as folhas um novo caso de enfermidade e, ao mesmo tempo, muita gente manifesta os sintomas dela. Aparecem certas moléstias que imitam a outras.

Os sentimentos e emoções da parte instintiva da mente põem-se em ação simpática nas linhas da sugestão imitativa, e os efeitos físicos seguem logo depois.

Homens maliciosos avantajam a outros nesta tendência da mente humana; fazendo com que alguns se interessem em certas coisas, conseguem estabelecer a moda, e a multidão de carneiros humanos a segue.

Uma pessoa fala de uma coisa, espalha-se o contágio e todos tratam do mesmo assunto. As pessoas, em sua maioria, são mais ou menos suscetíveis desta forma de sugestão, cujo grau depende de seu hábito de pensar, julgar e agir por si. O homem que tem ideias de si mesmo não é tão facilmente impressionado pela onda da moda popular, estilo ou pensamento como aqueles que mantêm uma atitude mais negativa para as mentes de outros. O método de curar uma tendência irregular para a ação imitativa é começar a construir a individualidade própria e desenvolver a positividade pelo modo mencionado nos últimos capítulos deste livro.

Sugestão pela associação.

Esta forma de sugestão mental é muito comum. Baseia-se sobre as impressões adquiridas da raça, pelas quais certas palavras, ações, maneiras, tons, aparências, etc., se associam com certos estados mentais antecedentemente experimentados. Os estados mentais tomam forma na ação física e expressão, como já vimos.

Um homem que tem, de certo modo, sentimento, pode expressar-se por certas ações ou em certos termos. Estas ações e palavras tomam símbolos do estado mental que se produz nelas e produzem sobre a mente da pessoa que as vê ou ouve, a imagem mental conexa com o estado mental. E esta imagem mental induz, calcula-se, um estado similar ou correspondente na mente da pessoa que vê e ouve. De sorte que estes símbolos são realmente sugestões mentais, uma vez que tendam a induzir estados mentais. Desejo lembrar-vos que Vidas as palavras escritas, impressas ou faladas, são umas expressões físicas externas de um estado mental interno da pessoa que fala ou escreve as ditas palavras.

As palavras são os “sinais externos e visíveis” de um “sentimento interno” — lembrai-vos sempre disso. Em si mesmas não têm as meras palavras valor sugestivo; este depende da significação, delas impressa na mente da pessoa que as usa e acompanha pela compreensão do seu significado pela pessoa que ouve e lê. A palavras “horror”, por exemplo, ou “impróprio”, tem uma significação definida para quem se familiarizou com ela. Relaciona-se diretamente com o sentimento mental ou emoção e é a expressão física e externa da mesma.

Podemos dizer, uma e mais vezes, a palavra a uma pessoa que a não tenha nunca ouvido, ou a outra de raça diferente: a sugestão não se efetuará. Mas falai a palavra a uma pessoa habituada a relacioná-la e associá-la a um definido sentimento que experimentou, e este se reproduzirá ou “se induzirá”, se as circunstâncias do uso da palavra forem favoráveis.

A palavra “amor”, usada propriamente, despertará nas mentes de seus ouvintes sentimentos correspondentes ao termo.

Estes sentimentos devem ter sido experimentados antes, quer direta quer indiretamente, antes que possam ser induzidos por sugestão apropriada.

Acho, pessoalmente, que as palavras se parecem com um delicado registro de fonógrafo. Cobre-se o registro de impressões miúdas produzidas pelas ondas sonoras que entram no fonógrafo. Ponde o registro em seu lugar no fonógrafo, e imediatamente este se move, vede! as impressões miúdas do registro reproduziram ou “induziram” no diafragma a mesma sorte de ondas sonoras que originariamente causaram as impressões. deste modo, uma palavra que é o registro físico-simbólico do sentimento, produzirá seu associado sentimento na mente da pessoa que a ouve ou lê.

E, como eu disse, o sentimento produzido dependerá grandemente da compreensão do significado da palavra, conservado pela pessoa que recebe a impressão. Por exemplo, no caso da palavra “amor”, suponhamos que o termo seja fortemente ou sentimentalmente sugerido a um certo número de pessoas ao mesmo tempo, e da mesma maneira. Achareis que o sentimento induzido em uma pessoa será o do amor dos pais; em outra, O do amor de filhos; em outra, o do amor de marido e esposa; em outra, o do amor de Deus; em outra, uma afeição exaltada por alguma pessoa do sexo oposto; em outra, a paixão do animal baixo por um do outro sexo; e assim por diante, experimentando cada qual um sentimento ocasionado por sua associação da palavra com algum sentimento antecedentemente entretido.

A mesma palavra pode induzir um sentimento do maior prazer em uma pessoa ou do maior horror ou desgosto em uma outra, dependendo a diferença da associação da palavra na mente das duas pessoas. Demorei-me neste fato para fazer-vos claro que não há nenhum poder mágico nas palavras e que toda força e efeito delas dependem do sentimento associado de que elas são os símbolos ou moldes exteriores fisicamente cristalizados.

A palavra é o corpo, o sentimento é a alma.

O mesmo se dá com a sugestão de aparência, maneira, meios, etc. Cada uma dessas coisas depende da força e efeito sobre alguma acostumada associação com o sentimento interno, que é reproduzido ou induzido pelo símbolo exterior da coisa. Associamos certas coisas com certos sentimentos e, quando vemos essas coisas, estamos aptos para experimentar o sentimento indicado.

Muitas pessoas foram subjugadas pela vista de um quadro, por uma cena em um teatro, por um canto, um poema ou música sugestiva.

Aqui é onde a arte do sugestionador entra em jogo. Ele espregueia atentamente e descobre que certas palavras, tons, maneiras, aparências, ações, movimentos, etc., se associam nas mentes das pessoas com certos sentimentos e ideias. E assim, quando ele deseja reproduzir ou induzir em outros ideias ou sentimentos, reproduz simplesmente os símbolos físicos associados, em palavras, maneiras, movimento ou aparência, e o efeito se produz. O encantador faz certos movimentos com suas mãos, movimentos que associastes sempre com certas ações e sentis que a mesma ação se fez, mas o encantador omite a ação e sois enganados. O homem “de confiança” afeta a aparência, as maneiras e ações que sempre associastes com certas qualidades de caráter e sentis que ele é o que parece ser, mas não é, e sois iludidos. Este “modo de operar” das pessoas é todo uma forma de sugestão, e sois enganados, porque tomais o símbolo pela realidade, a menos que compreendais o jogo. O ator imita as ações, tons, vestes

e palavras de certos caracteres, e se ele é um bom ator, esqueceis a realidade, rides e chorais, e semelhantemente sentis que o que vedes é realidade, ainda que saibais que tudo quanto representa é uma peça. Lembrai-vos que tudo isto é sugestão mental. Lembrai-vos, agora e sempre, que a sugestão mental se opera pela apresentação do símbolo externo associado com o sentimento a ser induzido. Ponde o registro direito no fonógrafo e o som correspondente é produzido ou induzido.

Vedes? Esta lei fundamenta todos os fenômenos da sugestão mental. Compreendi a lei da sugestão e possuireis a chave dos fenômenos.

A oratória e outras formas de apelo ao sentimento pelas palavras faladas, dão-nos um exemplo típico da operação desta forma de sugestão mental.

O orador, o advogado, o pregador, todos usam de palavras calculadas para induzir estados mentais, sentimentos e emoções, nas mentes de seus ouvintes.

Todos eles aprendem o valor sugestivo das palavras frias e abstratas e as vestem em seus símbolos em uso para mais facilmente moverem o sentimento e a emoção. Conhecem que tais símbolos de palavras, pronunciados no próprio tom e expressão, induzem os sentimentos que elas significam nas mentes dos ouvintes.

Desta maneira, as emoções e os sentimentos dos ouvintes entram em jogo como um instrumento.

A emoção ou paixão, se for amor, receio, ódio, veemência, patriotismo, valor, ciúme, simpatia, etc., é despertada pelo uso hábil das palavras, tons e expressão que são uns como símbolos desses sentimentos.

Se vos lembrais como fostes movidos por um discurso que vos pareceu hiperbólico e brilhante, sem argumento, provas ou sentido, podeis estar certos de que fostes vítimas de uma ilusão mental por meio da associação. Os negociantes hábeis operam do mesmo modo.

Assim fazem seus irmãos-gêmeos os noticiaristas. O reconstituídor de cenas e fatos tem a sua arte de induzir mui sabida.

Palavras, palavras, palavras, são instigadoras da ação, induzidoras do sentimento, símbolos dos estados mentais; não as desprezeis, não zombeis delas, porque elas subjagam as mentes mais poderosas, quando propriamente usadas. Mesmo quando escritas, sua potência é grande.

Muitos países foram cativados por uma frase hábil que, quando analisada, não significava nada, em razão, e que era apenas despertadora de sentimento. De que serve aprender as frases de um país, sem cuidar de quem fez as suas leis?!

O homem mais bem adaptado a empregar esta forma de sugestão é aquele que é mais ou menos um ator, isto é, que possui a faculdade de pôr “expressão” e sentimento” em suas palavras, ações e maneiras.

Os bons oradores, advogados, comerciantes e outros têm esta faculdade amplamente desenvolvida.

Pertence ela ao lado feminino dos fenômenos, porque tem o “encanto”, a “atração”, o aspecto agradável, e age pelo emprego do polo emotivo de mentação, antes que pela vontade ou polo motivo, como no caso da primeira fase da sugestão mencionada — a de exposição ou ordem autoritária.

Opera, não batendo a vontade de outra pessoa, mas induzindo um ritmo simpático de sentimento e moção, que sobrepuja sua própria vontade e faz que ela opere harmoniosamente.

Deveríamos pôr-nos em guarda contra esta ordem de influência. O melhor meio de escapar a ela é adotar o hábito de nunca agir imediatamente em resposta a um apelo desta ordem. É melhor esperar até que o efeito passe e depois submeter o assunto à consideração de vossa razão e juízo.

Sem dúvida, o cultivo do poder da vontade servir-vos-á de escudo ou armadura, protegendo-vos das vibrações sutis desta ordem, porque esta forma de sugestão é comumente acompanhada de correntes mentativas, fortes, saídas da mente de quem fala. Evitai dar uma pronta resposta aos apelos simpáticos numas linhas emocionais. Apresentai a cabeça pelo coração (Quer dizer: guiai-vos pela razão e não pelo sentimento.) e preveni, com presteza, qualquer precipitação dele. Deveria o homem ter a razão no ascendente, não a natureza emocional.

Quando vos sentirdes arrastado por algum incitamento emocional, acalmai-vos e perguntai a vós mesmos: “É isto uma sugestão mental?”

A questão tenderá a vos levar a um estado de equilíbrio. Quando souberdes o que é uma sugestão mental aprendereis a reconhecê-la e a vos pordes em guarda. Este estado da mente agirá como um forte neutralizador da sugestão mais habilmente lançada. Tende sempre pronto o vosso torpedo, por mais seguro que vos julgueis estar.

Mais uma advertência: sede especialmente cautelosos; evitai receber uma sugestão quando estiverdes esgotados, cansados, em uni estado de passividade ou de prazer, isto é, todas as vezes que descansardes ou estiverdes exaustos.

Nessas ocasiões, quando em dúvida, dizei: “Não! Assim salvar-vos-eis. Sinto ter que vos repetir este conselho. Está baseado sobre uma lei psicológica.

Aprendi esta lei por amargas experiências. Lembrai-vos disto.

Sugestão pela repetição.

Esta forma de sugestão mental é bastante comum e o estudo de suas manifestações é bastante interessante, porque ela põe em operação um princípio psicológico muito conhecido, que ontem suas correspondências no mundo físico: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Sabeis a história do homem que disse tantas vezes a sua mentira favorita, até que acabou por acreditar nela? Bem, este é um fato psicológico. Começa a pessoa a apresentar uma certa aparência da verdade, em palavras ou mentiras, afetando alguma coisa que não é verdadeira. Prossegue, depois, repetindo a coisa, ajuntando um pouco aqui, um pouco ali, até que se torne ela “uma ideia fixa” e vem a pessoa a crer nela realmente. E se uma pessoa chega a sugerir-se a aceitação de uma falsa crença, podeis ver como esta se reproduz em outras. O segredo da operação desta forma de sugestão assenta nos fatos psicológicos de “fracas resistências pela repetição do ataque” e a “força do hábito”. A primeira vez que uma sugestão se faz, apresenta-lhe a mente uma resistência ativa; mas quando ela se apresenta pela segunda vez, não está tão estranha como antes e a mente lhe oferece uma resistência menor; e assim por diante, até que, finalmente, não haja mais resistência e a sugestão é aceita.

Conheceis o velho adágio: O vício é um monstro de aspecto tão horrendo, que não precisa de ser visto para ser odiado. Mas visto muitas vezes, e familiarizados com a sua cara, primeiro o sofremos, depois o lastimamos e, por último, o abraçamos.

E esta regra explica as sugestões. Primeiro lhes resistimos, depois as toleramos e, em seguida, as aceitamos, se é que não compreendemos a lei.

O fato psicológico envolvido nesta forma de sugestão é que as impressões das células cerebrais se fazem profundas pela repetição constante. É como se se metesse uma cunha em um pedaço de cera: a cunha aprofundar-se-ia todas as vezes que fosse empurrada.

A mente prontifica-se a receber como verdade aquilo que mais profundamente lhe causa impressão.

Acostumou-se a achar essas impressões profundas, quando feitas semente por repetidos esforços do próprio intelecto, ou juízo, ou experiência, e, assim, quando acha essas impressões profundas que lhe foram feitas por repetidas sugestões de outros, a mente não é capaz de discriminar. Ela acha-se sentindo essas coisas que lhe ficaram impressas. Como o ovo do cuco no ninho do pintarroxo, essas impressões mentais ilegítimas são conservadas como “próprias”. Há uma luta constante para a existência da parte das ideias ou imagens mentais impressas na mente. As mais fortes vencem as mais fracas. Na maior parte dos casos, as mais fortes são aquelas que se imprimiram vividamente ou por força de repetição. A segunda vez que vos encontrais com um homem, podeis perturbar-vos, lembrando-vos dele, mas à terceira vez, a lembrança ser-vos-á mais fácil, e assim por diante, até que vos esqueceis que ele foi sempre um estranho.

Assim, é com essas ideias sugeridas — pela repetição — que vos familiarizais com elas; perdem para vós o seu caráter estranho e, finalmente, deixais de vos inquietar com elas. Uma coisa estranha é geralmente inspecionada, examinada, vista especialmente, etc., mas, perdida sua estranheza, cessais de exercer cautela.

A sugestão ganha força pela repetição. Esta é uma das leis fundamentais da sugestão daquelas que não deviam nunca ser esquecidas.

Se reparais na vossa provisão mental, vereis que entretendes um grande número de sentimentos, ideias e opiniões, que possuis simplesmente por esta lei de sugestões repetidas.

Ouvistes certas coisas afirmadas, uma e outra vez, até que viestes a aceitar os fatos como verdadeiros, apesar de não possuídes os mais leves conhecimentos pessoais de provas lógicas, concernentes a eles. Astutos modeladores da opinião pública empregam esta lei e repetem constantemente uma certa coisa, em várias palavras e estilos, até que, finalmente, o público a vem a aceitar como um fato inquestionável, provado.

Muitos homens ganharam uma reputação de sabedoria simplesmente porque seus amigos repetidamente afirmaram e o público aceitou a sugestão. Muitos estadistas tiveram uma reputação construída pelos correspondentes de seus jornais amigos, cujas sugestões constantemente repetidas cristalizaram a ideia em uma forma material na mente do público. Do mesmo modo muitas reputações foram destruídas por encolhas de ombros repetidas, risos, insinuações malévolas, tagarelices e zombarias.

Os anunciantes compreendem esta lei e guardam as sugestões repetidas do valor de suas mercadorias, constantemente, diante da mente do público, até que elas se tornem um evangelho para o povo.

“Se não conseguis primeiramente ser bem sucedidos” e “nunca digais não! por resposta”, são dois axiomas muito caros ao coração do homem que emprega sugestões “em seus negócios”.

Não sejais enganados por esta forma sutil de sugestão. Não penseis que uma coisa falsa se faça verdadeira, por ser muitas vezes repetida. Não deixeis que o vosso juízo seja acautelado por estas repetições adormecedoras.

Tende cuidado, tende cuidado !

Uma compreensão desta lei de sugestão lançará luz sobre muitas coisas que vos embaraçavam noutro tempo. Pensai bem nisto, quando tiverdes tempo.

CAPÍTULO XVIII

COMO SE USA A SUGESTÃO

Consideremos, agora, as várias formas de aplicação da sugestão todos os dias. São muitas e, por conveniência, separo-as em três formas ou grupos, isto é:

- 1) Sugestão involuntária.
- 2) Sugestão voluntária.
- 3) Autossugestão.

Sugestão involuntário.

Por este termo significo o uso da sugestão involuntária, sem propósito particular, ou inconsciente. Damos sugestões de palavras, maneiras, ações, etc., todos os momentos de nossa vida. E estas sugestões estão sendo constantemente aceitas por todos aqueles que nos cercam. Influenciamos constantemente aqueles com quem entramos em relação, sendo a maior parte da obra feita inconscientemente por nós. Agimos com animação para uns, com desânimo para outros, conforme as circunstâncias. Nossos modos, ações, palavras, ares, maneiras, etc., atuam como sugestões para os que convivem conosco. Não falo agora do efeito das correntes mentativas, etc., mas da sugestão mental, pura e simples. Uma casa de negócio está penetrada da personalidade de seu chefe e seus característicos pessoais imprimem-se em seus subordinados por meio de sugestão. Ele guia o passo da casa. Se é ativo, empreendedor, assim são os seus empregados. Se é negligente e descuidado, com negligência e descuido procederão para com ele. Metamos os que nos rodeiam com nossas atitudes mentais, manifestadas em ação e eles, por sua vez, nos afetam, se isso permitirmos.

As crianças são bastante dóceis a esta sorte de sugestão. Sendo imitadoras, tomam logo a atitude dos pais para com elas. Se o pai trata o filho como incorrigível, este será incorrigível. Se o filho for considerado obstinado, etc., tomará a sugestão e a perturbação que dela nascerá será grande. Falam algumas pessoas de seus filhos, sem saber que as pequenas mentes são muito impressionáveis e tomam constantemente a cor sugestiva daqueles que os cercam. Deviam antes apresentar aos seus filhos os estados mentais melhores, positivos, úteis, elevados e animadores. Deveriam evitar comunicar aos filhos uma impressão “má”, “baixa”, “falsa”, de “desconfiança” ou alguma outra desta sorte. As crianças estão sempre prontas para receber a

sugestão que lhes vem de uma fonte que naturalmente olham para informação e dispostas a proceder sobre as impressões e palavras dos pais que tomam por verdadeiras. De alguns ouvi que ficaram tão impressionados com a sugestão dos pais “que viriam, de qualquer forma, a ter mau fim”, que, para o combate, comprometeram o equilíbrio das suas vidas.

Vede as sementes sugestivas que desejais brotem da realidade. Sede cuidadosos na escolha da boa ordem, O assunto de sugestão das crianças que meramente tratamos aqui, é tão vasto que poderia só ele encher um livro. Sinto-me impellido a dizer algumas palavras a respeito dele Desta lição, porque a experiência me ensinou sua extrema importância. Esta é a lei da sugestão involuntária; Nossas palavras, ações, maneiras, tons, ares e a personalidade geral causam sugestões aos que nos cercam e induzem estados mentais de acordo com elas. Por isso, inspirai somente o caráter que desejais imprimir no mundo e procedei do melhor modo que puderdes. O mundo ligar-vos-á à parte que desempenhais, conforme as sugestões assim feitas. Algumas vezes conseguireis um veredicto melhor que o que realmente mereceis; outras, um pior; mas, em qualquer emergência, vossa atitude mental, refletida pelas vossas sugestões involuntárias, terão causado o veredito, seja cual for. Por esse motivo, formais uma atitude mental: correta baseada sobre algum ideal da parte que desejais desempenhar e, depois, desempenhai-a com a maior habilidade possível.

Observai a figura exterior da parte que desempenhais, porque isto é o que o mundo vê primeiro, depois e em todos os tempos, e sereis julgados pela vossa “ação” sugestiva e positiva social.

Sugestão voluntária.

Esta forma de aplicação da sugestão manifesta-se nos casos em que a sugestão se faz deliberada e propositalmente com o fim de impressionar outras pessoas. Suas manifestações podem agrupar-se em três classes, como segue:

- a) Tratamento;
- b) Sugestão hipnótica;
- c) Sugestão na forma de influência pessoal.

a) Tratamento sugestivo é a prática da sugestão mental, usada como uma forma de “tratamento” para as enfermidades físicas ou deficiências mentais, etc. Os tratamentos para as enfermidades físicas vem sob termo de “terapêuticos mentais” e serão tratados no capítulo que leva esse título. O tratamento por sugestão para deficiências mentais, etc., é um ramo de ciência que salta rapidamente à vista. Nos tempos passados confundiu-se com o hipnotismo, mas agora que se separou dele é empregado pelos cientistas a um grau considerável em Vidas as partes do mundo. Seu princípio assenta no fato que os centros cerebrais e as células cerebrais podem “crescer”, desenvolver-se e aumentar-se quando propriamente sob sugestões dirigidas por maneira que uma das três células pode ser praticamente mudada pelo processo mental. Novas qualidades podem ser induzidas, bem como reparadas as que tiverem diminuído. Tratos e hábitos censuráveis podem ser eliminados e substituídos por outros

desejáveis ou novamente induzidos. Os admiradores desta forma de psicologia prática aumentam rapidamente e uma nova era se nos antolha neste ramo de ciência. O largo princípio deste “tratamento” assenta no fato que os estados mentais induzidos pela sugestão própria tendem a exercer e desenvolver a porção do cérebro em que se manifestam. Por isso, uma vez compreendida a teoria e adotado o melhor método, o resto do tratamento se torna tão simples como o desenvolvimento de um músculo do corpo pelo exercício apropriado. Chamo a esta forma de tratamento “construção do cérebro” por sugestão, etc.

b) Sugestão em hipnotismo é sua matéria a que meramente me referirei aqui, porque Me não é um manual de hipnotismo. É bastante dizer que o hipnotismo é uma combinação do uso da energia mentativa em uma certa forma, com a sugestão. É um fato de experimentação psicológica que, na condição hipnótica, todas as sugestões que dificilmente teriam sido observadas no estado ordinário, se tornam uma força motiva poderosa para alguém no estado da hipnose. Neste estado, as sugestões mais absurdas são aceitas e executadas, as ilusões mais extraordinárias são mantidas, e as sugestões de ação futura ou sugestões pós-hipnóticas feitas efetivas. Aconselho aos meus estudantes a que não se deixem hipnotizar nas experiências ou em outras circunstâncias. O hipnotismo leva a condições negativas e, com toda força, desaprovo a prática dele. Eu não consentiria que fosse hipnotizado por ninguém e desejo tenham meus estudantes uma igual atitude para com os “experimentadores”. Os melhores efeitos de sugestão podem-se obter, sem hipnose. Esta é simplesmente um estado anormal e mórbido, não desejado pelas pessoas normais. Deixai-a!

c) A sugestão na influência pessoal é tratada em outras partes deste livro, e aparece mais completa nos capítulos em que fala da Influência Pessoal, porque pertence a esta fase do assunto em geral.

Autossugestão.

Por este termo entende-se a sugestão ou sugestões que uma pessoa dá à sua própria mente. Esta é uma fase das mais importantes do assunto e será inteiramente tratada nos capítulos sobre “Arquitetura Mental”, onde fica bem colocada.

É por meio destas sugestões que muita gente se faz mentalmente “confiada em si mesma” e se torna aquilo que deseja ser. Seus princípios são precisamente os mesmos que em outras formas de sugestão, com a diferença que o tratamento é feito pela pessoa mesma e não por outra. Os veículos da sugestão, isto é, a voz, as maneiras, etc., já foram tratados em outros capítulos precedentes.

Um eminente mestre do uso da sugestão nas relações comerciais, falando do efeito sugestivo da indução nos estados mentais, diz: “Podeis fazer que um homem pense convosco, se influis em seus sentimentos ou alta natureza, ainda mesmo que vos oponhais aos seus juízos ordinários. Se, por este modo, conseguis ofuscar suficientemente sua razão, podeis levá-lo a praticar qualquer ação de que o homem é capaz.”

E este mestre tem inteira razão no que expõe, ainda que seja a velha ideia da “mente subjetiva” e confunda o “sentimento” com a “alta natureza”, em vez de tratá-lo como pertencente ao polo emotivo de mentação. E, se não o permite, sugiro-lhe que a sua narração acima se aproximará um pouco mais da verdade, se disser: “Podeis fazer que um homem sinta convosco, se influirdes na sua mentalidade emotiva”, etc.

Os mestres de Psicologia Comercial, habilíssimos, instruem aos seus discípulos na arte da sugestão no processo das vendas. Instruem primeiro os mercadores e o modo de ganhar a atenção dos fregueses, no de lhes despertar o interesse, o desejo e fazer a venda.

Esses passos na psicologia da mercancia são igualmente da ciência dos anunciantes ou de outra qualquer forma de atrair a mente pública e são logicamente corretos. Uma vez ganha a atenção, a mente torna-se mais ou menos receptiva; uma vez feita a mente receptiva, o interesse desperta e um grau de receptividade maior se induz. O interesse é gradualmente levado ao desejo, induzido pela sugestão sutil das palavras e a exibição do artigo a vender; e, finalmente, quando desperta o estado psicológico mais próprio, o comerciante hábil dá gentil, mas firmemente, a sugestão positiva de autoridade ou ordem, indicando o lugar onde o freguês deve assinar o seu nome. Assim, usando da sugestão ao longo das linhas de aquiescência e imitação, a ordem é tomada. Assinastes um livro por solicitação de um agente de bons livros? Bem, se o fizestes, e se estais lembrados de como o fizestes, vereis como a lei acima opera, na prática,

- 1) atenção,
- 2) interesse,
- 3) desejo,
- 4) venda,

Tais são os passos da mercancia por sugestão. Os informantes assim vendem também. Conheci comerciantes que, para fechar a venda, sugestionavam o freguês, passando-lhe “do lado sugestivo”, onde estava colocado, para as mãos uma caneta-tinteiro e dizendo-lhe, ao mesmo tempo que apontava para espaço no braço da ordem, com ares de quem “o fazia por garantia”: “Assine aqui, por favor”. E a ordem era assinada.

Os que empregam mais largamente agentes, têm uma escola de educação regular, na qual se dá aos novos agentes o benefício da experiência. dos velhos agentes no comércio. Muitos desses velhos agentes dão os pontos sugestivos da profissão em sua própria ciência. O agente aprende como agem as diferentes classes de pessoas, as objeções que lhes devem fazer, e como o agente hábil deve superar os obstáculos por um meio destro, inclusive, sem dúvida, o uso inteligente da sugestão. Uma grande parte das pessoas ficaria surpreendida com as ideias

avançadas e, o reconhecimento da sugestão de muitos homens. Disse-me um desses agentes que uma das primeiras coisas que aprendeu quando começou a praticar foi que o agente nunca poderia permitir ao freguês tomar seu prospeto ou amostras em suas próprias mãos. Disse-me:

“Conservo sempre o prospeto em minhas mãos, porque se deixo que o freguês o tome, perco o poder de dominar a atenção e interesse dele. Neste caso, ele terá a matéria nas próprias mãos, escapará de mim e ficará como o principal em meu lugar. Fico sempre em posição superior ao meu homem ou mulher. Sou o principal, o guia, o diretor, o influente. Tenho sempre o negócio entre as mãos.”

Na ciência dos propagandistas há também um constante uso da sugestão geralmente consciente e premeditada. Ensina-se em “cursos” e “escolas” de onde saem os propagandistas bem preparados. É-lhes comum o emprego da “ordem direta”, como lhe chamam. É a pessoa positivamente recomendada a fazer certas coisas em seus avisos e a levar para casa, à noite, um boia ou uma barra de sabão de Hinky-dink, porque a mulher necessita de tal artigo! E a pessoa faz isto: vê a mão de um “mout” saindo de uma grande marca e apontando para seu lado e quase lhe ouve a voz como se lhe dissesse (em palavras pintadas): — “Fumai os cigarros Honey-Dope; são os melhores !!!”

Se procurardes rejeitar a ordem, a sugestão repetida assaltar-vos-á de todos os modos e os Honey-Dope serão vossas armas prediletas, até que vos apanhe uma outra sugestão. A sugestão pela autoridade e repetição, lembrai-vos, — eis o que vos faz o comércio. Chamam-lhe os escolares propagandistas “a ordem direta”.

Há outras formas de sugestão para a propaganda. vedes olhos fitos de cada lado, em tábuas de anúncios, em jornais, em magazines: “Uwanta Craeker”, ou outra desta sorte, e, ordinariamente, acabais por aquiescer. Dizem-vos, depois, que algumas criaturas gritam pelo “Grandma Hankins Tnfantile Soother” (Alude o Autor a certa bebida deste nome, destinada a confortar crianças.) e tanto que as ouvirdes a gritar, pensareis no que vos disseram, correreis e, afinal, comprareis uma garrafa de “Gradma Hankins”.

Dizem-vos que certos cigarros são “generosamente liberais” em tamanho e qualidade e que uma espécie de cacau “é agradável e refrescante”, ou que certa marca de sabão é 99.999 % puro; e que certo homem faz molhos de “163 variedades”; etc., etc., etc.

Uma noite, ouvi um jovem dizer que o whisky de certa pessoa era suave”, e os que o iam absorvendo, em “um carro, davam estalos com os lábios, pensando em tal suavidade” e sentindo-a nas suas bocas e gargantas. Quero dizer que a ideia era suave, não o whisky. .

Outro vendedor de whisky expõe a pintura de um copo, de uma garrafa, gelo e sifão de seltzer com estas simples palavras: — “A marca ideal do velho — eis tudo !” todas estas coisas são sugestões e algumas das mais poderosas, quando impressas na mente por repetição. Eles “conseguem o que querem” de vós.

Aconselha um autor da psicologia dos pregoeiros, entre outras coisas, que os anúncios de artigos comestíveis ou molhados deveriam conter as palavras calculadas para induzir o sentimento do “gosto” nas mentes dos leitores. “Doces”, “refrescantes”, “mitigadores da sede”, “nutrientes”, etc., etc. — quanto são sugestivos! e quão efetivos!

Como fazem? — perguntais. Como? Bem, deste modo, como ledes estas palavras: “Um belo e grande limão, sumarento, azedo e forte — posso prová-lo agora!” Imaginai justamente estas palavras acompanhadas da pintura de um homem espremendo o suco do limão em sua boca, e onde estais? Digo-vos onde — vossa boca enche-se de saliva, por causa do gosto imaginado do suco ácido de limão. Não é assim? Dizei isto a vários de vossos amigos e vede como fazem. Ouvi, certa vez, a história de um rapazinho travesso, que parara em frente a uma “banda de músicos alemães” e se pusera a chupar vigorosamente o fruto ácido. Resultado: os músicos não puderam tocar por causa de tanta saliva que lhes causou. Obteve o rapaz êxito com o professor Umpah, tocador de baixo, a quem perseguia, estando o ar cheio de “Daunner und Blitzter !” pior ainda. Inteira sugestão!

Conheci comerciantes de objetos de que se faz uso na primavera, forçarem a estação abarrotando as janelas de suas casas com uma grande quantidade dos ditos objetos. Vi negociantes de chapéus iniciarem a estação dos chapéus de palha, usando eles mesmos, com seus caixeiros e alguns amigos, os seus chapéus de palha. Estes poucos chapéus deram a sugestão à rua e todos puseram chapéus de palha. Os comerciantes compreendem muito bem a sugestão. Mesmo os rapazes vendedores de jornais a compreendem. Os mais espertos estão longe de perguntar, como os noviços: “Quereis um jornal, senhor?” ou, pior ainda: “Não quereis um jornal, senhor, não?” Os mais espertos dizem, valentes e confiantes: “Aqui está o jornal, senhor!”

Vou contar-vos a história de um “brincador” em uma das divisões de Chicago, vários anos faz.

Era este homem o “palhaço” de uma das atrações do lugar, a atração do “cavalo de passeio”. Muitos eram os cavalos para levar as crianças em torno do círculo por um níquel cada passeio. O “palhaço” era seguido por uma chusma delas, acompanhadas ou não de seus pais; entrava ele no lugar e então começava a sua vozeria em tom forte e sugestivo: — “Passeai, passeai, passeai! Dai um passeio, um passeio, um passeio! Qualquer um, todos; qualquer um, todos! Passeai, passeai, passeai!... Qualquer um passeia, todos passeiam, passeiam, passeiam! Passeai, passeai, passeai, passeai, passeai passeai,! Todos, qualquer um, todos passeiam, passeiam, passeiam !”

Repetiu o homem estas coisas sem tomar fôlego, por espaço de alguns minutos. Todo o ar parecia tremer e vibrar ao ritmo de seus passeai! todas as crianças que o ouviam e tinham o seu níquel, queriam seguramente passear! A palavra “passear, repetida positivamente, com autoridade e constância, era uma das mais admiráveis exibições desta forma de sugestão que sempre vi e ouvi. Surgiram muitos imitadores deste homem, mas nenhum o igualou. Todavia, hoje, ele passou para uma forma de utilidade mais alta — era digno disso. Era um mestre, certamente.

Vi alguns homens, em aleias de jogo de bola, forçados a fazer falsos jogos pelas sugestões dos espectadores. A mesma coisa se dá nos aplausos da galeria, etc. Não tende mais que olhar em torno de vós para verdes, todos os dias, exemplos de sugestão, em uma ou outra forma. Lembra vos do sentimento induzido! Este é a chave de todas as manifestações de sugestão.

Considerai-o!

Em conclusão, sei de um rapaz que, no primeiro dia de abril, pôs um sinal no rabo do casaco de outro com este escrito: “Dá-me um couce !” E recebeu-o!

Os advogados hábeis usam da sugestão ao interrogar as testemunhas. Dão sugestão de uma coisa a uma testemunha impressionável, e, com bons modos, levam-na a admissões e declarações que não esperavam fazer — declarações que, as mais das vezes, não são inteiramente corretas. Um tal diz: “Fizeste isto” ou “Viste isto, não é?”, etc.; a arenga, feita de modo autoritário, obriga a testemunha a aquiescer. Reparai nessa maneira confidente, autoritária, de um advogado ou de outra pessoa. Sendo o homem “um animal obediente”, é-lhe mais fácil, pensa-se, dizer “sim” do que “não”. Quando virdes este “sim”, o homem está confiado. É confiados nisto que os policiais detetives alcançam falsas “confissões” de criminosos impressionáveis. Martelam a vontade deste até que se cansam e dizem: “Sim!” Isto o fazem para escapar a outras questões, como faz uma jovem que aceita a repetida proposta de seu namorado e foge com ele. A ordem ou expiação peremptória, firme, decidida, quando unida à lei de repetição, é causa de muitos males do mundo. Muitos são os que devem suas aflições a ela. Confio em que estes conselhos salvarão a muitos de perturbações desta ordem. Quando a lei é uma vez entendida, é comparativamente fácil escapar às sugestões.

A força no sugestionador desta ordem está na ignorância da pessoa sugestionada. O acautelado é o mais bem preparado, neste caso.

De certos comerciantes ouvi dizer que instruem seus caixeiros nas perguntas que devem fazer aos seus fregueses deste modo: “Gostais desta amostra, não é?” É belo este sombreado, não é?”, etc., etc. Etc.

Vedes o ponto? A exposição feita primeiro, e a pergunta diretamente no alto dela. Não é mais fácil dizer “sim” do que “não” a esta sorte de perguntas? (vede, eu mesmo faço agora e aqui a pergunta, ainda que não tenha intenção de a fazer. Tomo a minha própria sugestão).

Nesta conexão posso acrescentar que é um fato psicológico muito conhecido este: quando duas pessoas estão conversando, a que está em pé ou sentada em um lugar superior ao da outra, tem a vantagem de uma atitude ou posição certa, positiva. E a pessoa sentada em baixo da que fala é forçada a ficar dentro de uma condição ou posição relativamente passiva. Isto é, sendo tudo, pelo contrário, igual, a pessoa elevada será positiva à outra, e a sentada em um plano mais baixo será relativamente passiva.

A elevada plataforma do professor, orador, pregador, etc., tem uma excelente base psicológica. E o poder que o advogado sente quando “fala de pé ao juri sentado à sua frente, é a manifestação certa de uma lei que ele pode ou não conhecer, mas o juiz está em uma posição melhor que o advogado, porque deve olhá-lo quando fala. Experimentai praticar a posição acima com algum amigo, primeiro estando vós sentados, depois o outro; vede quanto podeis realmente sentir a diferença entre as duas posições. A posição elevada dos caixeiros nos

grandes armazéns e os assentados baixos acomodativamente colocados para os fregueses, têm boas razões. Se sentirdes que alguém vos põe em uma condição negativa ou passiva, levantai-vos e sentir-vos-eis indubitavelmente fortes e cheios de força. Esta é uma pequena ideia que pode, muitas vezes, valer o preço deste livro em muitos destes dias.

Considerai as coisas frívolas que falastes ou influístes e vede se não estáveis sentado e a outra pessoa em pé ou sentada em lugar mais alto do que vós. Isso é uma coisa pequena, mas de grandes resultados algumas vezes. Tomai cuidado.

Há uma grande diferença na impressionabilidade das pessoas; umas são imunes à sugestão, outras tão acessíveis a ela, que só com ser-lhe falada uma coisa em tom ou modo positivo, forte, seguro, peremptório, aceitam a sugestão, particularmente se é repetida várias vezes. Semelhantemente absorvem com facilidade as sugestões de imitação e associação.

Examinai as coisas que se passam em torno de vós e descobrireis imediatamente os graus diferentes. O paciente hipnótico está no extremo negativo da escala.

Desejo chamar vossa atenção para o que se pode chamar “sugestão futura” ou, como lhe chamam os hipnotizadores, “pós-hipnótica”, etc. Sugestões futuras são umas como sementes plantadas na mente, que crescem, florescem e frutificam em algum tempo futuro. Os hipnotizadores produzem este fenômeno, dando ao paciente, quando em condição hipnótica, a sugestão que, em um certo tempo, ou em alguns minutos, ou horas, ou dias, fará ou sentirá certas coisas.

Mas a escola mais nova de psicologia descobriu que essas sugestões futuras podem fazer-se no estado receptivo ordinário, como é o caso com algumas outras formas de sugestões mentais e o resultado será o mesmo que o obtido pelos hipnotizadores, apesar de suas teorias e métodos. Não tenho em mira entrar em minudências a respeito desta classe de fenômenos, porque tudo o que é necessário dizer, pode compreender-se nas duas exposições seguintes:

1º) que, geralmente falando, todos os fenômenos da sugestão mental, imediata, ordinária, podem ser produzidos como sugestão futura; e

2º) que todos os fenômenos de sugestão futura, produzidos pelo sugestionador em outra pessoa, podem também ser produzidos por autossugestões, isto é, pela pessoa que induz sugestões em si mesma.

Dão-se, todos os dias da vida, muitas sugestões de loucura pela sugestão do futuro e oh! muitas são aceitas com indiferença, devido à falta de conhecimento do princípio. Quantas vezes se disse a uma noiva impressionável: “Não faças caso, ficarás cansada dele, depois de algum tempo”, ou a um homem: “Espera até que a novidade decaia e ficarás desgostoso da ocupação que alcançastes”, ou “Perderás o interesse e o entusiasmo depois de um tempo e verás que a coisa não é o que parecia”. E assim por diante — acrescentareis a estes exemplos outros de vossa experiência. Frequentes vezes estas sugestões se repetem, dando à pessoa uma tendência de “fazer que se tornem verdadeiras”. Muitas profecias de leitores de “buena dicha” se fizeram, deste modo, verdadeiras para o povo impressionável e ignorante.

Dei-vos a chave para este princípio; agora, acautelai-vos com a lição! Se sentirdes que se faz em vós uma tentativa de futura impressão, neutralizai-a com um mental “Não, não quero!” este é o antídoto para o veneno.

O segundo princípio na exposição feita vários parágrafos atrás, isto é que todos os fenômenos de sugestão futura podem duplicar-se pela autossugestão, ou sugestões feitas por si mesmo, é verdadeiro e digno de consideração. Resolvi-vos a acordar e tomar o trem às quatro horas da manhã do dia seguinte, e despertareis a tempo. Preparastes o vosso despertador mental. Se tendes uma entrevista para as três da tarde, podeis pôr vosso “despertador” como segue, falando convosco mesmo, sem dúvida: “Toma sentido ! Lembra-te que deves ver Smith às três da tarde — três, três, digo! Lembra-te, pois, três, digo !” Se o imprimis suficientemente em vossa mente, um pouco antes das três começareis a sentir-vos incomodado, e imediatamente a entrevista com Smith “surgirá” em vossa mente, vindo da vossa região subconsciente e tomareis vosso chapéu e sobretudo. Lembrai-vos do “despertador mental”. Encerra isto toda a história. vedes, o experimentador mental nas linhas de sugestão. Faz a sugestão mental e liga-lhe o despertador mental — quando a campainha soa, a sugestão emerge do campo da consciência e age como se tivesse sido dada poucos momentos antes. Esta é toda a história em termos simples. Mas não vos assusteis, vós que sois tímidos. Lembrai-vos disto: que não aceitareis uma impressão do futuro, se primeiro não aceitardes uma sugestão do presente. O grau de impressionabilidade é o mesmo em ambos os casos. A única vantagem que uma sugestão do futuro leva a uma do presente que é mais sutil, em vista de que o povo não está tanto ao par das coisas futuras como o está das presentes.

Sentis uma sugestão que “fazeis esta coisa agora”, ao passo que prestais pouca atenção a uma sugestão que “daqui a um, ano farei tal coisa e a despedis com um encolher de ombros em vez de dizer mentalmente: “Não, não quero!” A sugestão do presente está no caso de vos atrair mais fortemente, porque é clara, ao passo que a sugestão do futuro é mais “insinuante”.

Agora, porém, que sabeis os fatos que se prendem a este assunto, poderir-vos de ambase, e extrair-lhes o ferrão só com um “Não, não quero !”

E uma palavra ainda. Se sentirdes que abrigais uma sugestão do futuro que deram no passado e cujo alarme ainda não foi dado, podeis inutilizá-la com uma autossugestão direta ou autossugestão contrária. Podeis dizer, por exemplo: “Não agirei conforme algumas sugestões contrárias que me deram. Lanço-as fora da minha vontade” E, ao mesmo tempo, fazei uma imagem mental da sugestão obliterada pela ação de vossa vontade, tal como apagais com uma escova um traço de giz feito no quadro negro.

CAPÍTULO XIX

IMAGINAÇÃO INDUZIDA

Há uma forma de sugestão tendente a despertar atividades nas regiões imaginativas das mentes. Sem dúvida, a imaginação desempenha uma parte em todas as manifestações de sugestão, mas nesta forma particular sua ação é especialmente aparente.

Chamo a esta classe de fenômenos “Imaginação induzida”.

O termo “imaginação”, sabeis, significa “o poder da mente em criar imagens mentais de objetos dos sentidos; o poder de reconstruir ou recombina os materiais fornecidos pela experiência, memória ou fantasia; uma imagem mental formada pela faculdade da imaginação”, etc., etc. A palavra deriva do termo imagem, que tem sua raiz no latim “imitari”, que significa “imitar”.

A imaginação é criadora em sua natureza e age com o material plástico da mente. Fazem usualmente os escritores uma distinção entre o que se chama “imaginação própria” e o que, por outra parte, se conhece como “fantasia”.

Por “imaginação própria” significamos as mais elevadas formas de atividade da faculdade criadora de imagens tais como se manifestam na criação da literatura, arte, música, teoria, filosofia, hipótese científica, etc. Por “fantasia” significamos as mais altas formas da manifestação da faculdade criadora de imagens, tais como fantasias ideais e sonhos do povo; as arbitrariedades e caprichos da imaginação, fantasia, etc.

Pode-se considerar a “imaginação própria” como uma fase positiva, e a “fantasia” como uma fase negativa da faculdade de criar imagens.

A imaginação em sua fase positiva é a faculdade mais importante do ser humano. Assenta-se na base das manifestações mentais ativas. Deve a pessoa formar uma imagem mental de uma coisa antes -que a possa manifestar em forma objetiva. É distintamente criadora em sua natureza e forma realmente o molde a que se lançam os fatos e ações. Torna o plano arquitetônico que usamos na construção da nossa vida e nossos atos.

E, pensai nisso, é a faculdade usada em “visualização”, de que falamos em outro capítulo. A imaginação positiva está muito longe de ser uma luz fantástica, caprichosa, que muitos supõem ser coisa extravagante. É uma das manifestações positivas da mente. Não só precede e é necessária à execução de atos objetivos e à produção de coisas materiais, como é também a faculdade pela qual exprimimos nossas imagens mentais nas mentes de outros pela indução mentativa e pelos usos do desejo e da vontade.

A imaginação positiva é a mãe das “ideias”. Uma “ideia” é uma “imagem formada na mente”; e a imaginação é a faculdade em que a “imagem” (ou “ideia”) se forma. E em proporção à atividade da imaginação, assim é a força da imagem ou ideia. E como é a força da imagem ou ideia, assim é o grau de seu poder para se imprimir nas mentes de outros. Assim -Odes, imaginação, em sua fase positiva, é uma coisa forte, real. Mas amplia-se com sua fase negativa de que tratamos aqui.

Sabeis que vossa imaginação negativa, ou fantasia, pode ser despertada por pessoas ou coisas.

Ouvis um trecho de música e, antes de o conhecer, vossa fantasia vai representando em vossa mente toda as sortes de quadros e induzindo toda as espécies de sentimentos. Uma pintura pode afetar-vos do mesmo modo. Uma obra poética ou poema, pode arrebatá-vos às regiões da fantasia. Um livro pode transportar-vos a um mundo fantástico, irreal, a ponto mesmo de vos esquecerdes do mundo real que vos cerca. Não o experimentastes já? E, um caso ainda mais notável que os mencionados acima é o efeito da execução de um perfeito estado, em que o mundo e os caracteres da cena empolgam de tal sorte, que vos parecem reais; exclamais e rides com os caracteres do jogo. Franzis a testa a um vilão, e tremeis ao perigo de uma heroína. Gloríai-vos do bom êxito do herói e chorais com as tristezas e as provas das pessoas sofredoras.

Sentis essas coisas à medida que vossa imaginação negativa ou fantasia é pela indução posta em atividade.

Lembrai-vos disto: os atores, poetas, escritores, compositores ou artistas produzem seus efeitos pelo exercício de sua imaginação positiva.

Entretanto, o efeito sobre vós é induzido em vossa imaginação negativa. O primeira é um ato de criação positiva; o segundo meramente um reflexo impresso em vossa mente, ou pela sugestão, ou pela energia mentativa do ator.

Em vossa consideração do que acima foi referido, lembrai-vos do que eu disse sobre a sugestão, em um dos capítulos anteriores. A sugestão é meramente a apresentação do símbolo exterior do sentimento íntimo.

A ala extremada da escola dos sugestionadores que martelam a ideia da energia mentativa não tem nada a fazer com os fenômenos que entramos a considerar. Afirmam eles que a sugestão é suficiente para explicar tudo. Sem discutir profundamente esta matéria, pergunto a estes homens: Por que é que as mesmas palavras, pronunciadas com a mesma acentuação, por dois diferentes sugestionadores, produzem diversos graus de efeito? E mais: qual é esta força pessoal peculiar que sentimos quando certas pessoas ausentes nos dão de longe as suas sugestões? Minha resposta é que a diferença está no grau de sentimento posto em atividade na mente do sugestionador: — o grau de energia mental realizado por ele.

Penso que um investigador cuidadoso concordará comigo neste ponto, se abrir sua mente a toda as impressões recebidas durante suas investigações, em vez de se amarrar a uma teoria previamente concebida.

As teorias de sugestão não são contrárias às da energia mentativa e indução, quando propriamente compreendidas.

Os fatos dos sugestionadores são indubitáveis, mas eles se enganam ignorando os estados-mentais do sugestionador. Pensam que seus efeitos são produzidos só pela sugestão e esquecem-se do estado mental atrás citado, da sugestão, o qual é a força motora real.

Se suas teorias são verdadeiras, por que é que dois homens, usando as mesmas palavras de sugestão sobre

O mesmo paciente produzem vários graus de efeito?

É porque os estados mentais ou mentação dinâmica dos dois homens variam em qualidade e grau.

Em conexão com este assunto de imaginação negativa ou fantasia, chamo vossa atenção para uma classe de fenômenos, nas mesmas linhas gerais em que certos estados de imaginação ou fantasia são induzidos por si mesmos. Há pouca distância; toda a raça de homens descobriu que há meios possíveis pelos quais as pessoas podem produzir, em si mesmas, condições anormais conhecidas como “trance”, “estados de sono”, “condição transcendente”, etc. E homens do passado mais remoto ao presente, viram-se entregues a essas práticas deploráveis.

Os meios pelos quais se obtêm estes estados são vários; os métodos prediletos são: olhar objetos brilhantes, fixar os olhos na raiz do nariz, mirar o umbigo, uma gota de tinta, inalar vapores, ouvir hábeis músicos, etc., etc. Muito falso ocultismo, que é realmente “psiquismo”, depende, para os seus resultados, desses métodos, manifestações e fenômenos. Os faquires hindus e os derviches árabes entregam-se, livremente, a esses métodos e produzem resultados que, conquanto altamente estimados por eles, são encarados com desgosto, horror e repulsão pelos verdadeiros ocultistas de todos os países, que olham tais práticas como perigosas, e os fenômenos que delas resultam como falsos e enganadores.

Muito do psiquismo ocidental dos últimos dias baseia-se sobre as mesmas práticas e produz resultados idênticos. Nesta conexão digo-vos que certas práticas adotadas por alguns adeptos do “Novo Pensamento” pertencem a esta classe.

Vi certos métodos aconselhados para “entrar no silêncio” que ensinam o estudante a concentrar o seu olhar na raiz do nariz, etc., que é o método idêntico ao usado por Braid para produzir condições hipnóticas e usado também pelos faquires hindus para produzir condições de “trance”. Não é tempo que se conheça a verdade com relação a estas coisas?

estes fenômenos de “trance”, quer produzidos Por tais processos, quer por outros meios, são anormais, insalubres e fases não desejáveis de condição mental. Não posso falar severamente contra o incentivo, instrução e desenvolvimento (quase eu disse devlopment) (“Devil oprroent” em lugar de development”, trocadilho em que o Autor censura o desenvolvimento (development) de tais práticas, comparando-as com as do diabo (devil.) desses estados anormais, ou pela prática pessoal, ou pelos métodos de hipnotismo e mesmerismo.

Já é tempo de se chamar a atenção do público para os perigos deste assim chamado “psiquismo”. Sei positivamente que esta sorte de psiquismo” não é a coisa desejável que se supõe ser. Sei também que ele está muito longe do verdadeiro desenvolvimento oculto. Esta sorte de “psiquismo”, quando comparado com o verdadeiro ocultismo, não é senão o triste clarão da lua em contraste com os raios solares, brilhantes, quentes e portadores de vida. este falso ocultismo, que não é de todo ocultismo, mas simplesmente uma orma negativa de “psiquismo”, apanhou (Iludiu.) muitas pessoas em suas malhas e levou-as a planos semelhantes e tremedais e a pântanos.

Seguiram-se os seus adeptos o ignis fatuus ou “fogo fátuo” deste pseudoespiritualismo que não é senão uma forma negativa de psiquismo.

Essas condições anormais propriamente induzidas podem ser produzidas por métodos hipnóticos, levando-se o paciente a “estados mais profundos”, dê que falam algumas autoridades como se fossem eles de uma “ordem espiritual elevada”, mas que não são mais do que condições de. E essas condições podem ser produzidas por métodos hipnóticos, simplesmente porque qualquer estado mental pode ser induzido assim, e não em virtude de algum processo místico, conhecimento ou conexão. Assemelham-se elas às chamadas “condições de sono” do hipnotismo.

A única diferença é que o operador induz a condição por influência mental e sugestão, do mesmo modo que induziria outro qualquer estado mental, em vez de ser este induzido pelo próprio paciente em si mesmo. É a mesma prática velha, anormal, perigosa, em outra forma.

O que quer que se diga contra a condição de própria indução, aplica-se igualmente à induzida pelo operador.

São a mesma coisa! É toda ela uma questão de hipnose ou auto-hipnose.

Não descreverei as condições mais amplamente, nem darei instrução alguma sobre a produção delas. Considero-as inteiramente perigosas, e meu objeto, falando delas aqui, é aconselhar as pessoas a que não deixem que os experimentadores as ponham nestas condições. A prática enfraquece a vontade, em virtude do emprego da atenção, do esforço dos olhos ou de outros órgãos do sentido.

Os práticos da ciência mental reconheceram, em todos os tempos, este fato e empregaram objetos que cansavam, como se crê, a atenção. Lançavam mão de objetos brilhantes que fatigavam o sentido da vista.

Usavam os orientais de sons monótonos terminados em “um-m-m-m” para cansar o ouvido por meio destes sons monótonos e brandos. Do mesmo modo usavam de vapores e perfumes e incenso para embriagar o sentido do olfato.

Tendia tudo a cansar a vontade e reduzi-la a um estado de passividade Quando a vontade se apassivava ou cansava, a mente se fazia receptiva e impressionável e, em casos extremos, se tornava como a cera em mãos do operador.

Insisto em aconselhar-vos a que eviteis este “psiquismo” anormal; lançai-o de vós como uma cobra venenosa, pois ele procura vencer a vossa vontade e paralisar a vossa mentalidade. Guardai-vos de tudo o que tenda a vos enfraquecer. Evitai desenvolver vossa alma ou vosso “espírito” por esses métodos que não são mais que psiquismo com os disfarces de ocultismo ou desenvolvimento espiritual.

Em conclusão desta parte do assunto, digo-vos que se algum de vós está disposto a pôr em dúvida a exatidão do que expus acima, então só tem que examinar os tipos de “psíquicos”, vistos de todos os lados. Não são todos eles hiperimpressionáveis, excessivamente sensitivos, nervosos, histéricos; passivos negativos? Não se tornam eles meras harpas psíquicas de que tiram as brisas mentais, ao passar, acordes mágicos?

Lembraí-vos, falo aqui dos psíquicos genuínos, não dos falsos psíquicos “que se vencem por dinheiro” e que são astutos e malignos. Estes estão muito longe de ser impressionáveis. Em realidade usam de seu poder mesmérico para impressionar e influenciar os incautos.

Não aludo a estas pessoas, mas aos sensitivos pobres, de vontade fraca, que são impressionáveis como as “negativas” dos fotógrafos, e para quem o “desenvolvimento” significa receber a impressão de fora.

Peço-vos, sede homens positivos, nunca negativos!

CAPÍTULO XX

IMAGINAÇÃO INDUZIDA NA ÍNDIA

Neste ponto desejo chamar vossa atenção para um lado do assunto que recebeu escassa atenção nas mãos de escritores ocidentais. Aludo às manifestações maravilhosas de imaginação induzida exibida por vários mágicos do Oriente, em particular pelos da Índia e da Pérsia. Estes fatos desenrolam-se hoje naqueles países e são iguais a quaisquer dos exemplos admiráveis relatados dos antigos mágicos da Pérsia ou do Egito.

Sem entrar ou me estender na consideração do assunto em questão, menciono poucos dos exemplos lembrados de imaginação induzida entre os orientais, a fim de vos dar uma ideia do grau de poder possível a um adepto na prática. Descreve um escritor uma exibição desta ordem na Índia, testemunhada por ele mesmo. E; a este escritor profundamente cético e acreditava que tudo era “prestígio” por ligeiras de mão ou por outros métodos semelhantes. Isto é, assim acreditou ele até que realmente testemunhou a demonstração. Refere que o mágico era um hindu indígena, de compostura digna e imponente, assistido por grande número de seus companheiros.

Sentou-se o mágico no chão e pôs diante de si jarros, caixas, alfaias e outros bens parafernais. Abriu a sessão pela produção de algumas finas serpentes, que tirou das caixas e pôs no chão, diante de si, à vista dos circunstantes, depois de lhes pedir que as examinassem para se certificarem da realidade delas.

Um inglês naturalista presente classificou-as como pertencentes a uma das variedades bem conhecidas da Índia. Começou o mágico a entoar um cântico monótono, lento, triste, indolente, no qual predominava o som “um-m-m-m-m-m-m”, como o de um zangão ou de uma distante serra. Ergueram-se as cobras e moveram suas cabeças de um lado para outro, ao som daquele canto.

Tocou-as o mágico, brandamente, de tempos a tempos, com o seu bastão. Pareceram as cobras crescer aos olhos da assembleia e de pequenas se tornaram imensos “boas constrictores”, que alarmaram aos assistentes, ingleses e naturais. Pediu o mágico aos circunstantes que ficassem tranquilos, porque não havia nenhum perigo. Isto dito, reverteu o processo e as cobras se foram gradualmente diminuindo em seu tamanho, até que desapareceram da vista de todos.

O ato próximo foi igualmente admirável. O mágico colocou um dos assistentes no centro de um círculo traçado na areia e, com gestos e cerimônias apropriadas, procedeu à sua encantação mágica. Viu-se o rapaz andar à roda, cada vez mais depressa, como um peão; depois, começou a ascender gradualmente no ar, andando ainda à roda, até que desapareceu da vista. Feito isso, o mágico, revertendo o processo, fê-lo baixar das alturas. O rapaz apareceu, primeiro, como uma pequena mancha. Foi gradualmente crescendo, até que acalmou a terra, rindo e saudando as pessoas presentes.

O ato seguinte foi a colocação de algumas sementes de mango (Fruto de uma árvore natural das Índias Orientais. Vem-nos dali ente na forma de conserva.) dentro da areia, e a construção em torno delas de um montículo. Começou o mágico o seu canto e fez alguns passes sobre o montículo. Em um momento, viu-se aparecer um rebento e, depois, uma plantinha que gradualmente assumiu o tamanho de árvores. Floresceu a árvore e frutificou, tornando-se maduros os seus frutos, que foram colhidos pelas pessoas presentes. Depois reverteu o mágico o processo. A árvore desapareceu gradualmente e o mágico sacou da terra as sementes, que apresentou aos circunstantes.

Fato singular: os frutos colhidos pelos presentes desapareceram juntamente com a árvore.

O último fato foi tão admirável como os precedentes. Apresentou o mágico o rolo de uma corda, que passou aos circunstantes para ser examinada. Deu um nó a uma das extremidades da corda e lançou-a ao ar. A corda desenrolou-se rapidamente e viu-se o nó, no ar, ir ascendendo. Depois que a corda se desenrolou completamente e ficou com a extremidade esquerda a agitar-se sobre o chão como se pendesse de um gancho, a uns cem pés de altura, um dos assistentes aproximou-se e pegou dela. A um grito do mágico, começou ele a subir rapidamente pela corda e, em pouco tempo, desapareceu da vista, depois de se ter feito tão pequeno como sua mancha no ar. Então, à outra palavra do mágico, a mesma corda flutuou no espaço e desapareceu. Isto fez fim ao espetáculo. Mas aqui há uma sequência notável: um inglês presente provocou um estalo com seu aparelho fotográfico de algibeira, justamente no tempo em que o rapaz trepava pela corda. Quando a negativa foi revelada, não houve nenhum sinal de corda, nem de rapaz, nem de nenhuma outra coisa pertencente à manifestação. O mágico mesmo achava-se fora do centro da cena, sentado em um terreno ao lado, tendo nos lábios um sorriso de contentamento. Demonstrou este fato o que similares testemunhas também provaram, isto é: que os fatos não se cumpriram realmente, mas foram apenas ilusões produzidas por impressões sobre as mentes do auditório. De fato, houve exemplos de imaginação induzida. Dar-vos-ei outras provas disto dentro em pouco, depois de referir mais alguns exemplos desta estupenda manifestação.

Relata outro escritor, correspondente de um jornal americano, que, indo uma vez em viagem de recreio num vapor, por um dos rios da Índia, e, parando em certo lugar, viu subir à margem, com a rapidez de um macaco, um indígena, tendo simplesmente um pano nas costas e fortemente ligada à parte posterior do pescoço uma trouxa vermelha, para a preservar da água, quando nadava na praia. Não havia nada nele que o distinguisse de um faquir ordinário,

porém ele logo mostrou a sua qualidade. Passando por diante do convés, apanhou um rolo de corda fina que ali se via, da qual, desenvolvendo, deu-lhe um nó e lançou este ao ar, por onde a dita corda foi subindo, até que desapareceu, consoante referimos mais atrás. Passando um marinheiro com parte de um coco na mão contendo o líquido ou “água” da amêndoa, tomou o mágico a casca das mãos daquele e, segurando-a sobre um balde da nau, ali próximo, vazou-a nele até que o encheu, e repetiu o processo com outro balde, enchendo-o da mesma forma e mais doze baldes foram igualmente repletos da dita água vazada do pedaço daquele coco. Isso feito, tomou um dos baldes cheios e fê-lo gradualmente diminuir até que desapareceu. Um momento depois, mostrou um pequeno balde em sua mão, o qual foi gradualmente crescendo, até que se mostrou novamente cheio do dito líquido que lhe chegava às bordas, a ponto de ser entornado no convés.

Presenciando a estranha ação, estava uma jovem mãe com seu filho ao lado e uma aia também moça, a distância de alguns pés. Com certo horror, a mãe viu, então, a criada levantar-se no ar e dirigir-se para o seu filho, como se ela se deslizesse para ele e erguer-se no ar com a criança nos braços, até que desapareceu com ele entre as nuvens.

Pôs-se a mãe a gritar desesperadamente e a olhar para cima; e, estando ainda a olhar, viu aparecer uma nuvem branca como lã, que tomou gradualmente a forma da criada, e se foi tornando maior à medida que descia, até que, afinal, alcançou o convés novamente, entregando a criança à sua mãe, já contente. Depois de apertar a criança contra o seio, a mãe bradou: “Como te atreves a tomar meu filho?” Bastante surpresa, a rapariga respondeu: “Ora mamãe, teu filho esteve sempre dormindo e eu não toquei nele”. Então o faquir pôs-se a rir e disse: “Mem Saihib esteve somente sonhando coisas estranhas”.

Dei aqui simplesmente um exemplo de imaginação induzida de uni notável grau de poder, produzida pela imagem mental do faquir; os fatos precedentes foram igualmente assim produzidos.

Mas isto foi somente o princípio. Desatou o faquir sua trouxa vermelha e, tirando dela um coco, mostrou-o aos passageiros, passando-o de mão em mão, para inspeção. Isso feito, pôs o fruto na extremidade de um bambu e, agitando este, mandou-o chover em indi como uma fonte, e, imediatamente, brotou dele um jacto de água que caiu sobre o convés como chuva copiosa. Então mandou parar a chuva e esta obedeceu-lhe. Depois fê-la novamente cair. Isto repetiu ele várias vezes.

Em seguida, materializou uma cobra no ar e fê-la desaparecer ao seu mando, depois de haver com ela amedrontado os passageiros. Feito isto, materializou várias formas humanas em plena luz do sol, à vista de todos, e mandou-as, depois, desaparecer gradualmente até dissiparem-se como uma nuvem de vapor.

E, tomando ali uma coleta, que foi bastante liberal, em rápido nado, ganhou a praia. Os naturais entre os passageiros do navio, riam-se da admiração dos europeus presentes e zombavam da conversação sobre pelotica ou poder mágico, informando-os de que aquilo era somente um exemplo da telepatia hindu ou influência mental e que, entre aqueles que resistem ao feitiço, não viam nada do fenômeno, exceto o faquir com seus olhos cintilantes, mostrando toda a evidência de um poder e o exercício concentrado de sua imaginação.

Esses fatos são bastante comuns em muitas partes da Índia, mas são ali conhecidos como ilusões mentais; os que tentaram apanhar a exibição em placas fotográficas falharam, pois elas nada mais revelaram do que o mágico em um estado de concentração mental. Os mágicos desenvolveram o poder de fazer com que muitas pessoas, ilusoriamente, ao mesmo tempo, vejam, ouçam, provem e cheirem coisas que não têm existência material. Trata-se da imaginação induzida em um grau desenvolvido, porém difere ela somente em grau dos fenômenos mais familiares no Ocidente.

Nesta conexão aprez-me ajuntar o testemunho e a explicação que me foram dados pessoalmente por um grande sábio e estimado amigo meu, um sábio hindu, que viajava neste país. Recebeu este meu amigo uma alta educação em adição aos seus conhecimentos orientais, e se tornou mui versado tanto nos ensinamentos do Leste como nas doutrinas do Oeste. Disse-me este gentleman, que, na sua juventude, presenciou várias exibições da espécie já relatada, no seu torrão natal. Primeiramente foi confundido e mistificado pelos faquires, porém a direção científica que deu à mente fez-lhe procurar uma solução. Assim pôs-se a experimentar, e achou-se logo apto, ao menos, para classificar os fenômenos como do domínio de pura ilusão mental. Achou ele que a multidão costumava juntar-se muito estreitamente em torno do mágico, posto que se reservava certo número de jardas afastadas do operador para as últimas instruções e necessidades. Verificou o meu amigo que se ele se retirava poucas jardas da vizinhança do povo, não podia ver nada a não ser o mágico; todos os fatos mágicos desapareciam. Quando ele se juntava à multidão, via plenamente as místicas aparências. Experimentou diversos modos, sempre o mesmo resultado.

Em resumo, a influência confinava-se a uma certa área e a influência mental era, sem dúvida, aumentada pelo “contágio” das diferentes mentes na multidão. Presenciou o meu amigo o fato muito conhecido da “árvore do mago” e o do “desaparecimento da corda” (ambos relatados nestas páginas) e, desta maneira, determinou que tudo aquilo era obra de ilusão mental, em vez de ser uma ocorrência que anulasse as leis estabelecidas da Natureza. O testemunho deste cavalheiro corroborou a opinião que já formei a este respeito, a qual concorda com as das melhores autoridades.

Terminando este capítulo, desejo indicar aos estudantes desta obra uma ideia errônea que se infiltrou em muitos livros do Ocidente que tratam do hipnotismo, etc. e que menciono e explico. Os mágicos hindus, ou mesmeristas, ficam frequentemente de cócoras durante “seus encantamentos”, sussurrando um canto monótono, vagaroso, como já se descreveu, movendo o corpo da cintura para cima, em movimento circular, de torção dos quadris e, ao mesmo tempo, fixando firmemente seu olhar sobre o auditório. Este movimento é um mero acompanhamento ao canto moroso, muito parecido com os movimentos dos bailarinos

orientais, que torcem o corpo de, um modo semelhante em ritmo à música. O movimento é simplesmente um costume entre aqueles povos e nada tem com a produção do fenômeno, como todos os ocultistas hindus sabem e já vos dissemos. De fato, os mágicos mais altos entre os hindus não fazem mais do que manter uma posição digna, calma, permanente, ou “a firme posição de yogi”, na qual corpo mantém uma postura igual e firme, em uma posição de descanso e respeito, postas as mãos sobre os joelhos, estando as costas de uma dentro da palma de outra. Todos os naturais da Índia compreendem a matéria acima, mas os visitantes ocidentais concluem que este giro circular do corpo, começando dos quadris, tem alguma relação com o “poder manifestado”. E, como já disse, muitas obras ocidentais sobre este assunto entraram em consideráveis minuciosidades sobre esta maravilhosa “Magia Oriental” que afirmam ser completada por este movimento corporal. Eles podem do mesmo modo apontar alguns enganos físicos de movimento de cada hipnotizador ocidental afamado e sustentar que dito movimento é o “segredo de seu poder”.

Penso não ser necessário um novo comentário neste caso. Os movimentos, atitudes, etc., são simplesmente partes do “trabalho cênico”, destinadas a realçar a impressão do mistério. Isto é tudo. Fui informado, por uma autoridade cuja palavra merece o maior respeito — por ter gasto muitos anos na Índia e outros países orientais — de que o seguinte método é usado por estes mágicos orientais para desenvolver em si o poder de criar fortes imagens mentais nas mentes daqueles que assistem às suas práticas. Principia o mágico, quando moço, a praticar imagens mentais em sua própria mente. Este processo é parecido com a Visualização, como mencionei em outros capítulos desta obra. Em primeiro lugar, o mágico usa de sua vontade e tenta formar uma imagem mental distinta de muitos objetos familiares, como uma rosa por exemplo. Ele faz este exercício até que vê realmente a coisa diante de si, com os olhos de sua mente, da mesma forma que certos pintores eminentes adquiriram a faculdade de “visualizar” as faces, das pessoas com quem se encontram, de modo que podem reproduzi-las na tela com novas posturas. Então o mágico experimenta com objetos maiores, e com grupos de objetos, e assim por diante, para imagens mais complexas. Após anos de constante experimentação e prática na produção daquela obra, ele se vê habilitado a pintar algumas destas cenas descritas neste capítulo como “fatos”, isto é, se torna capaz de as pintar claramente em sua própria mente. Isto feito, o mágico se faz apto para, por sua vontade concentrada altamente desenvolvida, projetar a imagem mental nas mentes dos que o cercam. É a imaginação induzida levada a um alto grau de manifestação.

O povo ocidental não dedica tempo e atenção ao cultivo de tais faculdades, ao passo que o oriental gasta voluntariamente parte de sua vida para alcançar este fim. Mas, por outra parte, o ocidental dedica todo seu tempo à aquisição do poder da vontade e concentração, com o fim de se fazer um estadista ou financeiro. Cada um, conforme seu gosto e temperamento, não “trocaria” os lugares ou poderes com o outro. Ambos empregam, não obstante, a mesma força e, pouco a pouco, conseguem o que desejam.

CAPÍTULO XXI

O OCEANO DE PODER MENTAL

Vereis, pela referência nos capítulos precedentes, que o termo “Telementação” é usado por mim no sentido de “influência mentativa a distância”; a palavra deriva do grego Tele, que significa “ao longe” e a palavra “mentação”, que emprego no sentido de “atividade mental”. Lembrar-vos-eis de que a palavra “mentação” implica atividade do “Poder Mental”, que considero ser universal em seu caráter. Lembrar-vos-eis também de que a ação de telementação depende da produção dos estados mentais induzidos pelas correntes mentativas.

Recordar-vos-eis de que a indução mentativa opera em linhas semelhantes às da indução magnética ou elétrica, isto é, um estado mental pode ser reproduzido em outra mente por indução mentativa, operando por meio de correntes mentativas.

Expliquei como os estados mentais podem ser induzidos por sugestão, tão bem como por correntes mentativas, e não aludirei a esta fase neste lugar, mas considerarei a indução mentativa em sua fase de manifestação por meio de correntes mentativas. Esta menção de termos técnicos pode ser-vos um tanto “árida”, mas tomareis conhecimento do uso inteligente e significação dos termos por meio dos quais sereis capazes de formar em vossas mentes ideias firmes.

Os termos são “estacas” em que podeis prender pensamentos e ideias. De outra forma, os pensamentos e ideias se espalhariam em confusão.

A fim de que possais mais plenamente compreender os maravilhosos fenômenos da telementação, penso seria bem lançarmos outra vista sobre o princípio fundamental ou o Poder Mental mesmo. Compreendendo a natureza da força empregada, podemos compreender melhor seus efeitos e leis de operação. Estais lembrados de que admiti a existência de um Poder Mental universal, iminente, manifestando em toda forma de vida, energia e mente.

Sustentei igualmente que todas as manifestações pessoais do Poder Mental em nós e outros são unicamente centros de poder no grande Oceano de Poder Mental universal. Estais lembrados também que admiti não ser o cérebro um “criador” do Poder Mental, mas da natureza dum “transformador” do Poder Mental universal em formas e fases usuais. Bem, até aqui compreendemos o assunto.

Passemos, pois, a considerar as correntes mentativas.

Em primeiro lugar, as correntes devem pôr-se em movimento em qualquer lugar e de qualquer modo.

Onde e como? Vejamos! Devemos ver que as correntes mentativas têm a sua origem, ou antes, o seu impulso inicial na mente de algum indivíduo. Como? No seu cérebro, sem dúvida, e daí parte. Por que? Porque o cérebro é “transformador” do Poder Mental em formas ou fases usuais.

Qual é a natureza da ação do cérebro? Informa-nos a ciência, bem como os ensinamentos ocultos, de que há em todos os processos do cérebro um “queimamento” de substância cerebral e matéria nervosa, assim como há um “queimamento” dos elementos em uma bateria elétrica. O processo é idêntico em ambos os casos. Tanto o cérebro como a matéria, “converte” “transforma” uma energia já existente em uma forma universal, energia que não pode ser criada, aumentada ou diminuída. O cérebro e a bateria usam de material em seu processo. Ambos geram “correntes” de força, que são capazes de efetuar mudanças em outras substâncias, etc. Mostra-nos a ciência que há uma produção ou geração de “calor” na manifestação do Poder Mental no cérebro. A temperatura do cérebro eleva-se, quando empregada em obra ativa do pensamento, ou outras formas de atividade mental, ou de agitação.

Mesmo a temperatura de um nervo delicado aumenta quando é usado.

Este fato foi inteiramente demonstrado pela ciência. Que é que faz o cérebro manifestar esta energia?

Estados mentais! Que é um estado mental? Sabeis o que significa “mental”; “estado” significa uma “condição”. Um estado é uma “condição mental”.

De que dependem, pois, os estados ou “condições mentais” e por que variam?

Dependem dos graus de vibração de excitação do aparelho mental! Aparelho mental? Deve uma coisa ter um aparelho mental, antes que possa manifestar estados mentais, originais ou induzidos? Sim, mas lembrai-vos disto: todas as coisas têm seu aparelho mental, mesmo as que estão abaixo do átomo e das partículas de que os átomos se compõem. Todas as coisas “sentem” e “respondem ao sentimento”, mesmo as formas das mais materiais.

A ciência expõe isto dogmaticamente. Tudo o que “sente” e responde deve manifestar desejo e vontade, embora unicamente em um modo elementar; e deve ter aparelho mental a fim de fazer isto. Há mente e mecanismo da mente em todos os átomos e em tudo o que deles se envolve. Não é isto afirmação minha,

te, mas a última palavra da ciência moderna, proclamada pelos mais adiantados -de seus representantes.

“Vibração de excitação”, eu disse. Que é uma vibração? É um estado de movimento intenso e rápido de uma partícula. Mostra-nos a ciência que todas as coisas estão em vibração contínua; e que a natureza diferente das coisas depende de seu respectivo grau de vibração.

E que é “excitação” no sentido do termo que uso? Assim, pois, deve achar-se uma condição de “atividade vibratória despertada”, fundamentando os estados mentais? E esta atividade vibratória despertada comunica movimento às correntes mentativas e impele-as para outros, nos quais induzem estados semelhantes. Tal é toda a história.

Se temos, pois, um estado mental de “atividade vibratória despertada” de um indivíduo, como se passa ele para outros indivíduos sem contato direto? Pelas correntes ou ondas mentativas! Que são correntes ou ondas mentativas, e como operam?

Nossa razão está, agora, acima de toda dúvida que se possa ter sobre a compreensão do que isto significa. Respondamo-lo à luz da ciência moderna.

Há uma falsa compreensão nas mentes da maior parte das pessoas à cerca das “corrente” e “ondas” de luz, magnetismo, eletricidade, calor, etc. Sabem que as ondas de calor e luz, por exemplo, viajam milhões e milhões de milhas do sol à terra, onde são sentidas depois de percorrerem uma distância tão longa. Sabem-no perfeitamente, mas parecem pensar que o calor e a luz são substâncias que “viajam” realmente em ondas tão grandes distâncias. Não é, porém, isto que a ciência nos ensina. Pelo contrário, ela sustenta que a luz e o calor não viajam, mas vibram em “ondas no éter”. É o éter uma suposta forma delicadíssima da matéria que enche todo o espaço e se acha tanto entre os átomos como entre os mundos.

Nada se conhece à cerca do éter, mas a Ciência é obrigada a aceitar sua existência para explicar certos fenômenos.

Sustenta ela que estas “ondas no éter”, uma vez postas em movimento, viajam até pôr-se em contato com a matéria capaz de transmitir suas vibrações.

Achada a tal matéria, recebe ela as ditas vibrações e as reproduz em forma de calor e luz. Em outros termos, a luz e o calor que se originam do sol não “viajam” para a terra a fim de ser por esta experimentados, mas, pelo contrário, o calor e a luz originados do sol estabelecem “ondas no éter” que viajam até alcançá-la.

Quando encontram material próprio, reproduzem e “transformam-se” em ondas de calor e luz, semelhantes às do impulso original e nós, os terrenos, sentimos o calor e vemos a luz. A eletricidade e o magnetismo reproduzem-se da mesma maneira.

Semelhantes são as vibrações do som que estabelecem vibração elétrica no telefone, a qual viaja e se torna a transformar em vibrações de som na extremidade do fio. Quando pensardes nisso, lembrai-vos que as vibrações na extremidade receptora são “induzidas”. Alguma coisa há geralmente mal compreendida.

Pensam as pessoas que estas “ondas” viajam realmente, como viajam as ondas que se formam na água onde se lançou uma pedra. Mas há um engano em ambos os exemplos. A força do movimento da pedra produz a elevação da água que chamais onda. Passado o movimento, outra onda se forma. Depois outra e outra mais, até que tendes uma série de ondas que viajam aparentemente para a praia.

Em realidade, porém, as ondas não viajam; comunicam simplesmente seu movimento às partículas da água próximas e um esforço de movimento se exhibe.

O movimento real de uma onda é “para baixo e para cima” semente.

Ponde na água uma cortiça e provocai ondas. Notareis que, enquanto o movimento das ondas viaja, a cortiça se move “para baixo e para cima” juntamente com as ondas. Eis como a Ciência explica o movimento: Tomai, diz ela, um cordel. Ligai uma de suas extremidades a um poste ou parede e tende a outra em vossa mão. Afrouxai um pouco o cordel e agitai-o para cima e para baixo. Vereis gerar-se um movimento de onda, uma série de ondas a passar sobre o cordel desde vossa mão até o poste ou parede. Não obstante sabeis que o cordel não viaja, mas se move simplesmente de cima para baixo. Não há viagem aqui, mas tão somente movimento induzido ou comunicado.

A este respeito todas as ondas são semelhantes: ondas de luz, ondas de calor, ondas elétricas, ondas magnéticas, ondas mentais.

Mas estas de calor e luz são “ondas no éter”, que é urna coisa material. Disse-vos eu que as ondas do Poder Mental são mais altas do que a substância etérea mais delicada, e que a atravessa. Digo que todos nós somos centros em um grande Oceano de Poder Mental. Por essa razão, sustento que as correntes e ondas mentativas são realmente correntes e ondas no grande Oceano de Poder Mental; e que a atividade vibratória estabelecida em nossa mente, minha mente ou mente de milhares, continua no grande Oceano do Poder Mental e produz “ondas” ou correntes” de energia, que viajam até alcançarem o aparelho mental de outros indivíduos, em que tendam a reproduzir as vibrações originais ou estados mentais, por indução, lembrai-vos.

Em outros termos, que estas “ondas “ e “correntes” são duo as ondas e correntes do Oceano — não só do Oceano, mais ainda nele.

Minha ideia das correntes e ondas mentativas são que: não só são manifestações do Poder Mental universal, mas também viajam no Oceano deste princípio universal. E este grande Oceano mentativo é cheio de correntes, ondas, ressacas, turbilhões, redemoinhos, correntes marítimas e outras formas de atividade.

Imaginai um grande Oceano de Poder Mental. Se não podeis fazer esta ideia, pensai então neste Oceano Mental como o grande Éter Universal enchendo todo o espaço. Seja como for, a imagem deve mostrar este Poder Mental enchendo todo o espaço, tanto entre os átomos como dentro mesmo dos átomos.

Pode ser que começareis melhor, formando a imagem de todo o espaço cheio de todas as formas e figuras e contendo unicamente Poder Mental; um Oceano de Poder Mental deve ser pensado como uma energia ou força, capaz de operar tidas as sortes de manifestação, quando provocada.

Pensai, depois, em um pequeno centro de poder, formado neste grande Oceano de Poder Mental — um pequeno turbilhão, tão pequeno que os mais fortes microscópios podem dificilmente distingui lo. Vede, depois, inumeráveis turbilhões formados neste Oceano. A esses pequenos turbilhões chamamos centros de poder. Eles combinam-se e as figuras começam a aparecer.

Aparecem átomos de matéria, compostos da combinação desses pequenos centros que assim se tornam centros cada vez maiores. Depois vêm as combinações disse átomos e as várias formas de matéria aparecem, porque, como sabeis, tidas as substâncias se compõem de átomos, em várias combinações; todos os átomos são aparentemente compostos de pequenas partículas chamadas “elétrons”, que parecem ser pequenas unidades de força, mas que são atraídas e repelidas umas por outras, e parecem ter suas “simpatias “ e “antipatias”, mostrando os elementos da mente dentro delas.

Então estas figuras e formas de matéria tornam-se cada vez mais complexas e os centros de poder mais potentes. E as formas de coisas vivas começam a aparecer, elevando-se desde a célula microscópica baixa a combinações de células em plantas vivas, depois em animais e, em seguida, na vida humana. Cada forma, tanto que sobe mais alto, desenvolve mais Poder Mental. Até que, finalmente, vemos o Homem com sua mente admirável, como um grande centro de poder. Mas, lembrai-vos que todas essas figuras, formas, células, plantas, animais e homens, têm como substância interna essencial, a este mesmo princípio de Poder Mental, de que o mesmo Oceano se compõe. São centros de poder neste Oceano de Poder Mental, mas compostos da mesma substância que a do Oceano.

Podeis imaginá-los como turbilhões vibratórios de Poder Mental, se vos apraz, e não estareis muito afastados da verdade, se assim fizerdes.

Vidas as coisas são centros de atividade e “energia, no grande Oceano Universal de Poder Mental. Estes centros de poder são de diversos graus de atividade. Chamaremos “positivos” aos mais fortes, e “negativos” aos mais fracos. Assim, conforme seus vários graus de poder e vibração, cada centro é positivo para uns e negativo para outros. Cada qual tem seu grau de positividade. Pensai, pois, nestes centros como mentes humanas e chegareis a desenvolver, em particular, a vossa imagem.

Figurai cada um destes centros manifestando atividade vibratória, convertendo e transformando a energia mentativa tirada do Oceano do Poder Mental.

Vede-os enviando as ondas e correntes de energia mentativa, que induz vibrações ou estados mentais semelhantes em outros centros. Vede alguns centros fortes, positivos, gerando correntes giratórias parecidas com redemoinhos no corpo do Oceano de Poder Mental, que se estende muito além do centro e afeta outros centros muito mais longe daquele. Se examinardes detidamente vosso quadro, vereis essas correntes giratórias atraindo continuamente para os seus centros coisas, pessoas e ideias, em virtude de seu grau particular de vibração, ao passo que as coisas de vibrações diferentes parecem comparativamente não ser afetadas pelas correntes.

Isto e outras coisas podeis ver em vosso quadro, quando mais claro se fizer para vós. Em adição a essas correntes, vereis grandes ondas tomando certas direções rumo a certos objetos para onde são dirigidas.

Em suma, todos os fenômenos do Oceano de Poder Mental. Vereis o quadro da circulação do Poder Mental; a formação, o crescimento e a evolução dos centros de atividade e energia mentativa. Quando reparardes mais na vossa pintura, vereis que cada um desses centros de energia parece ter dois polos de atividade, dos quais um age na direção de impelir, levar, forçar, guiar, obrigar, dirigir, etc., sendo a sua ação a de levar “para fora”; e o outro age na direção de atrair, colher, chamar, acariciar, seduzir, encantar, afagar, etc., sendo a sua ação a de trazer ou chamar “para dentro”. A primeira parece ser uma força masculina; a segunda, uma força feminina. Aquela age como poder de vontade; esta como força de desejo.

Estes dois polos de Poder Mental possuídos de cada centro chamam-se polo positivo e polo negativo, respectivamente. Descrevi estes característicos sempre que tocamos em nossas lições. Uma vez mais, porém, chamo a vossa atenção para o significado dos termos aplicados a eles.

“Motivo” significa, sem dúvida, “o que move, o que incita à ação”. “Emotivo” significa “o que move ou excita os sentimentos”. Lembrai-vos que “excitamento” significa “atividade despertada”.

Assim, pois, “emotivo” significa “o que desperta os sentimentos e os põe em atividade. O lado emotivo da mente relaciona-se sempre com os “sentimentos” e o “motivo” com a vontade.

Os melhores resultados nascem da combinação do sentimento com a vontade: desejo e ação. Como em todas as outras coisas, a combinação das qualidades masculinas com as femininas e os característicos, produz os melhores resultados.

Todo homem tem os seus pontos fortes e fracos. Juntos eles são irresistíveis nas linhas de trabalho físico, mental e espiritual.

E agora os bosquejos amplos de nosso quadro mental foram traçados com todas as suas minuciosidades.

Mas o nosso quadro é mais do que isso. É uma pintura móvel em ação vivida e movimento espiritual. Ele nos mostrará os variados fenômenos da telementação em uma série de movimentos, ação, cenas reais e palpantes.

Tudo se passará no quadro, mesmo sem intervenção de material externo. A pintura natural contém o material para uma variedade infinita de ação e combinação. É um mundo em si mesmo. Porei, agora, o maquinismo em operação e mostrar-vos-ei a vossa imagem mental do Oceano do Poder Mental e seus centros de energia em pleno movimento e atividade. Prestai-me benevolmente vossa atenção, enquanto vos descrevo a cena.

CAPÍTULO XXII

UM VISLUMBRE DO MUNDO OCULTO

Pedi-vos, no capítulo precedente, que formásseis uma pintura mental do Oceano do Poder Mental. Continuemos a examinar minuciosamente esta pintura. Observemos as atividades e manifestações que se apresentam. Considerando esta pintura mental mágica, devo imaginar que sois altamente desenvolvidos no ocultismo e que, por conseguinte, podeis “ver” o que os ocultistas chamam “segundo plano”. Sem aprofundar o assunto da questão (pois ele não faz parte deste livro), digo-vos que os ocultistas reconhecem sete planos de vida, dos quais todos têm suas próprias leis e fenômenos.

O primeiro plano é o nosso plano material ordinário, cujos fenômenos podem ser observados por todos que são dotados de sentidos físicos. Este primeiro plano é o da matéria, e todos os seus fenômenos são materiais. Tudo o que se pode ver neste plano é o movimento ou a presença da matéria.

Mesmo quando dizemos que vemos a manifestação de alguma força (neste plano), realmente significamos que vemos esta força tanto que produz um movimento ou mudança na matéria, não vemos a força de tudo; o que vemos é a matéria movida pela força.

O segundo plano é o das forças sobre o qual opera, em todas as formas, a energia ou força. Os ocultistas que alcançaram o segundo grau de desenvolvimento, podem sentir os fenômenos das forças no próprio plano delas, independente da presença da matéria. Para explicar isto, direi que, sobre o primeiro plano (o plano da maior parte da raça), os fenômenos que se relacionam com a eletricidade podem ser sentidos por meio da matéria em que a eletricidade opera. Podeis ver objetos materiais movidos pela eletricidade, mas não a eletricidade mesma. O mesmo se observa a respeito do magnetismo. Podeis ver a agulha atraída pelo ímã, mas não as correntes das vibrações magnéticas. Não podeis ver as ondas de luz em vibração, mas sim a manifestação da luz quando estas ondas ferem um objeto material.

No segundo plano, porém, aqueles que atingem o segundo grau, referem que as “ondas vibratórias” de eletricidade, magnetismo, luz, calor, etc., podem ser sentidas sem a presença do veículo material, mas que podem ver as tais vibrações. Podem; por exemplo, ver as ondas de eletricidade ou magnetismo passando pelo éter, antes que alcançassem os objetos materiais que afetam em um modo visível à vista ordinária.

Referem que até mesmo as ondas vibratórias dos Raios X lhes são visíveis, sem o auxílio do quadro fosforescente usado pelos cientistas antes que os Raios X lhes apareçam. Sabeis, sem dúvida, que estes raios, os mais altos, de fato, para a vista ordinária, são invisíveis ao olho humano, ainda que susceptíveis de serem apanhados pelos instrumentos, placas fotográficas,

etc. Referem as pessoas deste segundo plano que percebem inteiramente as vibrações das ondas ou correntes do Poder Mental. Lembrai-vos, porém, de que não veem a “Mente” mesma. veem -ente as “ondas” de energia emanando da Mente. Os cinco planos restantes: o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo, pertencem aos mais altos graus do ocultismo e não formam parte da matéria deste livro. Menciono-os simplesmente para que os estudantes mais adiantados reconheçam que me não é estranha a sua existência e importância, bem como não nutro nenhuma crença falsa sobre haver unicamente estes dois planos. Pertencem estes capítulos aos ensinamentos do segundo plano e não têm nada com o terceiro ou algum dos mais altos. Tratam exclusivamente da fase da “energia” mental, isto é, da Mente em seu aspecto de Poder Mental.

Em outra ocasião, posso tratar dos “planos mais altos”, mas não agora. Voltando ao nosso quadro do Poder Mental, presumo que podeis sentir os fenômenos do segundo plano e, assim, ver realmente a passagem e existência das ondas e correntes mentativas. Dando-vos as instruções conscientes, podereis pintar os fenômenos com mais clareza do que se me restringisse ao método do primeiro plano. Desejo mostrar-vos as forças mesmas, bem como seus efeitos, nas formas da matéria. A primeira coisa que haveis de ver em nossa pintura do Poder Mental é a presença de grandes nuvens de substância vaporosa, alguma coisa parecida com flocos de algodão dos dias de verão, ainda que algumas delas sejam mais escuras e pesadas. Notareis a presença de cores nestas nuvens, sendo umas de um cinzento escuro, outras tingidas como as nuvens do sol nascente ou do sol poente. Oferece-nos um quadro bellissimo a massa variante de nuvens de todas as espécies, figuras, formas e graus de densidade.

Consideremos o que essas várias cores significam, pois cada uma tem o seu significado. Depende a cor do grau de vibração e este, do sentimento que põe as ondas em movimento. Não tinha em mente mencionar isto neste capítulo, mas vejo que o não posso omitir, sem prejudicar aos meus estudantes. Quando se põe alguém a falar dos fenômenos do segundo plano, dificilmente evita levar a história até ao fim.

Dou-vos as “cores emocionais”, a fim de que as possais reconhecer, tanto que as virdes na pintura. Ei-las:

O azul é a cor vibratória pertencente ao sentimento espiritual; representa vários sentimentos e emoções de religião. A sombra se faz mais clara quando o conceito religioso ascende na espiritualidade.

O azul claro representa um sentimento espiritual alto, desinteressado. Uma bela cor violeta representa o sentimento religioso mais alto; e uma sombra peculiar, que pode chamar-se “ultravioleta”, representa um desenvolvimento espiritual de uma ordem muito elevada.

O amarelo é a cor vibratória pertencente aos sentimentos e emoções em sociedade com o poder intelectual. A sombra torna-se mais clara assim que o intelecto ganha concepções mais altas. Um amarelo escuro é a cor do estado intelectual ordinário, ao passo que o intelecto brilhante apresenta uma cor de ouro brilhante. Há uma sombra ainda mais alta que esta,

ainda que mais rara entre a raça. Aludo a essa de um amarelo primário, daqueles que alcançaram um alto grau do verdadeiro desenvolvimento oculto — a espiritualidade iluminada. Informam-nos os ensinamentos ocultos mais elevados que essa sombra vibratória é a do “Espírito” ou a “Essência do Ser”. É a luz branca pura, de um brilho indescritível.

O alaranjado que é uma combinação do amarelo e vermelho, pertence à intelectualidade orgulhosa ou ambição intelectual, de um grau notável.

O pardo é uma cor vibratória de avareza e avidez.

O vermelho é a cor vibratória da paixão, em todas as suas fases. Vermelho carregado, escuro, pertence às paixões da animalidade e sensualidade. Um vermelho escuro brilhante pertence à ira e ao ódio. Misturado com o preto é ira e ódio provenientes da malícia ou inveja; misturado com verde, denota ódio proveniente do ciúme e da inveja. Sem mistura de nenhuma cor, indica “luta” por algum suposto direito ou causa ordinária. Quando esta cor se vê na sombra do carmesim, é o sinal do amor mais elevado; a sombra torna-se mais lúcida e clara à medida que o sentimento sobe na escala do caráter. Um amor grosseiro, egoísta, torna a cor de um carmesim escuro. Uma forma de amor mais elevado mostra-nos uma sombra mais clara; terminando em uma sombra que se aproxima de uma suave cor de rosa, denota o caráter de uma amizade de um plano alto.

O verde é uma cor vibratória peculiar e indica um número de fases raras de sentimento e emoção. Um verde sujo, escuro, denota inveja ou ciúme. Um verde um tanto cinzento, indica impostura; toma-se cada vez mais claro, quando a qualidade de impostura se eleva na escala. A sombra de um verde-claro brilhante manifesta tato, diplomacia, cortesia, adaptabilidade, etc.

O cinzento é uma cor vibratória negativa, que em sua forma escura indica tristeza, depressão ou melancolia, etc.; em sua forma clara brilhante indica egotismo; e em uma certa forma pálida, receio ou terror.

O preto é a cor vibratória do ódio, da malícia, da vingança e outros semelhantes estados de sentimento.

Essas cores vibratórias emocionais formam, sem dúvida, inumeráveis combinações entre si, mas o que ficou exposto acima dá-vos a chave para a interpretação delas. As cores vibratórias dos dois polos mentais dificilmente se podem chamar cores, porque suas cores formas derivam do caráter do sentimento que inspira e lhes dá o grau de vibração e cor que indica o impulso motivo ou emotivo. Pode-se, porém, dar uma diferença mesmo entre os dois.

O polo emotivo, em suas correntes de força de desejo, mostra um efeito cintilante como se houvesse uma multidão de faíscas miúdas ou estrelinhas na corrente; o polo motivo, em suas correntes de poder de vontade, mostra um efeito algo parecido com uma multidão de pequenos relâmpagos, cruzando-se no curso ou corrente.

Em adição às nuvens mencionadas acima, outra há que deve ser mencionada enquanto consideramos o assunto. Aludo ao que se pode chamar “vibrações de vitalidade” que irradiam de um corpo robusto e que são causados pela “força vital” que penetra o corpo durante a vida, e faz mover-se a máquina física. Preferem alguns chamar-lhe força nervosa. Essas vibrações não apresentam cor especial, ainda que, quando de perto ou no corpo, manifestem uma tinta francamente avermelhada. Quando vistas saindo do corpo, mostram uma falta de cor, como água clara, e assemelham-se ao vapor aquecido de um fogão, lâmpada ou chão quente, isto é, parecem-se com um corpo sem cor, vibrante, de ar. O grau e a força dessas vibrações dependem do estado de saúde física da pessoa que as manifesta.

Como vemos, agora, a nossa pintura do Poder Mental e nele se agitarem as sombras e formas de seres humanos, podemos observar que cada ser está cercado de uma “aura” ou “atmosfera” de forma oval, de vibrações emocionais, radiações emanadas de seu estado mental. Estende-se esta aura do corpo à distância de uma vara, e gradualmente desaparece ao aumentar a distância.

Vê-se colorir a aura de cada pessoa conforme as vibrações de seus estados mentais prevalentes.

Mostra-se cada estado mental em sua sombra apropriada, com suas próprias combinações, tendências, etc, e por isso o ocultista adiantado chega a ler o caráter das pessoas como num livro aberto, segundo as cores emocionais. E mesmo que alguém não possa, de momento, manifestar um estado mental, sua aura mostrar-se-á colorida do estado mental prevalente, como se fosse o seu “caráter”. Essas vibrações componentes da aura de uma pessoa, afetarão, sem dúvida, aos que entram em relação com ela.

As vibrações continuam mesmo além da aura visível, em um grau mais brando. Assim é que, sobre a nossa pintura podemos falar da sorte das pessoas que passam por nossa frente. Seus estados mentais são revelados pelas cores emocionais.

Vejamos, agora, como certas pessoas afetam a outras. Aproxima-se um homem de outro. O grau de positividade dinâmica do primeiro é superior ao do segundo. Vemos, quando reparamos que a cor de sua aura penetra à do mais fraco e que a cor da aura deste se vai gradativamente assemelhando à do primeiro. Podemos observar o processo e assim esquadriñar as coisas que acontecem.

Os estados mentais do primeiro homem induzem sentimentos e emoções ao segundo por meio das correntes de energia mentativa que fluem para este. O primeiro homem não se esforça para impressionar ao segundo. Seu “magnetismo” tornando-se mais positivo, afeta ao do outro e induz-lhe estados mentais similares. O segundo homem “recebe os estados” do primeiro, como podemos ver pela mudança na cor. Este é o modo como as pessoas afetam as outras inconscientemente afetadas. É, como vedes, um caso simples de indução mentativa.

Move-se o segundo homem, sentindo-se mais oprimido ou exaltado, como o caso requer, em virtude de seu contato com o primeiro e levando consigo um pouco dos sentimentos gerais e “caráter” do outro. Este segundo homem, um pouco mais tarde, encontra-se com outro e podemos ver quando este novo homem afeta o “segundo homem” pela sugestão de suas maneiras e palavras. Ele não parece, como o primeiro de que falamos, enviar fortes correntes, mas seus símbolos exteriores de voz, palavras, maneiras, etc., se põem logo em ação e vemos o nosso “segundo homem” ter estados mentais que lhe foram induzidos pela sugestão.

Vistes dois estados ou fases mentais de indução mental.

Nosso homem positivo prossegue o seu caminho e descobre a outro homem que deseja influenciar em certos negócios. Observai-o, pois, e vereis alguma coisa interessante. A “aura do homem positivo” parece perturbar-se e grandes chamas de cor saídas dele parecem saltar em torno do outro homem.

Assemelha-se este processo à ação das línguas de fogo. Estas línguas de Poder Mental enrolam-se em torno de outro homem; umas parecem cintilar como se manifestassem a ação de o atrair para o homem positivo; ao passo que outras parecem bater nele como uma chuva de pequenos relâmpagos. Umas representam a força do desejo, outras a ação do poder da vontade.

Dá-nos isto uma boa ilustração da influência pessoal em uma entrevista ou fase de magnetismo pessoal.

Quando a ação se faz mais animada, podeis ver o poder da vontade do homem positivo despedindo, diretamente, finos relâmpagos que saem como faíscas de uma bateria elétrica, e podeis notar o processo pelo qual ele bate e neutraliza o poder da vontade do outro, que, cansado e escravizado, se rende às imposições e exigências do mais forte. Este processo se apressa quando a vontade do mais forte impressiona de tal modo a força do desejo do mais fraco, que este se torna admirado ou fascinado. O efeito aumenta ainda mais quando a força de desejo do mais forte estabelece uma indução mentativa de vibrações correspondentes no polo de desejo do mais fraco. Um quarto elemento no ataque fornece-lhe uma força de desejo forte, quando atrai para si a vontade do mais fraco, desde o seu par natural, seu polo de desejo próprio. Este é o caso de um ataque determinado, combinado. Verdade é que o homem positivo pode não conhecer um só fato relativo ao Poder Mental, mas ele aprendeu o processo de afetar e influenciar a outros e de sujeitá-los à sua vontade e desejo, ainda que seja ignorante da explanação científica do processo. Todo indivíduo dinâmico positivo compreende isto instintivamente e seu conhecimento aumenta com a confiança em si mesmo que a prática lhe dá. Essas pessoas passam da cena e podemos ver em seus lugares homens e mulheres “seduzindo”, “encantando”, “atraindo” a outrem, em virtude de operar a sua força de desejo nas linhas do chamado “amor” que não é mais que uma paixão animal interesseira, em muitos casos maior que a manifestação desordenada em seus apetites.

Vemos em nossa pintura muito disto, mas notamos que muitas pessoas parecem poder repelir facilmente essas atrações e não são afetadas pelas correntes de desejo. Seu estado mental geral é tão diferente que interpõem uma grande resistência e a corrente do ataque é desviada e quebrada, mesmo sem emprego de um grande esforço da vontade. Vemos muitos exemplos disto em todas as formas de influência mentativa. “O semelhante atrai o semelhante” com sua obra mentativa, e aqueles que são atraídos são geralmente aqueles cujos estados mentais correspondem a uma grande extensão com os das pessoas que os afetam. Há, sem dúvida, exceções a esta regra, devido à ignorância e falta de experiência firmada na confiança e na fé, mas a regra é geral.

Continuando a observar a pintura, vedes pregadores influenciando suas congregações; grandes correntes de energia mentativa rolando sobre a assembleia ou igreja. As congregações, estando em uma atitude receptiva e passiva, com as vontades relaxadas, atraem realmente a força dos pregadores.

Podeis julgar o grau de sentimento religioso que o pregador espalha, examinando a sombra de sua “cor azul emocional”. Chegareis a ver uma sombra melhor entre as igrejas estabelecidas, de regra. Notareis também as ondas e correntes da congregação, que formam a “atmosfera” da igreja e que são imediatamente sentidas pelo estranho que entra por suas portas. Semelhantes coisas notareis nos teatros e reuniões políticas e em todos os ajuntamentos de povo. A cor vos dá sempre a chave do caráter da assembleia e das pessoas que a formam.

Vedes, agora, o hipnotizador e seu paciente em um salão público. Notareis que a cor emocional do hipnotizador não é atrativa. Notareis a cor cinzenta neutral da aura do paciente, que parece ter comprimido uma porção de seus próprios estados mentais.

É um paciente profissional e um escravo do “professor”. Vereis o magnetismo do hipnotizador passando para o paciente e enchendo completamente a sua mente. Vereis como a vontade do hipnotizador suplanta a do paciente e a domina inteiramente. Notareis que o polo de desejo e o polo de vontade do paciente parecem não mostrar energia própria, mas ser inteiramente movidos pela personalidade e mente do operador. Este é, sem dúvida, um caso extremo, mas ilustra melhor o fenômeno. E, por seu efeito sobre os presentes, podeis determinar o adiantamento neutral deles. A cor vos dá a explicação. A sugestão mental desempenha, sem dúvida, a sua parte em todos esses casos, mas não podemos ver esta, porque não é uma corrente ou onda, senão simplesmente a operação de símbolos exteriores na direção de induzir estados mentais a outros. Podemos ver os estados mentais induzidos, mas só podemos conhecer ouvindo o que se diz e faz.

Menciono semente alguns casos que vedes na pintura, com o fim de ilustrar as diferentes fases do princípio e operação da força. Todos eles vos dão meramente uma ilustração da telementação em “curto espaço”.

Continuemos, pois, a examinar os exemplos da operação da mesma força, em curto espaço, em todas as suas suas fases admiráveis. Antes, porém, de o fazer, lancemos ligeiramente o olhar às “atmosferas mentais” das capitais, cidades e aldeias, assim como aos edifícios, localidades, etc., que passam diante de nós na pintura. Isto é. o mais interessante e instrutivo.

Em primeiro lugar, notareis as grandes nuvens de energia mentativa penetrando todo lugar, toda esquina. Cada qual mostra sua própria sombra de cor vibratória, indicando as vibrações que nascem de certos estados mentais prevalecentes.

Falei-vos das causas disto em um capítulo precedente e não tocarei aqui nuas suas minuciosidades.

Deveis estar lembrados de que vos expliquei como as várias correntes de energia mentativa, de todas as sortes e graus, chegam a cada pessoa, se unem e se misturam, ou neutralizam entre si as suas forças. As correntes de graus semelhantes de vibrações harmonizam-se, formam combinações e misturas. As de vibrações opostas entram em conflito e neutralizam reciprocamente as suas forças. É desta maneira que se formam as “atmosferas mentais” dos lugares.

Podeis vê-las na pintura. Mas, podeis perguntar, por que persistem estas nuvens depois que as pessoas as emitem?

A resposta é que a força uma vez posta em movimento persiste por um maior ou menor tempo, que depende de intensidade do impulso original. Assim como a luz de uma estrela, ou antes, sua onda de luz existe e se move muitos séculos depois que a estrela cessou de existir; assim como as vibrações de calor continuam em um quarto depois de removida a causa; assim como os odores ficam, quando a coisa desaparece; assim ficam as vibrações mentativas e suas correspondentes formas de pensamento, longo tempo depois que desapareceu o sentimento original. Sim, por muitos anos, em muitos casos.

Desta:maneira, lugares, casas, armazéns, etc., conservam “atmosferas” comunicadas pelas pessoas por longo tempo a começar de quando se afastaram. Os armazene são “insalubres” por causa dos estados mentais negativos de algumas pessoas que os ocuparam. As casas são “perseguidas” em razão das vibrações nascidas de sentimentos ou desejos intensos, ou ainda do horror ou receio de algum criminoso ou vitima.

A “atmosfera” das prisões é bem conhecida do visitante ordinário que sente as vibrações de que o lugar está saturado. A atmosfera dos lugares de baixos prazeres é igualmente percebida. Conheço um lugar desta ordem, em que as vibrações continuaram muitos anos depois que os inquilinos saíram e os edifícios foram usados para fins comerciais.

Os hospitais têm uma influência opressiva sobre a maior parte dos indivíduos. Esses efeitos negativos podem, sem dúvida, ser removidos por um “tratamento” mental do lugar ou quarto, enviando-lhes correntes de energia mentativa de um caráter estimulante. Por outra parte, a presença de um homem ativo, enérgico, bem sucedido, ou de homens da mesma qualidade, em um lugar, penetra-o de vibrações positivas que estimularão a todos os que

estiverem nele. Lembra-me um grande edifício de escritórios em uma vasta cidade, o qual se encheu de tal modo das vibrações dos que o ocuparam, aumentadas ainda de outras atraídas, que a influência resultante delas se fez ali uma espécie de “inspiração” para os que vieram depois a ocupá-lo.

De certas pessoas ouvi que, depois que trataram os seus negócios no tal edifício, eles aumentaram, e em igual proporção as suas energias.

Há uma lei que fundamenta estas coisas. Se o povo a compreendesse, tiraria muitas vantagens de seus lados positivos e evitaria as fases negativas. Penso que vos dei uma boa ideia nesta direção. Estas grandes nuvens de vapor de Poder Mental manifestado constituem, muitas vezes, o que chamamos “formas de pensamento” que passaremos a descrever-vos. Segui as explanações destas coisas como apareceram na pintura.

Essas formas de pensamento são realmente “formas de sentimento”, lembrai-vos, usando eu um termo mais familiar. Ainda que geradas ou “criadas”, da mesma maneira, essas formas de pensamento diferem mui materialmente em seus característicos e particularidades.

Consideremos alguns desses detalhes característicos e “aparências”. Por “aparências” significo, sem dúvida, seu aparecimento aos que não podem perceber no segundo plano. Mas possa ou não alguém perceber assim, o efeito dessas formas de pensamento manifesta-se da mesma sorte sobre ele.

Não é necessário “ver” uma coisa para “sentir” sua influência. Mas compreendeis, sem dúvida, o que já eu disse. A mais comum das formas é a de uma série de ondas encrespadas ou escarcéus de uma substância semelhante a nuvens de vapor, a qual sai da mente da pessoa entregue ao estado mental que a origina. Manifestam as ondas uma forma circular que se move em todas as direções, desde o centro comum, à guisa daqueles círculos causados por uma pedra que se lançou ao poço.

O alargamento (Isto é, a distância viajada pelas ondas.) e o grau de rapidez manifestado dependem da intensidade do impulso emocional. A rapidez diminui na razão da distância aumentada, mas largo tempo depois de cessado o movimento, existe, parece, um movimento quase imperceptível das ondas exteriores que se impelem vagarosamente.

Outra variedade de formas de pensamento manifesta-se como um volume de fumo de cigarro assoprado pelo fumista. Apresentam-se tais formas em longas correntes e, embora se alarguem e se espalhem, mantêm, contudo, a mesma direção originariamente tomada. Esta outra variedade a que nos referimos surge com outra pessoa ou coisa e quando a atenção do mentador se concentra, consciente ou inconscientemente sobre tal pessoa ou coisa. Neste caso, o movimento da forma de pensamento está na direção da pessoa ou coisa diretamente considerada pelo mentador. Afim a esta forma de pensamento existe uma série de outras semelhantes a massas de fumo saídas de um grande incêndio. Essas formas de pensamento são, com grandes impulsos, lançadas a uma direção certa pela mente do mentador onde se originam. Outras espécies de formas de pensamento espalham-se firmes, mas preguiçosamente na direção do objeto pensado. Outras lança-as o mentador a todas as direções e se assemelham ao vapor interno. Outra ainda aparece como um “clarão” de

relâmpago lançado de um espelho quando em face do sol. Certas formas particulares de poder da vontade manifestam-se como sulcos vivos de relâmpagos. Outras formas viajam e parecem envolver o objeto pensado. Impelidas pelo desejo forte do mentador, agem como se procurassem “trazer” àquele os objetos desejados. De fato, esta é exatamente a natureza da ação desta classe de formas do pensamento. O efeito produzido depende, sem dúvida, da positividade do mentador e da força do desejo. Sem dúvida, é o efeito materialmente influenciado pelo grau de positividade da pessoa afetada e outras atrações que impedem a rendição ao “abalo” da força de desejo. No caso de um desejo forte da parte do mentador, dado o caso de se estar, dia após dia, manifestando a “paixão dominante”, aparece uma combinação de formas de pensamento que se assemelham a um grande polvo de estrutura densa e enormes tentáculos vaporosos ou braços lançados a todas as direções, procurando a coisa desejada e tentando “atraí-la” ao seu centro. No caso de uma alta aspiração, sustentada por uma vontade forte e ativa, esta combinação aparecerá com a cor e forma vibracionais correspondentes ao caráter do estado mental, ao passo que, no caso de um caráter baixo de desejo, se manifestarão as cores mais escuras. Outra espécie de forma de pensamento age como se procurasse impelir o objeto para alguma direção particular, ao passo que outras parecem reter o objeto.

Em ambos esses casos, a ação e direção da forma de pensamento depende da natureza e caráter do desejo ou vontade do mentador ao tempo da concepção da corrente mentativa. A espécie mais peculiar da forma de pensamento aparece quando o mentador deseja obter informação sobre certo objeto, e emite ansiosamente sua força de desejo em todas as direções para o atrair, quer seja ou não consciente da natureza do processo positivo. Neste caso, a forma de pensamento mantém uma relação delicada com a mente do mentador, e arremessando-se aqui e ali, atrai a si as formas de pensamento emanadas das mentes de outros, que podem chegar a conter as vibrações desejadas.

Ela alcança mesmo a presença de outros mentadores e absorve as vibrações mentativas emanadas deles e literalmente “rouba suas ideias” se eles as não guardaram pela sua vontade.

Nesta conexão, chamo vossa atenção para o fato assaz conhecido, que as pessoas, mantendo os mesmos pensamentos ainda que em diferentes partes do mundo, se ponham na mais estrita relação umas com outras, como sabe muita gente por sua própria experiência. Neste caso as formas de pensamento agem à maneira de “fio mentativo” que levam as vibrações de uma à outra mente.

Muito parecida com esta espécie de forma de pensamento acima dita é a que ocorre nos exemplos de comunicação telemental direta entre as pessoas. Neste caso, a forma de pensamento vai em linha firme de uma à outra mente e serve de “fio direto”, levando as correntes de uma pessoa à outra.

Outra variedade de forma de pensamento há que se espalha em largos giros. Esta forma de pensamento tem um movimento rotatório.

Vão-se os giros constantemente alargando em forma de círculos, isto é, tornando-se maiores todos os dias, conforme o impulso que receberam do mentador. Mas a figura mais peculiar desta forma de pensamento é um movimento estranho para o seu próprio centro, por meio do qual ela absorve tudo o que atrai para o turbilhão. É esta fase manifestada pelos homens de forte positividade, cujos planos e desígnios se estendem em largas áreas pelos homens que se constituem “centros” de “sorvedores” mentativos e atraem tudo o que vem a cair dentro da sua influência. De fato, fazem que as coisas “venham por seu próprio caminho”.

Descrevi algumas figuras e variedades de formas de pensamento que vistes em pintura. Mas, tanto que continuarmos no assunto, consideraremos, particularmente, outras mais. Tratando destas formas de pensamento, mostrei-as como figuras ou formas, isto é, como uma substância material, a fim de que pudésseis compreender bem a natureza de sua obra.

Muitas formas de pensamento são não só “coisas”, mas ainda tão embebidas ficam no desejo intenso e na vontade do mentador que parecem ser “forças vivas”.

Tais formas de pensamento levam os característicos do mentador a uma extensão tal, isto é, tão embebidas se acham em a “natureza” que, quando são sentidas, parecem quase como a presença real do próprio mentador fazendo, as suas explicações ou alegações.

Como produções conscientes, tais casos são raros, sem dúvida. Podem ser bons ou maus. O desejo forte de um moribundo tomou, muitas vezes, uma “forma real” para uma pessoa amada ou amiga, ainda que a alma daquele se não separasse do corpo. Em caso de desejo veemente ou necessidade, uma pessoa atrai tão fortemente os que se afligem por ela, que estes lhes enviam uma forma de pensamento de auxílio, conselho e assistência. Os ocultistas adiantados podem fazer isso voluntária e conscientemente, mas poucos alcançaram este grau.

CAPÍTULO XXIII

PROTEÇÃO PRÓPRIA

Voltemos a considerar as várias formas da operação prática de telementação. Verificareis, sem dúvida, que mesmo no caso de influência mentativa em uma entrevista pessoal, há uma passagem de correntes mentativas e manifestação de telementação.

A distância entre as duas mentes é curta, mas o princípio em operação é precisamente o mesmo quando a distância é de centenas de milhas e o processo é idêntico. Lembrai-vos que, quando falo de força de desejo e poder de vontade, me refiro à força dos dois polos respectivos do Poder Mental. Ambas essas formas não são mais que fases da mesma energia ou força. Não penseis que há três forças distintas. Só há uma força e esta é o Poder Mental, de que o poder da vontade e a força de desejo são respectivamente manifestações. A diferença depende dos dois polos de força respectivos: o motivo e o emotivo.

Creio que vos lembrais disto. Dividirei as manifestações de telementação em duas classes gerais, a saber:

- 1) telementação direta, isto é, o uso da força com o propósito direto de influenciar uma certa pessoa ou pessoas;
- 2) telementação indireta, que é o uso da força unicamente com o propósito geral de efetuar o resultado desejado, sem direção especial para com alguma pessoa ou pessoas particulares.

Consideremos, pois, estas duas classes de telementação, em suas fases diferentes:

Em considerando, primeiro, o assunto da telementação direta, vemos os casos em que a influência pessoal se exerce em entrevistas pessoais, e sob circunstâncias em que o mentador e outra pessoa ou pessoas se acham em relações íntimas, isto é, à vista um do outro. Sob esta subclasse se coloca o fenômeno de fascinação, magnetismo pessoal, influência pessoal, persuasão, encanto, indução, etc., etc., em suas muitas e variadas fases. Vimos essas manifestações várias, em outros capítulos, e não necessitamos de parar aqui para as considerar.

Compreendemos que o efeito é causado pela efusão do Poder Mental, nas formas de poder de vontade e força de desejo, efusão que tem por fim a indução dos estados mentais similares às mentes de outros e a satisfação maior ou menor, ou completa (conforme as circunstâncias do caso) do desejo ou vontade do mentador.

Inclui a segunda subclasse aqueles exemplos de telementação de “ordem longa”, que produz os fenômenos de influência mental, projeção da vontade e outras formas de influência. sob muitos nomes e disfarces, inclusive o emprego da força em benefício e vantagem da pessoa “tratada” ou influenciada, bem como os usos repulsivos e deploráveis, a que já nos referimos, usos que todos os povos, em todos os tempos, praticaram para maleficar a outras com proveitos e vantagens egoístas.

Inclui esta subclasse o que se conhece como Magia Branca, ou uso da força de um modo desinteressado e louvável, com fins dignos em vista; e a Magia Negra, ou o uso da mesma força para fins indignos de um modo injustificável e egoísta. Mas, como eu disse na primeira parte destas lições, esta força é como qualquer outra grande força da natureza e pode ser usada para o bem ou para o mal, conforme o estado mental de quem usa dela. Verdade é que o mago negro cai nas malhas de sua própria obra e, mais cedo ou mais tarde, será vítima das forças que despreendeu; mas isto não altera a exposição que fiz. Nesta forma de telementação, o mentador usualmente concentra-se sobre a pessoa ou coisa que deseja afetar, e depois, conscientemente, e pelo uso de sua vontade, ele envia a essa pessoa ou coisa uma corrente ou correntes de forças de desejo ou força de vontade ou ambas.

Os ocultistas sabem que o grau de efeito assim produzido depende largamente do grau de concentração empregado pelo mentador. O grau de concentração depende da vontade e manifesta-se na forma de atenção. O plano usual é usar a vontade concentrada para formar uma imagem mental clara da pessoa ou coisa que deve ser afetada e então fazer como se estivesse em presença da pessoa mesma. Quanto mais clara a imagem, maior o grau de vontade concentrada empregada e, por conseguinte, maior o grau de poder projetado em corrente. A mesma forma de telementação fundamenta todos os fenômenos de “trato adverso”, de bruxaria, etc.

Mas, aqui, tenho a declarar-vos uma coisa importante: geralmente o efeito dessas formas de influência malévola, é grandemente exagerado, e todos os ocultistas sabem que a razão principal do efeito incontestável desse poder assenta no estado mental da crença, fé e receio das pessoas afetadas. Se alguém “crê” ou “receia”, por exemplo, que certa pessoa tem o poder de adversamente o influenciar ou afetar, o efeito dependerá largamente do grau de fé ou receio. As pessoas afetadas por “tratos adversos” ou “bruxaria” ou formas similares de influência perversa, “creem” e “receiam” invariavelmente que tais influências são efetivas.

Por meio de seus estados mentais se fazem negativas e receptivas às influências dirigidas contra si. Isto é uma verdade oculta, que deveria ser bem conhecida. É o “antídoto” contra o veneno dos “tratos adversos” de que nos tempos modernos ouvimos falar tanto, bem como na história antiga, sob vários nomes. Se as pessoas conhecessem o poder individual como centro do poder, rodear-se-iam de uma aura positivamente protetora, contra a qual viriam bater inutilmente as ondas de vibrações adversas.

Muitos casos ouvimos de pessoas que foram “tratadas” desta maneira, nestes últimos dias de pseudo-ocultismo; de certos indivíduos que fizeram “repulsas” a outros, enviando-lhes uma telementação contrária.

Tais indivíduos agem, mantendo um sentimento correspondente de “nego que Fulano esteja bem ou prospere”, etc. Muitos chegam até ao ponto de “negar” que certa pessoa “exista”.

Podeis imaginar o efeito das correntes deste sentimento sobre a mente que se tornou negativa pela “crença” e pelo “receio” de que outra pessoa a possa afetar. A sugestão do “medo” ou “crença” (e isto é justamente o que há, sugestão) torna a mente de uma pessoa um paciente apropriado, receptivo para o “trato” adverso. Digo-vos que, se conseguirdes afirmar vossa Individualidade e assumir uma atitude de coragem, rireis nas faces dos autores da magia negra, porque ela é o que é, por mais que tentem disfarçá-la sob nomes religiosos.

Esses modernos “tratos adversos” nada mais são que formas da velha feitiçaria que tanto affligiu nossos antepassados; nada mais que as práticas de Voodoo, ou obras de encantamento” dos pobres negros de hoje. Os princípios são os mesmos, a prática é a mesma e os práticos são os mesmos magos negros de coração maligno, todos eles sujeitos ao fado inevitável que os oprimirá, por mais altas que sejam as suas pretensões. As ações materiais, físicas, os “feitiços antigos”, as imagens de cera, as bolas de miolo e quejandas tolices, não foram mais que ação sobre as quais os práticos concentravam a sua vontade.

Além disso, usavam eles terrificar suas vítimas pela sugestão.

Não nego que os objetos materiais tomam e absorvem o “magnetismo” das pessoas, bom ou mau, pois isto é uma verdade oculta bem estabelecida, e a eficácia dos “encantos”, das relíquias sagradas, etc., depende desse fato, auxiliados ainda pela sugestão.

Digo, porém, que todos os encantos no mundo, todas as bruxarias e práticas materiais de Voodoo não podem produzir outro efeito que o que lhes é permitido pelas mentes das pessoas que buscam afetar. O medo e a crença determinam o grau de receptividade de tais fluências.

O Kahuna ou o “rezador” do Hawai pede vítimas para a morte, quando, para tal fim, as não compra. Isto, porém é o receio e a crença do povo que torna a ação dele efetiva.

Se as pessoas lhe chamassem mentalmente “fanático” e, ao mesmo tempo, afirmassem as suas individualidades como centros mentativos, ficariam absolutamente imunes. Não preciso referir muitos exemplos desta ordem de telementação para fins ilícitos, porque as páginas da histórias estão cheias deles.

Ainda que os historiadores olhem esta matéria e a tratem como mito, zombando da credulidade dos nossos antepassados, contudo o fato é que os “feiticeiros” e “encantadores” subiram ao cadafalso e ao poste, confessando o seu crime. Bem é que atribuamos todo o malefício à imaginação das pessoas afetadas; mas porque não nos falam eles da estranha “imaginação” que produziu tais efeitos no povo?

A causa pode ter sido “imaginária”, mas os efeitos foram certamente reais. Referirei um exemplo que servirá de tipo a essas formas de telementação. Cita-o um velho médico alemão.

Diz ele que foi consultado por um lavrador que se queixou de um estranho rumor que o incomodava à noite e que lhe parecia soar à guisa de um espantoso ferro. Ocorria entre as dez e as onze da noite.

Perguntou-lhe o médico se tinha algum inimigo de quem suspeitasse tal influência e incômodo. Respondeu que só havia um velho ferreiro da aldeia, seu inimigo, cujo poder receava, e que vivia muitas milhas distante de sua pessoa. Pediu-lhe o médico que voltasse no dia seguinte e, neste entretanto, visitou o ferreiro e perguntou-lhe o que fazia entre as dez e as doze horas da noite, acompanhando a pergunta com um olhar de forte vontade e poder. O ferreiro, um tanto, espantado respondeu: Forjo, toda a noite, por este tempo, uma barra de ferro e, durante este trabalho, penso intensamente em um inimigo meu que me subtraiu uma boa soma; e, ao mesmo tempo, mantenho a vontade de que este barulho lhe perturbe o descanso.

Ordenou-lhe o médico que abandonasse esse propósito e, em seguida, fez o lavrador pagar ao ferreiro a soma que lhe devia, e a inquietação acabou-se.

Se desejais mais exemplos desta ordem, lede os velhos livros que tratam da “ilusão da feitiçaria” e notai a semelhança. Mas é bastante um exemplo para ilustrar o assunto. Todos eles são parecidos.

Notareis os dois elementos necessários presentes em todos os casos, a saber:

1) o uso da força por uma pessoa;

2) a crença ou o receio ou ambas estas coisas da parte da segunda pessoa. Lembrai-vos do que já vos disse — que a mesma força empregada em tais casos para o mal, pode também ser usada para fins lícitos e dignos. As “operações” para as boas coisas efetuadas pelos “curadores” de várias escolas da Ciência Mental e outros do Novo Pensamento estão justamente nas linhas de telementação direta.

Muita gente tem sido animada, auxiliada e curada pela telementação. Não vos esqueçais do bem, considerando o mal. O bem pertence à fase da Magia Branca, da qual o uso pode redundar em benefício para quem a pratica.

Pelo contrário, o mago negro deve colher as tempestades do vento que semeou. Essas coisas voltam para quem as emprega, trazendo o seu terrível cortejo de tristes consequências.

Além do interesse e mau uso de que acima falei, há outro péssimo emprego da telementação direta bastante conhecido nestes últimos anos. Refiro-me à influência mentativa por telementação com o fim de levar a pessoa a cair nos planos e empresas do mentador. O princípio envolvido não difere do empregado para o bem e para o mal. Forma o mentador a imagem mental da outra pessoa e inunda-a de suas correntes de força de desejo e de poder de vontade, querendo e desejando, ao mesmo tempo, que tal pessoa faça o que o mentador deseja. O mentador emprega comumente, neste caso, uma pintura mental na imaginação, formando assim sua matriz mental, conforme à qual tenta ele fazer a outra. Tal é a forma da “Visualização”, de que logo falarei. Esta prática, bem como outra de igual teor, pode, sem dúvida, ser anulada por quem a firme sua individualidade e vontade.

Não vos sentireis, sem dúvida, dispostos a pôr em operação muitos métodos aqui descritos; isto não obstante, com conhecimento do que foi mencionado nestas páginas, podereis ver a operação destes princípios em torno de vós na vida diária. Vê-los-eis em operação em todos os lados, depois que vos familiarizardes com as leis de operação. Sentir-vos-eis instintivamente guardados contra a sua influência, como se estivésseis protegidos contra um golpe físico que vos ameaça.

Ficareis surpresos e talvez aflitos algumas vezes, ao ver pessoas que tentam influenciar-vos de todos os modos e de quem não tinheis nenhuma suspeita.

Lembra-vos da afirmação da vontade positiva e do uso da negação enérgica!

A pessoa que deseja influenciar outra a distância, como o faria no caso de uma entrevista, forma uma imagem mental da que deseja ver influenciada, depois procede como se visse diante de a tal pessoa. De um mestre sei eu que aconselha os seus discípulos a “operarem” com fregueses em perspectiva e com outros com quem esperam tratar ou ter relações. O método deles é o seguinte: “Imaginai (dizem) vosso freguês em perspectiva, sentado, por exemplo, em uma cadeira, ante a qual vos conservais em pé. Fazei esta pintura tão forte quanto possível, porque disto depende vosso êxito. Continuai a “tratar” a pessoa, como se ela estivesse realmente presente. Concentrai sobre ela vossa vontade e dizei-lhe o que esperais falar-lhe quando vos encontrardes com ela. Usai de todos os argumentos de que puderdes lançar mão e, ao mesmo tempo, mantende o pensamento que ela deve fazer como dizeis. Procurai imaginá-la sujeita ao vossos desejos em todos os respeitos, pois esta imagem tenderá a “se realizar” quando derdes de face com a mesma pessoa. Esta regra pode ser usada, não só no caso das pessoas que desejais influenciar, de qualquer modo. Tudo isto é fácil para o estudante deste livro, porque os princípios empregados são familiares aos meus leitores. O resultado de uma prática, como a mencionada acima, tende indubitavelmente a clarear “o caminho mentativo” para as mentes de outras pessoas e fazer mais fácil o efeito de uma entrevista subsequente.

Pois, a outra pessoa se acostumaria assim à ideia, pensamento ou sentimento, e o trabalho de clarear os arbustos mentais se faria de antemão.

Mas, felizmente, teremos o antídoto para este veneno, se conhecermos os princípios fundamentais do assunto.

Tão importante me parece a obra da proteção própria em conexão com a telementação direta, que julguei útil adicionar a este capítulo as seguintes regras gerais, que espero, lereis cuidadosamente, de modo a vos familiarizardes bem com ele. O veneno é bastante conhecido; o antídoto poucos o conhecem e, por isso, ligo muita importância ao estudo deste, neste lugar. Em conexão com as seguintes regras e conselhos, deveis conhecer o que eu disse sobre a proteção contra as impressões sugestivas; e sobre o cultivo de uma mentalidade positiva, bem como deveis conhecer os capítulos que tratam do esclarecimento de um centro mentativo, etc. Aqui estão as regras:

I. Em primeiro lugar fortificai vossa mente e acalmai vosso sentimento. Depois parai um momento, e dizei as palavras “Eu Sou”, calma e fortemente, formando, ao mesmo tempo, uma imagem mental de vós mesmo como um centro de força e poder no Grande Oceano de Poder Mental. vede-vos como se estivésseis só e cheio de poder. Depois formai mentalmente uma imagem de vossa aura, estendendo-se a uma vara de todos os vossos lados, em forma oval. vede que esta aura está carregada de vosso Poder Mental, que, fluindo, repele as sugestões malévolas que se vos enviam e faz que voltem para a mesma fonte de onde saíram.

Um pouco de prática tornar-vos-á perfeita esta imagem que vos auxiliará grandemente na criação de uma aura de vontade positiva e forte, que vos servirá de escudo e armadura dinâmica.

A afirmação “Eu Sou” é a mais forte que a ciência oculta conhece; por isso, é uma enunciação positiva do ser real.

Uma afirmação que muito me auxiliou e que podeis usar é a seguinte: “Afirmo a minha individualidade como um centro de força, poder e ser. Nada pode ofender-me. Minha mente é minha própria e recuso admitir as sugestões e influências malsãs. Meus desejos são os meus próprios e recuso admitir as vibrações não desejáveis por indução ou por outro meio qualquer. Minha vontade é a minha própria e carrego-a de poder para que bata e repila todas as influências más. Estou cercado de uma aura de vontade positiva, que absolutamente me protege.”

A negação seguinte deu, a muitas pessoas, provas do maior valor: “Nego a qualquer pessoa o poder de me influenciar contra meus próprios interesses. Sou senhor de mim mesmo.” Estas palavras podem parecer simples, mas, se as usardes, ficareis admirados de sua eficácia. Verificareis, sem dúvida, que é o estado mental, despertado pelas palavras, o que faz a “obra” e não uma virtude particular das mesmas palavras.

II. Evitai agir por “impulsos”. Quando sentirdes um “impulso” estranho e repentino ao fazer esta ou aquela coisa, parai e afirmai vossa individualidade positiva; expulsai todas as influências, repetindo as afirmações, etc. dadas acima, e criando a imagem mental própria. Quando, depois, tiverdes restabelecido o vosso equilíbrio, considerai o impulso e decidi se entrou ou não em jogo o vosso interesse.

Podereis ver isso claramente por meio da “pureza de vosso mental” uns momentos antes. Se o impulso parece contrariar vossos melhores interesses, arrojai-o de vós, dizendo: “Expulso-vos, vós não me pertenceis, voltai para aqueles de onde viestes”; ou outras palavras deste efeito. Isto pode ter mais força, se criardes uma imagem mental da ideia descartada fugindo de vós em forma de uma pequena onda de pensamento.

Estas imagens mentais servem-nos de auxílio em tais casos, isto é, quando emitimos ou descartamos uma ideia.

III. Cultivai a imagem da ideia de uma aura positiva e pensai sempre que estais cercado dela. vede-vos como um “Eu” forte, positivo, um centro de poder dentro de um inexpugnável círculo-de-força de defesa. Ficareis admirados da maneira confusa dos que tentam influenciar-vos quando encontram esta aura e vêm repelidas e voltadas para si suas sugestões e correntes mentativas. Tais pessoas “desanimam-se” quando acham uma condição como esta que não compreendem, porque poucos são os ocultistas práticos. A imagem mental de vós como um centro de poder, cercado de uma aura positiva, vontade, se persistir, far-vos-á extremamente positivos.

Assim é que a vossa influência será sentida por aqueles com quem vos relacionardes.

Rireis das ocorrências que seguem a rejeição desses “impulsos” de “extravio”, etc. Achareis que, se tivestes um impulso de comprar ou vender, com sacrifício, certa coisa, em um dia ou outro, talvez uma hora ou mais, alguém se acercará de vós e vos aconselhará pessoalmente a fazer tal coisa; e provavelmente esse alguém visará a um proveito do plano. Não quero dizer que tal pessoa tentou necessariamente influenciar-vos por correntes mentativas pois ele pode não ter conscientemente feito isto; não obstante, é justamente o que aconteceu, seu desejo ou vontade fez que estas correntes se dirigissem para vosso lado e as sentistes.

Agora que os vossos olhos se abriram a este fato, ficareis contentes e admirados de ver como recebereis muitas provas corroborantes. Afirmar, porém, sempre a vossa individualidade como um centro de força e tudo correrá bem para vós.

A força mentativa de um homem é imensamente mais poderosa, quando ele a usa para proteger sua individualidade do que para atacar a individualidade de outro. De fato, se todos compreendessem as leis da defesa mentativa e se servissem da informação dada neste capítulo, haveria uma ausência quase total de ataques mentativos, porque a futilidade dos mesmos seria reconhecida. A única razão pela qual as individualidades fortes podem afetar frequentemente as mais fracas, assenta pó ignorarem estas as forças internas e em não se defenderem.

De fato, as pessoas, em sua maioria, não conhecem de todo estas leis; e, se alguém lhes fala delas, riem-lhe, de propósito, na cara, dando pancadinhas na testa para indicar que o informante “tem o sizo fora do lugar”. Pobres carneiros! pobres gansos! Eles são felizes em sua ignorância e aborrecem os que vão perturbá-los.

Mas tornemos ao meu assunto. Achareis que requer menos esforço de vontade a proteção de vossa individualidade que o ataque à personalidade de outro. Achareis que a lei está de vosso lado, quando dizeis: “Não quero ser influenciado; nego o poder a outro de enfraquecer minha individualidade”, porque chamastes em vosso favor esta lei da Natureza que está sempre em operação, e que dá às suas criaturas a força instintiva de proteção.

Assim, não há razão de temor. Estais imunes dos ataques, se afirmais vossas forças internas. Passando a outras fases de telementação relembro-vos que, nesses exemplos de telementação direta, a força pode ser consciente ou inconscientemente usada. aqueles que conhecem as leis do uso da força podem impelir essas correntes mentativas diretas para os que desejam influenciar, como podem conscientemente dar em uma entrevista sugestões mentais a

uma pessoa. Mas, mesmo onde essas leis não são compreendidas, as correntes ou sugestões são enviadas pelo desejo ou vontade forte que anima a pessoa. Sem dúvida, a pessoa que compreende o assunto poderá dirigir sua força com maior precisão e efeito, mas em qualquer evento o efeito se produz do mesmo modo.

CAPÍTULO XXIV

INFLUÊNCIA INDIRETA

Passemos, agora, a considerar a segunda classe de telementação, a que chamo “Telementação Indireta”, ou o uso da força com um fim geral de alcançar o resultado desejado, sem direção especial para alguma pessoa ou pessoas em particular. Esta forma de manifestação de telementação pode agrupar-se em duas classes, a saber:

a) aquela em que o desejo ou a vontade geral do indivíduo, de alcançar certos resultados, se manifesta em entrevistas pessoais e induz estados mentais àqueles com quem se relaciona; e

b) aquela em que o desejo ou a vontade geral se manifesta em corrente ou ondas telementativas ou torvelinhos, afetando todas as pessoas e coisas que se interessam na empresa, projeto, plano ou empreendimento do indivíduo e tendendo a “pô-los na mesma linha” de obediência e sujeição à vontade e aos desejos do plano geral do indivíduo. Esta última forma de influência telementativa é mais comum do que se supõe. Os homens fortes e positivos põem em movimento ondas e correntes que passam por todo o país, colhendo forças em cada ímpeto, e usando o princípio do “contágio mental” para aumentar sua influência. Grandes “diretores de homens” são centros desses. “torvelinhos mentativos” e atraem ou absorvem pessoas, coisas e objetos que servem aos seus planos e ambições. eles não têm, sem dúvida, tudo isso sujeito à sua vontade, porque há muitas influências que lutam para neutralizar seus esforços. Outros homens têm projetos combatentes que se opõem à influência desses grandes mentadores e os destroem. O povo vai-se educando na natureza das forças que emprega e tempo virá em que não aceitará sugestões contrárias nem deixará que suas vibrações influenciem.

Contudo, a força é usada ainda em proveito dos grandes políticos e outras pessoas de influência entre o povo. Os grandes comerciantes usam desta força a seu modo e atraem as coisas pela “sua vontade”.

De fato, quase todos os que comerciam com o povo espalhado sobre um largo território, empregam mais ou menos esta força, em geral, inconscientemente.

Muitos desses usos não prejudicam àqueles aos quais afetam, porque os que a eles se dão o fazem em legítimas empresas e querem sempre comprá-los por “alguma terra” ou pelo preço de “alguns dólares”.

Não tenho esta manifestação da telementação como irrepreensível. Posso meramente apresentar suas leis e formas gerais de manifestação.

Quem quer, pode repelir do mesmo modo essas ondas mentativas pelos métodos já mencionados nos capítulos precedentes que se referem à resistência à telementação direta.

A regra é a mesma em ambos os casos, porque o princípio envolvido é o mesmo.

Antes de levantar mão desta parte do assunto, devo lembrar-vos que qualquer pessoa pode tirar proveito desta mencionada forma de telementação para o seu próprio bem, de um modo perfeitamente justificável. Pode ela desejar informações e conhecimentos sobre certos objetos.

Se ela, assim, mantiver um desejo forte e se, ao mesmo tempo, quiser que as correntes mentativas fluam em busca de algumas pessoas ou coisas capazes de dar de si conhecimento ou informação, obterá resultados. Achará, depois de ter, um tempo, corrido atrás das pessoas, que elas lhe trazem contentes as informações de que necessita; ou abrirá um livro em que lerá que deseja ou uma referência a outro que lhe designará o caminho. estes caminhos são bastante comuns e fornecem provas admiráveis das leis aqui estabelecidas. deste modo, ninguém ficará prejudicado e obter-se-ão benefícios mútuos.

As pessoas são, desta maneira, atraídas umas para as outras e cada qual acha o seu caminho. A manifestação acima resulta da operação do que foi chamado a “Lei da Atração”, em virtude da qual cada pessoa atrai continuamente a si pessoas, coisas, objetos e mesmo “circunstâncias”, em harmonia e a cordo com seu estado mental prevalecente. O semelhante atrai ao seu semelhante, e os estados mentais de uma pessoa determinam aqueles que ela deve a si atrair. Se não estais contente com o que vos vem, entregai-vos à obra e mudai vossas atitudes e estados mentais.

Vereis, assim, estabelecer-se sua mudança gradual e as coisas que desejais começam a “vir para vós”. Esta lei de atração já foi muito tratada nas obras de Ciência Mental durante os dez anos passados. Assim não é necessário que eu entre em minudências a respeito dela.

Dei-vos os princípios gerais neste capítulo e podeis aplicá-los, se vos parecer bem. O ato mais importante das vibrações mentativas sobre as pessoas assenta no princípio que uma pessoa é mais afetada pelas vibrações em harmonia com seus próprios sentimentos e estados mentais do que por outras de naturezas opostas.

Um homem que está cheio de planos maus, de fins egoístas, está em condições de ser colhido por vibrações similares mais do que outros que viva em planos superiores de pensamento.

Um homem cuja atitude mental é confiante e de valor, não pode ser afetado por vibrações de natureza triste, negativa, pessimista e vice-versa. Por isso, se desejais receber as vibrações dos pensamentos e sentimentos de outros, deveis pôr-vos em uma atitude mental correspondente às vibrações que desejais receber. Se desejais evitar vibrações de certa ordem, tratai de vos elevar acima delas em vossa própria mente e de cultivar os estados mentais opostos a elas. O positivo sempre vence ao negativo e os estados mentais otimistas são sempre positivos para os estados mentais pessimistas.

O sentimento da individualidade e a relação com a Mente Universal é o estado mental mais forte e positivo a que uma pessoa pode chegar.

Por isso, cultivai este sentimento e esta relação, hoje, amanhã, sempre. Toco a fase do assunto que fundamenta todos os fenômenos da telementação e nos dá a “chave” para, muitos de seus efeitos admiráveis.

Aludo ao que os ocultistas conhecem como “Visualização”.

Esta visualização é para a telementação o que o modelo é para o autor de objetos; o que a planta do arquiteto é para os edificadores; o que o “specimen” ou “matriz” é para os modeladores de metal. É o esqueleto em torno do qual se constrói a materialização das formas de pensamento. É da maior importância o conhecimento das suas leis e efeitos.

“Visualizar” significa “ver mentalmente”, isto é, formar a imagem mental de uma coisa, “vê-la em sua própria mente”, etc. A visualização nas linhas de ocupação diária de certa pessoa é uma coisa importantíssima, mas, por ser pouco conhecida, é também pouco apreciada.

Os melhores operários, escritores, inventores, compositores, etc., são os que podem “ver a coisa em sua mente”, e depois reproduzi-la em forma materializada.

Sir Francis Galton, uma das melhores autoridades neste assunto, diz:

“A livre ação de uma faculdade ativa sie visualizar é da maior importância, quando relacionada com os processos mais altos de pensamento generalizado. Uma imagem visual é a mais perfeita forma de representação mental, em qualquer lugar onde haja forma, posição e relações de objetos a espaço. Os melhores operários são os que “visualizam” o todo do que pretendem fazer, antes de tomar nas mãos a ferramenta. Os estrategistas, os artistas de todas as denominações, os físicos que inventam novas experiências e, em suma, todos os que não são rotineiros, necessitam da “visualização”. Uma faculdade de importância em todas as ocupações técnicas e artísticas, que dá esmero a todas as nossas percepções e justiça a todas as nossas generalizações, jaz enfraquecida por não ser usada, em vez de receber judicioso cultivo em um caminho como o da vontade, podendo aí produzir os melhores resultados. Creio que um estudo sério dos melhores meios de desenvolvimento e utilização desta faculdade, sem prejuízo à prática do pensamento abstrato em símbolos, é o que maior falta faz na ciência da educação”.

Tudo quanto Sir Francis Galton disse acima, é igualmente aplicável ao cultivo da arte de visualização no que se relaciona com a telementação. A perturbação da maior parte das pessoas deve-se à ignorância do que deviam saber.

Não são capazes de formar imagens mentais claras do que desejam “criar” ou “materializar”. Os homens que obtêm os resultados maiores e mais admiráveis por meio da influência mentativa, em particular na forma de telementação são aqueles que são capazes de “visualizar” mais claramente as coisas que desejam materializar”; aqueles que são capazes de formar a imagem mental das coisas que desejam manifestar. O segredo da visualização baseia-se no princípio psicológico, oculto: — Conforme a matriz mental, assim também é a forma mental, e conforme à forma mental, assim é a materialização física.

Em outros termos: A imagem mental visualizada é o molde ou a matriz em que o Poder Mental é vazado, e da qual toma a forma.

O depósito de materialização forma-se em torno desta imagem mental e assim o ideal se faz real. Se desejais obter os melhores efeitos do Poder Mental, deveis criar uma imagem mental em torno da qual se forme o material ou a materialização física.

O meio melhor de formar a imagem mental própria é pela visualização, que assim gera a matriz ou o molde em que o Poder Mental se vasa. Como é a matriz, assim é a imagem e como é a imagem assim deve ser a materialização.

Antes que possais atrair o material preciso para o alcance das coisas ou condições que desejais, deveis formar uma imagem mental clara do que desejais materializar; e antes que possais fazer esta imagem mental, deveis realizar mentalmente o que desejais fazer.

O processo disso chama-se visualização. Construí, pouco a pouco, um molde ou matriz mental até que tenhais claramente diante de vós, isto é, até que dele tiverdes uma imagem mental clara, tal como a veríeis se fosse realmente materializada. Depois, mantende esta imagem constantemente diante de vós, tendo-a antes como uma coisa real, do que como imaginação. Continuai a cercá-la de materiais necessários a fim de que lhe possais dar objetividade ou materialização. Se não puderdes ver primeiro a coisa toda como uma imagem mental, isto é, se não sois capaz de construir uma completa matriz pela visualização, fazei a próxima coisa melhor, que é a melhor para a maioria das pessoas: construí a matriz do primeiro passo para a coisa, isto é, a primeira coisa necessária.

Concentrai-vos, em seguida, sobre esta primeira coisa até que a imagem mental se projete viva e clara e achareis que as coisas se puseram em movimento.

Podeis aumentar, pouco a pouco, a vossa matriz e formar um pouco maior a vossa imagem mental, um pouco mais ampla em particularidades.

Há uma coisa importante:

Deveis ver a coisa mentalmente como se existisse realmente agora, e não como se houvesse de existir mais tarde. Realizai que a imagem mental existe agora; contrariamente, deixará de ser claro e efetivo.

Deveis dar à vossa imagem mental um constante suprimento de energia, de força, de desejo positivo e de poder de vontade, forças essas que se espalharão em direções próprias e afetarão o material necessário para a materialização de vossa imagem mental. Assim fazendo, dareis às correntes mentativas o impulso e a direção de necessidade, e elas, assim operando, chegarão a materializar em vosso caminho; aparecerão pessoas necessárias aos vossos planos; tereis informações de estranhas fontes em tempos e lugares inesperados; as oportunidades abrir-se-vos-ão.

Lembrai-vos, porém, que deveis estar preparado para aproveitar as circunstâncias e oportunidades. Deveis estar alerta, vigilante e expectante. Tereis que fazer a obra, ainda que as forças que pusestes em atividade não vos tragam o material. Abrir-se-vos-á uma porta, mas entráis por ela vós mesmo. As ferramentas e materiais chegarão às vossas mãos, usai essas coisas. De alguma parte tereis informação, mas preferi a vossa própria. O Poder Mental não ajuda os preguiçosos. Aprendei, pois, a “fazer as coisas”.

A visualização dá matéria para um grosso volume, mas julgo ter-vos dado uma ideia clara de seus princípios operantes.

Lembrai-vos sempre desta regra, a chave tripla do êxito, como lhe chamei:

1ª. Deveis desejar uma coisa intensamente;

2ª. Esperá-la com ânsia;

3ª. Empregar a vossa vontade em direção da ação tendente a efetua-la.

Mas, em primeiro lugar, digo-vos que deveis saber o que quereis, depois, criando a matriz ou molde pela visualização, isto é, deveis vê-la mentalmente como já existindo. Deve este capítulo ser lido e estudado em conexão com os precedentes, pois eles se combinam uns com os outros e a informação “se alargará”.

Dei-vos certos princípios e informa tão simples e prática que vos podem parecer fáceis de omitir, sem a própria consideração e exame.

Não vos esqueçais disso.

Não vos iludais com os termos retumbantes e verbosidade mística.

A verdade pode ser expressa sem esses enfeites e roupagens de fantasia. Procurei explicar-vos o princípio dessas coisas, mas deveis estudar cuidadosamente este ponto a fim de que bem o compreendais.

Reuni e condensei um grande número de informações nesta lição. Não passeis por cima desses pontos. Não podeis, em uma leitura apressada, chegar ao pleno conhecimento do assunto. Deveis lê-lo e relê-lo muitas vezes, com cuidadoso estudo e pensamento.

Deveis fazer algum juízo sobre vós mesmo, a fim de aplicardes os princípios gerais aos vossos próprios “sintomas” e necessidades.

Lede cuidadosamente estas lições e pensai um pouco. Não há um caminho certo ou qualquer outro para o Poder Mental. Tentei tornar o caminho um pouco mais fácil para vós. Vós mesmo, porém, deveis fazer a vossa carreira. Não podeis alcançar, por procuração, os postos mais altos.

Assimilai estas coisas. Recebestes apressadamente certas ideias que vos não foram boas. Como base dessas manifestações admiráveis de telementação, há um simples princípio de que vos falei: a indução dos estados mentais pela força do desejo e poder da vontade.

Todas as coisas ocorrem em virtude deste princípio. Pensais que o livro que necessitais e vos chega tão prontamente, teria vindo às vossas mãos por qualquer via? de nenhum modo: Ele foi trazido e posto aqui por pessoas e estas tiveram mentes capazes de ser movidas por ondas vibratórias. Assim, tanto que a coisa se pôs em operação, todas as outras cooperaram para o mesmo fará.

Mesmo o presente livro chegou às vossas mãos pela lei da atração. Não há nenhum acaso nestes assuntos. Há leis em operação por toda parte e sempre, e, sobre todas, a Grande Lei.

Terminando este capítulo, aconselho-vos novamente a que procureis reconhecer-vos como centros de energia mental viva no Grande Oceano de Poder Mental.

Sentir-vos-eis fortes à medida que vos tomardes positivos.

Sereis positivos tanto que sentiredes a vossa individualidade. Sentireis a vossa individualidade quando vos reconhecerdes como um “centro de vontade viva”.

Não há nada a receiar. Podeis afirmar sempre a vossa individualidade. Vossas cadeias únicas são as que forjais por vossas mãos. Sois livres agora, aqui e sempre. Não vos iludais com as pequenas coisas da personalidade, pois elas passam e perecem de noite. Ficai tranquilos e firmes na consciência de que sois um centro de vontade individual e viva. Não receieis afirmar

“Eu” individual. Não há diabo a temer. Nada mais; a não ser o próprio receio, pode afastar-vos da vossa herança. Afirmar o “Eu” e bani o receio.

CAPÍTULO XXV

TERAPÊUTICA MENTAL

“Terapêutica” significa “arte de curar”; por isso, a “Terapêutica Mental” significa “arte ou ciência da cura mental”.

Se eu escrevesse esta lição há vinte anos atrás, julgaria a propósito encher páginas e páginas com a exposição de muitos fatos de cura mental, mas não há tanta necessidade nos tempos presentes. O povo já ouviu muito a respeito da cura mental, e suposto difiram em suas teorias e opiniões sobre a natureza das curas levadas a efeito, contudo quase todos sabem que as curas foram e são ainda feitas pelos métodos de curar.

A história da cura mental remonta-se ao passado e as páginas mais antigas da história tratam dela como se fosse um longo e bem estabelecido método.

De fato, a história da cura mental é a história do Poder Mental, desde as raças mais antigas.

Usaram os magos antigos de seus poderes mentais para curar doentes, restaurar a natureza e as condições de saúde. Eram os doentes levados aos templos para serem curados e depois das encantações e cerimônias do costume, destinadas a afetar a imaginação a respeito dos primitivos povos, achava-se que eram beneficiados e curados.

Mas debaixo e atrás de todas essas cerimônias e ritos, achava-se o mesmo princípio produtor da cura, o qual é ainda o mesmo usado hoje por todas as formas de cura mental sob qualquer nome ou rótulo.

Só há um princípio de curar este foi, é e será sempre usado enquanto a raça existir.

Este princípio é a aplicação no emprego do Poder Mental. É o Poder Mental positivo tanto para a força quanto para a matéria, como vimos nestes capítulos e a negativa ajuda sempre à positiva quando esta é própria e inteligentemente aplicada.

O Poder Mental constrói realmente o corpo, desde uma só célula, e é inerente a todas, as partes e partículas do corpo, todas as células tiram do Poder Mental o suprimento delas. De fato, a célula, a combinação das células, todo o corpo, resulta das condições e manifestações do Poder Mental.

O corpo, em sua última análise, é todo mente.

Manifesta-se o Poder Mental de inumeráveis modos no Universo; são simplesmente certas formas de manifestação de sua força.

Isto entendido, a cura mental não é um caso de ação da “mente sobre a matéria” como ensinam muitas vezes, mas sua manifestação da mente positiva sobre a mente negativa. A mente central do homem é positiva para a mente no corpo do homem e daí o efeito da cura.

Todas as células têm a sua parte mental e a ciência nos ensina que cada uma delas leva sua vida como entidade separada sempre, porém, subordinada ao sistema todo das células, dirigido pela mente.

A mente em cada célula, ou em cada sistema de células, pode ser alcançada pela mente positiva de uma pessoa, quando propriamente aplicada. Para bem compreender a significação desta linguagem, lembrai-vos que cada órgão, parte, ossos, nervos, vasos, tecidos, tudo em vosso corpo é uma construção de células que formaram certas combinações.

Há células individuais em vosso sangue e em outras partes do corpo; e há comunidades de células em vosso corpo que desempenham certas funções e a que chamais “meu fígado”, “meu coração”, “meu estômago”, “meus rins”, etc.

Incorporei nesta simples exposição minha ideia de cura mental, ideia baseada no estudo cuidadoso de muitos anos, na experiência e investigação e nalgum conhecimento pessoal e associação com alguns dos mais célebres curadores da idade moderna.

Descartei teorias sobre teorias fictícias como desnecessárias por causa dos fatos observados pelos principais investigadores da cura mental; e “condensei” a matéria neste ponto e ideia de mente nas células e grupos de células; que a mente é negativa para a mente central positiva, especialmente quando esta é concentrada e inteligentemente aplicada.

Podeis, agora, perguntar-me:

“Bem, mas que pensais sobre todas as teorias metafísicas, religiosas e semirreligiosas avançadas em virtude das curas realizadas por vários cultos e seitas do “Novo Pensamento” e outros movimentos semelhantes? “Em resposta, direi que os vários cultos e seitas fazem cura, não por causa de seus dogmas, porém, muitas vezes, apesar deles. As curas reais são feitas pelo Poder Mental puro e simples, posto em operação e empregado em várias formas e modos, sob muitas coberturas, disfarces e aparências. É todo ele o grande e velho princípio, mas com “adornos”. O estilo de adornar depende das teorias, dogmas e seitas particulares.

Muito foi escrito, falado e ensinado sobre a cura mental, sob muitos nomes, mas os escritores, em sua maioria, ligaram-se a uma particular forma de cultos, igrejas ou organizações, que ensinam que toda verdade jaz na aceitação de alguma teoria, ideia, doutrina ou dogma particular, que avançam e sustentam de acordo com as vistas estreitas de algum ou alguns mestres.

Assim é que seus escritos tomaram a cor de suas crenças e dogmas.

É bastante lançarmos o olhar em torno de nós para ver que muitas escolas em conflito de cura espiritual ou mental estão fazendo curas, apesar de cada uma alegar que sua escola, seita ou igreja particular tem o monopólio da verdade e direitos sobre “a verdadeira cura metafísica”. A verdade é que todos fizeram curas, sendo a porcentagem quase a mesma e tomando-se em consideração as pessoas qualificadas de curadores. Apesar de alegarem que “temos toda a verdade, todos os outros estão em erro, ignorando a verdade real”, todos os que erram obtêm os mesmos resultados.

Suas teorias diferentes e contraditórias não parecem talhar nenhuma figura na obra real e quem estuda atentamente a matéria vê-se logo forçado a concluir que deve haver algum princípio fundamental da cura, do qual todos usam. E assim é! Chamo este “princípio fundamental” o efeito da mente central positiva sobre a mente corporal negativa. Podeis, se vos apraz, dar-lhe outro nome, mas os resultados serão os mesmos.

As muitas teorias, narrações, fórmulas, observações, dogmas, etc., não tiveram outro efeito que dar fortes sugestões ao povo que ficou impressionado por elas.

Algumas pessoas obtêm melhores resultados quando a cura mental é acompanhada por alguma linguagem ou explicação religiosa ou semirreligiosa, a qual desperta as partes emocionais de sua natureza, tornando-as mais receptivas ao processo da cura mental. (Relíquias e imagens sagradas causam, deste modo, bom efeito).

Alcançam outras excelentes resultados quando se arma sobre as tais curas uma teoria, técnico-metafísica com longos e fraldosos termos. Podem não compreender os termos, mas pensam:

“Aqui deve haver alguma coisa, porque Fulano empregou palavras que não podemos compreender, ainda que ele conheça tudo o que encerram”, etc.

Preferem alguns a explanação científica da Escola de Sugestão, que evita as teorias metafísicas ou religiosas e alcança, contudo, resultados. Há os que gostam da mente subjetiva e da ideia da mente objetiva e conseguem resultados. Todos colhem resultados, mas uns empregam benignamente certas formas e chegam a resultados mais prontos.

Aconselhei frequentemente as pessoas a irem aos curadores de certas igrejas, escolas e cultos, porque soube que as ideias dessas escolas, cultos e igrejas particulares dispunham o temperamento particular das pessoas em questão à obtenção dos melhores resultados. Sou mais católico em minhas ideias a este respeito; creio em uma pessoa que empregue uma fase da cura mental, desde as partículas de pão até à Ciência Cristã, contanto que este meio particularmente empregado invoque o maior grau de fé, confiança e crença ao paciente.

Posso ver muito bem por que uma pessoa de um temperamento religioso ardente será mais beneficiada pela cura mental em uma forma ou fase de religião do que da mera sugestão ou ciência mental ordinária. Ela abre uma parte da natureza conducente à cura. Posso ver porque outras são impressionadas por uma conversação metafísica, técnica e complicada.

Tal conversação causa-lhes admiração e impressão, desperta-lhes o interesse e uma “atenção expectaste” que lhes abre caminho para a cura. Posso ver por que certas pessoas que detestam as supramencionadas formas aproveitam melhor com uma apresentação do assunto, completa e cientificamente. Cada qual conforme seu gosto, tanto na cura mental quanto nas outras coisas. A este respeito estou de acordo com o irlandês que disse estar satisfeito de não terem os homens o mesmo gosto, porque, se o tivessem, todos viriam à, sua casa e dela levariam a sua mulher.

Mas, podeis perguntar-me, por que é que a fé, a crença, a confiança, etc, desempenham unia portante nas coisas? Se é verdade que a legítima cura é efetuada pela mente nas células e grupos de células, que relação têm as células com a fé? Esta é uma boa pergunta e aqui tendes a resposta: Conquanto seja verdade que a mente nas células é o meio ou causa da cura, contudo é um fato que essas células são negativas à, influência da mente central da pessoa. E se a mente central se enche de estados mentais de doença, receio, crenças não desejáveis, etc., neste caso as células negativas e os órgãos devem ser afetados. Se, pelo contrário, os estados mentais da pessoa passarem do receio à esperança, à confiança, ao amor, à fé e à crença, ver-se-à prontamente que o efeito sobre as células se fará melhor. E, se a esses estados mentais melhorados, se ajuntar depois um estado positivo, um estado de domínio e poder consciente, o efeito curativo será magnificado e aumentado. Com franqueza, creio ardentemente que um fator poderoso na cura mental é a remoção do receio da Mente do paciente por qualquer meio que se possa fazer, quer pela razão, argumento, fé, esperança, quer pela própria superstição.

O receio é o mais negativo dos estados mentais; paralisa todo o sistema. O receio e a ansiedade envenenam as células do corpo. É este um fato cientificamente demonstrado. Se este manto de receio for levantado, dar-se-á um grande passo em direção da cura.

A esperança, a confiança e a crença erguerão este manto.

Este é o motivo porque eu creio em tudo, desde as partículas de pão à “Ciência Cristã”, como há pouco disse. toda ação que induzir o maior grau de esperança, crença, confiança e expectação será, no caso, a melhor. Mas, em todos os casos, o princípio da cura é a própria mente.

Não é necessário narrar os tão repetidos fatos de fenômenos de doenças criadas pelos estados mentais e as curas que dos mesmos se fizeram. Todos os que lerem estas lições, ouviram já muitas vezes a narração de tais fenômenos.

Já não é uma questão debatida a do efeito da mente na saúde e na enfermidade. Os livros estão cheios dela. É tão “velha com os outeiros”. E em nenhum tempo como no presente, teve esta forma de Poder Mental, na história do mundo, tamanha atenção e interesse. Por cujo motivo não omitirei esta parte da história e prosseguirei a narração do modo “como” aplicar o Poder Mental na cura de enfermos presentes e “ausentes”.

Em primeiro lugar, os princípios da cura mental são precisamente os mesmos aplicados em todas as formas de Poder Mental, como já vimos nas lições precedentes.

O assunto é todo o da Indução Mentativa, agora e sempre. Pode esta indução nascer, quer das correntes mentativas, quer da sugestão mental. Gravai firme mente isto em vossa mente, para que me não seja necessário repeti-lo.

Vejam os que acontece se a indução mentativa se estabelece na mente de uma pessoa, quer por meio das correntes mentativas, quer pela sugestão mental, quando é dado o que se chama “tratamento geral”. Suponhamos que o estado mental da pessoa foi mudado pela indução (quer das correntes, quer da sugestão), em um estado positivo, forte, e é isto o que se deve fazer ao paciente. Este estado mental positivo, induzido à mente central, é, sem dúvida, fortemente positivo para a mente no corpo e suas células. Sendo a imagem mental de um corpo sã, em seu estado normal, gravada na mente central do paciente, segue-se que o material físico do corpo e das células começa a se materializar de acordo com o modelo estabelecido ante a mente das células, pela mente central da pessoa. É a velha história da visualização física. O efeito será, sem dúvida, admiravelmente aumentado, se o paciente dirigir fortemente seu desejo e vontade para a ação recuperativa, em cujo esforço ele pode ser materialmente ajudado pelo curador.

O estado mental desejado no paciente pode ser induzido, quer pela autossugestão em própria parte, quer pela sugestão do curador (aqui é onde vêm dar as cerimônias e outras particularidades); ou pelas correntes mentativas diretas do curador, aplicadas, como já mostrei nas lições anteriores.

Nesta forma de culto, procede o curador despertando a mente do paciente, de maneira que este realmente se cura.

A mente do paciente, ao despertar, é, sem dúvida, afetada, assim, pela sugestão como pelas correntes mentativas. Em ambos os casos, o efeito é o resultado da “indução”, como prontamente compreenderéis. Esta forma de cura mental a que chamo “tratamento geral” inclui não só a forma da “cura presente”, que é quando o curador está na presença pessoal do paciente, como também a que se opera nas linhas do que se chama “tratamentos ausentes”, ou “tratamentos distantes”, quando o curador e o paciente não se acham em presença um do outro. Ponde, por momento, de parte o “tratamento geral”, entremos a considerar os largos princípios que fundamentam o “tratamento local”. Por “tratamento local” entendo a cura mental feita pela mente do curador, quando direta e especialmente aplicada à mente nas células e nos mesmos órgãos. Estais por certo, lembrados do que eu disse Ware a existência da mente nas células e órgãos. O “tratamento local” é uma aplicação baseada neste fato. A mente do curador influi de um modo positivo e direto nas células e órgãos, e tanto as sugestões como as correntes mentativas se dirigem imediatamente a esses órgãos e células, sem o emprego intermediário da mente central do paciente, como no caso do “tratamento geral”. Pode admirar-vos falar eu de “sugestões” que se dirigem às células e vir o caso de perguntardes: “Como ouvem as células?” As células não podem ouvir, mas as palavras da sugestão dada por vós dispor-vos-ão a dirigir a vossa mente com mais força e direção às células e órgãos. Vereis, à medida que prosseguirdes, que aconselho a falar diretamente às células e órgãos do corpo e dizer-lhes o que se deseja que façam. Ficareis surpreendidos quando tentardes isto e virdes como respondem.

Agora que compreendemos os princípios gerais de ambas estas fases de tratamento mental; passemos a considerar a prática da cura mental, o “como” efetivo do assunto. Começaremos com o “tratamento geral” presente e ausente, depois passaremos à segunda fase do “tratamento local”. Em ambos os casos, veremos, em particular, os métodos positivos de tratamento.

Prestai bem atenção ao que vou dizer-vos à cerca destes tratamentos, pois condense em dois capítulos todo o curso de lições sobre a cura mental, e se não prestardes bem atenção, deixareis de compreender muita coisa.

O primeiro passo na forma pessoal de tratamento geral é induzir ao vosso paciente um estado mental de calma e relaxação. Isto é bastante importante, porque este estado mental faz que o paciente se torne receptivo às impressões que desejais causar em sua mente. O melhor meio é ter o paciente assentado em uma posição confortável (se está deitado, deixar que tome uma atitude cômoda, depois conversar com ele um pouco, a fim de lhe induzir uma disposição mental fácil e agradável, que atuará sobre as condições físicas.

Fazei que relaxe todos os músculos, tire a tensão dos nervos e fique afrouxado da cabeça aos pés. O melhor meio para determinar se foi ou não efetuada a condição desejada é levantar-lhe uma das mãos e deixar que ela caia ao lado. Se ele estiver completamente afrouxado, sua mão cairá como se não estivesse ligada ao seu corpo. O estado mental causador desta condição pode ser mais bem estabelecido pelas palavras: “deixar que se afrouxe”.

Deve uma pessoa deixar que se afrouxe mentalmente, antes que o possa conseguir fisicamente. Deve paciente sentir-se perfeitamente à vontade, isto é, sentir-se em um estado confortável, a fim de que alcance os melhores resultados. Bem fará o curador em tranquilizar a mente do paciente com uma conversação cuidadosa, confiante e simpática, levando o assunto para pontos mais claros, esperançosos, felizes, e evitando cuidadosamente despertar antagonismo e argumento. Fará ainda melhor se puser nos acentos de sua conversação certo sentimento carinhoso e falar como se o único interesse na vida fosse curar o paciente e como se não tivesse nenhuma dúvida a respeito do seu restabelecimento.

Deverá esquecer-se para concentrar unicamente a sua mentalidade na cura do paciente. Deverá tratar, da sua parte, como um curador confiado e seguro, porque as pessoas enfermas se impressionam facilmente.

Assim, se o curador manifestar uma falta de confiança em seus modos, o paciente abrir-se-á prontamente à sugestão e o trabalho da cura se tornará indubitavelmente difícil. Se estudastes os princípios da sugestão mental, vereis a psicologia deste fato. Será bom que comeceis o tratamento por um modo sugestivo, preliminar, em uma conversação agradável.

Assim, indicai ao paciente as condições que entenderdes pôr em execução. Buscai obter a cooperação do paciente por meio de uma imagem mental que ele tiver da condição desejada. Isto é, se for um caso de perturbação de estômago, deverá ele formar uma imagem mental de um estômago forte, de saúde normal, funcionando regularmente, digerindo o alimento que se

lhe dá e manifestando um bom, natural e robusto apetite. Se o paciente fizer isto, poderá prestar-vos um grande auxílio. Dizei-lhe, então, que seu estômago é forte, FORTE, FORTE (falai-lhe com sentimento intenso e forte), e que as condições normais se vão acentuando sob o poder da mente.

Deveis conservar, de muitos modos e formas, diante dele, constantemente, uma pintura das condições que desejais executar. Se assim o fizerdes, mudareis sua imagem mental de saúde e seguir-se-á o resultado mais seguro.

Se preferis o uso das mãos na cura, usai delas positivamente; tal prática dá uma sugestão mais poderosa, além de apresentar outras vantagens.

Sentir-vos-eis capaz de comunicar à vossa voz um grau de força admirável e grande intensidade, se praticardes a “visualização” em vosso tratamento. Quero dizer, deveis tentar realmente ver com a mente as condições que desejais levar a efeito.

Quando chegardes a fazer isto, podereis ter a atenção do paciente tanto que sua mente seguir as vossas palavras em vossa descrição dos sucessivos passos da cura que intentardes efetuar. Poderá ele ver que se torna gradualmente melhor, que seu estado de saúde se vai acentuando, não só de um modo geral, mas ainda no sentido que será capaz de formar uma pintura mental do órgão antigamente afetado, passando para uma condição forte e normal.

Mantende sempre diante de vós a imagem mental das condições que desejais efetuar.

Vede-as diante de vós como se existissem realmente, e vossa mente, ações e voz conformar-se-ão a esta imagem mental. Se assim fizerdes, o paciente receberá as melhores condições possíveis e vossas correntes tornar-se-ão mais fortes e mais dinâmicas.

No capítulo seguinte, passaremos à consideração dos métodos atuais de aplicação do Poder Mental à cura das enfermidades.

CAPÍTULO XXVI

MÉTODOS DE CUFA MENTAL

Tratemos agora da obra atual da cura mental pelas correntes mentativas. Aqui devo repetir minhas injunções dadas nos capítulos precedentes a respeito da conservação da imagem mental própria na mente do curador.

O grau de êxito no tratamento será proporcional ao da imagem mental mantida. A visualização é a nota principal desta forma de cura mental, e o curador deve, por todos os modos, adquirir a arte de visualizar. Deveis tornar-vos capaz de ver o paciente como curador, e os órgãos, parte e células como funcionando normal e propriamente. Expulsai todos os pensamentos negativos, dúvidas, etc., e dedicai-vos de corpo e alma à obra que tendes diante de vós. Logo que adquirirdes a habilidade de visualizar, achareis que vos virá um sentimento de força e poder, e uma intuição de certeza à cerca de vossa obra.

O processo de transmitir as correntes mentativas não é muito difícil nem fatigante.

Efetivamente esta parte da obra parece quase “automática”. O que tendes a fazer é, concentrar, toda a vossa atenção na imagem mental que visualizastes e desejar ardentemente que a pintura se materialize e se não perturbem as correntes, porque estas começarão a fluir livremente, sem esforço voluntário de vossa parte. Ocasionalmente, podeis lançar à vossa obra um pouco de Poder Mental, para estimular o processo da cura, mas ordinariamente o uso inconsciente da força de desejo completará o resultado.

Não é necessário o estrênuo esforço que muitos curadores empregam em seus tratamentos. É ele um gasto de energia; cansa em vez de apresentar vantagens ao paciente. A imagem mental clara produzida pela prática da visualização faz a operação quase automaticamente, para vós, como já disse. Quanto mais real vos parecer feita a pintura, tanto mais força vos dará e tanto maior será o êxito que alcançardes em vossa cura. Acharam alguns excelentes curadores que ganhariam força adicional, se juntassem à pintura ou imagem mental, a pintura das correntes mentativas passando de suas mentes para o paciente e envolvendo-o. Disse-me uma boa curadora que ela pode ver sempre, mentalmente, o paciente “banhando-se em uma perfeita corrente de Poder Mental”. Acho que esta senhora tem razão e que, assim fazendo, poderá sempre colher os melhores resultados. Julgará o estudante destas lições fácil a produção desta imagem, se se lembrar do que eu disse à cerca das formas de pensamento. Não aconselho tratamentos longos, porque os melhores resultados se obtêm com tratamentos que não duram mais do que um quarto de hora.

Deixai ao vosso paciente o conforto de vossas palavras de coragem e de esperança. Pedi-lhe que auxilie a vossa obra conservando a própria imagem mental da sua saúde e especialmente evitando o medo e a aflição.

Pode o processo acima parecer muito simples aos que o não praticaram. Achareis, porém, que ele contém a essência real do processo da cura, sem “fraldas” e “enfeites”. E, mais do que isso, achá-los-eis admiravelmente eficaz ele “fará a obra”. Nunca chegareis a notar a virtude deste tratamento senão depois que começardes a praticá-lo. Só então encher-vos-eis de um sentimento tal de poder, que parecereis uma outra pessoa. Semelhantemente sentirá vosso paciente uni benefício imediato. Poderia eu escrever páginas e páginas, ilustrando-vos sobre este tratamento, mas se o fizesse, não chegaria a condensar tudo em uma direção fácil e simples, como o fiz. Dei-vos a base do tratamento prático; podeis adicionar-lhe alguns enfeites, se tendes necessidade deles. Achareis que sobre esta mesma base assentam todos os tratamentos das várias seitas e cultos, se deles separardes as “adições de fantasia”, as palavras retumbantes e os termos metafísicos. Estudei todas essas formas de tratamento e sei o que digo sobre elas, quando assim me exprimo.

Passemos, agora, para os “tratamentos de ausentes” nas linhas de tratamento geral.

Praticamente não há diferença nos métodos. O principal processo adicional é o de formar o curador uma imagem mental do paciente como se este estivesse em pessoa diante dele. Se já vistes o paciente, podeis facilmente reproduzir sua imagem mental. Mas se o não vistes pessoalmente, podeis formar uma imagem mental de “um homem” ou “uma mulher”, sem ocupar-vos das particularidades da aparência pessoal, e o resultado será o mesmo. Achareis que os métodos seguintes vos auxiliarão no tratamento. Sentai-vos em vossa cadeira, depois de colocar diante de vós uma outra cadeira, cerca de três jardas de distância. Então, figurai o vosso paciente sentado nesta outra cadeira diant de vós e fazei-o com uma forte imaginação. Muitos curadores práticos na arte mental e de êxito feliz sentem realmente que o paciente está sentado diante deles, nesta forma de tratamento. Tendo, assim, o vosso paciente (em imagem mental) sentado diante de vós, falai-lhe como se ele estivesse presente em pessoa, empregando as mesmas palavras, tons e maneiras.

Passai cuidadosamente a ideia do tratamento pessoal, e esquecei-vos da distância que vos separa dele. Assim fazendo, podereis lançar vossas correntes mentativas em direção dele, e elas, atingindo-o, causar-lhe-ão grandes benefícios. Várias pessoas disseram-me, frequentemente, que conseguiram esta espécie de cura dos melhores curadores mentais do mundo: que podiam quase ver o curador e até mesmo sentir mui distintamente a sua presença. Esta “conversação” com o paciente a distância, deve consistir, primeiro, em sugestões agradáveis, de calma e tranquilidade, seguidas depois por sugestões enérgicas, estimulantes, positivas.

Segui as instruções precisas, dadas para o uso do tratamento pessoal e não podeis errar.

Em realidade, não há diferença entre tratamentos pessoais e tratamentos de ausentes. Se vos lembrardes disto e com isto agirdes de conformidade, possuireis a chave da matéria. Assim, depois de conversação sugestiva, deveis dar o mesmo tratamento mentativo quieto, como foi indicado em minhas instruções concernentes aos tratamentos pessoais.

Devereis formar a mesma sorte de imagens mentais e proceder do mesmo modo como nos casos particulares. Dizei-lhe mesmo “até logo”, como o faríeis em um trato pessoal. Se destinastes um tempo para o tratamento do ausente, deve o vosso paciente colocar-se em uma posição confortável e relaxar-se.

Mas isto não é necessário, nem mesmo é necessário que o paciente saiba a hora do tratamento. Tudo quanto ele necessita fazer é abrir sua mente receptiva ao trato que lhe dais durante o dia, isto é, deve expressar sua “aquiescência” e assim tirar a resistência de sua vontade que, de outra forma, devia ser vencida. O curador que deseja fazer tratamento de ausentes deve estudar cuidadosamente as porções desta obra relativas à indução telementativa, as correntes, as formas de pensamento, etc.

Lembra-vos que todas as obras da cura mental se fazem pelas linhas da indução mentativa como a obra de todas as formas de influência mentativa. Só há uma grande lei que fundamenta todas essas formas de manifestação e, se compreenderdes o princípio fundamental, chegareis a reproduzir algumas ou todas as formas de manifestação dela. A instrução concernente à cura mental não se limita só a este capítulo. Deve adquirir-se de um estudo de todos os capítulos, pelas razões já expendidas. Esforçai-vos por adquirir um conhecimento claro dos princípios fundamentais e não precisareis de entrar nas minuciosidades da operação ou manifestação.

Agora, uma palavra à cerca da autocura: Não há diferença entre a cura própria e a cura de outrem. Há um bom método, simples e eficaz. Tudo o que vos é necessário é imaginar-vos como um paciente que entre a ser por vós tratado. Suponde que vosso nome é “John Smith”, e desejais tratar-vos pelas linhas do tratamento geral. Tudo o que tendes a fazer é deixar à mente central vossa parte, ou ao “Eu” o tratamento do corpo de “John Smith”. Falai a “John Smith” como se fosse um indivíduo inteiramente separado. Dizei-lhe o que ele deve fazer, o que deve saber e o que esperais dele. Dai-lhe as mesmas sugestões que daríeis a outro paciente. Conversai com ele e dizei-lhe o que pretendeis fazer-lhe e o que ele conseguiu fazer para si. Aplicai-lhe o tratamento quieto como o faríeis a outrem. Dizei-lhe mesmo “Adeus” tratai-o sempre como a outro paciente. Notareis, com surpresa, quão eficaz é este plano. Este método é original, isto é, meu próprio; não tenho notícia de outro igual. Há uma razão psicológica, oculta, boa e forte para este plano de tratamento próprio, a qual não preciso expôr aqui. A principal coisa é: “a vontade faz a operação”. Tentai-o. O método ordinário do próprio tratamento é dizer: “Estou bem” e dar a si mesmo as sugestões. Julgo que meu próprio plano oferece resultados melhores; mas podeis experimentar ambos. Tomai vós mesmo a decisão que quiserdes.

Tratemos, agora, dos métodos de cura mental pelo “tratamento local”. São estes tão simples, que receio possam cair em vosso desagrado. Mas não vos iludais, caros amigos a “simplicidade” representa anos de rudes trabalhos nas linhas de experimentação e é realmente a condensação de muitos métodos complicados e técnicos. Em outros termos, é a “essência” da coisa. Fora bom que eu obtivera esta informação pelos meios que julgais fáceis mas não pude; tive que empregar esforços para a obter, relacionando-me com outros experimentadores e investigadores.

A teoria fundamental deste trabalho na cura mental é:

1) que há mente em todas as células, grupos de células, órgãos e partes do corpo; e

2) que a energia mentativa em tal mente é negativa para a energia da mente central do indivíduo, e, por consequência, aquela se sujeita à positividade desta, quando propriamente aplicada. Esta é toda a história em termos simples. Vejamos se podeis compreender sua importância. O princípio acima do “tratamento local” é também empregado no tratamento geral, porque a mente central do paciente se agita dentro da atividade e positividade induzidas pela sugestão ou correntes mentativas do curador ou em todas juntamente. A mente central do paciente, assim agitada pela indução, age inconscientemente sobre a mente nas células, órgãos, etc., e a cura se realiza. vedes o que eu quero significar? Bem, então no tratamento local, o curador, em vez de empregar esforços vãos, dirige diretamente sua energia mentativa à mente nas células e aos mesmos órgãos. Assim, vedes que o processo é o mesmo, a mesma aplicação da mente central positiva sobre a mente negativa das células, órgãos e partes.

Como podemos, pois, tratar, deste modo, as células e os órgãos de outra pessoa? O processo, uma vez compreendido, é muito simples. Precisa-se de “tratar” o órgão ou parte afetada e dar-lhe sugestões e tratamento mental como já o fizestes ao paciente pessoal. Em suma, quanto mais souberdes considerar as células ou órgãos como “personalidades” ou “entidades” reais, êxitos mais felizes colhereis nesta forma de tratamento. Não é isto um jogo ou superstição. Acha-se baseado sobre princípios psicológicos e tem suas razões em leis ocultas bem definidas. Há mente no órgão e na célula, mente que procurais alcançar.

O modo de alcançar a mente nas células, grupos de células, gânglios, órgãos, nervos, etc., do corpo, é dirigir-vos diretamente a ela, como a uma pessoa. Deveis julgar da mente nas partes afetadas como de uma “pessoa” que se comporta mal. Deveis objetar, arguir, censurar, ordenar ou forçar a “pessoa” que reside no órgão como o faríeis com diferentes indivíduos. Umas vezes a carícia é melhor que a censura, outras vezes o método de forçar surte melhor efeito, como veremos. Podeis falar alto à mente do órgão ou, pelo contrário (e este é o melhor modo de tratar a outros), podeis conversar com ela mentalmente. Dizei-lhe o que esperais dela, o que entendeis fazer, o que é bem que façam, etc. E eia obedecerá. Conheço uma senhora, que é uma excelente curadora por este método, e que obteve de mim mesmo os princípios desta forma particular de cura. Diz ela que seguiu meu plano, acima referido, com

exceção que, como lhe parece, os órgãos, nervos e partes, se assemelham a crianças desobedientes que derem, de um modo ou de outro, ser governados. E assim ela procede com eles como se fosse uma feliz mestra-escola. Inclino-me a crer que ela tem razão e deu um melhor impulso à minha ideia original.

De fato, estas “mentes de células” ou “mentes de órgãos” parecem-se com as mentes de crianças acanhadas e, as mais das vezes, sem razão nenhuma, ficam obstinadas; contudo, se são alcançadas por um pensamento firme e benigno, lhe obedecem e se emendam. Bom será fazer uso das mãos no principio desta forma de tratamento, dando palmadinhas na parte do corpo diretamente sobre o órgão. Parece ter isto o efeito de despertar a atenção da mente do órgão, de modo que se torne mais receptiva. Estas palmadinhas são semelhantes àquelas que se dão no ombro de um homem na rua, a quem desejais falar. Em tais casos, será bem que elas sejam acompanhadas de uma ordem mental: “Olá, ouvi-me!” As mãos do curador podem também ser passadas sobre o corpo, dando ele, ao mesmo tempo, uma ordem mental. Destarte servirão elas para dar uma sugestão mental adicional, quando propriamente usadas.

Um modo simples de dar este tratamento é despertar a atenção da mente do órgão ou parte, como acima se disse, e depois fazer uma leitura mental, chamando-o pelo nome; por exemplo: “Olá, estômago!” ou “Agora, tu, ó fígado”, etc. Não zombeis deste conselho. Tentai fazê-lo e deixareis de rir.

Assim, pois, continuai, falai à mente do órgão, como se ela fosse uma pessoa, uma criança, por exemplo. Vereis quão depressa a mente do órgão responderá às vossas palavras e agirá debaixo de vossas sugestões ou ordens. Segui as leis da sugestão, dando este tratamento às mentes dos órgãos, isto é, lembrai-vos das fases sugestivas de repetição, ordem ou comando de autoridade, etc. Não receeis nada; procurai dar à mente do órgão “uma parte de vossa mente”, e a, mente do órgão obedecer-vos-á.

Quando, há uns anos atrás, vivia em Chicago o Dr. Paul Edwards, um dos mais afamados curadores:mentais, informou-me que o resultado de sua prática lhe ensinou que havia uma grande diferença na “inteligência” da mente dos vários órgãos. Por exemplo, ele cria que o coração era muito “inteligente” e bastante dócil às sugestões brandas, suaves, acariciadoras e às ordens e conselhos da mesma natureza; enquanto, por outra parte, o fígado era a mente mais inflexível, teimosa e obstinada do órgão, a qual só podia ser governada pelas sugestões mais fortes e positivas. Fiz minhas investigações neste sentido e fiquei plenamente convencido de que, a este respeito, a teoria do Dr. Paul é verdadeira. Achei que o coração é dócil e obediente, como ele disse e que a mais leve palavra lhe atrai toda atenção. Achei o fígado teimoso e obstinado, algo parecido com um burro pesado e cabeçudo em seu caminho. Não obedece a não ser a métodos de insistência e de muita força. Achei o fígado preguiçoso e sonolento e que não se põe em condição receptiva senão por meio de muito esforço. O estômago achei-o bastante inteligente; particularmente se ele não foi embrutecido pelo recheio, responde com prontidão ao tratamento. Uma coisa peculiar ao estômago é que ele parece gostar da “adulação” e do “afago”. Dizei-lhe que ele é um bom estômago e que faz bem a sua parte; quanto mais confiardes na sua boa função, mais ele corresponderá ao vosso elogio e louvor.

Os nervos respondem prontamente a esta forma de tratamento, quando são acariciados.

A circulação do sangue pode ser aumentada em certas partes ou, pelo contrário, diminuída. Deste modo, o sangue pode correr por todo o corpo, gerando-lhe um agradável calor, ou ser tirado de uma cabeça doente ou rosto febricitante. Os intestinos respondem prontamente a um tratamento benigno, firme quando se lhes pede que funcionem regularmente. Fareis bem se lhes designardes um tempo certo, no qual, esperais, hão de estabelecer um hábito regular. Em tais casos, ficai certo que hão de ser pontuais e lhes haveis de dar os parabéns. Os órgãos peculiares às mulheres respondem prontamente a esta forma de tratamento. A menstruação regular foi, muitas vezes, estabelecida pelo tratamento das partes feito desta maneira antes de um mês e diariamente até um período regular. Neste caso, será bem que se “fixe uma data certa”.

As sugestões de “firme, ficai agora firme e forte”, foram eficazes em muitos casos de moléstias uterinas. Uma profusa menstruação obedece à ordem de “devagar agora regular, regular; não a fluir tão livremente”, etc. Não há formas fixas de tratamento desta ordem. O essencial é conhecerdes o que quereis que se faça e ordenardes à mente do órgão que a faça, usando com elas das mesmas palavras de que usaríeis se falásseis a uma pessoa em lugar do órgão.

Com uma ligeira prática, adquirireis a arte. Aqueles que trataram um grande número de pessoas deste modo, disseram-me que a mente dos órgãos e partes parece reconhecer instintivamente o poder do curador sobre ela. Assim como um cavalo ou um cão reconhece os homens acostumados a domar os animais da sua espécie, assim as mentes dos órgãos reconhecem instintivamente o seu senhor naquele que aprendeu a arte da cura mental conforme tenho explicado.

Lembrai-vos sempre que sois a mente que fala à mente, não à matéria morta. Há mente em todas as células, nervos, órgãos e partes do corpo, como em tudo; esta mente ouve à mente central e obedece-lhe, porque vossa mente central é positiva e o órgão é negativo para vós. Levai convosco esta ideia quando fordes fazer os vossos tratamentos, e tentai visualizar a mente nos órgãos, etc., como claramente se pode dizer, pois se assim fizerdes, pôr-vos-eis em relação melhor convosco e podereis levá-lo à melhor vantagem. Lembrai-vos que a virtude não assenta no simples dom das palavras que por acaso alcancem o órgão ou células. Estas não entendem as palavras como palavras, mas entendem o significado atrás das palavras. Reconhecem o estado mental de que a palavra é o símbolo externo. É, porém, muito difícil para vós o pensamento ou a expressão clara do sentimento, se não fizerdes uso das palavras. Assim, usai, por todo. os, meios, as palavras como se todas as mentes dos órgãos entendessem a significação real delas. Se assim fizerdes, conseguireis gravar nelas a significação da palavra e induzir-lhes, para cura, as condições necessárias do estado mental.

O tratamento local, conquanto seja especialmente adaptado à cura pessoal, contudo pode também ser usado com grande vantagem, quando combinado com uma regular forma geral de cura de ausentes. Isto é, depois de dardes o tratamento geral de ausentes, continuai a pôr-vos em relação com o órgão da mente no paciente e então falai-lhe como o faríeis, se o paciente estivesse presente. A visualização habilitar-vos-á a fazer isto de modo efetivo. De muitas curas admiráveis ouvi que foram efetuadas pelo uso desta forma de tratamento local na cura de ausentes em conexão com o tratamento geral.

No caso da autocura, este tratamento local age com força admirável. Uma pessoa pode, sem dúvida, “falar” às suas próprias células e órgãos como às células e órgãos de outra pessoa e o efeito é o mesmo, se ele o consegue. Isto abre um campo admirável à cura própria. Os métodos e práticas do tratamento local são precisamente similares aos de tratar a outros. Conheço pessoalmente uma senhora que aprendeu a tornar seu corpo perfeitamente obediente à sua vontade. Se o seu corpo parece cansado ou desanimado ou ainda se não tem frescura e beleza, ela fala-lhe e diz-lhe o quanto pensa dele e o quanto aprecia o que ele faz por ela, etc., e, ao mesmo tempo, dá-lhe coragem para que ele manifeste atividade e interesse, etc. O resultado é que, no dia seguinte, depois do tratamento, ela acha que todas as suas sugestões foram aceitas e obedecidas pelo corpo e que este parece fresco, ativo e belo, manifestando todas as aparências de mocidade e perfeita saúde. De outras mulheres ouvi também que, pela mesma arte, chegaram a conservar a frescura e o brilho de sua mocidade e perfeita saúde.

Conheci homens que, acariciando seus corpos sob rudes trabalhos, obtiveram os melhores resultados. De fato, creio que, nesta forma de tratamento do corpo de um só indivíduo, há não pensadas possibilidades para toda a raça. Contudo, pode esta ideia levar o experimentador a examinar o campo a um certo limite.

Não tive tempo de fazer minhas investigações neste sentido, como era de meu agrado. Há um grande campo inexplorado, aqui, e uma fortuna para algumas obras belas dos estudantes deste livro. Agora parece-me ter tocado o fim deste capítulo. Lembrai-vos que, nestas páginas, condensei informações suficientes que dariam matéria para um ou dois grossos volumes. Lê-de-as cuidadosamente e não venhais, pela, simplicidade do método, a ignorar as admiráveis possibilidades abertas aos que as praticam.

Tive o cuidado de não vestir os meus “tratamentos” e métodos em trajes de fantasia para não atrair nem impressionar as mentes dos fátuos e pueris que correm após estas coisas. Não quero “seguidores” desta sorte. Prefiro a simpática cooperação de meus estudantes que apreciam a virtude nestes métodos simples em aparência.

Já disse que os métodos e formas “simples” de tratamento representam a minha obra e experiência própria e a obra e experiência de outros levadas a cabo depois de muitos anos. São a “condensação” de muitos sistemas e o resultado de minhas próprias experiências. Contém os métodos efetivos mais simples e puros de cura mental que o mundo conhece hoje.

Tomai em consideração as minhas palavras. Elas estão baseadas sobre oito anos de ativa, cuidadosa e paciente investigação e estudo em circunstâncias, em que poucos são afortunados para serem favorecidos. Digo estas coisas, não para fazer alarde de minha obra, mas para que deis o justo valor ao que está atrás destas simples formas de métodos e tratamentos.

Notareis, espero, que para praticardes estes métodos de cura mental, não necessitareis de lhes juntar nada, nem de vos relacionar com alguma nova religião ou semirreligião. Podeis conservar vossa crença predileta e, contudo, operar melhores curas do que aqueles que julgam fazer-se a cura em virtude de alguma teoria fantástica, dogma ou crença!

Não há diferença entre o construir-se uma religião em torno da cura mental e o construir-se em torno da Homeopatia, Alopacia, Osteopatia, Hidropatia ou outra qualquer coisa idêntica. Não há senão um poder de curar a mente e este é livre e patente a todos. É uni dom do Infinito aos seus reflexos finitos. É uma força natural, que se opera sob certas leis e acessível a todos.

Tomai-a e fazei uso dela para a “cura das nações”, mas tratai, primeiro, de vos curar a vós mesmos.

CAPÍTULO XXVII

ARQUITETURA MENTAL

“Arquitetura” significa “a arte ou ciência de edificar ou construir”, e “Arquitetura Mental” significa a arte ou ciência de edificação mental”.

Por “edificação mental” significo, sem dúvida, “edificação cerebral”, porque já vos disse, em um dos capítulos precedentes, que o cérebro é um “mecanismo” da manifestação pessoal da mente, ou o que “converte” ou “transforma” o Poder Mental. Mas, como a palavra “mente” se usa geralmente como sinônima de “cérebro”, no caso dos indivíduos, por isso falarei da “edificação mental” nesta lição, ainda que sempre significo, quando assim me exprimo, da “edificação do cérebro”.

As manifestações diferentes da mente nas várias pessoas com quem nos relacionamos, se reconhecem uma vez como dependentes do caráter, qualidade, condição e grau de seu cérebro material. Compõe-se o cérebro de uma substância peculiar do “plasma” ou matéria elementar de vida. A palavra “plasma” deriva da palavra grega que significa “um molde ou matriz”, e seu uso em conexão com a substância cerebral é peculiarmente apropriado, porque ela se acha nas células do cérebro de que, como se disse, os “estados mentais” se lançam ou moldam. Compõe-se o cérebro de um número enorme de pequenas células que são os elementos reais na produção e manifestação do pensamento ou mentação. Estas células cerebrais são em número de 500 milhões a 2.000 milhões, conforme a atividade mental da pessoa. Há sempre um grande número de células em reserva que ficam sem trabalho em cada cérebro. Faz-se o cálculo que, mesmo no caso do homem mais sábio ou do mais ativo pensador, há sempre vários milhões sem trabalho, postos em reserva. Informa-nos a ciência mais avançada em casos de necessidade. A construção cerebral é o desenvolvimento e aumento de suas células em alguma região particular do cérebro; pois, como provavelmente sabeis, o cérebro contém muitas regiões, sendo cada uma o assento de alguma função particular, qualidade, faculdade ou atividade mental. Pelo desenvolvimento das células cerebrais em alguma região especial, a qualidade, atividade ou faculdade que tem esta região para seu assento, é necessária e grandemente aumentada e tornada mais efetiva e poderosa.

Os investigadores que se dedicam à frenologia reconheceram, há muito, o fato que os centros ou regiões cerebrais podem ser desenvolvidos por exercícios próprios, etc., e os livros principais sobre esta ciência dão-nos muitos fatos interessantes a este respeito. Mostrara-nos estes casos que não só um indivíduo pode desenvolver e cultivar certas qualidades da mente ou ainda restringi-las, mas também a forma exterior e tamanho do osso frontal manifesta uma mudança correspondente, porque a estrutura ossuda se acomoda mui gradualmente à pressão do número aumentado de células em alguns centros ou regiões particulares do cérebro. É um

fato científico plenamente demonstrado que um homem pode mentalmente “transportar-se”, se ele dedica o mesmo grau de atenção, paciência e atividade ao objeto que ele quisera no caso de um desenvolvimento desejado de alguma parte do corpo físico, algum músculo, por exemplo. Os processos são quase idênticos no caso do músculo e centro do cérebro. Indicam-no os usos, exercícios e práticas de alguns homens que fizeram particulares investigações e experiências.

O prof. Elmer Gates, de Washington, D. C., um dos homens mais notáveis desta idade, deu ao mundo uma série de experiências consideráveis sobre o “desenvolvimento do cérebro” feitas em vários animais. Diz-nos ele que suas experiências tiveram por fim levar o cão a desenvolver um sentido particular, o da vista ou do ouvido. Experimentou o seu método em vários animais. Guardou um bom número de animais da mesma idade, sem uso extraordinário da faculdade particular em questão e alguns outros sem a oportunidade de usar de todo esta faculdade. Ao cabo de certo tempo, matou alguns dos animais pertencentes a cada classe e, examinando-lhes o cérebro, descobriu que o número de células cerebrais (nas regiões de seus cérebros nas quais o sentido ou faculdade se manifestou) acusou uma assombrosa diferença no grau do uso e exercício da faculdade particular. Especialmente seus animais educados mostrara um número muito maior de células que o das que foram encontradas em animais da mesma raça e idade. Levou o prof. Gates por diante suas experiências em alguns anos, e obteve resultados notáveis. Subiu de ponto a educação que deu a alguns de seus cães, que estes se fizeram capazes de discernir entre sete sombras de vermelho e um número igual de sombras verdes. Não tenho tempo de falar aqui, finalmente, dos resultados admiráveis das experiências do prof. Gates, mas ele estabeleceu firmemente o fato científico que o cérebro pode “aumentar” à vontade, se uma pessoa se aplica a este fim com zelo e ardor suficientes.

Fiz um número considerável de experiências interessantes (não com cães ou empregando a viviseção), experiências que me provaram concludentemente que as disposições da natureza inteira, caracteres e faculdades humanas podem ser inteligentemente trocados pelos métodos psicológicos nas linhas da sugestão ou autossugestão, acompanhada de certos outros métodos que mencionarei nesta lição. A grande escola do “Novo Pensamento”, em suas várias seitas, cultos e associações, fizeram bons trabalhos, ou mais. Seus sistemas de “afirmações” e “negações” desenvolveram realmente ou restringiram seus centros cerebrais; as qualidades desejáveis foram aumentadas e desenvolvidas e as não desejáveis, restringidas. Mas o simples uso das “afirmações”, autossugestões” ou mesmo sugestões positivas, fortes, dadas por outrem, forma somente um terço da obra necessária para, produzir os melhores resultados. É toda ela o afirmar “Sou bravo”, “sou industrioso”, “sou ativo”, etc. Mas se a obra para aí, resta somente um terço feito. Verdade é que estas afirmações e autossugestões estimulam e desenvolvem indubitavelmente as faculdades mentais e centros cerebrais, desempenhando uma parte importante na construção do caráter. Mas, a fim de que se ligai vantagem, deve-se-lhes acrescentar a visualização e um certo ato físico das sugestões ou afirmações mentais. Ajuntem-se às palavras a visão e o ato...

Lembrai-vos que eu disse em minha lição sobre a Sugestão Mental, a respeito deste fato, que os “estados mentais tomam forma em ação física” e o seu reverso que “a ação física produz os estados mentais”. Este é caso da ação e reação.

Por exemplo, se desejais principiar a sentir cólera conservar-vos um pouco neste estado (ainda mesmo que afeteis emocionar-vos por experiência), achareis que vosso semblante ficará carrancudo, vossos punhos se cerrarão e vosso queixo baterá de modo selvagem. Conheceis este fato, sem dúvida. Se conservardes, por outra parte, os característicos físicos mencionados acima, por algum tempo, achar-vos-eis verdadeiramente colérico.

O mesmo pode-se dizer a respeito dos sentimentos e ações de prazer. Pensai atentamente em alguma coisa agradável e vosso rosto assumirá logo uma expressão de prazer. E, por outra parte, se “desempenhardes algum papel”, sorrirdes e manifestardes os sinais exteriores de prazer, sentir-vos-eis, em pouco tempo, bem disposto, alegre e feliz. Já vi um sinal com a simples palavra “Sorriso !” escrita em letras garrafais, mudar, em poucos momentos, os estados mentais a muitas pessoas.

Recebendo elas a sugestão, puseram-se a falar sobre o sinal que lhe devia mover o riso, e as ações físicas do riso, reagindo em suas mentes, lhes causaram o franco sentimento de “alegria”.

Desafio quem quer que seja a manifestar ações físicas de alguma emoção ou sentimento particular, ardente e ativamente, sem sentir os estados mentais correspondentes, pouco tempo depois. Entrai em uma casa comercial que manifeste sinais exteriores de boa natureza, segurança, confiança própria, etc., ficareis não só bem impressionado, mas impressionareis por sugestão a outros e vós mesmo começareis a sentir a ação que exercestes. Entrai em outra casa que manifeste descuido, desconfiança, receio, etc., não só vossas sugestões passarão a outros, mas ainda sentir-vos-eis cada vez mais aprofundado no estado mental que transmitis a outros. Muitas pessoas conheci que adquiriram, por uma “ação” sistemática e persistente de sua segunda natureza que tomaram mais forte que a original, um caráter firme, confiado e constante. O exercício desta faculdade feito por estas pessoas desenvolveu-lhes de tal modo as células cerebrais na própria área, que ficaram grandemente admiradas do fato.

Outros homens conheço, que, sentindo-se abatidos e desanimados, forçaram um riso e; em pouco tempo, tornaram a ganhar o habitual estado de alegria.

Conheço, finalmente, um homem que, por meios idênticos, desperta sentimentos de determinação firme. Esteve este homem em uma posição em que, com frequência, se tornava necessária a manifestação da mais determinada severidade e quase a ostentação colérica da vontade. O homem em questão era de natureza benigna e condescendente e achou quase impossível manifestar as qualidades nas ocasiões mencionadas.

Um dia, porém, transportou-se a um estado de tamanha contrariedade por uma exibição mais inconveniente de descuido no ofício, que, remetido novamente ao seu estado tranquilo, conservou todavia o reflexo físico do dito estado mental já experimentado. Antes que esta condição lhe passasse, surgiu-lhe inesperadamente um caso de germinada necessidade de exibição da ação firme e determinada atrás mencionada. Dando de face com o homem a quem

devia manifestar sua atitude, e notando em si manifestado um grau admirável do desejado estado, conversou com o homem que o primeiro queria. Ninguém ficou mais surpreendido da ocorrência do que o nosso homem e todas as vezes que tentou figurar o tal estado, conseguiu-o. Achou ele que, quando manifestava as condições físicas do estado mental e empregava algum esforço para o induzir a si, o dito estado lhe vinha quase “automaticamente”,

Descobriu, acidentalmente, uma lei psicológica bem estabelecida. Depois disto; sempre fez uso dela. Por isso, todas as vezes que ele queria “insinuar-se no dito estado”, como dizia, dava uns passos em redor de seu escritório uns tantos minutos antes de pôr os olhos em outro homem, e durante este curto passeio, “bati as queixos, fazia carrancas, cerrava os punhos e tornava seu olhar brilhante, etc., e isto muito antes que se sentisse no estado apropriado a ver o outro homem e de lhe declarar “as suas intenções”.

Agia o plano como por encanto. Não me agrada, contudo, dizer-vos a consequência. O nosso homem de índole calma, tranquila, desenvolveu de tal sorte estas qualidades opostas pela prática, que, em poucos anos, chegou a ser temido por aqueles que tinham ocasião de receber tratamento de suas mãos. toda a sua natureza pareceu trocada e até mesmo os seus amigos mais íntimos hesitaram em chamá-lo de “homem de bom natural e benigno”. Ele inverteu o papel — eis tudo.

Desta história podeis construir todo um processo de caráter, se tendes imaginação e ingenuidade suficientes. O caráter é plástico e pode-se moldar à vontade, por métodos inteligentes. Mas, para isso, convém algo mais que a “força do pensamento”. Deve a pessoa aprender a dirigir a parte desejada, até que se torne a segunda natureza.

É de estimar que chegueis a conhecer o campo admirável que se abre diante de vós, se levardes em conta as ideias emitidas nestas poucas páginas.

Tendes absoluta certeza que vos dei, aqui, o “segredo de vos transformardes?” Desejaria que pudésseis considerar esta verdade dentro em vós mesmos.

Quando penso no que sois e no que chegareis a ser, se reconhecerdes a verdade e a importância do que eu vos disse, parece-me que vos escrevo esta história em tipos garrafais que ledes com a maior facilidade.

Julgo que os fatos e princípios acima estabelecidos são por si mesmos evidentes e não precisam do apoio de nenhuma autoridade.

Não obstante, citar-vos-ei uma ou duas para reforçar a ideia em vossas mentes. O prof. Haileck diz:

“Restringindo a expressão de uma emoção, podemos matar esta; induzindo uma expressão podemos fazer surgir a emoção associada.”

Guardai em vossa memória estas palavras; elas são de ouro. Por esta expressão, o prof. Hallecl significa, sem dúvida, a manifestação ou expressão física; a ação física que surge da emoção.

O prof. Wm. James se expressa da mesma maneira: “Recusai — diz ele — exprimir uma paixão e ela morre. Contai até dez antes de vos encolerizardes e, na ocasião, a cólera parecer-vos-á ridícula. Assobiar para manter a coragem não é mera figura de linguagem. Por outro lado, assentai-vos todos os dias em atitude indolente, suspirai e respondei a tudo com uma voz triste e vossa melancolia prolongar-se-á. Não há preceito de maior valor na educação moral do que este, como conhecem quantos o têm experimentado: — Se quisermos vencer tendências emocionais não desejadas, devemos assiduamente, e em primeiro lugar, empregar, calmamente, os movimentos exteriores das disposições contrárias que devemos cultivar. Dai ao vosso rosto e olhar uma expressão serena, e falai em tom alegre, tornando o vosso cumprimento expansivo, Se vosso coração for indiferente, modificar-se-á gradualmente.”

Não são edificantes estas palavras? Lede-as uma e outra vez e alcançai a significação delas! Se desejais cultivar uma qualidade em que sois deficiente, pensai nela, sonhai com ela, concentraí-vos nela, aspirai diariamente possuí-la, fazei dela uma “imagem mental”, levai sempre convosco esta imagem visualizada e igualmente senão mais importante é que chegueis a manifestá-la fisicamente, ou que desempenheis a parte dela.

Fazei isto cuidadosamente, ardentemente, constantemente, carinhosamente, firmemente.

Por outra parte, se desejais reprimir uma qualidade, o melhor meio é cultivar a qualidade oposta, e a qualidade não desejada desaparecerá.

Se desejais livrar-vos da escuridão em um quarto, não tendes mais a fazer que abrir as janelas para que a luz do sol entre nele. O prof. Jantes falou-vos a mesma coisa na citação que há pouco vos fiz. É esta uma lei psicológica. Se quiserdes matar uma qualidade negativa, cultivai a positiva. Esta é a lei! Não vos esqueçais de fazer a vossa parte!

O que se chama autossugestão, ou sugestão própria, é uma das operações mais ativas empregadas na construção da mente. A autossugestão abraça todas as várias formas de afirmações, negações, narrações, etc., empregadas por muitas escolas do “Novo Pensamento” e é o principio fundamental de todas as formas de “impressão própria”.

“Impressão própria” seria o melhor destes termos, porque descreve exatamente o processo. “Imprimimos” em nossa mente certas ideias, sugestões, sentimentos e estados mentais. Há um aspecto dual da mente que faz que nos tornemos aptos a desempenhar duas coisas ao mesmo tempo, a saber:

- 1ª) a parte do instrutor ou mestre, e
- 2ª) a parte do estudante ou discípulo.

Podemos encarregar à nossa mente a tarefa de nos acordar a uma hora certa da manhã, ou a de nos lembrar uma certa coisa e ela fará isto. Esta forma de do mínio próprio pode ser levada a uma grande extensão. Assim é que uma pessoa pode ordenar à sua mente que colha os dados sobre certos fins do meio de uma coleção heterogênea de conhecimentos.

Pedi-lhe que combinte a informação em uma forma sistemática, e ela fará este trabalho de modo tal que haveis de ter às mãos o que necessitardes.

Faço isto quase inconscientemente, quando escrevo um livro. Os fatos e ilustrações aparecem-me no seu devido tempo e lugar.

O campo da impressão própria já teve as suas beiras exploradas. Há uma grande região de mentação à espera de alguns entre vós.

Assim, esta autossugestão é um caso de “eu digo a mim mesmo”, “digo-me”. E a estranha coisa é que, se quiserdes impressionar a vossa mente, suficientemente, fortemente, com repetição bastante, vereis que ela receberá vossa impressão e agirá conforme esta. A repetição é uma grande coisa em autossugestão.

Lembra-vos do caso do homem que à força de repetir uma certa mentira, acabou por acreditar em si mesmo.

As autossugestões repetidas agem na mesma linha psicológica. Ouvindo uma pessoa uma coisa impressa em sua mente suficientemente e muitas vezes, toma-a como um fato e age em conformidade com a tal coisa.

A exposição ou afirmação constante feita por uma pessoa a si mesma, manifesta-se em condições reais.

Quantas vezes uma pessoa trocou suas condições mentais e físicas pela autossugestão persistente! Sem dúvida, se alguém combina a imagem mental ou processo da visualização com a autossugestão, obtém seguramente um resultado eficaz. E se, em adição a estas duas coisas desempenha fisicamente a sua parte, alcança resultados dez vezes mais lisonjeiros.

Combinadas, empregadas e praticadas com persistência estas três formas, operam verdadeiras maravilhas. Se alguém, por exemplo, sente receio de se encontrar com certa pessoa, uma timidez anormal ou “acanhamento” como vulgarmente se diz, a primeira coisa a fazer é abraçar-se com as afirmações ou autossugestões constantes de “coragem”; depois, visualizar-se como possuidor desta coragem; e, em seguida, reproduzir a aparência física e a atitude exterior de um valoroso. Assim desenvolverá, gradualmente, o que quiser. Seu ideal tornar-se-á real; seu sonho, um fato; seus sentimentos, ações; suas ações, sentimentos. Tais regras e exemplos surtirão bons efeitos na produção das qualidades ou características pessoais. Tudo cai debaixo da lei. O mesmo princípio agirá em todos os casos. Alcançai o princípio e tereis o segredo de toda a coisa. Vou, porém, sugerir-vos, aqui, uma pequena variedade nas linhas da autossugestão, variedade que achei de aplicação admirável nesta classe de casos. A autossugestão ordinária, ou afirmação, entra em ação nestas linhas.

A pessoa faz a si mesma a afirmação ou sugestão mais ou menos desta maneira: “Não tenho receio, nada me causa medo, sou corajoso, sou firme e confiado”, etc. Ninguém que tenha algum conhecimento sobre esta matéria pode contestar o fato que um homem, mantendo o pensamento “sou forte”, se encherá de coragem e manifestará as qualidades que ele diz possuir. É o velho plano da afirmação ou autossugestão há muito experimentado e ensinado, o que, para muitas pessoas, causa tão excelentes resultados.

Aconselho-vos, positivamente, a que sigais este plano de “manter o pensamento” e fazer ás afirmações ou autossugestões na primeira pessoa, quando entrardes em ação. Como remédio, é sobre-excelente. Mas há outro, que não tão velho como este e aqui o tendes: Acha-se no capítulo precedente, intitulado: “Método de Cura” (nesta parte dedicada à cura própria); eu digo-vos: imaginai-vos como “John Smith” ou outro nome, isto é, como uma pessoa separada, e então “tratai-o como se fôsseis o paciente. Bem, este plano aplica-se admiravelmente nos casos de formação de carácter pela autossugestão.

Ainda que o “Eu sou”, etc., seja um bom plano como remédio e quando a pessoa se põe em ação, contudo este meu plano mencionado acima produz melhor efeito, quando associado ao “tratamento” de si próprio nas falhas mentais, fraqueza de carácter, etc.

Experimentai ambos os planos e vereis se tenho ou não razão; mas praticai meu plano um pouco até que adquirais a “habilidade”, antes de julgardes da matéria. Aqui está como se põe em prática:

Suponha-se que desejais cultivar a coragem em lugar do pensamento de receio que muito vos perturbou. Bem, em adição à imagem mental de visualização e a nunca esquecida representação da parte, desejais tentar a autossugestão.

O velho modo, lembrai-vos, é afirmar a si mesmo: “Sou corajoso”, etc. Agora, o meu novo modo “de vos tratar” é imaginardes que “tratais” algum doente da mesma perturbação. Assentai-vos e aplicai um tratamento regular. Imaginai-vos como uma personalidade assentada diante de vós. A mente central dá um tratamento a “John Smith”, parte vossa; o indivíduo que “trata” a personalidade. O indivíduo (que sois vós) diz à personalidade de John Smith:

“Aqui, John Smith, deveis fortificar-vos e fazer-vos melhor. Sois corajoso, corajoso, corajoso! Digo-vos: sois corajoso, bravo e forte! Sois confiado em vós mesmo! Nada receiais! Estais cheio de força, de Poder Mental positivo e o manifestais; vós vos tomais cada vez mais positivo todos os dias! Sois positivo e agora, ouvis-me? Sois positivo neste instante! Sois positivo, corajoso, confiado em vós mesmo e esta confiança toma cada dia em vós maior vulto. Lembrai-vos: sois positivo, positivo, positivo, valorosos, valoroso, valoroso”, etc., etc., etc.

Achareis que, por este plano, sereis capaz de dar a John Smith, parte vossa, as mais positivas sugestões e John Smith as receberá com o mesmo efeito como se houvesse aqui duas pessoas em vez de uma. Conforme os ensinamentos ocultos, há duas pessoas: o indivíduo e a personalidade. Dá-nos este plano uma bela variação aos monótonos “Eu sou isto e aquilo”, métodos estes que causaram aos seus ardentes seguidores do “Novo Pensamento” motivos de desgosto.

O “negócio por atacado” do “Eu sou isto e aquilo” cansou a muitas almas boas que desesperavam de um bom resultado. A tais pessoas e a outras digo: “Tentai o novo plano”. Aprendei a vos tratar seriamente e ficareis surpreendidos com o rápido progresso que fizerdes quando comparado este com o velho plano.

Não deixeis que ele fuja a isto. Insisti em que ele a desempenhe. Renovai-lhe as mesmas perguntas à cerca disto e martelai-lhe fortemente a paciência.

Coroo difira o nosso irmão de cor: “ele necessita de vencer tudo”.

Experimentai, pois, este método com as vossas próprias pessoas e por vossa experiência achareis suas possibilidades admiráveis.

Não descanseis até que consigais obter as provas. Obtidas estas em nosso favor, ficareis admirados de não terdes pensado nele antes. Cultivai o sentido da individualidade que desconhece a personalidade como a um algo plástico que pode ser mudado ou moldado à vontade por meio deste “tratamento”. E melhor do que tudo, aprendereis a conhecer que sois o indivíduo e a personalidade é simplesmente algo “que vos pertence”. Quando alcançardes este estado, tereis em vossas mãos as forças do grande Poder Mental e chamar-vos-eis com razão “positivos” e um “centro ativo de poder” no grande Oceano de Poder Mental. E tudo isso será efetuado por este novo plano de “eu digo a mim mesmo”, “eu digo-me”. Não é este tempo digno de aproveitar-se? Então, começai a “confiar em vós mesmos”, se é que o quereis.

CAPÍTULO XXVIII

DA FORMAÇÃO DE VOSSO CARÁTER

Surge, agora, a questão: “Por que devo fortificar o meu caráter?” Esta é uma questão que não posso responder, porque a cada um de vós devia eu dar uma resposta diferente, em vista das exigências de cada caso particular a que se subordinaria a resposta. Mas, depois de tudo, todos os que leem estes capítulos fazem uma boa ideia de seus pontos particulares de caráter, fortes ou fracos. Cada qual sabe as qualidades que necessita fortificar e as que necessita restringir.

Cada qual conhece suas pequenas tendências nas linhas do caráter ou qualidades pessoais, porque foi forjado a esse conhecimento pelo contato com outras pessoas.

Se considerais a arquitetura do caráter em vosso próprio caso, aconselho-vos a que façais um exame próprio, com lápis e papel, no qual ireis assentando o grau de desenvolvimento de cada qualidade particular, sem vos mostrardes para com vós mesmos brandos ou severos. Quando tiverdes feito isto, sabereis como proceder. Tereis, assim, dado a vós mesmos uma diagnose mental.

Com isto, apresento-vos uma lista geral de qualidades, etc. como um auxílio nesta obra de autoexame, como uma base de arquitetura mental. Peço-vos que, ao fazerdes uso dela, façais a vós mesmos a seguinte pergunta: “Que grau desta qualidade devo eu possuir?” e que respondais à pergunta “com inteireza”. Abaixo, dou-vos uma lista das “faculdades” usualmente apresentadas nas obras de frenologia, lista que muito vos auxiliará materialmente no preparo da relação de qualidades vossas. Cada faculdade corresponde a alguma qualidade de caráter possuída por vós e sobre a qual fazeis a pergunta mencionada acima.

Sexualidade,	Idealidade
Amizade	Jovialidade
Amor da vida	Sentido de grandeza
Apetites físicos	Sentido de ordem
Circunspeção	Memória
Firmeza	Linguagem
Fé	Juízo sobre a natureza humana
Ingenuidade	Amor paterno
Imitação	Determinação
Sensação de forma	Tenacidade

Sensação da cor	Secretividade
Sensação de localidade	Estima própria
Gosto de música	Esperança
Comparação	Simpatia
Qualidades domésticas	Sublimidade
Amor de lugares	Observação
Qualidades combatentes	Sentido de consideração
Desejo de possessão	Sentido de tempo
Amor de celebridade	Sentido de número
Integridade	Originalidade
Veneração	Conformidade

Cada uma das faculdades ou qualidades mencionadas acima podem ser aumentadas ou diminuídas pela prática dos métodos dados nesta lição.

A autossugestão e visualização e a “representação da parte”, este método triplo da formação do caráter habilitará a qualquer pessoa a “sobressair” em uma ou mais das ditas qualidades. Lembrai-vos sempre, sem dúvida, que os métodos nomeados servem para estimular o crescimento das células nos centros, áreas e regiões particulares, em que a faculdade ou qualidade se manifesta. A causa imediata do crescimento das células cerebrais é o desejo de se manifestar individualmente, desejo casado com esta lei da Natureza, que produz o aumento físico ou crescimento mental de acordo com a necessidade. O desejo mais ardente aivado ainda pela visualização e autossugestão, estimula os centros cerebrais que manifestam as qualidades desejadas e, fazendo assim, causam a produção mais rápida de novas células e o maior desenvolvimento das existentes. Depois, a “representação da parte” com suas manifestações físicas, cria uma ordem direta sobre o cérebro por meio de manifestação, e o cérebro responde à ordem aumentando as células adicionais.

Há em a Natureza uma lei tendente a fornecer ao organismo o que ele necessita para o seu desenvolvimento e necessidade. O cavalo evoluiu-se de um animal de pé de três dedos em um de um só dedo, em resposta às exigências de seu meio e às necessidades de sua vida. As aves de rapina têm garras e bicos adaptados às suas necessidades e desejos; os animais ferozes têm grandes dentes, garras e a forma do corpo adaptada aos seus desejos e necessidades, e assim é tudo em a Natureza.

Lembrai-vos disto, que os animais mudam constantemente quando os lugares em que vivem se alteram, porque a Natureza está sempre pronta a fornecer o necessário para seus organismos. Dá-nos a evolução muitas ilustrações deste fato, que sinto não poder mencionar aqui.

Se uma parte do corpo entra a ser desacomodadamente empregada, cansa-se e a Natureza envia-lhe os seus aumentados socorros de nutrição e desenvolvimento, de maneira que o animal pode achar em tempo conveniente e com facilidade aquilo de que necessita. O mesmo se observa entre as células cerebrais. Pedi à Natureza um aumento de poder em certas linhas e ela responderá ao vosso pedido. E o modo de fazer o pedido de novas células cerebrais para a manifestação de certas qualidades a um grau maior é seguir os métodos dados aqui — autossugestão, visualização e “representação da parte”. Julgo que compreendeis agora não só o “como”, mas ainda o “porquê” da matéria.

É impossível, no espaço de poucos capítulos, dar uma ilustração minuciosa do desenvolvimento de cada faculdade mental separada. Fora para isto necessário um livro maior. Mas dei-vos os princípios gerais e direções para resolverdes o resto do problema.

Apresentar-vos-ei, todavia, instruções especiais para o desenvolvimento das qualidades particulares mais necessárias ao indivíduo dinâmico mencionado nos capítulos que tratam da influência pessoal. Antes de passar à última fase mencionada neste livro, digo-vos que não só podeis formar o vosso caráter pelos métodos dados, mas ainda os dos outros pelos métodos aplicados nas formas de tratamento sugestivo.

Isto é o que acontece particularmente no caso das crianças, cujos caracteres são extremamente plásticos e se prestam prontamente a ser modelados.

Não me é necessário tratar aqui minuciosamente deste assunto, porque em meus capítulos sobre “Sugestão Mental” e “Terapêutica Mental”, bem como na presente lição, dou os princípios de tal tratamento e os métodos aplicáveis ao mesmo. Confio em que prestastes suficiente atenção no que ensinei sobre a compreensão e aplicação desta forma de tratar a outros. Aplicai os mesmos princípios. Em adição a estes, podeis, com vantagem, usar os tratamentos pelas correntes mentativas, que tenderão a induzir à mente da outra pessoa o estado mental desejado, que, com o tempo, resultará na produção de novas células cerebrais precisas no “estabelecimento” da cura mental do caráter.

Tratando de mudar o caráter de outros, fazei exatamente como se tratásseis no caso de uma doença física. O princípio é o mesmo, porque a desordem nasce de coisas fundamentais similares. Em ambos os casos, lembrai-vos de que tratais da mente.

Passemos a considerar a individualidade dinâmica. Vimos aquilo a que ele se assemelhava; vejamos, agora, se podemos assemelhar-nos a ele. Os métodos dados no presente capítulo e o que imediatamente o segue pertencem a esta obra, sem dúvida. Fornecemos uma imagem mental do indivíduo dinâmico e vejamos quais são as qualidades que ele possui; depois aprendemos a desenvolver- e cultivar essas qualidades.

Nosso indivíduo dinâmico possui um desejo forte. Sabe como “querer” uma coisa de modo certo. Não pede uma coisa nem suspira por ela, quando quer.

Todos pensamos que desejamos as coisas, mas as pessoas, na sua maioria, as desejam de um modo imperfeito. A chama do desejo arde-lhes fracamente, dando-lhes pouca luz ou calor.

Uma das primeiras coisas que haveis de notar quando vos encontrardes com certos homens que “fazem as coisas” no mundo é que eles estão cheios de um desejo intenso, vivo, ardente, forte, faminto, voraz, que os impele a fazer a ação com o maior esforço; que lhes faz exigir as coisas em vez de as pedir simplesmente. Mesmo entre os animais que havemos por “fortes” e “violentos”, achamos que esta qualidade de desejo é imperiosa quando mais os impele ao movimento e ação.

Por outra parte, achareis uma falta da mesma qualidade entre as espécies de animais que são apanhados e devorados pelos outros. Esta classe de animais de desejo fraco dá-nos a ideia de que são “sem vigor” e “sem espírito”. O mesmo se observa entre os homens. Ninguém faz ou consegue alguma coisa, a menos que se não encha de um forte desejo por esta coisa. Se um homem sente fome de realizar certa coisa como ele sente o apetite urgente de se alimentar, fará certamente esforços por satisfazer o tal apetite ou fome. Pensai no que faríeis por matar a vossa fome! Ora, estes homens sentem o mesmo desejo das coisas como se tivessem fome delas. O desejo é uma forma de fome. O homem que tem maior fome de uma coisa é justamente o que manifesta maior força de desejo e maiores esforços para alcançar essa coisa.

Caíram as pessoas no hábito de falar e julgar do “desejo” como uma qualidade egoísta, baixa, indigna, própria do animal; elas, porém, só veem um lado da verdade e se iludem pensando que veem toda a coisa. Procuram desculpar-se quando falam de “altos desejos”, “aspiração”, “ambição”, “Mo”, “ardor”, “amor” e outros muitos termos similares; mas essas coisas são meramente o nosso velho amigo “desejo” com um novo nome.

Dou-vos aqui umas poucas palavras com que designam algumas formas de desejo. Aqui estão: vontade, apetite, precisão, necessidade, exigência, mente, inclinação, tendência, propensão, ânimo, parcialidade, pendor, predileção, disposição, aquiescência, gosto, amor, afeição, deleite, anelo, paixão, solicitude, ansiedade, aflição, cobiça, aspiração, ambição, ânsia; ardor, apetência, fome, sede, veemência, ardimento, etc., etc. Quão formidável é a lista!

A verdade é que todo “sentimento” que incita ao homem a qualquer sorte de ação é uma forma de desejo.

Sem desejo a ação se anularia. toda ação é precedida por um desejo inconsciente. Mesmo aqueles que renunciam o desejo e que alegam “tê-lo vencido absolutamente”, respondem a uma forma de desejo mais sutil. Como é isto? perguntais. Bem, simplesmente porque levam o desejo de não desejarem certas coisas. O desejo está no fundo da renúncia, no fundo de todos os desejos; eis porque eles desejam renunciar. Assim deve ser sempre, pois o desejo é uma lei fundamental da Natureza e se manifesta continuamente.

O desejo manifesta-se não só no fazer as coisas, mas ainda na abstenção de fazer as mesmas coisas.

Deseja um homem fumar e outro não. O desejo está em ambos os casos! “Falta de desejo” para fazer certa coisa significa simplesmente um desejo de seguir um curso oposto de procedimento e ação. E assim é. O desejo manifesta-se em todas as ações e em todas as abstenções de ação. Nada foi feito, criado ou manifestado sem desejo. Os próprios átomos manifestam desejos em suas combinações.

E, assim, todo o Universo saiu da operação da lei do desejo e da lei da vontade, fases de uma só lei. O desejo fundamenta toda a vida e fica no centro da própria vida. Quanto maior é a manifestação da vitalidade, maior é a força do desejo. Lembrai-vos, porém, que há desejos sábios e desejos ignorantes. O indivíduo dinâmico aprende a discernir entre os desejos sábios e os desejos ignorantes, entre os “bons” e os “maus”, e leva a sua vida em boa harmonia.

Examina seus desejos, escolhe os “bons e sábios” e descarta os “maus e ignorantes”, depois passa a desenvolver os que elegeu. Como desenvolve nosso indivíduo dinâmico seus desejos, quando o desejo em si mesmo não é uma faculdade mental separada, mas, em vez disso, se manifesta em toda faculdade?

Ele mantém uma imagem mental das coisas que deseja e a força de desejo, irrompendo de seu interior, manifesta uma energia cada vez maior, conforme o estímulo. A força de desejo está na pessoa sempre associada com o poder de vontade, mas carece de um incentivo para entrar em ação, precisa de um estímulo para se manifestar. É uma lei muito conhecida de psicologia — que o desejo flui e se manifesta em resposta a um objeto. Este objeto de desejo é sempre alguma coisa que dá prazer, satisfação ou contentamento ao indivíduo, ou, de outra sorte, que o livrará, de alguma dor, descontentamento, desconforto ou desgosto imediato ou remoto e, algumas vezes, indiretamente; isto é, a satisfação ou a dor podem ser ocasionadas pela satisfação ou dor imediata ou remota, ou por uma pessoa por que a pessoa original se interesse. Quanto mais clara for a imagem do objeto desejado, tanto maior será o grau do desejo manifestado, havendo igualdade nas demais coisas. Uma criança enche-se de descontentamento, deseja alguma coisa, mas não sabe o que deseja. Pensa em um brinquedo e começa a nutrir um desejo mais forte. Depois vê o brinquedo e seu desejo se faz mais intenso.

Pode alguém sentir fome em um grau, mas quando vê algum objeto de gosto particular, sua fome for-lia-se mais intensa. Assim é que, se uma pessoa continua a apresentar ao seu desejo a sugestão e a imagem mental de algum objeto, põe-se-lhe aquele a arder com maior força e atividade, e deste modo pode ser cultivado e levado a maior grau.

Sabeis que por esta via pode um homem despertar desejos a um outro, pela sugestão, apresentando-lhe, em conversação, a imagem mental o objeto, etc. Não aprendemos à nossa custa que só à “vista” de uma coisa em que não pensávamos, começamos a arder em desejos por ela?

O livreiro toca esta fibra do nosso caráter e o mesmo faz o comerciante pelo abarrotamento de suas amostras. Lembrai-vos do que eu vos disse nos capítulos sobre sugestão, à cerca dos “vendedores de mercadorias”, ponto este importante pra “despertar desejos” nos fregueses e igualmente do que vos disse a respeito do anunciante. Esta dieta fundamenta todas as formas de influência sugestiva e se manifesta, todos os dias, em nossas vidas. Se, pois, isto é assim, não vedes que, pela autossugestão, podeis despertar em vós o mesmo grau de desejo que outros despertam em vós e vós em outros?

O método triplo, de autossugestão, visualização e desempenho da parte, desperta-vos o desejo.

Pela autossugestão criareis em vós o desejo. Dizei a “John Smith”, parte vossa, quanto ele deseja isto ou aquilo, quanto aspira a isto ou àquilo, quão forte é a sua ambição por isto ou aquilo.

Visualizai o objeto, a coisa desejada, até que a possais ver clara e perfeitamente. vede-vos como possuidor dela, ou como tendo-a alcançado. Conservai convosco esta imagem mental, pois ela levantará a vossa força de desejo. Fazei a ideia de que caminhais de modo certo para a posse do objeto desejado.

Cultivai, depois, as ações e o procedimento do homem que chegou a possuí-la. Se procurais êxito, agi como um homem de êxito. Já não preciso dizer-vos a razão disto, depois dos ensinamentos que vos dei.

Em conclusão, torno a lembrar-vos que os objetos deste desenvolvimento de desejo são:

1º) o emprego da vontade;

2º) a atividade da força de desejo em caminho de atrair.

Me o que escrevi nos capítulos precedentes sobre a força de desejo. Não desprezeis levemente esta parte da matéria. Ela é muito importante. O desejo e a vontade são duas fases do Poder Mental, e deveis desenvolver ambas, a fim de alcançardes os melhores resultados. Conservai a chama de desejo reto brilham do ardentemente. Alimentai suas lâmpadas com as ideias dos objetos de desejo pela autossugestão, visualização é ação. Lembrai-vos das minhas últimas palavras à cerca do desejo.

A primeira coisa para alcançar ou fazer coisas é desejá-las ardentemente. Um desejo forte, ardente e aguçado, desembaraçará o caminho do êxito; levar-vos-á a pessoas e coisas necessárias ao vosso contentamento e atrairá para vós pessoas, coisas, circunstâncias, meios, etc., necessários à vossa satisfação.

O desejo é a alma da lei de atração.

Consideremos, agora, o segundo atributo do indivíduo dinâmico. ele tem o poder da vontade. Nosso homem é um exemplo de vontade ativa. Está cheio de força de atração. É determinado. Usa de sua vontade sobre sua mente como um artista de seu cinzel sobre o duro metal. Isto é, faz que a vontade lhe cause cada vez mais fundas impressões até que obtenha o que deseja.

Já vos falei de como a vontade é posta em operação por instigação do desejo.

Quando desenvolveis e cultivais o desejo, desenvolveis e cultivais ao mesmo tempo o poder da vontade. Não preciso repetir esta parte do processo. Já vos disse isso no capítulo em que tratei do desejo. Mas há outro Dento a respeito do uso da vontade para o qual devo chamar vossa atenção. É o ponto de sua aplicação e manifestação determinada.

É muito bom ter uma forte vontade, mas a vontade não aproveitará em nada para vós, a menos que a não saibais aplicar.

O segredo da vontade resoluta assenta na determinação e persistência. A primeira coisa a adquirirdes é a capacidade da atenção.

Referem-nos alguns escritores psicólogos que uma “atenção tenaz é um dos fatores mais fortes para o cultivo da vontade”. Deveis, pois, adquirir a tenacidade da atenção, isto é, a arte paciente de fixar vossa atenção sobre uma coisa até que se realize vosso propósito. Deveis aprender a fazer uma coisa inteira e completamente. Deveis aprender a concentrar vossa vontade sobre uma coisa, sem deixar que ela se distraia ou vagueie até que lho permitais.

Deveis cultivar a estabilidade, a decisão, a perseverança, a tenacidade e a firmeza. Podeis fazer todas essas coisas pelo método triplo dado nesses capítulos. toda qualidade é capaz, de algum modo, .de--cultivo e desenvolvimento. Podeis fazer essas coisas “se o serdes fortemente”.

Em primeiro lugar instigai vosso desejo a completar a tarefa, depois empregai a vossa vontade no sentido de a fazerdes e fazei-a. Outros muitos fizeram essas coisas e vós, se é que sois indivíduos e não meras sombras do passado, podeis também fazê-las.

Dou-vos, agora, um conselho sobre o desenvolvimento da vontade ao qual peço presteis toda a vossa atenção.

A primeira coisa a fazer no cultivo do poder da vontade é vencer os velhos hábitos da vontade fraca e substituí-los por novos hábitos da vontade forte. Esta questão de hábito é a mais importante, porque todos nós somos, mais ou menos, escravos do hábito. O hábito é uma segunda natureza e, muitas vezes, causa-nos impulsos muito mais fortes que os de nossa natureza ordinária. A fim de desenvolverdes a vontade dominadora, deveis cultivar alguns hábitos novos. Passo, agora, a falar dessas coisas. As regras seguintes para o desenvolvimento de hábitos novos ser-vos-ão de grande benefício, se as estudardes cuidadosamente e as puserdes em prática.

REGRA 1ª. Alcançai domínio sobre vossos instrumentos físicos de expressão e sobre a expressão física relacionada com o estado mental que procurais desenvolver. Por exemplo, se procurais desenvolver vossa vontade nas linhas de confiança própria, segurança, coragem, etc., o primeiro passo a dardes é dominardes os músculos pelos quais as manifestações ou expressões físicas desses sentimentos se mostram.

Tentai dominar os músculos de vossos ombros de modo que os possais mover para trás, valentemente.

Notai a atitude inclinada da falta de confiança. Depois, dominai os músculos pelos quais mantendes vossa fronte erguida com vossos olhos ativos olhando o Inundo de face. Dominai os músculos das pernas pelos quais podeis andar firmemente, como um homem positivo. Dominai os órgãos vocais pelos quais podeis falar em tom vibrante, ressoante, que desperta atenção e inspira respeito.

Conservai-vos fisicamente bem, a fim de manifestardes estas formas exteriores de vontade e desembaraçareis o caminho da manifestação de vosso Poder Mental. Assim tomareis a obra da vontade muito mais fácil. O Poder Mental dar-vos-á vontade de fazer estas coisas, mas vós deveis estar preparados para usar dela.

Prestai atenção a essas formas exteriores de expressão até que adquirais o hábito de fazer delas vossa “segunda natureza”.

REGRA 2ª. Aprendei a concentrar-vos. Pela concentração chegareis a focalizar vossa vontade sobre algum objeto desejado, e destarte chegareis aos melhores resultados. Pelo uso de vossa vontade, torná-la-eis “atilada”, como dizem os orientais. Isto é, escolhei uma coisa por objeto de vossa vontade e focalizai-a nele. Lançai de vossa mente as ideias e pensamentos em desarmonia com uma só ideia sobre a qual concentrais a vossa vontade.

No princípio, bem faríeis em evitardeis o convívio das pessoas que tendam a distrair-vos da ideia principal. Mas, em pouco tempo, interpois vossa resistência a quaisquer distrações e lançá-la-eis de vós com uma ordem mental. Nesta educação de vossa vontade, achareis que ela está sempre mais pronta a se desviar do objeto do que a se concentrar nele.

Deveis aprender a superar essas tentações, ainda mesmo que chegéis a proceder como Ulisses, que aconselhou aos seus companheiros que tapassem os seus ouvidos com cera para que não fossem fascinados pelo canto das sereias.

REGRA 3ª. Para adquirirdes um hábito de vontade, usai sempre repetir o esforço da vontade ao longo das linhas do hábito. Exercitai mais a vossa vontade.

Todas as vezes que fizerdes uma coisa com mais facilidade, repeti-a, porque o hábito se tornará mais firmemente estabelecido. O hábito é uma forma de “Impressão”, e quanto mais gravardes o cunho de vossa vontade na cera de vossa mente, mais funda se fará a impressão. Exercício, exercício, EXERCÍCIO — prática, prática, PRÁTICA.

REGRA 4ª. A maior luta é no princípio da prática ou formação de um novo hábito de vontade. Aqui a pessoa tem que lutar com todas as suas forças; mas ganha a primeira batalha, passa a sustentar uma luta moderada que se torna finalmente mui leve. Importa que vista uma fina armadura e empunhe a sua espada com força na primeira investida. Se parar para fumar ou beber, por exemplo, achará que três quartos da luta se condensaram na primeira semana, senão no primeiro dia.

Lembrai-vos do caso de Rip van Winkle, com o seu “bem, este copo não se conta” ele nunca pôde ganhar a dianteira. Acautelai-vos de cometer uma simples falta no primeiro arremesso, porque ela faz perder ao homem mais do que poderia ganhar todo o dia de êxito. Desde que vossa vontade adquira um hábito, evitai cometer uma só falta pela razão que expus acima. Comparou certo escritor muito versado nesta matéria, esta falta com um rolo de corda que um homem procura fazer. Cada volta do rolo desenvolve mais corda que a que muitas voltas podem conter.

REGRA 5ª. Tentai fixar o hábito como uma impressão mental por todos os meios possíveis.

Quando este hábito se tornar firmemente impresso em vossa mente, acha-lo-eis mais “natural” e tanto mais fácil de levar, quanto mais difícil de torcer de seu caminho. Construís, assim, vossa “segunda natureza”, lembrai-vos.

REGRA 6ª. Refleti antes de dar um passo definitivo e assegurai-vos de que estais em caminho reto; depois prossegui.

Examinai bem uma coisa antes de vos abalançardes a ela. Beneficiai-a com o vosso juízo e não com o juízo dos outros. Usai da vossa razão e juízo porque os tendes. Mas, uma vez que decidistes que; em a fazendo, fazeis um bem, então deveis aprender a levá-la a cabo. Aprendei a pegar do arado e não olhar para trás.

Aprendei a dirigir vosso Poder Mental e de não vos servir dele antes de bem saber manejá-lo. Tudo isso significa domínio das paixões e emoções. Guardai-vos de vós mesmos, bem como de serdes influenciados por outros, pois agireis conforme os vossos desejos.

As crianças, os selvagens e os indivíduos não desenvolvidos manifestam pouco ou nada do domínio sobre seus desejos, e, sendo afetados mais pelas ondas externas do que pelas internas, deixam a sua vontade flutuar sem norte.

O indivíduo deve aprender a “reprimir” (isto é, a “moderar, restringir, conter, vedar, proibir”, etc.) os estados e sentimentos emocionais.

Assim fazendo, empregará sabiamente o seu Poder Mental quando o julgar a propósito. Empregai o vosso Poder Mental quando tiverdes um fim certo e um objeto digno.

Não deixeis que outrem o empreguem por vós, nem façam que o empregueis em resposta a um sentimento de capricho, de desafio ou desordenado. Um conselho proveitoso é dado pelo prof. Hoffding nestas palavras:

“Ainda mesmo que não possamos impedir que nasça um sentimento, podemos, contudo, impedir que se espalhe, não deixando aos movimentos que o acompanham a liberdade de aumentarem.”

Em outros termos, contendo-se a ação física, o sentimento morre. Esta ideia de expressão física corre parilhas com a ideia de estados mentais em todo o campo da psicologia.

REGRA 7ª. Enchei a vossa mente de imagens da coisa de que desejais fazer um hábito, pois, assim fazendo, alimentais com óleo a chama de vosso desejo e o desejo é a causa da manifestação da vontade. O desejo feminino pede e a vontade masculina procura satisfazer às exigências de sua companheira na direção indicada por ela. Por isso, quanto mais ela vê o que anela, mais pede, e quanto mais pede, mais ardentemente aspira a se satisfazer.

Pôs Eva os olhos no fruto e disse a Adão que o fruto era bom e que o comesse; Adão o comeu e o pecado se fez. Mas esta regra tem um lado bom e outro mau. Aplica-se em dois caminhos, mas o sentido e o princípio em que assenta são os mesmos.

REGRA 8ª. Adquiri o hábito tantas vezes e tão bem quanto possível. Aprendei a executar os movimentos até que a parte se torne perfeita e facilmente executada. Não necessito dizer outra vez aos estudantes a razão disto, pois iria martelar em velha história.

REGRA 9ª. Esforçai-vos por fazer coisas desagradáveis. Isto fortificará poderosamente a vossa vontade. Em que condições cairiam os vossos músculos, se não fizesseis uso deles? E qual será a condição de vossa vontade se nunca a exercitardes fazendo alguma coisa que vos desagrade? Ninguém, nem mesmo o mais fraco, pode fazer uma coisa aprazível, agradável, sem oposição ou resistência. O verdadeiro homem, ou mulher, faz as coisas apesar de qualquer resistência externa ou interna.

Quando um homem aprende a dominar-se, isto é, a dominar os seus próprios sentimentos, se faz capaz de dominar o mundo exterior. Antes disso, nunca! Por esta razão, não deixeis de executar a obra desagradável, porque, fazendo-a, adquirireis o músculo mental, que é outro nome com que se designa a vontade.

O prof. James, o eminente psicólogo, aconselha os seus leitores a exercitarem-se em fazer algumas coisas particulares, pela simples razão de não quererem eles antes fazê-las. Seja mesmo a tarefa mais simples como a de levantar-se e deixar o assento em um carro, quando desejais retê-lo.

Compara o prof. James este ato com o de fazer um seguro sobre a propriedade.

Quem assim faz, acumula forças para um dia de necessidade. Diz-nos ele que quem se educar neste princípio poderá manifestar o Poder Mental.

Tratando de um tal homem, diz o prof. Halleck “Enquanto outros gritam por causa do leite derramado, o possuidor de tal vontade se põe a ordenhar outra vaca.” Os que alcançaram grandes êxitos, em quase todos os casos, educaram a sua vontade de modo tal que podem executar uma tarefa difícil ou desagradável, com pouco esforço. , Tais homens adquiriram o hábito. Quando um homem aprende a dizer “sim” ou “não” a si mesmo, sabe dizer “sim” ou “não” a outros, com a maior força.

REGRA 10.a — Cultivai a fixidez de propósito. Um homem de força aprende a antever um objeto e a “desejá-lo ardentemente”; e depois que fixa no tal objeto a sua vontade, dirige-se para ele em linha reta.

Não importa, porém, que ele se desvie da linha reta por circunstâncias não previstas, nem quanto tempo pode enganar-se; ele tem sempre na mente o que procura e está certo de alcançar.

Os homens cataventos manifestam pouca vontade e não realizam nada na vida. Os homens de êxito conhecem o que querem, tendo-o firme na mente.

Podem gastar muito tempo para o alcançar, mas uma vez determinados, chegarão ao fim desejado. Estas qualidades se adquirem com grandes trabalhos, e poucas pessoas as possuem. A maioria cansa-se na luta e desaparece da raça sem as adquirir.

Elas associam-se com as “qualidades do domínio próprio” que levam o homem aos seus fins, por maiores que sejam os obstáculos que outros, no princípio, lhe levantem. Concentrai-vos na firmeza de ânimo e cultivai-a.

CAPÍTULO XXIX

CONSTRUÇÃO DA MENTE

Tratarei ligeiramente das faculdades mentais que mais precisam de ser desenvolvidas pelo homem que deseja ganhar as qualidades dinâmicas. Serei breve em lhes aconselhar o desenvolvimento de cada uma das ditas qualidades.

1. Continuidade.

Foi esta qualidade assim chamada pelos frenologistas e definida como a faculdade que torna ao homem “firme” no seu propósito, isto é, lhe dá a paciência de levar a termo a sua tarefa.

Esta faculdade é que lhe dá a estabilidade. O homem que a não tem é inconstante, mudável, astuto, intratável, dissipado, instável, indigno de confiança.

Para cultivardes esta faculdade, segui o método triplo na direção de vos concentrar, formar e confiar na obra, uma vez empreendida. Assim fareis todo o trabalho e o fareis com êxito.

2. Vitalidade.

É esta faculdade definida pelos frenologistas como a que torna a uma pessoa tenaz na vida, desprezadora da morte, doença ou fraqueza.

É necessário ao indivíduo dinâmico desenvolvê-la, porque, assim fazendo, ele não só se faz mais forte, como também comunica uma certa qualidade de força e resistência à sua personalidade que será sentida por outros. Como uma exemplo, comparai a “luta pela vida” em um animal da família felina, com a falta dela em um carneiro ou em um coelho; pensai, depois, qual desses animais é mais respeitado e acatado no mundo dos animais.

Por todos os modos, cultivai esta luta tenaz pela vida que manifestam todas as criaturas forte. Experimentai o método triplo de persistência na vida, de manifestar “vontade de viver”.

3. Propriedade de combater.

Esta faculdade frenológica manifesta-se na direção da resistência, oposição, coragem, intrepidez, ânimo” de se-defender, desafio, espírito, proteção própria determinação do “deixem-me só”, “saí do meu caminho”, etc.

Ela se encontra entre os caracteres fortes. Verdade é que a sua perversão torna um homem prejudicial, disputador, rixoso. Tal estado deve evitar-se. Mas a sua ausência faz do homem um “capacho”, em que todos limpam os pés.

O indivíduo dinâmico deve ter esta faculdade bem desenvolvida e, ao mesmo tempo, bem governada. Deve ser o caso “da voz branda e do bastão grosso”, caso de que ouvimos falar tanto ultimamente. O mundo gosta dos homens bravos e odeia os covardes. E isto significa valor mental e covardia mental, principalmente nestes dias de lutas da mente. Por todos os meios aprendei a ter-vos em pé como um homem e, olhando calma e firmemente o mundo, dizei estas palavras de um velho verso: “Andemos, andemos todos! esta rocha deverá erguer-se de sua base firme, como eu”.

Não sejais briguentos, mas não sejais poltrões. Evitai a atitude mental da lebre e da ovelha. Desenvolvi esta faculdade pelo método triplo, nas linhas de debate, argumento, conflito mental, existência mental, afirmando a vossa individualidade insistindo em vossos direitos, em vossa confiança própria, em vossa defesa própria, em vosso “posso e quero”.

4. Destrutividade.

O nome, na minha opinião, não é bem escolhido pelos frenologistas, mas não tentarei mudá-lo aqui. É usado por eles para indicar a faculdade que se manifesta em a determinação de vencer obstáculos, de quebrar resistências, destruir barreiras, de avançar, de impelir para a frente, de abrir caminho, de passar pela multidão, de segurança própria, etc. Sua perversão torna um homem odiado, sem suficiente respeito aos direitos dos outros, e a quem a sociedade tem o dever de refrear. Contudo, é uma qualidade necessária ao homem dinâmico para que não se veja pisado com impunidade, ultrajado, tratado com desprezo pelo mundo; para que não seja posto de lado e enganado. A falta desta qualidade torna o homem vencido pelos obstáculos e fraco à vista da resistência que se lhe ofereça. Torna um homem lamentador e que sempre diz “não posso”, bem como sujeito a precedentes, a falsas autoridades, etc.; a falta desta qualidade mata-lhe toda a originalidade.

Para o desenvolvimento desta faculdade usai o método triplo no sentido de abrires vossos campos mentais, pisardes novos caminhos, quebrardes barreiras, vencerdes oposições, de manterdes o vosso direito, de vos lançar para axe te ainda mesmo que tenhais de abrir caminho por entre as multidões, etc.

5. Desejo de possessão.

Este termo é usado pelos frenologistas para indicar esta faculdade que se manifesta no alcançar, adquirir possuir, atrair a si, obter e segurar as coisas desejadas, etc. Pode ser pervertida em avareza, tacanharia, mesquinhez, voracidade, etc.; não obstante, seu próprio uso ou desenvolvimento é necessário. Á. menos que não tenha o homem o desejo de possuir as coisas, não faz nenhum progresso no mundo.

O homem deve desejar as coisas, antes que se ponha energicamente em ação. No que diz respeito ao dinheiro, ainda que admita livremente haver prejuízo na extrema avidez e desejos desta ordem, contudo estou inteiramente convencido que um homem deve possuir em certo grau esta qualidade que o leva a “procurar dinheiro” a fim de fazer de si um centro ativo de força. Quando alguém deseja dinheiro, deseja realmente coisas que se adquirem por dinheiro.

O dinheiro representa quase tudo o que é necessário para o bem-estar e manutenção do homem. Em si mesmo o dinheiro não é nada e o homem que por amor ao mesmo dinheiro o procura, é um louco. Mas o dinheiro é o símbolo de quase todas as coisas e sem ele ninguém consegue praticamente alcançar nada. Assim como julgo justificável e próprio para a planta, desejar, procurar atrair o sustento do solo, ar, água e luz do sol, do mesmo modo julgo próprio, justificável e louvável para o homem o desejar, buscar e atrair para si o próprio sustento da vida, e o dinheiro, para um homem sã, significa isso e nada mais.

As pessoas que censuram este “desejo de dinheiro”, são principalmente aquelas que:

1º) ou não puderam acumular dinheiro por falta das qualidades necessárias (as realmente infelizes não concordam na condenação do desejo); ou

2º) aquelas que herdaram dinheiro sem conhecer fadiga, excitação ou satisfação e que, por isso, se desgostaram do dinheiro que adquiriram sem trabalho nem esforço. Estas pessoas parecem-se com aquelas que não se mexem, e apanham sempre indigestão à vista de um bom jantar. Os que trabalham entram logo à mesa com robusto apetite e não compreendem o sentimento doentio dos outros. Há uma lei natural que age em proveito assim dessa classe de “doentes” que adquirem as coisas sem trabalho, como da classe dos “parasitas” que vivem à custa do trabalho de outros e se julgam superiores aos “avaros” e aos que trabalham e suam para os sustentar.

As pessoas honestas, de um modo ou de outro, procuram dinheiro. Isto não se pode negar.

Algum dia podemos estar em melhores condições econômicas. Praza a Deus que todos nós, até esse tempo, possamos, pela nossa habilidade, dar caça ao esquivo dólar, porque se o homem não faz isto, não come nem se veste, nem tem asilo, nem livros, nem música, nem nada que torne a vida agradável a quem pense e sinta. Por isso, creio-me justificado em vos dizer: Desenvolvi um grau normal de desejo de possessão, se quereis acrescentar alguma coisa à obra do mundo. Desenvolvi-o pelo método triplo, pelas linhas de realização do que ele significa e do que vos servirá neste estado de evolução econômica do mundo.

6. Secretividade.

É este o nome que dão os frenologistas à faculdade que se manifesta como: polida, tato, sigilo, repressão própria, moderação, etc. A sua perversão leva à decepção, ao embuste, à dobrez, à mentira, à falsidade, etc. Mas um certo grau dela é necessário ao homem, a menos que não queira cair no erro da “leviandade”, da simplicidade transparente, da incontinência de língua, da tagarelice, da imprudência, da indiscrição, etc.

Desenvolvi esta faculdade pelo método triplo no tato, diplomacia, reticência, circunspeção, civilidade, etc. Tratai especialmente de adquirir a faculdade de guardar vossos próprios segredos, vossos próprios negócios, evitando a “descautela” que arruinou muitos homens e “mulheres”. Posso acrescentar aqui, de minha experiência adquirida no comércio, que, a despeito da alegada “tagarelice” das mulheres, é verdade que muitas estenógrafas são menos sujeitas a revelar os segredos de seus patrões do que muitos homens do mesmo serviço.

Por outra parte, ainda que uma mulher possa ter uma tendência a “trair um segredo”, contudo ela sabe guardar certos segredos concernentes a si mesma, ou ao seu amante, ao filho querido, de modo tal que faz ao homem arrepiarem-lhes os cabelos de admiração.

7. Circunspeção.

Manifesta-se esta faculdade como cautela, prudência, vigilância, previsão, bom senso, etc. Pervertida, ela produz a timidez, a irresolução, etc. Mas uma certa quantidade dela é necessária. Deveríamos aprender a usar o nosso juízo e razão a fim de darmos passos seguros.

Se esta qualidade vos falta, desenvolvi-a pelo método triplo nas linhas de cuidado, prudência, precaução, discernimento, juízo, etc., conforme o adágio: — “Antes que vos caseis, olhai o que fazeis”.

Se a tendes demasiado, limitai-a pelo mesmo método nas linhas de valor, ardor, intrepidez, audácia, etc., e em espírito geral de “não passardes uma ponte antes de chegardes a ela”.

8. Faculdade de aprovação.

Manifesta-se esta faculdade como um desejo de aquiescência, louvor, lisonja, celebridade, ostentação e cerimônia ligadas à personalidade, etc. Vê-se frequentemente em um sentido perverso. Poucos de nós necessitam desenvolver esta qualidade. Temo-la bastante, ou demasiado.

Se desejais restringir esta qualidade, deveis usar o método triplo nas linhas de indiferença à opinião ou aprovação pública.

“Que vos importa o que o povo diz?”

“Que é o que diz? Diga o que quiser, não vos incomodeis com isso”

“Se vossos inimigos se mantêm neutros e vossos amigos persistentes, em que vos aproveita?”

Que mal pode causar-vos a opinião do povo? Ele forma-se de 95 por cento de loucos varridos, etc., etc., etc. Aprendei a viver a vossa própria vida e a vos manter sobre vossos próprios pés. Há muitas pessoas que se dariam gostosamente ao trabalho de “respirar” por vós, se o consentísseis.

Dizei a essas pessoas: “ide-vos”; desembaraçai-vos delas quando vos amofinarem. Se chegardes a viver a vossa própria vida, não vos incomodeis com aqueles que vos disserem: “Fazei isto deste modo”, “fazei isto como eu digo”, — quando suas próprias vidas são exemplos manifestos da loucura de “seus modos”.

Escolhei uni. objeto direto, segui um curso razoável. Deixai às mentes da massa o cuidado de seus próprios negócios, se é que o querem; se o não querem, esqueçam-se dele. todas as vezes que fordes bem sucedido em qualquer empresa, cairá sobre vós uma chuva de favores. Não vos iludais com os elogios e adulações.

O mesmo povo que hoje vos canta louvores, condenar-vos-á amanhã, se tiver ocasião para isso.

Hoje ele vos atira rosas, amanhã vos lançará pedras, com igual gosto e deleite.

Não sejais escravo da multidão ou de suas opiniões. Tornai-vos senhor dela, se desejais governá-la.

A multidão se governa mais por medo, egoísmo e interesse, do que por amor. A plebe tem a mania de repelir aquilo de que gosta e de o fazer em pedaços como faz a aranha que devora o seu macho. Mas, quando ela vos teme bem, então vos deixa em paz. Não vos dou aqui um alto ensino espiritual, mas uma parte da sabedoria do mundo.

Lançai a plebe de vossos calcanhares; pensai em vossos próprios negócios e dizei-lhe que pense nos seus. Olhai-a nos olhos quando lhe falardes. Ela compreenderá que não quereis vos submeter aos seus caprichos.

Não cometais o erro de a lisonjear, de modo contrário ela vos esmagará.

9. Faculdade da estimação própria.

Esta é a faculdade do respeito de si mesmo, da confiança em si, do amor-próprio, etc. Pervertida, ela conduz à tirania, à soberba, ao despotismo, à arrogância e a outras formas de egotismo exagerado:

É necessário desenvolver-se normalmente esta qualidade. Deve o homem saber respeitar-se, amar-se, apreciar-se, ser altivo, olhar o mundo na face, crer em si mesmo, tomar o seu próprio lugar no mundo, sem falsa modéstia, sem dobrez. Desenvolvi esta faculdade pelo método triplo, nas linhas de realização do que sois, de um centro de energia, de poder, de força no Oceano Universal de Poder Mental.

Julgai-vos como se julgou Black Hawk, o chefe índio, que disse a Jackson: “Eu sou um Homem! “Sede um “homem entre os homens e insisti neste fato”.

Aprendeis a dizer: “Eu Sou”. Senti que viveis no grande Oceano de Poder Mental; conheceis que sois uma coisa admirável dele e nele.

Crede em vós mesmos, amai-vos a vós mesmos, cuidai de vós mesmos. Digo-vos, amigos, que eu creio em vós, em todos vós, porque sei o que sois e o que tendes em vós. Quero que creiais em vós; que digais “eu” sem medo. Não temais afirmar o “eu”. Não receieis dizer “eu”. Dizei “eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu”, até que venhais a saber a coisa admirável que é o vosso “eu”. Reconheci o “ego” como um centro de força e acabai, de vez, de vos considerar loucamente “vermes de terra”. Não sejais “brando e humilde” como Uriah Heep. Pelo contrário, sede altivos; de face erguida, olhai o mundo sem receio e afirmai-lhe positivamente: “Creio em mim mesmo.”

Já ouvistes dizer que “Deus ajuda aqueles que se ajudam” e assim é de fato. Mas é também verdade que Deus crê naqueles que em si mesmo creem. E assim faz o mundo porque Deus fez ao mundo!

Começai, pois, a dizer: agora ardentemente e muitas vezes: “Creio em mim mesmo”.

10. Faculdade de firmeza.

Este termo não precisa ser definido. Todos vós conheceis o que significa. É a faculdade da estabilidade, da fixidez, da decisão, da perseverança, da tenacidade, da manifestação da vontade determinada. O exagero dela vos pode tornar obstinados e teimosos. Mas poucos de entre vós têm bastante dela em linhas certas. Necessitais de a desenvolver pelo método triplo no sentido de “não olhardes para traz uma vez que puserdes vossos mãos no arado”; de vos formardes em vossos planos originais, apesar das vozes de outros; de resistirdes às tendências de imitação. Esta é a faculdade que mantém a vontade firme na tarefa, como o cinzel no metal até que a obra se complete. Sede firmes como uma rocha que as tempestades açoutam e fica, todavia, inteiriça. Tende a vossa mente posta em vós mesmos e mantende o que julgais razoável. Olhai o vosso objeto e ide direito a ele, firmes em vossa determinação e propósito.

11. Faculdade de esperança.

É esta a faculdade de expectação e antecipação. Dá-nos ela uma das três formas do êxito, “expectação ardente”. Devíeis crer no vosso êxito e “esperá-lo ardentemente”. Cultivai a esperança e a “expectação ardente” por todos os meios.

Não sejais meros sonhadores ou visionários, cheios de esperança excessiva, mas cultivai o desejo, desenvolvi a expectação ardente e ponde em ação a vossa vontade. Cada uma das formas é necessária às outras três. Desenvolvi-a pelo método triplo nas linhas da “visão clara”, da visualização”, da “vista alta”, de nenhum tormento, e crede na eficácia da exigência ardente acompanhada da obra também ardente. A visualização é o maior incentivo da esperança e expectação ardente. Quando puderdes ver a coisa feita “com os vossos olhos mentais”, começareis a ser verdadeiros construtores. O resto é uma simples matéria de minudência e obra.

12. Faculdade da alegria.

É esta a faculdade do humor. Cultivai, por todos os meios, este sentido do humor. ele salvar-vos-á das loucuras e posições ridículas mais que de outras coisas. Cultivai o espírito prazenteiro porque ele tornará a vida mais fácil e lubrificará o mecanismo da obra e empreendimento. Far-vos-á amigos e tenderá a remover os obstáculos que o mundo levanta no caminho dos que são ásperos, desagradáveis, antipáticos.

Ride e o mundo rirá convosco; mostrai-vos carrancudos e vereis carrancas em toda parte.

Desenvolvi esta faculdade, por todos os modos, pelo método triplo, nas linhas de bom humor, de expansividade, de alegria.

Chamo, agora, vossa atenção para as faculdades mais proeminentes no indivíduo humano.

Não falei de suas faculdades religiosas e morais, porque estas lições tratam de outra parte de seu caráter. Não imagineis, porém, que as qualidades aqui nomeadas não, têm nenhuma relação com a vida moral ou religiosa. Não há recomendação aqui que não diga respeito tanto ao ministro como ao homem do comércio, tanto ao padre como ao comerciante.

As qualidades mentais que fazem de um homem mau um “homem bom” são as mesmas que tornam um homem “grande” e “forte”. A moral é Irma coisa e o grau de força é outra.

Os homens bons podem ser fortes ou fracos. Da mesma sorte, os homens maus podem ser fortes ou fracos. E tanto para o homem bom como para o mau, a força que manifesta mede-se pela sua influência. Pensando assim, julgo que seria para o mundo uma grande coisa se fosse este livro distribuído entre os homens “bons” do mundo. Os homens maus já conhecem a matéria. Terminando este capítulo, lembro-vos que estes estados mentais, cultivados e desenvolvidos como eu vos mostrei, se manifestarão em vossas maneiras e procedimentos exteriores, como as sugestões mentais naqueles com que vos relacionardes. Os símbolos irrompem da realidade mais interna. Também eles se manifestam em forma de correntes de força de desejo e de poder de vontade que se estendem largamente, influenciando e afetando os que entram no campo da indução. destes estados mentais fluirá uma corrente forte de poder que tenderá a “vos atrair” aquilo que pedirdes e desejardes, bem como “força e compelir” as coisas que quiserdes. Sois um grande centro de força que irradia constantemente.

Conhecei isto e procurai carregar esta força das melhores qualidades e propriedades; que, enquanto afirmais vossas individualidades reais, cooperais no fortalecimento da raça, para que ela possa produzir indivíduos reais, prontos e capazes de desempenhar sua parte no grande drama da vida sobre o palco do Universo. Esta conversação é ao longo de novas linhas e radica-se no tratamento dado ao paciente. É como a “carne” para os adultos e não o leite para as crianças. Não há nela efeitos de “bromide” ou chá de cravo. É vital, radical e positiva. Sua mensagem é “força”.

Toda a verdade que vier em seu tempo, tornará ao seu possuidor forte. Se os ensinos não vos trazem esta prova, abandonai-os.

A Lei da Natureza trabalha para a produção de indivíduos fortes. Acomodai-vos a ela e a Natureza auxiliar-vos-á, porque vos tomastes uma de suas coisas escolhidas. Harmonizai-vos com a lei de evolução, não a contrarieis. No primeiro caso, sereis alimentados, fortalecidos, animados; no segundo, sereis inexoravelmente esmagados pelas operações da lei. Se do estudo deste livro tirais algum benefício que eu também alcancei escrevendo-o, sereis duplamente aumentados por vosso trabalho. Éle é como o “fio da vida” carregado de força elemental, de energia e de verdade sobre leis naturais, certas e ocultas. Contém para vós uma mensagem que, espero, recebereis com atenção, porque necessitais dela. Se sois indivíduos, este ensino é justamente o que desejais. O mesmo é, se não sois indivíduos, mas o quereis ser. Se sois entes fracos e preferis ficar o que sois, em vez de vos levantar e reclamar o vosso direito hereditário de forças, de vosso poder, então, por todos os meios, ficai onde estais e agi como vos aprouver. Neste caso, deixai estes ensinamentos para outros de vossos irmãos que não venderam seu direito de poder por um prato de conteúdo negativo e passividade de carneiro, mas que reclama valentemente a sua herança, a sua porção razoável.

Os vossos irmãos fortes, individuais, são os verdadeiros possuidores da terra. Tentei infundir-vos minhas palavras com a energia vital, que sinto em todo o meu ser ao escrever-vos esta mensagem de força. Espero que estas palavras farão o efeito de uma corrente de “eléctrons” verbais, levando cada uma delas uma carga de poder dinâmico. E mais que cada qual delas vos encherá de Poder Mental de que originaram, o qual despertará em vós um estado mental semelhante, desejo e vontade, para que sejais fortes, vigorosos dinâmicos e determinados a afirmar a vossa individualidade, a ser e a fazer aquilo que o desejo e a vontade do Criador Universal esperam que sejais e façais.

Envio-vos esta mensagem carregada das vibrações dinâmicas de meu cérebro, que transforma e converte o Poder Mental em pensamentos e palavras.

Sim, envio-vos esta mensagem a vós, que ledes estas palavras com toda energia, força e poder ao meu dispôr, a fim de que possais quebrar vossa armadura de indiferença, receio e dúvida e do “eu não posso”. Indo ela direito ao vosso coração desejoso, enchê-lo-á de espírito de individualidade, da consciência do ego, da percepção da realidade e da realização do “Eu”.

Assim que ao vosso grito de batalha, vosso coração será transformado e vós entrareis na luta cerrada, cheio de raiva como Berserker ou como o antigo herói Islandês, e exclamando livremente: “Eu posso, eu quero, tento fazer e faço!”

Deste modo, lançareis os vossos claros pensamentos entre as fileiras das hordas ignorantes, negativas, os quais irão, todavia, além delas. Esta é a minha mensagem a vós, ó homem!

ÍNDICE.

- I — O Dínamo Mental.
- II — A Natureza do Poder Mental.
- III — Indução Mentativa.
- IV — A Magia Mental na vida dos animais.
- V — A Magia Mental na vida humana.
- VI — Os Poios Mentativos.
- VII — Desejo e Vontade em fábula.
- VIII — Poder Mental em ação.
- IX — Magnetismo Pessoal.
- X — Exemplos de Mentação Dinâmica.
- XI — Individualidade Dinâmica.
- XII — Atmosfera Mental.
- XIII — Correntes de Influência.
- XIV — Meios de Expressão.
- XV — Uso dos Instrumentos Mentativos.
- XVI — Sugestão Mental.
- XVII — Quatro sortes de sugestão.
- XVIII — Como se usa a sugestão.
- XIX — Imaginação induzida.
- XX — Imaginação induzida na índia.
- XXI — Oceano de Poder Mental.
- XXII — Um vislumbre do mundo oculto.
- XXIII — Proteção própria.
- XXIV — Influência indireta.
- XXV — Terapêutica Mental.
- XXVI — Métodos de Cura Mental.
- XXVII — Arquitetura Mental.
- XXVIII — Da formação de vosso caráter.
- XXIX — Construção da Mente.